



ALINE RIBEIRO DE OLIVEIRA

**AS FESTAS DE OUTUBRO: AS COMEMORAÇÕES DO DIA DAS
CRIANÇAS E DOS PROFESSORES NAS ESCOLAS DO DISTRITO FEDERAL (1960-1971)**

BRASÍLIA – DF

2023

ALINE RIBEIRO DE OLIVEIRA

**AS FESTAS DE OUTUBRO: AS COMEMORAÇÕES DO DIA DAS
CRIANÇAS E DOS PROFESSORES NAS ESCOLAS DO DISTRITO FEDERAL (1960-1971)**

Dissertação apresentada para a banca examinadora do Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Juarez José Tuchinski dos Anjos

Banca examinadora:

Prof. Dr. Juarez José Tuchinski dos Anjos
Presidente (PPGE/UnB)

Prof. Dra. Andrea Bezerra Cordeiro
(PPGE/UFPR)

Prof. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa
(PPGE/UnB)

Brasília – DF

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

0048f Oliveira, Aline Ribeiro de
AS FESTAS DE OUTUBRO: AS COMEMORAÇÕES DO DIA DAS CRIANÇAS
E DOS PROFESSORES NAS ESCOLAS DO DISTRITO FEDERAL (1960
1971) / Aline Ribeiro de Oliveira; orientador Juarez José
Tuchinski dos Anjos. -- Brasília, 2023.
206 p.

Dissertação(Mestrado Profissional em Educação) --
Universidade de Brasília, 2023.

1. Brasília. 2. História da Infância. 3. Cultura Escolar.
4. Dia das Crianças. 5. Dia dos Professores. I. Anjos,
Juarez José Tuchinski dos, orient. II. Título.

DECLARAÇÃO

Processo nº 23106.074199/2023-24

Interessado(a): Aline Ribeiro de Oliveira

Declaro para os devidos fins que na data de hoje (28/06/2023) a estudante Aline Ribeiro de Oliveira participou da sessão pública de defesa de sua dissertação de mestrado, sob minha orientação, na Universidade de Brasília.

Por ver verdade, firmo a presente.



Documento assinado eletronicamente por **Juarez Jose Tuchinski dos Anjos, Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação**, em 28/06/2023, às 17:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **9938307** e o código CRC **34835777**.

Referência: Processo nº 23106.074199/2023-24

SEI nº 9938307

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A, CNPJ: 00.038.174/0001-43, Brasília/DF, CEP 70910-900
Telefone: , Site - <http://www.unb.br>

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter permitido que eu fosse selecionada no programa, por ter encaminhado um orientador competente e colegas de orientação queridos, e por guiar essa desafiadora jornada.

Aos meus pais Sidney e Martha por todo amor, carinho e apoio irrestritos. Ao meu irmão Juninho, minha cunhada Andreia e meus sobrinhos Juliana, Matias e Luísa Maria, pelo companheirismo e momentos felizes a mim proporcionados, que fizeram com que eu me sentisse acolhida nos momentos bons e ruins.

Ao meu querido orientador professor Doutor Juarez José Tuchinski dos Anjos pela sua competência, seriedade, companheirismo, paciência, inteligência e por sua encantadora e inspiradora escrita. Serei eternamente grata por tudo o que fez por mim.

Aos meus amigos de jornada Mônica, Marcíria, Gustavo e Gleuze. Nossas conversas, risadas e desabafos deixaram a caminhada mais leve. Aos meus amigos de longa data Karine, Isabela, Julyanna, Haiany, Jessica, Gabriel, Zhara, Thamyres e Priscilla por todo amor e bons momentos.

Às professoras Doutora Andréa Bezerra e Doutora Etienne Baldez por participarem das minhas bancas de qualificação e de defesa, pela riqueza de contribuições que muito agregaram a esta pesquisa.

Por fim, ao governo federal do Brasil, à Universidade de Brasília e ao programa de Pós-graduação em Educação na Modalidade Profissional por permitir o prosseguimento dos meus estudos e a realização de um sonho.

RESUMO

As festas escolares constituem espaços de celebração, brincadeiras e criação de discursos e significados. Situamos essas festas como intrínsecas à cultura escolar. O objetivo da pesquisa é investigar as características das festas escolares do Dia da Criança e Dia do Professor no Distrito Federal veiculadas no jornal *Correio Braziliense* entre os anos de 1960 a 1971 na perspectiva da cultura escolar. As fontes compulsadas revelam que o Dia da Criança era celebrado de forma alargada, por meio de uma Semana que o antecedia e do Dia a ela dedicado propriamente dito. Temos quatro objetivos específicos: analisar quais eram os elementos das festividades da Semana da Criança e quais crianças essas festas queriam celebrar; perquirir quais eram os elementos das festividades do Dia especificamente dedicado à Criança e quais crianças essas festas queriam celebrar; delinear quais eram as características da festividade do Dia do Professor e quais professores essas comemorações queriam exaltar e apresentar, como produto técnico um minicurso sobre a história das Festas de Outubro nas Escolas do Distrito Federal. Na consecução dos objetivos, trilhamos o seguinte caminho: o primeiro capítulo tratará da Semana da Criança; o segundo, do Dia da Criança e o terceiro, do Dia do Professor. Por fim, o quarto capítulo apresentará o produto técnico resultado desta investigação. Como conclusões, tivemos que a Semana da Criança era composta por programações com ritos católicos, práticas educativas de caráter artístico, instrucional e assistencialista; de educação do corpo, de cuidados com a saúde, de prestação de contas com a sociedade; e contavam com a distribuição de alimentos e de presentes. A infância evidenciada na Semana era composta por crianças que se divertem, são cultas, católicas, disciplinadas, atletas, sadias, limpas, independentes, artistas e bem vestidas. Assim, tem-se a padronização da infância brasiliense. O Dia da Criança era formado por eventos similares à Semana da Criança, visto que aquela estava intrínseca a esta. Damos destaque no Dia para o passeio escolar que culminou no encontro das crianças com o presidente Juscelino Kubitschek. O Dia da Criança era destaque na sociedade, usado oportunamente pelo governo para propagandear a educação pública. Quanto à infância exaltada, o Dia tem o mesmo ideal transpassado pela Semana, mas com o adicional da menção às crianças abandonadas, que são cuidadas em lares de acolhimento. O Dia do Professor era comumente utilizado para homenagens. Ritos similares aos realizados na Semana e Dia da Criança também eram parte das celebrações. Em alguns momentos, foi aproveitado o ensejo dessa comemoração para ações com fins políticos, para denunciar os problemas e descasos, para vilanizar a imagem da classe, promover benfeitorias e serviços públicos e para proposições de benefícios aos docentes. Os professores eram idealizados na figura de uma mulher, que faziam sacrifícios, eram competentes, autoritários, heróis, tinham uma missão, sendo responsáveis pelo futuro da nação e pela propagação dos ideais nacionalistas. Em alguns momentos, eram vistos como indisciplinados, sobrecarregados e sem reconhecimento.

Palavras-Chave: Brasília. História da Infância. Cultura Escolar. Dia das Crianças. Dia dos Professores.

ABSTRACT

School parties are spaces for celebration, games and the creation of discourses and meanings. We place these parties as intrinsic to school culture. The goal of the research is to investigate the characteristics of the school parties of Children's Day and Teacher's Day in the Federal District published in the *Correio Braziliense* newspaper between 1960 and 1971 from the perspective of school culture. The surveyed sources reveal that Children's Day was widely celebrated, through a week that preceded it and the day dedicated to it itself. We have four specific objectives: to analyze what were the elements of the festivities of the Children's Week and which children these parties wanted to celebrate; to inquire what were the elements of the festivities of the Day specifically dedicated to Children and which children these festivities wanted to celebrate; to outline what were the characteristics of the Teacher's Day festivity and which teachers these celebrations wanted to exalt and present, as a technical product of this research, a mini-course on the history of the October festivities in schools in the Federal District. In achieving the objectives, we followed the following path: the first chapter is about Children's Week; the second is about Children's Day and the third is about Teacher's Day. Finally, the fourth chapter will present the technical product resulting from this investigation. We conclude that the Children's Week was composed of programs with Catholic rites, educational practices of an artistic, instructional and welfare nature; body education, health care, accountability to society; and had distribution of food and gifts. The childhood highlighted in the Week was composed of children who have fun, are cultured, Catholic, disciplined, athletic, healthy, clean, independent, artists and well dressed. Thus, there is the standardization of childhood in Brasilia. Children's Day was formed by events similar to Children's Week, since the former was intrinsic to the latter. On the Day, we highlight the school trip that culminated in the children's meeting with President Juscelino Kubitschek. Children's Day was prominent in society, opportunely used by the government to advertise public education. As for exalted childhood, the Day has the same ideal permeated by the Week, but with the additional mention of abandoned children, who are cared for in foster homes. Teacher's Day was commonly used for tributes. Rites similar to those performed on Children's Week and Day were also part of the celebrations. At times, the occasion of this commemoration was used for actions with political purposes, to denounce problems and neglect, to vilify the image of the class, promote improvements and public services and to propose benefits to teachers. Teachers were idealized in the figure of a woman, who made sacrifices, were competent, authoritarian, heroes, had a mission, being responsible for the future of the nation and for the propagation of nationalist ideals. At times, they were seen as undisciplined, overworked and unrecognized.

Key-words: Brasília. History of Childhood. School Culture. Children's Day. Teacher's Day.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Crianças competem no III Jogos da Primavera da Escola Parque.....	48
Imagem 2 - Crianças assistem à peça teatral.....	61
Imagem 3 - Crianças fantasiadas de palhaços assistem à peça teatral.....	62
Imagem 4 - Sessão cinematográfica na Casa Thomas Jefferson em 1963.....	65
Imagem 5 - Mais de mil crianças já assistiram filmes na Casa Thomas Jefferson.....	67
Imagem 6 - Visita ao Correio Braziliense.....	79
Imagem 7 - Juscelino Kubitschek abraça criança.....	90
Imagem 8 - Juscelino Kubitschek vai ao encontro de crianças da Escola-Classe.....	94
Imagem 9 - Exposição de Arte Infantil na Escola Parque em 1965.....	97
Imagem 10 - Exposição de trabalhos manuais na Escola Parque.....	100
Imagem 11 - Exposição de trabalhos manuais na Escola Parque.....	101
Imagem 12 - Crianças fazem apresentações de ginástica na Estação Rodoviária.....	105
Imagem 13 - Ivan Luz discursa aos professores.....	135
Imagem 14 - Entrega de flores para Ana Bernardes.....	136
Imagem 15 - Criança entrega buquê de flores a professora Maria Angélica.....	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. AS COMEMORAÇÕES DA SEMANA DA CRIANÇA	34
1.1. Semana da Criança - Os primeiros anos das festividades (1960 a 1962)	36
1.2. A Semana da Criança na Escola Parque.....	40
1.3. A Semana da Criança nos Jardins de Infância e Escolas Classe.....	52
1.4. A Semana da Criança nas Instituições Privadas e Sem Fins Lucrativos	64
1.5. A Semana da Criança em Taguatinga	72
1.6. Programações em escolas públicas diversas do Distrito Federal.....	76
1.7. Remate da Semana da Criança no Distrito Federal nos anos de 1960 a 1971.....	82
2. AS COMEMORAÇÕES DO DIA DA CRIANÇA	86
2.1. O primeiro Dia da Criança em Brasília.....	87
2.2. O papel da Escola Parque no Dia da Criança.....	95
2.3. Dia da Criança organizado por órgãos públicos/privados com parceria da escola.....	104
2.4. Dia da Criança em Instituições Filantrópicas.....	107
2.5. Dia da Criança nos Jardins de Infância e nas Escolas Classe.....	112
2.6. Dia da Criança em Instituições Privadas de Ensino.....	118
2.7. Perfazimento do Dia da Criança no Distrito Federal entre 1960-1971.....	119
3. AS COMEMORAÇÕES DO DIA DO PROFESSOR	124
3.1. As festividades do Dia do Professor.....	125
3.2. Representações de Professor nas comemorações do seu dia.....	148
3.3. Fecho do Dia do Professor no Distrito Federal entre 1960-1971.....	164
4. AS COMEMORAÇÕES DO DIA DA CRIANÇA E DOS PROFESSORES NAS ESCOLAS DO DISTRITO FEDERAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA – UM MINICURSO	171
CONCLUSÃO	179
REFERÊNCIAS	186

INTRODUÇÃO

Em 21 de abril de 1960, finalizado o projeto de Juscelino Kubitschek de Oliveira de construir uma nova capital do Brasil com o lema “50 anos em 5”, é inaugurada a cidade de Brasília. A nova capital, diferenciada dos moldes comuns de cidades brasileiras, foi fruto de um planejamento modernizador, com destaque para seu projeto arquitetônico atrelado ao educacional e médico-sanitário (PEREIRA *et al.*, 2011). No âmbito educacional, coube ao educador Anísio Teixeira, influenciado por sua experiência exitosa no Centro Educacional Carneiro Ribeiro na Bahia e no ideário de John Dewey, desenhar o plano educacional a ser instituído em todo o Distrito Federal (PEREIRA *et al.*, 2011). Esse projeto traçava uma proposta pedagógica inovadora, segundo Pereira *et al.* (2011), que tinha como meta a democratização do ensino e formação de um novo cidadão, com comportamento social para a vivência em um país desenvolvido. Junto à proposta pedagógica, Teixeira propôs também um diferenciado projeto arquitetônico dos complexos escolares (PEREIRA *et al.*, 2011).

Partindo desse contexto de construção Brasília e implantação do seu sistema educacional, a presente pesquisa se propõe a investigar as comemorações escolares do Dia da Criança e do Dia do Professor no período delimitado entre os anos de 1960 a 1971 no Distrito Federal. Inicialmente, conforme o projeto apresentado para ingresso no programa, minha pesquisa teria como tema os efeitos da pandemia da COVID-19 no sistema municipal de educação da cidade de Águas Lindas de Goiás, que fica no entorno do Distrito Federal. Nesse meio tempo, foi-me apresentada a História da Educação, momento em que pude sair da bolha do que é frequentemente ensinado e fui aprendendo como os traços e vestígios deixados pelos antepassados, em suas diversas fontes, podem contar como viviam e as relações que as pessoas estabeleciam em determinado momento (GALVÃO e LOPES, 2010). De imediato, sob a orientação do professor Doutor Juarez José Tuchinski dos Anjos, delimitou-se esse objeto de pesquisa e a oportunidade de me debruçar sobre esse período histórico.¹

Destacou-se, no fazimento desta pesquisa e no contato com balanços da área, a carência de produções no campo da História da Educação que tratassem do Dia da Criança e do Dia do Professor². Também se constatou a inexistência de investigação que

¹ Esta dissertação, assim, integra o projeto de Pesquisa “História das Culturas Escolares em Brasília”, coordenado pelo professor Dr. Juarez José Tuchinski dos Anjos.

² Foram consultados balanços efetuados por: BASTOS (2016); BITTAR (2009), BRANDÃO (2021); FIALHO (2020); GALVÃO *et al.* (2008); GALVÃO e LOPES (2010); HAYASHI *et al.* (2008) e SOUZA (2019).

tratasse dessas duas festividades escolares, pesquisadas juntas ou separadamente, em âmbito local, Distrito Federal.

Como não existem balanços locais sobre a historiografia educacional no Distrito Federal, dois livros publicados pelo Museu da Educação do Distrito Federal ajudam a conhecer o que se pesquisa em História da Educação nesta região. Comemorando o cinquentenário de Brasília, o livro *“Nas Asas de Brasília: Memória de uma utopia educativa (1956-1964)”*, publicado em 2011, reconta o projeto educacional idealizado por Anísio Teixeira, que objetivava a modernização educacional da nova capital, com foco na mudança do cidadão porvir. A obra foi escrita durante sete anos por pesquisadores de variados níveis acadêmicos e formações e foi organizada em quatro blocos. O primeiro, “Raízes da educação do Distrito Federal”, aborda as especificidades do Plano Educacional de Brasília, que vai desde suas inspirações de criação³, sua proposta de unir a tecnologia à cultura e o saber, implantação da educação integral, até as circunstâncias que levaram à descaracterização do plano original. Ao fim, realizou-se uma leitura cosmopolita de Brasília, como um modelo de cidade moderna construída com respeito às diferenças. O segundo bloco, “Escolas pioneiras: a ousadia do povo”, traz a trajetória da Escola Júlia Kubitschek⁴ e os anos iniciais de implantação e funcionamento da Escola Parque, do curso normal e do ensino médio público. O terceiro, “Memórias da aprendizagem na nova capital”, conta como se dava o ensino de Artes e a Educação Corporal nas Escolas Parque e o histórico da educação matemática no Distrito Federal. O último bloco, “A pesquisa: desafios e singularidades”, versa sobre a reconstrução da memória educativa de Brasília, conta como foi noticiado o primeiro ano letivo de Brasília nas edições do Correio Braziliense, analisa o material relacionado à educação no Arquivo Público do Distrito Federal (ArqPDF) e expõe uma análise sobre o princípio da educação por meio de fotografias. (PEREIRA *et al.*, 2011)

Cinco anos depois da publicação de *“Nas Asas de Brasília: Memória de uma utopia educativa (1956-1964)”*, é lançado o livro *“Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal: história e memória”*, obra esta que veio com os mesmos objetivos do livro anterior: investigar e reconstruir a história da educação nos primórdios de Brasília. Organizado em 4 partes, a primeira “Memória educativa e o

³ Na década de 1920, Anísio Teixeira residiu em Chicago e Nova York, estudando em instituições que John Dewey lecionava. Na construção do Plano Educacional de Brasília, teve como inspiração os ideais pragmatistas deste filósofo. (Pereira *et al.*, 2011)

⁴ A Escola Júlia Kubitschek, que levava o nome da mãe de Juscelino Kubitschek, foi a primeira escola pública de Brasília, inaugurada no ano de 1957 e já se utilizava do ideário de Anísio Teixeira. (Pereira *et al.*, 2011)

Museu de Educação do Distrito Federal” trata da forma de organização do arquivo do Museu, seus conteúdos e suportes, seu acervo fotográfico e a aproximação dele com a escola, por meio da análise de uma memória coletiva. A parte “A profissão docente: memórias do fazer pedagógico” traz a formação na escola normal de Brasília, o papel do maestro Levino de Alcântara como docente de música e seu destaque, a criação da Escola de Música de Brasília, a educação do corpo e nos primeiros anos do fundamental nas Escolas-Classe, a figura da professora Ivone Morrone na alfabetização nos primórdios de Brasília e a Educação Matemática e Matemática Moderna e a influência desta nos professores da capital. “O ideário de Anísio Teixeira e suas marcas na educação do Distrito Federal” aborda a arquitetura da Escola-Classe e Escola-Parque como locais da educação integral, os ideários anisianos nas Escolas-Parque e seus reflexos atuais, a educação integrada do Centro Integrado de Ensino Médio (CIEM) e as relações entre cultura, educação e sociedade do ponto de vista de Anísio Teixeira. A última parte, “Origens e contexto formação integral do brasileiro”, versa sobre a educação como meio do projeto desenvolvimentista, que inspirou a implantação da nova capital no centro-oeste brasileiro, a formação humana integral, tendo como referente Gramsci e um diálogo entre o conjunto de ideias de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro (PEREIRA *et al.*, 2018).

Diante das lacunas identificadas tanto em nível nacional como local, torna-se, então, relevante para o conhecimento histórico científico que as comemorações escolares do Dia da Criança e Dia do Professor no Distrito Federal sejam estudadas e disponibilizadas para a comunidade científica como conhecimento histórico a ser incorporado pelo campo.

Se estudos específicos sobre “as festas de Outubro” não foram identificados nos balanços e coletâneas investigados, por outro lado as “Festas Escolares” constituem-se numa temática consolidada na área e com a qual este trabalho guarda interface. Assim, ao proceder-se a uma revisão da historiografia, decidiu-se partir em busca de trabalhos sobre as festas escolares para, dentro deles, tentar rastrear trabalhos que abordassem, especificamente, as comemorações escolares do Dia da Criança e Dia do Professor.

Na busca de trabalhos anteriores relevantes acerca de nosso tema utilizamos como bases de consulta periódicos já consolidados em meio aos historiadores da educação e com avaliadores respeitados, a saber: Revista Brasileira de História da Educação, Revista História da Educação – ASPHE – UFRGS, Cadernos de História da Educação, Revista HISTEDBR On-line, Revista de História e Historiografia da Educação e

HISTELA – Revista Latino Americana de História da Educação. A busca também se deu no banco de Teses da CAPES e no Google Scholar. Como palavras-chave procuradas nos diretórios, utilizamos os termos “festas escolares”, “dia da criança”, “dia do professor”, “comemoração do dia da criança” e “comemoração do dia do professor”. O trabalho mais antigo localizado neste levantamento foi publicado no ano de 2007, estendendo nossa pesquisa até o ano de 2021.

Em nossas buscas, destacamos as publicações da autora Renata Marcílio Cândido. Ela se torna referência no tema das festas escolares, com grande número de trabalhos publicados. Numa análise temporal de suas pesquisas, elencamos temáticas relevantes ao nosso objeto. Em sua dissertação, Cândido (2007) faz uma investigação histórica das festividades escolares, do papel delas na construção do sistema público e estatal de ensino e da propagação de um ideal de escola e sociedade, no recorte de 1890 a 1930, em São Paulo. Para a análise dessas festas escolares no período escolhido, a autora as consideraram em dois pontos: como integrantes de um processo de construção da cultura escolar e no projeto do ideário republicano para a educação pública paulista. A relação entre festa e política ficou evidenciada na comemoração dos ideários republicanos, em que eram escolhidos o que e como as pessoas deveriam comemorar as datas cívicas. As festas cívicas eram momentos de ensinar à população o ideário republicano, suas normas, valores e comportamentos adequados ao cidadão civilizado, além de propagarem o patriotismo e nacionalismo, estes celebrados principalmente com o culto à natureza. Cabe frisar que os agentes envolvidos faziam o uso desses festejos com finalidades diversas. Alguns gestores valiam-se delas para se promoverem socialmente e profissionalmente; os inspetores de ensino as utilizavam para averiguar o nível do ensino; os professores, para demonstrar os avanços dos alunos; e os alunos, como momentos especiais, co-responsáveis pelo seu sucesso.

Cândido e Catani (2017) investigaram a constituição do elemento festas na educação, em sua diversidade de configurações, buscando evidenciar sua origem no ambiente escolar e lugar na cultura escolar no sistema de ensino público do Estado de São Paulo. Utilizaram como fonte jornais educacionais veiculados entre o final do século XIX e início do século XX e documentos que regulamentavam o ensino. Num primeiro momento, as festas foram tidas como um meio de propagar o ideário republicano e publicizar a escola pública. Ulteriormente, com a contestação desses objetivos, elas prosseguiram, mas com distintos significados e finalidades. A autora atribui “essas alterações no papel das festividades à própria assimilação dessas à cultura

escolar” (CÂNDIDO e CATANI, 2017, p. 20). As festas, investigadas no contexto educacional, permitem conhecer um conjunto de ações que por vezes se correspondem, por vezes se contrariam, mas que se tornam responsáveis pela sua continuidade na cultura escolar e de suas recriações, de modo a atender as demandas sócio-históricas vividas. Referente à São Paulo, essas celebrações propiciaram conhecer as questões educacionais cruciais e seus canais de debate, além dos cidadãos autorizados a fazê-los. Apesar de aparentarem ser um momento divertido e tranquilo, elas eram tomadas por questões importantes, como a organização dos sistemas de ensino, os espaços ocupados por cada escola, como também suas estruturas organizacionais e os posicionamentos profissionais e pessoais dos professores.

Pela aproximação dos históricos de Portugal e Brasil, a história das festividades escolares entre esses dois países foi alvo de uma escrita comparada no recorte temporal de 1890 a 1920. Cândido (2019) se ateve a reconstituir o objeto festa nos dois países, e também a entender o papel que as festividades carregaram nos projetos educacionais, seus ritos, elementos em comum e como se alteraram com o passar do tempo. Em comum, a partir do momento em que esses países procuraram modernizar a sociedade, implementando um sistema público de ensino, detectaram-se comemorações que celebravam a instituição escolar, motivadas em aprimoramentos na estrutura física, aniversários das escolas, formaturas e finalização do ano letivo, ou aprimoramento de espaços físicos, ou ainda, a construção de um imaginário positivo ao regime republicano e de um sentimento de patriotismo a partir das festas com culto à natureza. Na diferenciação, foram notadas festividades cuja motivação seria bem particular ao histórico de cada país, como por exemplo festas beneficentes em Portugal, o culto à personagens históricos em festas cívicas e a ênfase à finalização dos anos letivos no Brasil. As festas também propiciavam a aprendizagem do que era preconizado nos currículos escolares e lições sobre moralização e forma de comportamento das crianças.

Cândido (2021) recentemente decidiu por analisar como foram produzidas as teorizações que cooperaram na criação do conceito de festas pedagógicas a partir das ideias escolanovistas publicadas em revistas de ensino e manuais pedagógicos veiculados no final do século XIX e início do século XX. Para essa investigação, foram utilizados os argumentos expressos pelos educadores como Jonh Dewey, Lourenço Filho, Adolpho Ferrière e Édouard Claparède. Assim, constatou-se que as festividades que fazem parte da cultura escolar foram normatizadas e tiveram várias práticas que objetivavam a consecução das intenções políticas e educacionais do país. Inicialmente,

forneceram o ambiente ideal para a legitimação das realizações políticas neste âmbito, como inaugurações de obras e aniversários de escolas construídas no começo republicano, depreendido por meio de estudos das notícias do periódico *A Eschola Publica* (1893-1897), e, posteriormente, foram detectadas em anos seguintes à publicação em revistas educacionais, de celebrações relacionadas ao movimento da Escola Nova, na *Revista de Ensino* (1902-1918) e *Revista Escolar* (1925-1927).

Vários pesquisadores se atermam a perquirir as festas escolares em âmbitos locais. Brazil e Silva (2012) num estudo sobre o histórico da instalação do ensino primário na cidade de São Luiz de Cáceres, no Mato Grosso, concluíram que a escola era o centro principal da “expressão do imaginário social” e lugar específico da ação política da República. Era um local de escolarização e que ao mesmo tempo atingia os cidadãos com os princípios que se desejava inculcar na sociedade. Na análise feita entre 1910 a 1913, as festas e rituais tiveram um caráter simbólico, com comemorações que exaltavam a pátria realizadas de acordo com uma orientação oficial, visto que tinham uma função política buscando perpetuar os valores republicanos e desenvolver o amor à pátria e ao civismo. As festas, exposições, desfiles e comemorações cívicas se tornaram especiais na vida dos alunos, famílias e da escola, fazendo com que esta ganhasse mais força e visibilidade naquele local.

Silva (2017) examina os caminhos tomados pelas festividades cívicas Sergipanas no período de 1923 a 1930. Se buscou identificar quem eram os participantes desses eventos, as instituições escolares envolvidas, os significados e representações naquele período da história. Como desfecho dessa investigação, as fontes mostram que antes da instituição dos grupos escolares no ano de 1911, as festas cívicas aconteciam por patrocínio de alguns indivíduos e empresas privadas. Entre 1911 e 1922, muitas festas aconteceram com iniciativa do governo e das escolas. Após 1922, as festividades cívicas voltavam a acontecer nas ruas, mas agora individualmente: uma passeata cívica e uma escola. A partir de 1930, as comemorações cívicas voltaram. Os alunos participantes iam para as passeatas cívicas e colaboravam na construção de uma memória de civilidade.

Em sua tese, Gerken (2009) se propôs a analisar os sentidos festividades escolares ocorridas na rede pública de ensino primário de Minas Gerais, entre os anos de 1906 a 1930. Além disso, a autora também pretendeu identificar deslocamentos nesses anos e verificar novas celebrações incorporadas ao calendário escolar. Assim, detectou que as

festas foram incorporadas aos calendários da rede pública primária mineira para possibilitar que a sociedade se tornasse civilizada, comportamento que contribuía com a valorização dos ideais republicanos. Houve algumas tensões em relação ao uso de simbologias que exaltavam a nacionalidade. Também se perceberam mudanças no calendário de festas ocasionadas por duas reformas educacionais, com a incorporação do Dia da Bandeira, Dia da Árvore, a mudança da celebração da Proclamação da República de 15 para 19 de novembro e a celebração do Dia das Mães sempre na primeira quarta de maio. Pela análise documental, as festas tinham todo um regulamento a ser seguido, com condutas e costumes semelhantes. Foram identificadas passeatas, bandas musicais, clubes literários, homenagens aos políticos, distribuição de lanches e até mesmo roupas para os alunos, num esforço de deixar algumas datas marcantes na memória das crianças. A escolha de políticos e outras figuras homenageadas ratificou o valor dado às ideologias defendidas por estes. Nota-se também gestos militarizados em meninos e meninas, com programações que exaltavam valores patriotas. As práticas festivas eram inicialmente realizadas externamente à escola, e, ao longo do tempo, houve a mudança para espaços internos. Com essa mudança, a preocupação com a comunicação com as crianças e a preparação do visual da festa se tornaram maiores.

Azevedo e Santos (2017) analisaram as festas escolares e sua relação com a sociedade, ocorridas nos grupos escolares do Rio Grande do Norte entre os anos de 1908 e 1930. As fontes mostraram que as festas influenciavam a população a internalizar que a República, sob o lema da “Ordem e Progresso”, seria a ponte para o desenvolvimento do país. Essas festas, organizadas com as referências dos grupos escolares, difundiam os ideais para a população e publicavam as ações do governo nas instituições de ensino; contavam sempre com autoridades e figuras importantes naquela localidade. As atividades das celebrações se dividiam em exposições de tarefas feitas pelos estudantes, entrega dos certificados de conclusão, prêmios e homenagens aos alunos com melhor desempenho, recitação de poesias, monólogos, apresentações teatrais e de músicas, além de discursos de professores e representantes do governo. Cabia aos jornais o papel de divulgar essas ações, e então apresentava em suas páginas toda a descrição das festividades escolares, expondo o funcionamento das instituições e dos grupos escolares. Nos relatos das festas escolares era possível ter uma visão da cultura escolar e dos direcionamentos pretendidos aos participantes, que, naquela época,

visavam à formação de cidadãos patriotas, disciplinados e enfileirados, que cantavam hinos e demonstravam seu amor à pátria.

Em sua dissertação, Araújo (2021) analisou as festas escolares promovidas pelo Grupo Escolar Felipe Camarão no município de Ceará-Mirim-RN, na delimitação temporal de 1912 a 1939, ano de criação do estabelecimento e ano em que este mudou de nome, respectivamente. O autor afirma que a instalação desse grupo agregou-se ao processo modernizador pelo qual a cidade passava. As dependências escolares fixadas no centro da cidade, o brasão da República em sua porta, seus conteúdos disciplinares, normas e valores objetivavam inculcar na população ideários patriotas e civilizatórios. Esse estabelecimento era referência no estado e suas ações educavam o modo como os ceará-mirienses deveriam se comportar a todo instante. Era um local de disseminação dos ideais republicanos, que calharam na constituição de sua cultura escolar. Ele identifica também a preocupação com a criação de um calendário que divulgasse as festas escolares. Celebrar era uma tática para repassar ensinamentos que constituiriam uma cultura escolar cívica, tanto para usuários internos como também externos à instituição. Essas festividades eram normatizadas por imposições do Estado, demonstrando o exemplo a ser seguido pelos alunos e todo o público-alvo das celebrações. O Grupo Escolar Felipe Camarão foi o pivô da celebração de festas cívicas nas ruas da cidade. Era nítida a apresentação à população, através das festividades, de ideais higienistas preocupados com a formação de corpos fortes e limpos. Além do aspecto físico dos alunos, a instituição se preocupava com a apresentação de discursos de autoridades, ritos embelezados, participação de pessoas de renome e culto aos símbolos da pátria. Outro aspecto destacado na pesquisa foi a importância que a escola atribuiu aos registros festivos escolares, que funcionavam como uma prestação de contas ao Estado, que constantemente vistoriava todas as ações da instituição.

Noutra análise, no contexto de duas instituições de uma mesma rede, Silva e Ribeiro (2010) estudaram as festas escolares promovidas nos Colégios das Irmãs Piauienses, que são situados nas cidades de Teresina e Parnaíba, no período de 1906 a 1973. Os autores apresentaram os hábitos adotados nas escolas, de que modo as celebrações se inseriram nas rotinas escolares e como as estudantes dessas instituições experienciaram e sentiram esses momentos. Essas escolas eram confessionais católicas e visavam a formação integral das alunas, com valores cristãos e humanos, tendo embasamento na lei de ensino que vigorava à época. Na fala das alunas, constataram

que o período em que elas estavam no colégio era uma intercalação de horários de aula e festas, sendo estas estrategicamente organizadas de modo a formar as mulheres moralmente, religiosamente e intelectualmente. O acesso aos estudos das mulheres piauienses e a progressão de seus anos de estudos suscitaram mudanças em vários campos de suas vidas, e essas transformações refletiram na sociedade piauiense. Essas festas eram exceções, momentos de publicização das escolas à comunidade, de modo a divulgar os resultados do ensino ali prestado. Os autores ainda afirmam que as festividades eram instrumentos de formação educacional, constituíam a cultura escolar e eram eventos imprescindíveis ao cotidiano escolar.

O Estado Novo foi um período marcado por um regime ditatorial comandado por Getúlio Vargas, tendo duração entre 1937 a 1945. Notamos a publicação de variadas pesquisas em diferentes localizações tendo como foco esse momento histórico. Com a finalidade de investigar o papel da educação nas festas cívicas do Dia do Trabalho e da Semana da Pátria durante o Estado Novo em Minas Gerais, Vaz (2006) teve como objetivo geral perceber de que modo essas festas validaram os ideários relativos ao trabalho e a fé patriótica na infância, sendo o ambiente escolar um meio efetivo para a instrução da população por meio da participação destes nessas celebrações. Os estudos apontaram que estas festividades foram momentos de aclamação da pátria e difusão da política que vigorava no período do Estado Novo. A escola foi instrumento de investimentos do governo no sentido de valorizar as celebrações patrióticas na construção da nação pelo contexto escolar. Sua exteriorização, a partir dos desfiles, apresentava a escola como um modelo de educação para a nação e revelavam a aproximação dela com outros grupos sociais. Essas comemorações eram objeto de intenso planejamento de intervenção pedagógica, visando a ampliação do ideal de trabalho em conformidade com a normatização do regime. Vários materiais didáticos e extra-didáticos foram construídos e circulados no país. Nos discursos e práticas educativas executados durante as comemorações, eram notadas referências à religião, retratando como os valores eram difundidos para com a comunidade escolar.

Utilizando esse período histórico, Melo (2009) investiga a construção da memória piauiense em relação às festividades cívicas e suas tradições, com a participação direta ou indireta da escola, perpassando pelas festas de 7 de setembro, da árvore, de inaugurações, colações de grau, desfile da juventude e do panamericanismo, homenagens às autoridades, aniversários de governantes e do Estado Novo, todas estas cumpridas no calendário escolar. Com a análise das fontes, constatou-se que o ensino

primário à época era tido como moderno, e formou indivíduos que formaram as instituições, tornando os sujeitos civilizados, patriotas e nacionalistas. As festas divulgavam o trabalho desenvolvido na escola, visando atrair a população para a escolarização de crianças e jovens e a conseqüente participação e respeito pelas datas celebradas, construindo assim uma tradição. As ruas eram os canais dos espetáculos cívicos e os participantes acreditavam nas histórias contadas como verdades absolutas e inquestionáveis, tal como os valores religiosos internalizados por estes. A memória cívica, produzida a partir das celebrações cívicas, teve participação intensa dos atores da escola, como professores e alunos, que estiveram presentes tanto nas festividades realizadas nas ruas, como nos prédios escolares. As tradições postas nessa pesquisa têm origem em períodos anteriores ao recorte desta análise, visto a adição de novas datas comemorativas aos calendários a partir de 1930. Os cidadãos eram “convidados” a preparar as festas e tinham a ideia ilusória de que participavam ativamente da política, na formação de meninos e meninas civilizados, patriotas e nacionalistas. São apuradas que as tradições criadas que possuem maior duração, foram aquelas incorporadas nos currículos e calendários escolares.

Souza (2013) também delimitou seu recorte temporal no regime do Estado Novo (1937-1945), e investigou as celebrações cívico-escolares em Santos-SP, objetivando elencar as efemérides cívicas, apresentar o modo como elas eram comemoradas na cidade e compreender o sentido destinado a elas no discurso autorizado. As fontes revelam que o calendário cívico foi associado a ferramentas que promoveram a propaganda implementada pelo Estado Novo. As práticas cívicas favoreceram a criação de uma memória coletiva sobre a nação, a união das massas populares e a aceitação do regime imposto. O Dia da Bandeira obteve maior prestígio nos anos iniciais do regime, perdendo destaque na década de 1940. A partir de 1940, foi intenso o processo de construção de um calendário comum de celebrações cívicas às escolas brasileiras. As comemorações de uma mesma data se tornam então frequentes e semelhantes em diversos anos. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e sua aliança com os Estados Unidos da América levou à comemoração do dia do Pan-Americanismo e do 4 de julho⁵. As celebrações de efemérides militares se intensificaram e era comum a presença de autoridades militares nas escolas. A centralidade de decisões e alinhamento na rede de comando dos sistemas de educação facilitaram a disseminação da cultura cívica nas escolas do ensino público e privado de Santos. As festividades escolares eram

⁵ No dia 4 de julho é comemorada a independência dos Estados Unidos da América.

controladas pelo estado, que estabelecia programas básicos e fiscalizava o cumprimento das determinações. Eram elementos obrigatórios nas celebrações: execução do Hino Nacional e do hino referente à comemoração; palestra acerca da data; e apresentação de recitativos pelos estudantes. A classificação sócio-econômica das instituições influenciava na constituição dos programas das celebrações. A imprensa de Santos tem papel crucial na divulgação do regime. As publicações referentes às festas cívicas escolares indicavam o prestígio das instituições naquela localização.

Na Paraíba foram analisadas as festas escolares e celebrações cívicas como formas de fortalecimento do patriotismo durante o Estado Novo (1937-1945). Silva (2011) constata que as festas escolares se tornaram comuns nesse período, de modo a internalizar na população os ideais de amor à pátria e também atitudes civilizadas. As fontes revelaram algumas datas criadas no calendário cívico-escolar paraibano, sendo elas: aniversário de Getúlio Vargas, aniversário de implantação do Estado Novo, Dia da Juventude e Dia da Raça (na Semana da Pátria). A celebração da Pátria se dava numa extensa semana de programações, objetivando impressionar o público. As festividades mais evidenciadas na imprensa local foram: Dia da Pátria, Dia do Trabalho, Dia da Bandeira e Dia da Árvore. Essas festas escolares ultrapassaram as dependências escolares, se aproximando mais da população e transformando as celebrações em grandes desfiles públicos, que eram constantes na sociedade paraibana.

Os grupos escolares foram alvo de investigações em relação às festas escolares. Relativas à execução de festas por grupos durante a Era Vargas, Morais e Araújo (2020) analisaram as festividades realizadas pelo Grupo Senador Guerra (1940-1946) e Cruz (2020), a função das festividades do Grupo Barão de Mipibu (1930-1946); ambos situados no Rio Grande do Norte. Morais e Araújo (2020) demonstraram que as políticas educacionais durante o governo de Vargas foram concebidas, com um de seus objetivos, o de fiscalizar se as instituições escolares brasileiras estavam pregando ideias opostas ao que era disposto naquela administração. Essas instituições tinham o papel de construir e internalizar à população a figura de um presidente que se preocupava com diversas causas sociais, tendo momentos nas festividades em que se liam textos e cantavam músicas em homenagem a ele. Eram reverenciados o país, seus símbolos e heróis. Assim, ficava claro o tipo de cidadão que o governo queria formar. Cruz (2020) constata que o período analisado foi permeado pela política, com foco na constituição do ideário patriótico. As festividades escolares foram empregadas como um instrumento de criação e divulgação da imagem de Vargas, sendo parte de uma política que pregava

a nacionalização do ensino e a construção da imagem do presidente como um herói nacional.

Também idealizada em âmbito local, Belusso (2021) buscou entender quais foram as celebrações escolares e como se fixaram no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Farroupilha – Rio Grande do Sul no ano de 1942, período este de intensificação das medidas nacionalistas de Getúlio Vargas, face à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Assim, conclui que o calendário escolar ficou carregado de celebrações republicanas juntamente com rituais religiosos e outras datas foram excluídas. A diversidade étnico-cultural foi vista como uma ameaça à pátria. Os italianos foram os menos ameaçados e várias comemorações com raízes nessa nacionalidade foram aderidas no colégio, mas todas com fiscalização. O período era conturbado e várias instituições étnicas foram fechadas, mas o colégio em questão, por ser confessional, não cessou seus trabalhos e contava com o apoio da comunidade. Na análise das comemorações escolares, percebe-se a aderência da instituição à nacionalização do ensino. A realização dessas festas ocorreu tanto internamente como externamente das dependências da escola. Várias figuras importantes compareciam às celebrações e, localmente, foi percebido destaque no ensino da língua Portuguesa.

Frankfurt (2007) investigou os procedimentos das festividades da Escola Normal de Pirassununga, no recorte de 1930 a 1950, portanto, ultrapassando o período do Estado Novo. A intenção foi analisar as práticas nas festas escolares como ferramentas da profissão docente e memorial republicano. É possível constatar que as práticas dessa instituição não estavam afastadas do projeto republicano, apesar de não aplicar exatamente todas as prescrições. Assim, muitas festas prescritas não eram realizadas, como a Festa dos Animais e o Dia da Música; no entanto, a escola promovia festas não impostas, de modo a atender as necessidades da comunidade local, como a festa da escolha da rainha dos estudantes e a formatura. As festas eram realizadas interna e externamente, preparando toda a comunidade para o progresso, inculcando seus ideais republicanos, como a adoração dos símbolos nacionais, os princípios higienistas e a religião cristã. As práticas festivas promovidas pela escola entre 1930 e 1950 tinham destaque na cidade. As festividades foram divididas em “festas do sucesso escolar” e “festas para aprender a fazer com”.

Abordando o período pós-Estado Novo, em pesquisa recente, Lima (2021) buscou analisar as festividades nas escolas de educação infantil que aconteceram em cinco Parques Infantis, na cidade de Sorocaba, buscando entender como as celebrações

ocorriam, bem como suas configurações e objetivos pedagógicos. Os anos estudados estiveram entre 1954 e 1988. As fontes revelaram que as festas eram parte da cultura escolar, sendo momentos preparados intensamente por diversos membros da comunidade escolar, visando reafirmar seus valores ligados à religião, ao patriotismo e nacionalismo, ensinando os conteúdos escolares; criando memória coletiva. As fontes estudadas relataram de modo distinto o objeto de estudo. As Reuniões Pedagógicas relataram a organização e relevância para as professoras; nos periódicos, os eventos eram divulgados à população; as Coletâneas Didáticas demonstravam a orientação para a condução das festas e serviam de base para trabalhar essas datas nos conteúdos didáticos. Como destaque nesses materiais, foram notadas a ênfase em explicar o motivo de cada festa e o compartilhamento de atividades modelo para serem utilizadas nas salas de aula. Os momentos registrados nas fotografias reproduziam as apresentações das crianças. O ritual das festividades ia desde preparação até a conclusão, tendo motivações diversas aos indivíduos envolvidos: os organizadores planejavam todas as ações e os participantes se divertiam. Foram averiguadas nessa pesquisa festas religiosas e cívicas, sendo estas características por seus desfiles, com maior visibilidade pela comunidade, e aquelas com inúmeros registros nos Livros Ata, fotografias e nos periódicos.

No Rio Grande do Norte, na cidade de Macau, Maia (2012) investigou o Grupo Escolar Duque de Caxias entre 1949 e 1962. O autor buscou apresentar como ocorriam as festividades escolares e suas influências políticas, culturais e sociais ao redor dessa instituição. Esse grupo se tornou um símbolo de modernização na cidade, com papel de educar e escolarizar aliado com a transmissão de uma imagem positiva da forma de governo republicana. Suas renovações no ensino de ordem física, material e metodológicas seriam molde para outras instituições. Uma das principais atividades que divulgaria essas inovações eram as festas escolares, sendo espaços com programações que disseminavam a ordem política em voga. Todas as programações festivas dessa instituição constavam dos nomes de autoridades e pessoas de destaque naquela localidade, estando estes presentes nas celebrações e por vezes proferindo discursos e assinando as atas de registro dos eventos. As programações das festividades eram orientadas pelo governo através de normas e decretos, que determinavam o modo de condução dos eventos, prescrevendo que os docentes separassem um tempo das aulas para explicar sobre as datas celebradas e seus significados.

Já no período da Ditadura Civil Militar (1964-1985), Silva (2015) expôs as práticas pedagógicas e a cultura escolar, por meio de festas e celebrações escolares, no Colégio Salesiano de Santa Teresa, que fica em Corumbá – Mato Grosso do Sul, no período de 1972 a 1987. Em 1972, é firmado um convênio entre a Missão Salesiana de Mato Grosso e o estado de Mato Grosso, encerrado em 1987. As festas do calendário escolar não causavam a suspensão das atividades escolares, mas dependendo de sua importância, contavam com atividades como hasteamento da bandeira, canto de hinos, declamações de poemas, apresentações teatrais, exposição de trabalhos, competições, entre outros. Essas ações estimulavam o amor à pátria, à família e à sociedade pelos estudantes. O período escolhido pela autora foi perpassado pela Ditadura Civil-Militar, divisão entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e abertura política. Cada um desses períodos históricos propiciava rituais com diferentes particularidades às festividades, seguindo regulamentos prévios. A comunidade escolar participava ativamente das celebrações e tiveram destaque no colégio as celebrações do dia de Tiradentes, fundação de Brasília, dia da Retomada de Corumbá, Semana do Exército, Semana da Pátria, Independência do Brasil, festas religiosas, Dia das Mães, Dia da Divisão do Mato Grosso com o Mato Grosso do Sul, entre outras datas comemorativas, como carnaval, páscoa, dia do trabalhador, do professor, realizados interna e externamente à escola. Segundo a autora, não se pode reduzir as festividades a apenas um ritual de controle da população, porque estas possuem função pedagógica, em que os alunos se expressavam e se divertiam.

Diante da escassez de investigações que objetivavam analisar a festa escolar do Dia do Professor, apenas duas pesquisas encontradas vão ao encontro do nosso objeto. Em uma análise com foco em reconstituir a atribuição de data específica para comemorar o Dia do Professor no Brasil, Vicentini (2004) utiliza o período de 1933 a 1963 para investigar a imagem do professorado divulgado em jornais dos estados de Guanabara (antigo Distrito Federal) e São Paulo. Em 1933, o dia do professor foi celebrado em uma missa, sendo comemorado inicialmente com influência da religião católica. A escolha da data remete à promulgação da primeira lei do ensino primário no Brasil, publicada em 15 de outubro de 1827. Mesmo com as comemorações iniciadas em 1933, foi somente no ano de 1948 que a data comemorativa se tornou oficial. A autora evidencia todo o percurso dos significados assumidos pela data, desde sua inicial intenção de que as pessoas pudessem homenagear e expressar sua gratidão ao mestre, até se tornar um momento oportuno de dar maior visibilidade à classe, com

reivindicações salariais e de melhores condições de trabalho. A celebração assumiu novos significados, mas seu objetivo precípua não foi interrompido.

Outro trabalho que versa sobre o Dia do Professor é o estudo de Silva (2016), que objetiva compreender a constituição dessa data na Paraíba, através do jornal A União, que era porta-voz do governo no período da Ditadura Militar. A Lei de 15 de outubro de 1827 foi promulgada por interesse de senadores e deputados, que almejavam uma nação valente e avançada, que pudesse concorrer com outras nações à época. A lei das Primeiras Letras era um documento legal que visava a ascensão econômica do Brasil. Já era sabido que para o desenvolvimento de um país, de suma importância seria transformar a educação. Nesta referida lei, percebe-se que se leva em conta a preocupação dos salários dos professores, promovendo uma medida de equiparação salarial entre todos esses profissionais no país, sem distinção; porém, a realidade traduz outra situação. O dia 15 de outubro foi escolhido como data da lei em homenagem à Santa Teresa D'Ávila, a protetora dos professores. Essa motivação levou então a escolha dessa data para o Dia do Professor. Embora a legislação à época fosse moderna, ela nunca foi cumprida na prática. Todavia, as legislações foram responsáveis pela “construção social dos docentes, uma vez que são nelas que eles se baseiam antes de iniciar a carreira docente” (SILVA, 2016, p. 97). Durante o Regime Civil Militar, os governantes publicaram, no mês de outubro, homenagens e parabenizações aos docentes através da imprensa. Durante alguns anos, essa data que seria para comemorar o professor, promover protestos por melhorias, se tornou, a partir de 1964, uma data dedicada aos militares, com encontros dos representantes do governo com os docentes. Durante todo o período da ditadura, o 15 de outubro tornou-se uma data simbólica, com comemorações oficiais. O jornal União era porta-voz dessas celebrações. O governo tinha um cuidado com essa classe, ao mesmo tempo que detinha aqueles que eram vistos como ameaça. Esse clima de tensão ficou marcado na memória e na constituição identitária do professor. Protestos e lutas por melhorias da profissão não eram divulgados no jornal até a abertura política, em 1980. Em 1984, ano marcante para a classe docente, o próprio governador da Paraíba reconhece as péssimas condições as quais os professores passavam e justifica as greves por melhores condições salariais e de vida. Nesse mesmo ano, o governador, de modo a exaltar essa profissão, concede aumento salarial e um inédito pagamento de 13º salário. Essas ações não foram publicadas no jornal A União. A partir de 1980, o jornal passa a publicar todas as mudanças no sistema político do país, período em que o autoritarismo estaria

caminhando para o seu fim, o que deu abertura para que o Dia do Professor voltasse a ser marcado por protestos.

Em relação ao Dia da Criança, Veiga e Gouvea (2000) buscaram abordar os processos de construção identitários tendo como referente a institucionalização das atividades comemorativas da infância na cidade de Belo Horizonte – MG, no período delimitado entre o fim do século XIX e início do século XX. As celebrações analisadas foram o Dia da Criança, iniciado em 12 de outubro de 1924 e vigorosamente identificado como uma festividade escolar; a atividade filantrópica das festas de Natal e os concursos de beleza infantil, instituídos após 1935. Desta maneira, o estudo desses diversos festejos comemorativos da infância revelou de que modo eles eram levados e o tratamento que as crianças recebiam de acordo com a classe social a que pertenciam. Nesse contexto, diversas adjetivações eram atribuídas ao público dessas festas, como belas, educadas, robustas, estudiosas, pobres, desvalidas, enfeitadas. Celebrar a infância neste período significava vincular as festividades com a propagação de ideais republicanos, objetivando a formação de um cidadão que incorporasse o amor à pátria e pregasse à união, apesar da marcante divisão sócio-racial. Quanto ao significado dos eventos, a institucionalização do dia da criança tem relação com o reconhecimento do lugar social da criança e de seu papel na efetivação dos objetivos da nação, apesar de não significar necessariamente a sua valorização e sua distinção do adulto; muito pelo contrário do indicado pelas análises, as festividades pretendiam garantir a adesão das crianças a um projeto dos adultos. Por fim, os autores fazem o fechamento argumentando que muito do que acontecia naquelas festas têm reflexos até hoje, como a presença de um ideário europeizado marcado pela exclusão de determinado público.

E por fim, o ensaio de Schueler *et. al.* (2007) investiga o envolvimento infantil em celebrações religiosas e cívicas em vários estados do Brasil, como Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Tocantins, Pará e Rio Grande do Sul. As autoras analisaram as brincadeiras e festividades como práticas culturais, históricas e sociais, em que diversas gerações experimentaram momentos de felicidade, fé, civismo, jogos e ritos. Como resultados, citaram que o processo de reconhecimento da infância se deu a partir de práticas pedagógicas escolares, dos conhecimentos da criança e distinção entre esta e os adultos ao longo dos tempos, como assevera Veiga e Gouvea (2000). A partir dessa diferenciação, as crianças passaram por um processo de civilização. A proteção dirigida às crianças no seu confinamento para a escolarização se confundiu, e se confunde até hoje, com controle na liberdade de movimentos em espaços abertos,

permitindo essa liberdade apenas na tutela de algum adulto. Esse controle se reflete nas festas conduzidas por adultos. Há de se lembrar que as crianças têm modos de vida e compreensões particulares sobre o mundo, são culturalmente diversas. Por cultura, as autoras apontam o entendimento dela como modo de vida. A vivência na infância e o local onde ela ocorre possuem uma relação direta. As crianças não são iguais, e seu processo de socialização permite uma hibridização e entrecruzamento de informações. Nesse contato, elas se reconstroem e criam suas histórias. Assim, as culturas e infâncias necessitam ser refletidas a partir do contexto histórico em que elas vivem, “com suas histórias de vida, suas identidades permanentemente (re)construídas, suas diversas experiências e trajetórias pessoais e coletivas” (SCHUELER *et. al.*, 2007, p. 143).

Por meio desse balanço historiográfico das festas escolares extensivas ao Brasil, foi possível perceber em vários momentos e uso das celebrações como instrumento de exposição do que era executado nas instituições escolares e no governo para o público. Essas comemorações envolviam toda a comunidade escolar, muitas vezes também autoridades públicas, que faziam discursos para a população que indicavam valorização à educação escolar. As atividades promovidas nas festas eram previamente preparadas, por vezes seguindo regulamentos e regras propostas pelo governo que estava em voga, com intervenções civilizatórias, tendo objetivo também de inculcar aos cidadãos o ideário patriótico, republicano e nacionalista. Os canais de comunicação tinham o papel de disseminar e repercutir as comemorações. Os regimes ditatoriais e início da implantação da república se mostram determinantes para estabelecer o modo como se conduziam as festas no país. Damos destaque às comemorações cívicas, marcadas pelo militarismo desde suas raízes e instituição na proclamação da República.

Sobre as festas de outubro, levando em conta todos esses trabalhos pesquisados, destacamos a origem do Dia dos Professores, regada, num momento inicial, de homenagens aos mestre e com grande influência da religião católica, para posteriormente passar a ser um momento oportuno de reivindicações salariais e de melhorias nas condições de trabalho, além de dar maior visibilidade a profissão professor (VICENTINI, 2004). Apesar desses novos significados serem atribuídos ao Dia do Professor, suas intenções iniciais não foram deixadas de lado. Para as festas de Brasília, podemos pensar em como se iniciaram essas comemorações, se passaram por esse período de idealização da imagem do professor, com homenagens, ou se foram regadas de reivindicações e protestos. Também destacamos o Dia do Professor comemorado em meio ao período da Ditadura Civil Militar (SILVA, 2016) na Paraíba,

com a promulgação de uma lei que prometia muitas melhorias para essa classe, como equiparação salarial entre todos os profissionais do país, e que, muito diferente do que era escrito, a prática se mostrava numa realidade dura. Os governantes publicaram parabenizações e homenagens através da imprensa, e essa data, que era para ser comemorada pelos professores e utilizada para protestos, servia para encontros entre os militares e os representantes dos docentes. Assim, percebe-se o silenciamento da classe diante do poder autoritário. Teriam os docentes do Distrito Federal passado também por este silenciamento? Como Brasília é o centro de poder do país, podemos pensar em um local de destaque nacional para as reivindicações, mas também como um local muito próximo dos líderes ditatoriais, e, assim, nos questionarmos sobre o comportamento da classe docente naquele local.

Ainda sobre as festas de outubro, em uma pesquisa que analisa a celebração do Dia da Criança (VEIGA e GOUVEA, 2000), destacamos a divulgação dos ideais do regime político que vigorava em meio aos novos cidadãos que estavam sendo formados, apesar da marcante divisão sócio-racial, visão higienista e, por vezes, desvalorização da figura infantil. Na construção da nova capital, nossas fontes nos mostrarão qual figura de cidadão aquela sociedade desejava que se formasse a partir da educação escolar, refletida nos festejos, discursos e ritos? Damos ênfase também à pesquisa que abordou a participação infantil em festejos religiosos e cívicos (SCHUELER *et al.*, 2007), que reconheceu as crianças como seres em construção, possuidoras de culturas diversas, que entrecruzavam e reconstruíam suas histórias em meio à participação dos festejos. Essa hibridização produzida refletia no contexto histórico em que elas viviam e nos anos posteriores de suas vidas. Pensando novamente na nova capital em construção, podemos lembrar que a cidade foi formada por habitantes oriundos de diferentes estados, com culturas diversas que se misturaram e formaram o cidadão brasileiro. As crianças que ali se encontravam traziam consigo o seu breve histórico de vida e costumes.

Mediante o exposto, o problema de pesquisa desta dissertação pode ser expresso no seguinte questionamento: quais eram as características das festas escolares do Dia da Criança e Dia do Professor no Distrito Federal veiculadas nas páginas do jornal *Correio Braziliense* entre os anos de 1960 a 1971 na perspectiva da cultura escolar? Temos como hipótese que essas festas, enquanto integrantes da cultura escolar, ajudaram na fixação de Brasília como a nova capital do país, recebendo influências pelo fato de se realizarem numa cidade planejada, inventada e cujo sistema de ensino era tão novo quanto ela, apresentando em suas características elementos que construíam a figura da

criança e do professor que se desejava no porvir não só na região, mas que se estendesse como exemplo em todo o país.

O objetivo geral, será, assim o de investigar as características das festas escolares do Dia da Criança e Dia do Professor no Distrito Federal veiculadas nas páginas do jornal *Correio Braziliense* entre os anos de 1960 a 1971 na perspectiva da cultura escolar. Considerando que as fontes compulsadas na pesquisa revelam que o Dia da Criança era celebrado de forma alargada, por meio de uma Semana que o antecedia e do Dia a ela dedicado propriamente dito, os objetivos específicos são quatro: 1) Analisar quais eram os elementos das festividades da Semana da Criança e quais crianças essas festas queriam celebrar no Distrito Federal; 2) Perquirir, posteriormente, quais eram os elementos das festividades do Dia especificamente dedicado à Criança e, conseqüentemente, quais crianças essas festas queriam celebrar no Distrito Federal; 3) Delinear quais eram as características da festividade do Dia do Professor e quais professores essas comemorações queriam exaltar na capital do país; 4) Apresentar, como produto técnico desta pesquisa, um minicurso sobre a história das Festas de Outubro nas Escolas do Distrito Federal.

O recorte histórico desta pesquisa justifica-se pelos seguintes acontecimentos: no ano de 1960 nasce a cidade de Brasília, como nova capital do país, juntamente com o jornal *Correio Braziliense*, ambos oficialmente postos à sociedade na data de 21 de abril. É, também, em 1960, que se amplia a implantação do sistema de ensino, de acordo com as propostas de Anísio Teixeira, na capital federal. Já no ano de 1971 houve a promulgação da segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o que ocasionou mudanças significativas na concepção e organização do ensino primário em todo o território nacional e no Distrito Federal, em particular.

Dois conceitos são fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa: o de cultura escolar e o de festa escolar.

No ambiente escolar, a produção de identidades e formação de culturas acontece dentro da chamada cultura escolar. Julia (2001) conceitua a cultura escolar como

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p. 10).

Segundo Julia (2001), a instituição escolar não é apenas local de aprendizagem de saberes, mas é também, um ambiente que permite a incorporação de comportamentos e hábitos. Chervel (1990) afirma que a escola não forma somente quem a frequenta, mas modifica a cultura globalmente. A escola não somente reproduz conhecimentos escolhidos num currículo como importantes, mas sim, é criativa, produzindo uma cultura específica, única, original, que se dissemina pela sociedade (CHERVEL, 1990).

No que tange às festas, Ozouf (1976) as compara à uma máquina, que pode ser montada e desmontada a qualquer momento, “num abrir e fechar de olhos, tendo em vista as necessidades da causa” (OZOUF, 1976, p. 224). O interessante uso da metáfora das festas como máquinas (OZOUF, 1976) nos leva a visualizar os elementos constitutivos dessas “celebrações (peças), suas técnicas (engrenagens) e saberes e propósitos (funções)” (CÂNDIDO, 2012, p. 13) representados em seus rituais. Ao ser considerada como uma máquina, assim como assevera Cândido (2012), as festas são organizadas de uma forma particular, servindo a distintas funções de acordo com o campo que se encontra e o contexto histórico ao qual vivencia. Segundo Ozouf (1976), as festas têm propósitos políticos e são realizadas de acordo com a demanda desses propósitos. Ela afirma que as festas não são todas iguais, sendo atribuídas tipologias que as classificavam como: revolucionárias, contestatórias, desregradas, entre outras.

Para Itani (2003),

A festa é um fato social, histórico e político. Ela constitui o momento e o espaço da celebração, da brincadeira, dos jogos, da música e da dança. Celebra a vida e a criação do mundo. Constitui espaço de produção dos discursos e dos significados e, por isso, também dessa criação na qual as comunidades partilham experiências coletivas. (ITANI, 2003, p. 7-8.)

Para nosso estudo, situamos as festas escolares como intrínsecas à cultura escolar, pois elas integram o cotidiano da escola, tendo essas celebrações distinções condizentes com suas motivações, mas sempre com uma característica comum: a constância anual de sua celebração (LIMA, 2021). Ao mesmo tempo em que as festas são orientadas por normas e inculcam conhecimentos a serem ensinados e maneiras a serem repetidas, são também constituídas por práticas com intenções educativas (SILVA, 2015). A organização das festas envolve os professores, coordenadores, administrativos, que buscam motivar toda a comunidade escolar (LIMA, 2021). O caráter pedagógico pode ser evidenciado “desde a escolha das datas a figurarem nos calendários escolares, os conteúdos escolares presentes nos programas das comemorações, até as formas de agir e de se comportar na solenidade” (CÂNDIDO, 2007, p.38).

No decorrer da história, as festividades escolares desempenharam um papel marcante no intercâmbio entre a escola e a comunidade. Durante essas festividades, os indivíduos rompiam com a rotina escolar, num ato coletivo impregnado de diferentes significados (SILVA, 2009). As festas escolares expressavam a cultura escolar, sendo ao mesmo tempo regida por normas, pelo ensinamento de condutas e conhecimentos, e também compostas com finalidades educativas. Assim, sendo um reflexo da cultura escolar, as festas se modificaram de acordo com o tempo e as finalidades sociais, políticas e religiosas, de acordo com quem as dirigia (SILVA e SILVA, 2015). Com base nessa reflexão, podemos afirmar que a cultura escolar produzida nas escolas, tendo como um de seus vetores especificamente as festas de Outubro, possuía uma capacidade de alcance social mais amplo, dialogando e influenciando nas concepções de infância e professor que a sociedade, pela visibilidade que dava ao festejá-los anualmente a partir da instituição escolar, queria valorizar e disseminar.

A construção de uma pesquisa histórica se realiza por diversas formas, mas em todas elas há algo em comum: o uso das fontes. Por fonte histórica, compreendemos todo documento que tenha resquícios do passado no presente (BURKE, 2005). Escrever história não é simplesmente se basear em achismos, mas sim, utilizar um recurso material que comprove o que se diz. Na busca de fontes, os historiadores comumente procuram os arquivos no intento de encontrar documentos. Entendemos os arquivos, conforme Anjos (2018) como um local físico em que estão guardadas as documentações que servirão de base para que o historiador da educação construa sua narrativa de momentos passados. O arquivo, de acordo com os documentos que acumula, mostra diversos interesses e relações de poder vivenciadas por quem os produziu e também sobre quem os guardou (ANJOS, 2013).

Segundo Anjos (2016), as fontes são comumente vistas como quaisquer documentos que possuem “uma existência palpável e empírica” (ANJOS, 2016, p. 101). Porém, o documento só se torna verdadeiramente uma fonte quando o pesquisador o interroga, para produzir narrativas dos homens que já existiram em um tempo diverso do nosso. Assim, o bom historiador é aquele que faz as perguntas corretas para a fonte e não se deixa levar pelo que parece ser, mas sim busca as pistas do porquê a fonte fala algumas coisas e oculta outras (ANJOS, 2016), já que as informações não estão inteiras ou completas: o historiador se embasa em “fatias de realidade captadas por seus produtores” (ANJOS *et al.*, 2013, p. 630). Não há como recuperar o passado plenamente. As fontes deixadas são os vestígios que não foram apagados, vestígios

estes que são a matéria-prima básica de todo historiador da educação. A escolha da fonte deve ser feita de modo que se consiga responder adequadamente ao problema de pesquisa que se queira investigar (GALVÃO e LOPES, 2010). As fontes são então um testemunho que respondem por um número limitado de perguntas (RAGAZZINI, 2001) e servem de ponte entre as memórias do passado e o historiador, sendo “a base que edifica a pesquisa historiográfica” (RAGAZZINI, 2001, p. 15).

Damos ênfase à fonte desta pesquisa: o jornal. Antes da introdução de outros meios de comunicação em massa como o rádio e as redes de televisão, o jornal era quem adentrava nas casas, comércios, escolas, praças, transportes públicos (PROST, 1992), circulando de mãos em mãos até servir para “forrar o chão da cozinha” (PROST, 1992, p. 14), dada a sua magnitude de ser um impresso passageiro, rápido, feito para durar de um dia para o outro (PROST, 1992). O jornal não é escrito para se tornar história, mas sim com o objetivo de informar, ser um formador de opinião, influenciar, ser agente de negócios, dar publicidade ao comércio. Por suas particularidades, ele se torna uma fonte não intencional da educação (ANJOS, 2018).

Adotar o jornal como uma fonte histórica é uma escolha feita pelo historiador, que “supõe seu tratamento teórico e metodológico no decorrer de toda pesquisa desde a definição do tema à redação do texto final” (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 260). Mesmo não sendo uma fonte intencional da história, e que passou um período de desconfiança sobre seu uso (CAMPOS, 2012), o jornal é cada vez mais interrogado por historiadores da educação. A imprensa é possuidora de uma historicidade própria e não pode ser trabalhada sem que se indague como o periódico é construído na sua perspectiva histórica, as suas intencionalidades e a qual realidade social ele vivenciava no momento em que foi publicado (CRUZ e PEIXOTO, 2007).

Assim como toda pesquisa histórica, nesta há a necessidade de uma fonte, na qual se possa recontar e repensar os fatos ocorridos em determinado momento que se queira pesquisar. Nas nossas buscas, utilizamos a versão digitalizada do *Correio Braziliense*, disponibilizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A busca em uma hemeroteca digital nos incapacitou de vivenciar as diversas sensações do “sabor do arquivo”, tal qual Farge (2009) aponta em seu livro. O toque, o sentir da poeira, o cuidado com os materiais, o prazer em estar ali, a convivência com as pessoas, a busca pelos melhores lugares no local... a Hemeroteca Digital dá a possibilidade de acesso a qualquer tempo, sem depender de horário de funcionamento de bibliotecas, arquivos, ou

mesma da boa vontade de algum funcionário. O único empecilho são momentos em que o site se encontra fora do ar, o que é raro de se acontecer.

Como já foi mencionado, para que possamos cumprir o nosso fim, utilizaremos como fonte o jornal. O jornal diário é publicado todos os dias e tem constante divulgação em uma região, fazendo parte de uma categoria maior chamada imprensa, sendo uma fonte bastante utilizada por historiadores da educação (ANJOS, 2019). Apesar de ser uma fonte "para a história da escola e da educação" (RAGAZZINI, 2001, p.19), produzida fora do ambiente escolar, não deixa de ser importante para a concepção do passado, "sendo um informante indireto" (ANJOS, 2019, p. 2) da história educacional. Ele nos dá a oportunidade de escrever não só sobre como funcionava a lógica da vida social, mas também sobre como era o funcionamento das escolas (ANJOS, 2019).

Para Cândido (2007), o jornal é apto a detectar a pluralidade do campo educativo e, por ele, se torna exequível conhecer as "vozes, os projetos, os anseios e as realidades dos diversos atores que atuam no sistema educacional" (CÂNDIDO, 2007, p. 49). O estudo da imprensa possibilita assimilar discursos que associam práticas e teorias, que se localizam num nível macro do sistema, mas também no micro na prática em si, que enuncia interesses futuros e declara situações correntes. "Trata-se, por isso, de um corpus essencial para a história da educação, mas também para a criação de uma outra cultura pedagógica" (NÓVOA, 1997 *apud* CÂNDIDO, 2007, p.49).

Em uma busca realizada por Anjos (2021) nas edições do *Correio Braziliense* entre 1960 a 1971 na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foram identificadas várias referências e elementos integrantes da cultura escolar, reafirmando assim essa fonte como ideal e suficiente para a escrita da história das culturas escolares no seu local de circulação. Esse autor destaca que este periódico foi testemunha da implantação do sistema escolar da capital, das práticas escolares e das festas escolares, não estando alheio aos acontecimentos nas escolas do Distrito Federal. Em suas buscas, Anjos (2021) também afirmou que as festas eram noticiadas com frequência pelo *Correio Braziliense*.

A imprensa diária é

agente de propaganda e, em certa medida, produtora da escola e da escolarização. Muitas matérias, notícias, editoriais – a leitura contínua de qualquer jornal o confirma – falam, criticam, incentivam, sugerem e colocam a escola e a escolarização no primeiro plano da cena social, ensejando, na pesquisa histórica, que se retenham vozes, as mais diferentes, de pessoas que

agem no sentido de atribuir valor e significado à instituição escolar nos diversos tempos e espaços nos quais a imprensa periódica é posta em circulação. (ANJOS, 2016, p. 107)

Conforme Anjos (2019) assevera, é importante salientar, acerca dos jornais, a maneira com que as notícias são divulgadas, pois elas “não são o que aconteceu (...) mas sim relatos sobre o que aconteceu” (DARNTON, 2005, p. 41). Assim, o historiador lida com aquilo que foi divulgado.

O jornal *Correio Braziliense* foi o primeiro grande jornal diário criado em Brasília, nascendo juntamente com a nova capital do Brasil. Utilizaremos ele como fonte, e, para isso, traremos um breve histórico desse veículo baseado na dissertação de Ana Morelli, publicada no ano de 2002. Ele leva o nome do primeiro jornal brasileiro, fundado por Hipólito Costa em 1808. O primeiro jornal do Brasil, o *Correio Brasiliense* era produzido em Londres e chegava aqui por meio de contrabando nos navios ingleses. O Brasil nesta época era colônia e havia censura por quaisquer impressos construídos neste local. A assinatura deste jornal despendia muita pecúnia, fazendo com que o público leitor fossem os “formadores de opinião da colônia” (MORELLI, 2002, p. 42). Tinha a característica de ser um jornal majoritariamente doutrinário, que apoiava ideias como a criação de uma capital no interior, de universidades e de um júri popular; abolição da escravatura, liberdade de imprensa e a independência do Brasil. Após a Proclamação da Independência, o jornal encerrou suas atividades no mesmo ano, 1822, visto ter atingido seus objetivos (MORELLI, 2002).

O atual *Correio Braziliense* foi fundado por Assis Chateaubriand, dono de uma grande cadeia de veículos chamada Diários Associados. Chateaubriand era jornalista e empresário, dono de uma personalidade ímpar, e nos seus mais de 40 anos de carreira se destacou na história por suas publicações e campanhas polêmicas. Com sua rede de jornais, ele buscava conectar as capitais dos estados brasileiros e fortalecer a comunicação em todo o Brasil. Durante trinta anos, os Diários Associados foram os maiores do Brasil e um dos maiores da América Latina, e ainda hoje, apesar de tantos anos, mostra seu poder, sendo o sétimo do país (MORELLI, 2002).

Apesar de contrário à interiorização da capital, Chateaubriand se comprometeu com Juscelino Kubitschek a fundar esse jornal caso a cidade estivesse pronta no tempo planejado. O periódico nasceu então com recursos financeiros obtidos no Banco da Lavoura, tendo como jornalistas pioneiros Ari Cunha e Edilson Varela. Os primeiros jornalistas convocados compulsoriamente por Chateaubriand eram do Rio e São Paulo.

Com o passar do tempo, o jornal contou com outros colaboradores, a maioria deles funcionários públicos que se mudaram para a capital. Com essa grande presença destes, suas vivências refletiam, de certa forma, no que escreviam para o jornal. (MORELLI, 2002)

O nome *Correio Braziliense* surgiu de uma sugestão de Francisco Martins de Oliveira, e Chateaubriand adotou essa ideia buscando ligar o jornal às pautas defendidas por Hipólito da Costa em 1808, como a interiorização da capital. O *Correio* levou fama de “chapa-branca” por muitos anos, por ser apoiador do governo federal e distrital, deixando claro o seu posicionamento em favor da manutenção da capital em Brasília. Durante os anos 60, sua cobertura era voltada para fixar a cidade naquele local (MORELLI, 2002). Sua procura era grande, justificado por Ana Morelli por não haver concorrência de peso local, era um interessante guia de eventos e um procurado caderno de classificados. Em âmbito local, suas notícias destacavam assuntos relacionados “ao funcionalismo público, moradia, transporte, educação, lazer e salário” (MORELLI, 2002, p. 50). Já nacionalmente, o foco era a política federal. A autora reitera que desde seu nascimento, o *Correio* sempre buscou oferecer ao seu público um serviço com caráter informativo. (MORELLI, 2002)

O público-alvo do jornal na década de 60 foram os funcionários públicos. Na década de 70, com o fortalecimento da Ditadura Civil-Militar, passou por períodos de grande censura, o que fez com que o jornal mantivesse sua linha “chapa branca”, oficialista, até porque o alinhamento com as políticas militares acontecia de forma compulsória. Destaca-se também, que no início da circulação do *Correio*, a economia de Brasília era fraca, o jornal contava com poucas assinaturas e baixa venda. Para sobreviver, o jornal dependia muito de propaganda oficial, o que reafirmava novamente seu alinhamento com o governo federal e local (MORELLI, 2002). Essas marcas históricas terão de ser, constantemente, consideradas quando da interrogação deste jornal como fonte.

Nos procedimentos metodológicos, para o cumprimento dessa análise histórica das festas escolares do Dia da Criança e do Dia do Professor entre os anos de 1960 e 1971 fizemos a utilização das seguintes palavras-chave na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional: “Semana da Criança”; “Dia da Criança”; “Dia das Crianças”; “Dia do professor”; “Dia dos professores”; “Dia das professoras”; “Semana do professor” e “Semana das professoras”. Com as reportagens encontradas, procedeu-se à cópia de todos os que se encaixavam na pesquisa. Assim como afirma Farge, “o arquivo copiado

[...] é o fragmento de tempo capturado; só mais tarde separam-se os temas, formulam-se as interpretações. Isso toma muito tempo e às vezes faz mal ao ombro, provocando estiramento no pescoço; mas ajuda a descobrir o sentido” (FARGE, 2009, p. 23).

Além dos textos do jornal, os registros fotográficos que os acompanhavam se mostraram uma segunda e importante fonte que possibilitou uma análise relevante para esta pesquisa. Através delas, pudemos nos atentar às singularidades (ANJOS, 2015) dos elementos que faziam parte daquelas festividades. Os registros fotográficos permitem que nós, o futuro, compartilhemos das experiências testemunhadas em culturas do passado (BURKE, 2005), fazendo com que possamos imaginar esse passado de uma forma mais vívida. As fotografias registram atos de testemunho ocular (BURKE, 2005), que permitem uma interpretação histórica, que contam com três elementos a serem levados em consideração por influenciarem ativamente nesse trabalho:

o fotógrafo (que por meio do ato fotográfico captura determinada imagem),
o espectador (que olha para a foto a partir de determinado lugar
e com determinada bagagem de experiências culturais) e o spectrum
(que se fabrica na fotografia ou nela é fabricado). (ANJOS, 2015, p. 3)

Não há que se esquecer de que vários fatores podem ser levados em consideração quando da interpretação de uma imagem. Na fotografia, a interferência do fotógrafo em cena é diagnosticada desde sempre, seja pela “escolha estética, técnica ou ideológica da reprodução da imagem, ou seja, na sua composição” (SÔNEGO, 2010, p. 115). Assim, importante se faz relacionar a fotografia com a contextualização da época a qual ela foi registrada, pois todas elas resultam de uma seleção (BURKE, 2005). Sejam elas frutos de um recorte ou ainda institucionais, todas são passíveis de manipulação do fotógrafo para atingir determinado fim (BURKE, 2005). Nessa pluralidade de percepções a que uma fotografia pode ser interpretada (SÔNEGO, 2010), é imprescindível que sua leitura crítica tenha uma intertextualidade com outras fontes, como a verbal, no caso das reportagens, além, é claro, de uma contextualização histórico-social e cultural (SÔNEGO, 2010).

Concluída esta introdução, na qual ficaram consignados os protocolos de leitura deste trabalho, resta esclarecer, ao leitor, que na consecução dos objetivos, trilhamos o seguinte caminho: o primeiro capítulo, chamado “As comemorações da Semana da Criança”, tratará da Semana da Criança e suas comemorações no Distrito Federal; o segundo capítulo, “As comemorações do Dia da Criança”, abordará as comemorações específicas do Dia da Criança enquanto que o terceiro capítulo, intitulado “As

comemorações do Dia do Professor”, discorrerá sobre as comemorações do Dia do Professor. Por fim, o quarto e último capítulo, chamado “As comemorações do Dia da Criança e dos Professores nas escolas do Distrito Federal em perspectiva histórica (1960-1971) – um minicurso”, apresentará o produto técnico resultado desta investigação.

1. AS COMEMORAÇÕES DA SEMANA DA CRIANÇA

No coração do Brasil, em meio ao cerrado goiano, a tão idealizada Brasília inicia sua história. A construção da cidade demandava mão de obra e ocupação. Assim, várias famílias foram chegando e se alojando próximo ao local onde seria o plano piloto (PEREIRA e HENRIQUES, 2011). Entre os novos habitantes que migraram objetivando a construção e ocupação desta localidade, havia crianças. Assim, com a chegada das famílias, era preciso que existissem escolas para aquele público (PEREIRA e HENRIQUES, 2011). Anísio Teixeira criou um plano educacional para esta capital, atrelado a um modelo arquitetônico, já prevendo a chegada destas crianças e sua demanda por educação escolar (TEIXEIRA, 1961). Com o passar do tempo, essa demanda tomava grandes proporções. Das diversas atividades às quais as crianças eram submetidas nas escolas que frequentavam, uma delas era a comemoração da Semana da Criança.

Pela análise das reportagens do jornal *Correio Braziliense*, pudemos perceber dois momentos que juntos somaram a celebração da criança. Um deles era o próprio Dia da Criança, comemorado em 12 de outubro. O outro, era a Semana da Criança, uma semana que utilizava seus dias para programações voltadas ao público infantil, e do qual trataremos mais detalhadamente neste capítulo.

Assim como o Dia da Criança, a Semana da Criança foi oficialmente estipulada por meio do texto da Lei nº 282, de 24 de maio de 1948, quando Eurico Gaspar Dutra estava no poder e promoveu uma reorganização no Departamento Nacional da Criança (FRID, 2021). Em seu texto, a lei dispunha em seu Art. 4º que “sempre que possível, no período de 10 a 17 de outubro, a Semana da Criança, com o fim principal de avivar na consciência pública o dever de dar extensa e eficiente proteção à maternidade, à infância e à adolescência” (BRASIL, 1948). Nessa época, num cenário global, era o fim da II Guerra Mundial. A Organização das Nações Unidas tratou de criar vários mecanismos que garantissem a proteção das crianças (FRID, 2021).

No seu início, a Semana da Criança enfatizava de forma mais abrangente a promoção de práticas assistencialistas, sendo proposta como um período em que questões de saúde da criança eram colocadas em pauta. Assim, durante esse começo, a Semana da Criança visava aflorar na nação os sentimentos de carinho, amor e proteção à infância, além da divulgação de normas e práticas básicas relacionadas com o cuidado adequado que a criança necessitava (OLIVEIRA, 2015).

Num outro momento, incorpora-se a esse cuidado a promoção de festividades, a exemplo do que relata Nascimento (2016) em sua pesquisa na cidade de Natal, no período de 1953 a 1965:

Tratava-se de festividade anual, que era realizada durante o mês de outubro e que congregava todas as classes da escola e familiares em torno de solenidades e brincadeiras. Oportunidade para o cultivo das representações sociais do ser “criança feliz” numa sociedade repleta de contradições. (NASCIMENTO, 2016, p. 101)

Então, em meados de outubro⁶, iniciavam-se os preparativos para as celebrações da criança no Distrito Federal. Essa semana, geralmente com seus dias próximos ao Dia da Criança, era um evento que influenciava vários campos da sociedade brasileira que ali se constituía. As festividades, em sua grande maioria, eram associadas ao ambiente escolar, as quais trataremos mais detalhadamente aqui. O ambiente extra escolar também era palco para essas comemorações, mas por iniciativa de outros atores da sociedade.

Os meios de comunicação anunciavam, por meio de suas propagandas, que a Semana da Criança chegaria. Para homenagear as crianças, a programação dos canais locais se diferenciava, tendo programas especiais infantis, como anunciado pelo TV Brasília Canal 6, no ano de 1967 (TV BRASÍLIA CANAL 6. 1967, p. 1) e pela Rádio TV em 1969 (RÁDIO-TV. 1969, p. 14). Um concurso infantil chamado “Criança Modelo 69” foi transmitido no TV Brasília Canal 6 em 1969 (BANDAS ALEGRE HOJE A SEMANA DA CRIANÇA. 1969, p. 12).

No comércio, produtos ligados à infância eram alvo de promoções, como artigos de vestuário infantil e brinquedos (CALÇAS, SAIAS E BLUSÕES “LEE”: A ESCOLAR MAGAZINE. 1965, p. 13). Os cinemas alteravam suas programações, com a exibição de filmes premiados (PROPAGANDA. 1970, p. 14). Outras empresas aproveitavam a oportunidade para ofertar brinquedos como brindes aos filhos dos clientes que comprassem seus produtos nos dias que compunham a Semana da Criança. (PROPAGANDA. 1964, p. 3). Nessa mesma onda de comercialização de serviços para adultos em meio à celebração de crianças, o Banco da Lavoura lançou, pela primeira vez em Brasília, em 1961, “promoção das mais brilhantes (...) comemorando a Semana da Criança” (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1961, p. 9). Era prática comum desse banco deixar sua marca na Semana da Criança, vide Frid *et. al.* (2021), que relataram seu

⁶ Fala-se em meados de outubro em razão das datas das reportagens que foram utilizadas como fonte, muitas publicadas nos primeiros dias deste mês, podendo ser observadas na parte das Fontes, ao final desta pesquisa.

apoio às comemorações da Semana da Criança no estado de Minas Gerais em 1960. Além dessas promoções, algumas empresas ofereciam, gratuitamente, produtos para as crianças, como foi o caso da revista *O Cruzeiro*, que por meio da livraria Eldorado, presenteou as crianças de Brasília com 9 mil revistas em quadrinhos (A POPULAÇÃO DO CRUZEIRO CONTINUA SEM ASSISTÊNCIA. 1963, p. 4); a indústria de refrigerantes Crush além de patrocinar lanches (MUITO ANIMADA A COMEMORAÇÃO DA SEMANA DA CRIANÇA NOS COLÉGIOS DE TAGUATINGA. 1963, p. 5) e competições esportivas (ESCOLA PARQUE ABRE JOGOS DA PRIMAVERA QUARTA-FEIRA. 1968, p. 16), distribuiu refrigerantes em diversas oportunidades (A SEMANA DA CRIANÇA NO CEP N° 1. 1963, p. 4).

Assim, após essa breve introdução, buscamos cumprir o propósito da nossa pesquisa, que tem como objetivo discorrer neste capítulo quais eram os elementos das festividades da Semana da Criança e quais crianças essas festas queriam celebrar no Distrito Federal.

1.1 Semana da Criança - Os primeiros anos das festividades (1960 a 1962)

As publicações a respeito da Semana da Criança em Brasília, promovida por meio de Instituições Escolares, despontaram de forma tímida por parte das edições do *Correio Braziliense*. Em 1960, ano da oficialização da nova capital Brasília e da circulação da versão impressa do *Correio Braziliense*, não houve qualquer menção, no referido periódico, dessa comemoração. Em 1961 é possível notar que as festividades surgem nos noticiários, mas ainda de forma escassa. O ano de 1962, mais escasso ainda, conta com apenas uma reportagem. A partir de 1963, as publicações têm mais destaque e se multiplicam conforme o passar dos anos analisados. Reiteramos aqui que nossa análise se faz com publicações que tenham relação com o ambiente escolar.

Apesar do pouco que se noticiava, em 1961, uma reportagem com muitos detalhes foi publicada. Trata-se do “Paraíso das crianças” (CRIANÇAS NO IATE CLUBE COMEMORAM SUA SEMANA. 1961, p. 8). Aproximadamente duzentas crianças matriculadas no Jardim de Infância de Brasília⁷ foram levadas ao Iate Clube de Brasília. Nesta ocasião, elas passaram o dia brincando nas piscinas e num playground. Neste passeio, as crianças estavam acompanhadas por seus pais e “rigorosamente assistidas pelas professoras” (CRIANÇAS NO IATE CLUBE COMEMORAM SUA SEMANA.

⁷ O artigo “Entre o plano e o vivido: a inauguração de Brasília e dos Jardins de Infância (1960-1962)”, de Anjos, Pinto e Muller (2020), aborda a institucionalização dos jardins de infância em Brasília.

1961, p. 8) Neyde de Souza, Rubela de Souza Lôbo, Maria Auda Pfeilsticker, Mariângela Pfeilsticker e Maria Amélia. Pela reportagem pode-se captar que as crianças ficavam à vontade para brincar pelas piscinas e pelo playground do clube, porém, sendo constantemente assistidas por adultos, no caso, as professoras e os pais presentes. As crianças eram o centro daquele momento alegre e de descontração, promovido pela escola em parceria com o Iate Clube de Brasília. O fim ali era a diversão e exaltação, posto que elas “invadiram o Iate Clube espalhando seu riso alegre pelo ar” (CRIANÇAS NO IATE CLUBE COMEMORAM SUA SEMANA. 1961, p. 8). Este passeio fez parte de um roteiro de comemorações da Semana da Criança, que ainda contava com:

segunda-feira, dia 9, foi realizado o “batizado da boneca”; terça-feira, dia 10, o passeio ao Iate Clube; hoje, quarta-feira, dia 11, será realizada uma festinha interna com um Teatrinho Infantil; amanhã, dia 12, “Dia da Criança”, será inaugurada uma Exposição de Trabalhos de Artes Infantis, na Escola Parque e, finalmente, no dia 13, sexta-feira, será executada a solenidade do encerramento da Semana da Criança, na Escola-Parque da Superquadra 308. (CRIANÇAS NO IATE CLUBE COMEMORAM SUA SEMANA. 1961, p. 8).

É interessante observar o roteiro das comemorações agendadas para aquele Jardim de Infância. Na segunda-feira, elas tiveram o “batizado da boneca”. Essa atividade, segundo o livro de culinárias para crianças “Enciclopédia de Culinária Bom Apetite” (1971), era um momento que merecia uma festa, em razão de alguma menina ganhar uma boneca nova e ter que apresentá-la para as amigas, as suas “comadres”. Além das amigas, a menina que ganhou a boneca também chamaria um padre e recepcionaria seus convidados com algumas comidas. Assim, era feito o batizado da boneca⁸. Diante desse rito, podemos pensá-lo como um modismo burguês que impregnava o consumismo na cabeça das crianças. Na terça, o passeio ao Iate Clube. Na quarta, um Teatrinho Infantil, sendo um evento interno à escola. Na quinta estava programada uma Exposição de Trabalhos de Artes Infantis na Escola Parque. A programação das comemorações nessa escola é construída por vários momentos, alguns tendo semelhança maior das práticas educativas que ocorriam dentro de sala de aula, como os teatros e trabalhos de artes com objetivos pedagógicos na Escola Parque, outros com momentos de diversão e descontração, como o passeio ao Iate Clube.

⁸ Esse mesmo ritual também se repetiu em 1967, no Jardim da 305 e no Jardim da 21 de Abril. Nessa ocasião, a fonte nos trouxe que o batizado da boneca seria momento de “escolha de nome e inauguração da casinha da boneca” (FESTAS MARCAM HOJE O INICIO DA SEMANA DA CRIANÇA EM BRASÍLIA. 1967, p. 3).

A segunda e última publicação da Semana da Criança no Correio no ano de 1961 relata a realização de palestras organizadas pelas professoras Ana Bernardo da Silveira Rocha e Ivone Teixeira da Escola de Aplicação do CEM; e Ivone Ferreira da Escola Classe 106 - IAPC (SEMANA DA CRIANÇA NO CEM E NA ESCOLA CLASSE 106. 1961, p. 7). Ministrada por um médico, Dr. Odilon Siqueira, a primeira palestra tem um tema um tanto incoerente, visto o cuidado e zelo tido com as crianças nesse período. A palestra se chamava “As crianças podem cuidar da sua própria saúde”. A reportagem não detalha quais foram as instruções dadas naquela ocasião. Levando em consideração o sentido literal do tema, essa abordagem se faz bastante divergente da realidade atual e daquela difundida à época, pois as crianças eram vistas como seres diferenciados dos adultos, que necessitavam de cuidados e proteção por parte de um responsável. Pensando por outro lado, podemos perceber a colocação em prática da política higienista, respaldada por Juscelino Kubitschek na construção de Brasília (OLIVEIRA, 2021), similar àquela relatada por Veiga e Gouvea (2000, p. 5) em sua pesquisa, que objetivava lançar “estratégias de amplo alcance, no objetivo de criar hábitos relativos ao cuidado com o corpo”.

Nessa mesma oportunidade, foi realizado um Teatro de Fantoches pelas crianças da terceira série. A intenção era uma festa para as crianças, com espetáculos feitos pelas crianças, o que aponta sua intensa participação nessa ocasião. A comemoração ainda contou com mesa de doces, hora de arte, “comichidades” e variedades (SEMANA DA CRIANÇA NO CEM E NA ESCOLA CLASSE 106. 1961, p. 7). A distribuição de alimentos era um ato muito presente nas comemorações das crianças, principalmente de guloseimas. A fonte faz questão de registrar as diversas atividades e “comichidades” distribuídas aos participantes daquela festividade.

Finalizando a programação organizada pelas professoras, houve mais uma palestra, dessa vez proferida pelo professor Mário Coutinho, nomeada "As crianças devem cuidar de plantas e dos animais". Estas palestras pareciam, na verdade, serem designadas aos adultos presentes, já que eles tenderiam a captar melhor as instruções divulgadas. Não há indicativo exato da idade das crianças contempladas por esse ciclo de palestras. Por ser uma Escola Classe, o que é possível saber é que as crianças poderiam ter a idade entre 7 a 14 anos, que era o público atendido por esse tipo de escola.

Houve também um passeio programado para o Catetinho⁹. No momento em que a escola decide levar as crianças a um passeio num Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Brasília, podemos sugerir que este teve o objetivo de ser um passeio com projeto-didático pedagógico, visando ensinar algum conteúdo escolar de uma forma dinâmica e interessante para as crianças (PERES, 2017), como a história de Brasília, além de exaltar os pontos turísticos recém criados daquela localidade. Por último, as escolas promoveram um encontro com os pais e distribuíram prêmios aos melhores alunos, exaltando os resultados de seus educandos. A fonte coloca em parênteses que os prêmios foram oferecidos pelo Banco de Crédito Real de Minas Gerais. Por esse patrocínio dos prêmios ser feito por um banco, há de se inferir o grande alcance que a Semana da Criança tomava pela sociedade brasiliense. Por último, houveram competições esportivas. Percebe-se, na reportagem, que a escola induzia as crianças a competirem no ambiente escolar. Em dado momento, além da citação das competições esportivas, a fonte nos relata a oferta de prêmios para os melhores alunos, exaltando os vencedores.

Em 1962, a única publicação a respeito da Semana da Criança traz consigo os “momentos de real sadio entretenimento tiveram as crianças de Brasília durante a SEMANA DAS CRIANÇA” (SEMANA DA CRIANÇA NO MINAS BRASÍLIA TÊNIS CLUBE. 1962, p. 8). Assim, a fonte relata que o Minas Brasília Tênis Clube, de “forma simpática”, franqueou o seu playground à todas as Instituições Educacionais de Brasília, sendo que estas foram devidamente convidadas. Esse evento proporcionou às crianças momentos de alegria e satisfação. Houve grande distribuição de refrigerantes durante toda a semana. A reportagem associa o convite do clube às instituições escolares com “elevar o espírito e a educação física dos meninos de hoje, homens e atletas de amanhã, forjando uma juventude mental e fisicamente sadia.” (SEMANA DA CRIANÇA NO MINAS BRASÍLIA TÊNIS CLUBE. 1962, p. 8)

O Minas Brasília Tênis Clube, aproveitando o destaque da Semana da Criança, promove esse evento para que as instituições escolares pudessem levar as crianças. Nesta ocasião, a fonte nos relata que houve distribuição farta de refrigerantes¹⁰ às

⁹ O Catetinho foi a primeira residência do presidente Juscelino Kubitschek em Brasília. Ele foi arquitetado por Oscar Niemeyer, sendo um “palácio de tábuas” todo construído em 10 dias. Pela sua importância e representação, ele foi tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1959. (ARAÚJO, 2009)

¹⁰ A distribuição dessa bebida era prática comum na Semana da Criança no Distrito Federal, registrado em 1963 nas festividades de Taguatinga (MUITO ANIMADA A COMEMORAÇÃO DA SEMANA DA CRIANÇA NOS COLÉGIOS DE TAGUATINGA. 1963, p. 5); no Centro de Educação Primária n. 1 (A SEMANA DA CRIANÇA NO CEP Nº 1. 1963, p. 4); em 1968, no Jardim da 308, na Escola Parque e

crianças. Ao final da reportagem, ainda há uma menção da importância de “elevar o espírito e a educação física dos meninos de hoje, homens e atletas de amanhã, forjando uma juventude mental e fisicamente sadia”. Esse trecho nos revela quem eram os indivíduos que aquela sociedade queria ser representada futuramente: os meninos, que seriam os “homens e atletas de amanhã”, fortes físico e mentalmente (SEMANA DA CRIANÇA NO MINAS BRASÍLIA TÊNIS CLUBE. 1962, p. 8). Assim, percebemos que o corpo ideal era o sadio e forte e o homem era a figura principal da nação. A escola, na sua responsabilidade do processo civilizador (DE SOUZA SILVA, 2017), deveria inculcar esses valores na formação do novo cidadão, influenciando diretamente no comportamento desse indivíduo no futuro.

A partir do ano de 1963, a Semana da Criança marca uma presença maior nesse jornal. Sendo assim, traremos os elementos que compunham essa celebração não necessariamente em ordem cronológica.

1.2 A Semana da Criança na Escola Parque

A Escola Parque foi presença constante nas edições do *Correio Braziliense* quando se fala em Semana da Criança. Para que possamos compreender melhor o papel dela, apresentaremos, de forma breve, partes do Plano de Construções Escolares de Brasília. Anísio Teixeira propôs um projeto que pretendia remodelar os moldes da educação brasileira. Seu planejamento era pensado em todos os níveis de ensino, da educação básica ao ensino superior (TEIXEIRA, 1961). Segundo Teixeira (1961), a educação primária, nosso foco neste capítulo, foi programada para ser ofertada nos chamados Centros de Educação Elementar, que eram compostos pelos Jardins de infância, para a educação das crianças de 4 a 6 anos; de Escolas Classe, de 7 a 14 anos, para lecionar os conteúdos presentes nas disciplinas escolares e pelas Escolas Parque, que eram destinadas a complementar as escolas-classe, por meio do:

desenvolvimento artístico, físico e recreativo da criança e sua iniciação no trabalho, mediante uma rede de instituições ligadas entre si, dentro da mesma área e assim constituída:

- a) biblioteca infantil e museu;
- b) pavilhão para atividades de artes industriais;
- c) um conjunto para atividades de recreação;
- d) um conjunto para atividades sociais (música, dança, teatro, clubes, exposições);
- e) dependências para refeitório e administração;

Escola Classe (CRIANÇA TERÁ UMA SEMANA DE FESTA. 1968, p. 12) e em 1969 na Escola Parque (DIA DA CRIANÇA TEM PROGRAMA NA ESCOLA-PARQUE. 1969. p. 3).

f) pequenos conjuntos residenciais para menores de 7 a 14 anos, sem família, sujeitos às mesmas atividades educativas que os alunos externos. (TEIXEIRA, 1961, p. 196)

As Escolas Parque eram o símbolo da educação integral defendida por Teixeira e implantada em Brasília (CARVALHO e PEREIRA, 2018). Elas eram entendidas como integrais em dois sentidos:

integral porque abarcaria o dia todo da criança, de manhã à tarde, no interior das instituições escolares; mas, também, integral no sentido de oferecer uma educação completa, tanto intelectual, como artística e física pela frequência alternada à Escola Classe e à Escola Parque. (ANJOS, 2022, p. 2)

Apesar de toda a sua importância, sendo um espaço passível de formar nas crianças “a inteligência, a vontade, o caráter, os hábitos de pensar, de agir e de conviver socialmente” (ANÍSIO TEIXEIRA, 1957, *apud* CORDEIRO, 2001, p. 242), durante toda a década de 60, operava em todo o Distrito Federal apenas uma Escola Parque (MARTINS, 2011). Em um horário de contraturno, essa instituição propiciava que a criança se desenvolvesse omnilateralmente, nas várias esferas de sua vida, como na iniciação ao trabalho e no desenvolvimento de atividades artísticas e do corpo. Com esse condensado do ideário de Anísio Teixeira, podemos compreender o peso desta instituição na capital.

Em razão dessa importância, vários eventos ocorridos na Escola Parque foram noticiados no *Correio Braziliense* com matérias de muita visibilidade. Em 1963, foi anunciado nas Sociais de Brasília, coluna que divulgava eventos dos mais diversos que aconteciam na capital, um show infantil que seria apresentado pela professora de música Neusa França, no Auditório da Escola Parque

..Vamos brincar de Música? “é o título do interessante “show” infantil que será apresentado por Neusa França domingo próximo, às 15:30 horas, no Auditório da Escola Parque, em comemoração à Semana da Criança”... Seus alunos de piano também participarão do mencionado festival, cujo entrada será franca promovido pela Juventude Musical Brasileira (Setor de Brasília), cuja direção está confiada à própria Neusa França... (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1963, p. 9)

“Vamos brincar de música?”. Chamar para brincar era evocar uma das orientações do projeto que cria a Escola Parque, "qual seja o caráter lúdico das aprendizagens que devem envolver as dimensões sensíveis e significativas do viver, estendidas para o convívio das relações sociais” (MARTINS, 2011, p. 231). Esse foi um evento promovido pela Juventude Musical Brasileira e apresentado por uma das primeiras professoras de música de Brasília (ABREU, 2018). Ao mesmo tempo em que gerava entretenimento na comemoração da Semana da Criança, a professora mostrava à

comunidade local o resultado do ensino musical da Escola Parque. Nessa celebração, as crianças não se afastavam do que era feito em sala de aula, não havia diferença das práticas escolares da Escola Parque. Desde sua implantação, a Escola Parque proporcionava aulas de música para as crianças dos anos iniciais e dos anos finais do ensino fundamental (ABREU, 2018).

Nessa mesma semana, o prefeito de Brasília, Ivo de Magalhães, determinou que a prefeitura do Distrito Federal promoveria vários eventos em comemoração ao Dia da Criança, e um deles seria a exibição de filmes educativos infantis e desenhos animados na referida escola (AGENDA CB, 1963, p. 5). A Escola Parque era referência na comunidade, que, carente de opções de lazer, “passou a utilizar o auditório da escola para shows, teatro, cinema, palestras, que aos poucos tornaram a instituição o centro cultural de Brasília” (PEREIRA e ROCHA, 2011, p. 174). Podemos perceber que a entrada dos dois eventos era gratuita e aberta a toda a comunidade. Além disso, as colunas que publicaram essas duas notícias eram utilizadas pelo jornal para divulgar os eventos da capital, o que reitera o papel dessa instituição de ponto de lazer da capital.

Em outro momento, mais especificamente em 1964, é noticiado que durante a semana haveria uma demonstração das atividades promovidas pela Escola Parque durante todo o ano letivo, em comemoração ao Dia da Criança: “Essa demonstração (...) constará de uma exposição dos trabalhos das crianças da Escola, bem como de execução de números musicais pela Bandinha, canto orfeônico e educação física” (“DIA DA CRIANÇA” NA ESCOLA PARQUE, 1964, p. 6).

Assim como Souza (1998) atribui em sua pesquisa sobre a implantação da escola graduada no Estado de São Paulo, também trazemos para esse período a importância das exposições escolares ao final do ano, sendo celebrações que traziam orgulho para a comunidade escolar, tornavam públicas as ações produzidas pelas escolas, dando a população em geral a oportunidade de estarem a par da qualidade das atividades realizadas por professores e crianças, com também todo o esforço, habilidade e empenho desempenhados.

Nessa oportunidade, a escola promoveu uma exposição dos trabalhos efetuados por ela à comunidade, sendo uma prestação de contas da educação ofertada e também mais um evento gratuito e aberto. De acordo com Anjos (2022, p. 14)

A Exposição de Trabalhos Manuais da Escola Parque de Brasília era uma espécie de vitrine dos resultados alcançados pela instituição ao longo do período letivo, momento no qual a sociedade tomava conhecimento do que ali se fazia em matéria de educação. (ANJOS, 2022, p. 14)

Enquanto os trabalhos estavam expostos, as crianças faziam demonstrações do que haviam aprendido naquele ambiente, se apresentando por meio de instrumentos musicais, por canto e apresentações com o corpo, que foi generalizado na notícia como “educação física”. Ao expor suas práticas escolares ao público e promover eventos gratuitos, a escola atraía a comunidade e inculcava os valores desejados que se queria internalizar ao cidadão daquela época. Revisitando Chervel (1990, p. 184), lembramos que o autor afirma que a escola produz uma cultura que “penetra, molda, modifica a cultura da sociedade global.”

Em 1967, o *Correio* tratou de dar publicidade, de uma forma generalizada, de que as comemorações da Semana da Criança naquela capital estavam acontecendo e constavam de várias programações em diversas instituições escolares que tinham público infantil. Apesar de se tornar amplo o universo de escolas que comemoravam, o foco com certeza se deu na Escola Parque do Centro de Educação Primária n. 1. Assim, anuncia competições que estavam acontecendo naquela escola desde o final de setembro e que teriam previsão de findar no dia 12 de outubro, o Dia da Criança. Apesar da notícia não aprofundar nesse evento, veremos logo à frente que estes jogos compunham o I Jogos da Primavera. Além do campeonato, em um outro parágrafo a notícia apresenta um Teatro de Fantoques que foi promovido na Escola Parque para as crianças que frequentavam o Centro de Educação Primária n. 1, que iria acontecer em todos os dias dedicados à criança, “uma vez que as histórias não se repetem” (SEMANA DA CRIANÇA TEM ESPORTES E TEATRINHOS. 1967, p. 8).

Mais uma vez, este periódico mostra o que seria a “escola modelo” da educação integral, objetivando servir de inspiração para outras instituições e tornar notícia pela excelente gestão educacional que ocorria na capital do Brasil. A criança exaltada era aquela que exercitava o seu corpo, participando das competições esportivas e de diversas atividades artísticas culturais, como o teatro de fantoches. O que se percebe, na maioria das notícias veiculadas no *Correio Braziliense* sobre a Semana da Criança, é o privilégio dado às escolas do Plano Piloto, principalmente o Centro de Educação Primária n. 1, como se estas fossem o modelo de propaganda. Talvez, pela proximidade geográfica de onde moravam e trabalhavam importantes figuras do cenário político brasileiro, recebiam mais investimentos e teriam o papel de comprovar que suas atividades eram realizadas com muita eficiência e seguindo diretrizes contemporâneas. Também há de se lembrar que o CEP n. 1 foi um dos primeiros Centros construídos na

capital, e que por isso as atenções fossem mais voltadas à ele (SEMANA DA CRIANÇA TEM ESPORTES E TEATRINHOS. 1967, p. 8).

No ano de 1967 há a criação dos Jogos da Primavera na Escola Parque, que se iniciavam alguns dias antes da Semana da Criança, mas que findava no meio dessa (FESTAS MARCAM HOJE O INICIO DA SEMANA DA CRIANÇA EM BRASÍLIA. 1967, p. 3). Nesse início, os jogos foram noticiados de forma superficial

Na Escola-Parque há um campeonato que se desenvolve desde o dia 28 do mês passado para terminar no dia 12 (...)

CAMPEONATO

Hoje, pela manhã, na Escola Parque, a quinta série masculina, disputará a semifinal de Futebol de Salão, enquanto a quinta série feminina jogará a final de Basquetinho.

Ontem, houve disputa de <<Hand-Ball>> pela quarta série feminina, enquanto a quarta série masculina disputou uma partida de <<Rugby>>. (SEMANA DA CRIANÇA TEM ESPORTES E TEATRINHOS. 1967, p. 8)

Nos Jogos da Primavera promovidos pela Escola Parque, as disputas esportivas aconteciam entre as escolas que formavam o Centro de Educação Primária n. 1: as Escolas Classe 308, 108, 106 e 107. Pela reportagem, podemos notar a formação de times e as disputas em diferentes tipos de esportes, com times femininos e masculinos. Nesses campeonatos, as crianças das escolas participantes socializavam, e a conexão entre as instituições escolares e a comunidade eram fortalecidas. Esse campeonato, nas edições analisadas, sempre se encerrava na Semana da Criança. Então, podemos compreender esses campeonatos esportivos como parte dos ritos inerentes à Semana da Criança no Distrito Federal.

Em 1968, os II Jogos Abertos da Primavera ganharam uma matéria exclusiva para sua divulgação. Sua abertura aconteceu no pátio da Escola Parque, sendo organizado pelas professoras desta instituição. Os jogos contavam com times de todas as séries do curso primário. A diretora da Escola Parque, Ivone Felipe, disse à reportagem que toda a escola estava voltada para a realização dos Jogos da Primavera.

Os alunos do setor de Artes Plásticas confeccionaram o emblema para convites e flâmulas alusivas aos Jogos de Artes Industriais pintaram as camisetas, que serão os usados pelos desportistas e os de Literatura Infantil estabeleceram as regras dos jogos depois de pesquisas sobre o assunto. (ESCOLA PARQUE ABRE JOGOS DA PRIMAVERA QUARTA-FEIRA. 1968, p. 16)

Esse trecho da reportagem demonstra como aquele campeonato movimentou todas as modalidades da Escola Parque, que organizaram o emblema, os convites, as bandeiras decorativas e uniforme dos desportistas. Além de toda essa produção, as

crianças que estudavam Literatura Infantil estabeleceram as regras dos jogos. Essas ações relatadas indicam uma programação conjunta para desenvolver atividades curriculares integradas, como também é apontado por Pereira e Rocha (2011) em seu estudo sobre a experiência da Escola Parque. Todas as crianças que frequentavam o Centro de Ensino Primário n. 1 participaram do II Jogos da Primavera, mesmo não jogando em time algum.

A divulgação desse tipo de competição esportiva no *Correio*, apesar de parecer que o destaque dado seria para a própria escola, traz uma simbologia muito maior. A partir da instauração da Ditadura Civil-Militar, o comando do país soube ler bem o contexto global, se apreendendo e disseminando o apelo de massas e consumo, que “remeteu a novas formas de subjetivação, afetando, assim, os interesses e as necessidades de grandes parcelas da população brasileira” (OLIVEIRA, 2012, p. 155). Assim, havia uma ânsia por afirmação do Brasil num mundo marcado pelo nacionalismo. Para essa afirmação, era necessário que a auto-estima do país aumentasse, e, para isso, o governo se utilizava da exposição de suas realizações, na tentativa de “sensibilizar as massas” (OLIVEIRA, 2012, p. 167). Nessa sensibilização, o esporte era um dos elementos vistos como fundamentais na afirmação do brasileiro.

Deste modo, o fenômeno esporte, “afeito à padronização” (OLIVEIRA, 2012, p. 159), permitia que o Brasil se destacasse pela sua força, competição e potência. Ele movimentava o cidadão para o desempenho ativo em favor daquilo que era “nacional” (OLIVEIRA, 2012, p. 162). Para essa sensibilização, a política deste regime autoritário utilizava-se da divulgação de seus feitos, meio que uma propaganda em forma de notícia, como é o caso dessas divulgações de competições esportivas por meio da Semana da Criança e de outras festividades escolares aqui estudadas. Ainda sobre Oliveira (2012), cabe aqui um excerto de sua pesquisa sobre o uso do esporte na Ditadura Civil-Militar, nas suas palavras

A ditadura não inventou o esporte. Mas ele parece feito sob medida para fomentar um conjunto de símbolos que remetiam à eficiência, ao desempenho, à vitória, à superação, à ação, temas recorrentes no léxico da sociedade brasileira daqueles anos, sob a batuta dos militares. (OLIVEIRA, 2012, p. 164)

Destarte, foram convidadas autoridades do Distrito Federal, a imprensa e os pais, que assistiram um desfile das crianças no pátio do estabelecimento. Segundo Wiggers *et al.* (2011), eventos desse tipo contavam com um expressivo público. Para a abertura, foram preparadas “apresentações de danças folclóricas, demonstrações de ginástica

rítmica pelas meninas e evoluções executadas pela equipe masculina” (ESCOLA PARQUE ABRE JOGOS DA PRIMAVERA QUARTA-FEIRA. 1968, p. 16). Em um estudo sobre a educação do corpo na Escola Parque em seus anos iniciais, Wiggers *et al.* (2011) afirmam que importância dessas atividades corporais se destaca pela quantidade de fotografias registradas em arquivo e pela repetição em várias oportunidades. A educação com o corpo, realizada por meio de atividades artísticas e esportivas, era parte expressiva do currículo da Escola Parque nos anos 60 (WIGGERS *et al.*, 2011, p. 260).

Para participar dos jogos, as equipes deveriam inscrever seus times. A primeira e segunda séries se distinguiam das demais, por poderem participar apenas de “provas de natação, e práticas recreativas, com danças folclóricas e ginásticas sueca” (ESCOLA PARQUE ABRE JOGOS DA PRIMAVERA QUARTA-FEIRA. 1968, p. 16). As outras turmas contavam com as seguintes modalidades: “hand-ball, basquetinho, futebol de salão, jogo de queimada, natação, saltos em altura e distância e corridas de velocidades. Essas provas seriam disputadas no horário das aulas de educação física” (ESCOLA PARQUE ABRE JOGOS DA PRIMAVERA QUARTA-FEIRA. 1968, p. 16).

As finais do II Jogos da Primavera aconteceram na Semana da Criança e a entrega dos troféus ficou marcada para o dia 16 de outubro. A empresa de refrigerantes “Crush” patrocinou a realização desses jogos, oferecendo um troféu para quem conseguiu mais pontos e outro para a equipe que mostrou mais disciplina na realização das provas. Interessante notar a oferta de prêmios para as crianças mais disciplinadas. Com essa atitude, observamos como eram implantadas as instruções dadas pelo Estado para as escolas. A partir da Ditadura Civil-Militar no ano de 1964, a Educação Física visava desenvolver o corpo e a educação social, “mediante a aquisição do senso de ordem e disciplina adquiridas nos exercícios coletivos e competições esportivas” (ROCHA, 2007, p. 42). Importante fonte de propagação de ideologias, a escola não ficou imune à instauração da Ditadura Civil-Militar, sendo um alvo especial de diversas mudanças e adaptações do militarismo, assim como foi percebido no funcionamento de todos os regimes autoritários (MARTINOFF, 2013). Os II Jogos da Primavera da Escola Parque são o retrato desses objetivos, que serviram de exemplo para a sociedade. Sobre essa ação, é oportuno citar Cândido e Catani (2021) sobre o papel que a escola desempenhava

A escola se constituía como o local privilegiado para a formação dos futuros cidadãos e as comemorações contribuíram para tal intento já que foram consideradas ocasiões nas quais a sociedade poderia comprovar os benefícios das instituições de ensino como o melhor lugar para a educação dos alunos,

considerados o futuro e a garantia do progresso social do país. O objetivo da escola não deveria se resumir ao desenvolvimento intelectual dos alunos, mas também contribuir para o seu desenvolvimento físico e moral. As festas constituíam-se em oportunidades para a comprovação dos avanços alcançados pela escola no desenvolvimento das crianças. (CÂNDIDO e CATANI, 2021, p. 20)

Os II Jogos da Primavera foram anunciados pelo Correio (CRIANÇA TERÁ UMA SEMANA DE FESTA. 1968, p. 12.), que também apresentou outras atividades programadas para a Semana da Criança de 1968:

dia 7, teatrinho de fantoche; dia 8, exibição de filme; dia 9, competição de nado, seguida de distribuição de balas e doces; dia 10, passeios pelas quadras, visitando outras escolas; dia 11, distribuição de refrigerantes; para as demais séries: dia 7, 8 e 10 competições e passeios; dia 9, distribuição de refrigerantes; além disso, diversões foram promovidas pelas professoras do Setor de Literatura Infantil para as crianças. (CRIANÇA TERÁ UMA SEMANA DE FESTA. 1968, p. 12.)

Desse plano, algumas programações diárias são consagradas pela repetição em que são propostas para essa comemoração no Distrito Federal, como teatro de fantoches, exibição de filmes, passeios, distribuição de refrigerantes e competições esportivas. Os passeios pelas quadras, visitando outras escolas, é novidade nesta análise. Desse passeio, compreendemos a importância da conexão e socialização entre as crianças das escolas, que poderiam festejar em conjunto.

No ano de 1969, os III Jogos da Primavera são anunciados de forma bem breve, como parte dos festejos da Semana da Criança. Como nos outros anos, as disputas finais ocorreram durante a Semana. A notícia afirma que aconteceria “hoje na Escola-Parque os jogos da Primavera pela manhã e à tarde um programa de atividades variadas com uma série de brincadeiras para as crianças.” (DIA DA CRIANÇA TEM PROGRAMA NA ESCOLA-PARQUE. 1969, p. 3). Em outra reportagem, apenas se menciona a ocorrência dessa competição, sem entrar em detalhes (JOGOS DA PRIMAVERA. 1969, p. 12). Apesar da forma concisa, a passagem traz consigo uma foto:

Imagem 1 - Crianças competem no III Jogos da Primavera da Escola Parque



Fonte: JOGOS DA PRIMAVERA. 1969, p. 12.

Pela Imagem 1 nos deparamos com um dos jogos que foram disputados durante o III Jogos da Primavera, promovido pela Escola Parque em 1969. Na foto, há uma trave, mais recorrentemente ligada ao Futebol, mas que teria possibilidade também de ser uma partida de Handebol. A fotografia não é pousada, sendo capturada no momento em que o goleiro faz uma defesa e vai ao chão, onde apoia sua mão. Dois jogadores são flagrados olhando para o goleiro, com a atenção de quem espera pelo momento de comemorar um gol ou seguir o jogo. Ao fundo, muitas pessoas assistem à partida. Podemos identificar a presença de meninos e meninas e de pessoas adultas. Geralmente, nesses eventos da Escola Parque, os pais e autoridades do Distrito Federal eram convidadas, então podemos supor que entre as professoras e funcionários da Escola, poderiam ter também esses convidados. Ao fundo, podemos ver um prédio com janelas grandes de vidro. Os anos de 1970 e 1971, que são parte dessa análise, não trouxeram ocorrências quanto aos Jogos da Primavera relacionados à Semana da Criança no Distrito Federal.

Uma programação que se sobressaiu na Escola Parque e pelas escolas componentes do Centro de Educação Primária n. 1, não só pela sua vultuosa repetição, mas também pela atenção que o jornal dava a noticiar nos festejos relativos à Semana da Criança, foi o Teatro. De fantoches, com crianças ou professores como atores, esse tipo de evento era uma diversão e mais uma porta que se abria dentro da escola para a comunidade, que carecia de opções de lazer na gênese daquela capital.

Em 1967, a Escola Parque virou palco da apresentação da peça “O Bruxo Azul”, sob direção de Antonia Lima Barbosa, promovida pela Casa do Pequeno Polegar, como parte dos festejos da Semana da Criança. A Casa do Pequeno Polegar, fundada em 1967 abrigava os “filhos sadios dos tuberculosos” (PEQUENO POLEGAR QUER

DONATIVO PARA CRIANÇAS. 1967, p. 7). Assim, na Semana da Criança, a Casa procurou angariar fundos para o cuidado dessas crianças, e a peça infantil apresentada na Escola Parque teve cobrança da entrada. Pela boa estrutura e localização, a Escola Parque servia de “centro cultural” durante a Semana da Criança, com eventos promovidos por outras instituições, como o noticiado aqui.

Já em 1969, em meio a distribuição de refrigerantes, de chapeuzinhos de papel e doces, houve a encenação¹¹ pelas professoras das peças Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho; e no turno da tarde do dia em questão, um teatro de fantoches também protagonizado pelas professoras especialmente às crianças.

Pela nossa fonte, não há como saber quais disciplinas os professores que participavam das peças teatrais lecionavam. Dentro da Escola Parque, o que pudemos supor, devido a extensa participação nas peças teatrais, é que eles adicionavam mais atribuições ao trabalho dos docentes, já que além de lecionar as disciplinas em sala de aula, tratavam de organizar e participar ativamente das programações da Semana da Criança, assim como aponta também Cândido e Catani (2017) em seu estudo sobre comemorações escolares. As festividades eram promovidas pelas professoras para as crianças. Toda a escola girava em torno da criança nesse momento, que era tratada especialmente, sendo fantasiada, bem alimentada e levada a desfrutar de várias apresentações culturais.

Promovido pela Escola Parque, em 1970, o jornal abordou a realização do I Festival de Arte Infantil de Brasília, que aconteceu na Praça 31 de março e contou com mais de mil e novecentos estudantes dessa instituição. O evento foi uma homenagem à Semana da Criança “com iniciativas que emprestarão ambiente festivo aos estabelecimentos de ensino e orientação aos homens de amanhã” (SEMANA DA CRIANÇA. 1970, p. 15). Mais uma vez nos deparamos com o ideal de indivíduo que representaria a nação.

A fonte relata que pais, professores e autoridades da capital compareceram ao programa desta semana “que tem a criançada como fator básico” (SEMANA DA CRIANÇA. 1970, p. 15).

¹¹ Nesse mesmo ano e Semana, a Escola Classe 305 também contou com várias representações teatrais e (DIA DA CRIANÇA TEM PROGRAMA NA ESCOLA-PARQUE. 1969, p. 3) as crianças foram homenageadas com várias brincadeiras e com um teatro de marionetes promovido pelas professoras (JOGOS DA PRIMAVERA. 1969, p. 12).

No Distrito Federal a criança desperta cuidados especiais. O planejamento da cidade levou em consideração as exigências da recreação infantil, dotando-a de áreas em que se localizam parques, nas quadras e superquadras, além de jardins de infância e escolas-parque. (SEMANA DA CRIANÇA. 1970, p. 15)

Em outro trecho, falando sobre a educação em Brasília, o texto noticia que ela é uma das cidades brasileiras com o maior número de crianças alfabetizadas e que o crescimento da população tem sido notável, fato que deixou os estabelecimentos de ensino preocupados que esses novos estudantes recebam uma educação que permita orientação educacional. “A Escola Parque, localizada entre as superquadras 307 e 308 da Asa Sul, presta inestimável serviço, no que diz respeito a orientação da criança, que aprende ali, de arte plástica, música, etc” (SEMANA DA CRIANÇA. 1970, p. 15).

O I Festival de Arte Infantil, segundo nossa fonte, foi idealizado e realizado pela diretora da Escola Parque Ivone Felipe e pela vice-diretora Stella Maria de Cordova. O evento foi uma “aula ao ar livre” (SEMANA DA CRIANÇA. 1970, p. 15). As crianças levaram os materiais necessários para as atividades, como telas, tintas, instrumentos musicais e vestimentas de teatro. O evento aconteceu nas proximidades da Fonte Sonora e Luminosa, onde as crianças executaram as atividades como se estivessem na Escola. Tanto a aula quanto a recreação foram realizadas naquele local, que fica próximo à Torre de Televisão.

O Festival, por sua notoriedade, contou com a ajuda do Departamento de Trânsito, que ficou por conta de desviar a passagem de veículos no local do evento “a partir das 8,30 horas da manhã, a fim de que as crianças não corram perigo de atropelamento.” (SEMANA DA CRIANÇA. 1970, p. 15). Vinte ônibus da NOVACAP foram utilizados no transporte das crianças da Escola Parque até o local.

A reportagem finaliza abordando de forma sucinta as programações de outros estabelecimentos de ensino, que teriam teatro infantil e dança:

Nos jardins de infância, as professoras treinaram os discentes, ensinando-lhes cantigas, que serão apresentadas acompanhadas de danças. Também passeios a logradouros fazem parte da série de programas. Jardim Zoológico é o preferido. Ali a criança encontra motivo de satisfação, vendo a bicharada nas jaulas. (SEMANA DA CRIANÇA. 1970, p. 15)

O I Festival de Arte Infantil de Brasília foi criado pela diretora e vice-diretora da Escola Parque, e teve a presença dos pais e de autoridades locais. Neste evento, há de se destacar sua organização, que envolveu, além da Educação, outros órgãos públicos da capital, como a NOVACAP e o Departamento de Trânsito. Para a comemoração da

Semana da Criança e a valorização das Artes, a fonte nos externaliza que o governo do Distrito Federal não mediu esforços para que tudo ocorresse com segurança.

A fonte inicia localizando fisicamente o evento na capital: a Praça 31 de março. Em minhas pesquisas, não encontrei nada a respeito dessa praça na atualidade, mas a reportagem nos traz a sua localidade: “nas proximidades da fonte sonora e luminosa (...) perto da torre de Televisão” (SEMANA DA CRIANÇA. 1970, p. 15). O nome da praça, pelo ano que ocorreu o festival, é uma alusão à data de início da Ditadura Civil-Militar no Brasil. O evento ocorreu ao ar livre, momento em que as mais de mil e novecentas crianças desenharam, pintaram, cantaram e atuaram. Elas desempenharam as mesmas práticas educativas promovidas na Escola Parque, só que agora, em um Festival, mudando os ares daquela cidade, como numa vitrine para a sociedade do trabalho que era desempenhado pelo poder público, que “orientarão os homens de amanhã” (SEMANA DA CRIANÇA. 1970, p. 15). É nítida aqui, a mensagem passada de que as condutas que a Ditadura impunha estavam sendo transmitidas aos que pertenceriam a esta nação nos próximos anos: as crianças.

No único jornal produzido e impresso na capital da república, que tinha grande circulação, não bastava colocar em evidência a atenção dada ao público infantil, por meio dos seus projetos para a Semana da Criança: as reportagens vinham carregadas de elogios feitos para aquela gestão. Dessa literalidade, captamos partes do Plano de Construções Escolares de Brasília (TEIXEIRA, 1961), em que se evidencia o propósito da arquitetura das quadras para que as crianças não corressem riscos no trajeto de casa até as escolas e parques. Além disso, informa sobre o destaque do Distrito Federal no Brasil quando se falava em alfabetização infantil e do “inestimável serviço” prestado pela Escola Parque na educação das crianças.

Ao final, de forma curta, versa sobre outras instituições de ensino, em que as professoras se incumbiram de ensaiar as crianças para apresentações de números de canto e dança. De forma destacada, com uma linguagem propositalmente emanada para chamar a atenção, revela que o passeio escolar para o Jardim Zoológico é o preferido das crianças, um momento de satisfação delas ao ver a “bicharada nas jaulas” (SEMANA DA CRIANÇA. 1970, p. 15). Tendo como base o estudo de Peres (2017), classificamos esse passeio como “um passeio para brincar” (PERES, 2017, p. 302) atrelado a um objetivo didático pedagógico, pois ali, as crianças também poderiam aprender mais sobre os animais e reforçar conteúdos já ministrados em sala de aula.

1.3 A Semana da Criança nos Jardins de Infância e Escolas Classe

Em alguns momentos, reportagens extensas se incumbiam de fazer um grande resumo das atrações e programações da Semana da Criança de vários estabelecimentos de ensino público da capital, além também de abordar questões polêmicas e em tom de denúncia.

O Centro de Educação Primária n. 1 (CEP n. 1), localizado no Plano Piloto, composto pelas Escolas Classe 106, 107, 108 e 308 e pela Escola Parque n. 1, no ano de 1963, optou por dar um sentido pedagógico à comemoração, “visando a fazer com que a criança pudesse sentir que a comunidade (pais e professôres, principalmente) se volta para ela, dando lhe atenção, carinho e assistência em todos os sentidos.” (A SEMANA DA CRIANÇA NO CEP Nº 1. 1963, p. 4). Essa orientação foi resultado da iniciativa do Círculo de Pais e Professores do CEP n. 1. Cada Escola Classe realizou o seu próprio programa. A Escola Classe 108, dirigida por Carmélia Carneiro da Silva Jacob, estava toda enfeitada para as festividades e contou com o seguinte programa: na segunda, as professoras Nilza Jesus Papalanpropulos e Maria Alice Pitaguari fizeram uma saudação às crianças, sendo a primeira pela manhã e a segunda na parte da tarde; na terça, às 20 horas, houve uma Hora-da-Arte apresentada pelos pais e professores na Escola Parque, e o professor Professor Pompeu de Sousa, da Universidade de Brasília, fez uma fala fazendo “Saudação à Criança” (A SEMANA DA CRIANÇA NO CEP Nº 1. 1963, p. 4); na quarta, houve distribuição de revistas infantis doadas para as crianças; na quinta, crianças da 1ª série foram assistir uma sessão cinematográfica na “Casa Thomas Jefferson”; e a sexta, no encerramento, contou com várias programações, como a entrega de livros doados pelos pais às crianças, a distribuição de balões coloridos, oferecidos pelo Lions Clube, e refrigerantes, oferecidos pela fábrica Crush e uma sessão cinematográfica com filmes infantis promovida pela senhora Pompeu de Sousa. A notícia faz questão de enfatizar que, durante toda a semana, o cardápio da merenda foi escolhido por votação das crianças.

Podemos observar, nessa ocasião, que algumas decisões foram tomadas conjuntamente pelos pais e professores, o que denota uma gestão democrática e participativa, por meio daquele Círculo de Pais e Professores da CEP n. 1. Diferentemente das demais notícias das festividades em outras escolas no ano de 1963, nesta se frisa o sentido pedagógico das comemorações, objetivando a centralidade da criança, que teria os pais e professores lhe oferecendo atenção, carinho e assistência em todos os sentidos. Apesar da notícia se referir a toda a estrutura do Centro de Educação

Primária n. 1, apenas a programação da Escola Classe 108 foi divulgada. A estrutura física dessa escola estava ornamentada com enfeites condizentes com a festividade. A mudança no visual da escola faz parte das festividades, o que deixa o momento mais descontraído e alegre. Segundo Nunes (2005, p. 77), “as visualidades criadas para as festas têm a função de deflagrar e demarcar os tempos e espaços dos eventos”. Os enfeites da escola demarcam os locais onde serão realizadas as festividades (NUNES, 2005) e ficam disponíveis enquanto a celebração durar. Em razão da função pedagógica dessa Semana da Criança, em três momentos, professores fazem saudações às crianças. Como não temos acesso a essas saudações, levando em conta o sentido dessa palavra de “manifestação de cortesia; demonstração de cuidado ou respeito; mostra de admiração” (DICIO, 2022), estendemos essas ações ao objetivo da escola de dar atenção e acolher essas crianças, para que elas tivessem no centro daquela celebração. É possível constatar que os pais participam ativamente das festividades, haja vista a apresentação da Hora-da-Arte junto aos professores na Escola Parque e a doação de livros destinados às crianças. Os pais, que normalmente vão às escolas para assistir às festas, nesse momento participam do planejamento e execução delas. A semana ainda contou com uma sessão cinematográfica na Casa Thomas Jefferson, distribuição de balões e refrigerantes patrocinados por empresas privadas. Ao final, menciona-se sobre o cardápio especial da merenda, que foi escolhido pelas crianças por enquete.

Em outras oportunidades também houve essa menção de “merenda melhorada” ou “merenda escolhida pelos alunos”, como em 1967 (FESTAS MARCAM HOJE O INICIO DA SEMANA DA CRIANÇA EM BRASÍLIA. 1967, p. 3), quando as Escolas Classe 106, 206, 407-8 e Colégio Classe 413, expuseram em suas programações a oferta de “lanches melhorados” e na Escola Classe 108 merenda escolhida pelas crianças a semana toda. Até mesmo um almoço para quinhentas crianças chegou a ser oferecido como celebração da Semana da Criança na Escola Classe 107 Sul, em 1970 (ENSINO E CULTURA. 1970, p. 5). Se por um lado, no ano de 1961, o jornalista Ari Cunha denunciou na sua coluna “Visto, lido e ouvido” sobre a falta de merenda escolar na Escola Parque (ANJOS, 2019), por outro, como é mostrado em reportagens de 1963, 1967 e 1970, que além da disponibilização das merendas lanches e almoços, estes eram melhorados em razão de momentos festivos. Não sabemos dizer, pela análise do nosso recorte, se ainda em 1963 havia falta de merenda em instituições escolares públicas daquele local, mas, pelo que era publicado no *Correio*, a impressão que se dava era que o problema havia sido resolvido.

Ainda em 1963, uma reportagem trazia um relato sobre as solenidades da Semana da Criança em Brasília promovidas pelos estabelecimentos de ensino e órgãos da prefeitura (COMEMORAÇÕES DA “SEMANA DA CRIANÇA” TERÃO PROGRAMA CONDIGNO EM BRASÍLIA. 1963, p. 6). No comando da Secretaria Geral de Educação e Cultura, o Dr. Luiz Carlos Pujol determinou que o Departamento de Ensino Elementar organizasse um programa comemorativo dessa semana. Assim, a Direção do Departamento de Ensino Elementar e o Dr. Carlos Fernando Mathias de Sousa, Diretor do Departamento de Turismo e Recreação do Distrito Federal, se reuniram com as diretoras das Escolas Classe no auditório da Escola Parque para tratarem da programação. De imediato, as professoras das Escolas Classe ministraram palestras às crianças sobre o tema em sala de aula. Contactaram os pais, por intermédio da Associação de Pais e Mestres para participação. O dia 12 de outubro, Dia da Criança e data do encerramento da Semana da Criança deste ano contou com uma sessão cinematográfica especial no Cine Cultura, com filmes apropriados ao público infantil. Aproveitando o ensejo das comemorações, a Secretaria Geral de Saúde tomou providências para que se melhorasse a assistência ao público infantil do Distrito Federal. Foram realizadas campanhas de vacinação em parceria com a Sabin contra a poliomielite, assim também como a divulgação de orientações médicas para as doenças que atacam “o delicado organismo infantil” (COMEMORAÇÕES DA “SEMANA DA CRIANÇA” TERÃO PROGRAMA CONDIGNO EM BRASÍLIA. 1963, p. 6). A divulgação de todas essas ações de saúde foi feita por rádio e televisão, momento em que intensificaram campanhas que já estavam acontecendo, como no combate a desidratação, a paralisia infantil e a tuberculose.

A reportagem abrange a Semana da Criança em ambiente escolar e na promoção da saúde. De programação envolvendo as escolas, tivemos as palestras ministradas pelas professoras e a sessão cinematográfica feita no Cine Clube. A reportagem destaca que os filmes ofertados seriam adequados ao público infantil, o que reitera o cuidado tido com o conteúdo consumido por aquele público em razão de sua idade. Damos ênfase ao contato das professoras com os pais por meio da Associação de Pais e Mestres dos estabelecimentos de ensino. Essa ação demonstra que a escola fazia questão de ter a participação dos pais nas festividades com os seus filhos. O restante da reportagem abrange questões de saúde. A reportagem pontua que essas campanhas já aconteciam, para deixar claro que não estavam trabalhando apenas para se promover com o destaque dado à Semana da Criança. As ações que aconteciam apenas se intensificaram. Essas

situações demonstram a preocupação daquele governo local com o público infantil e com a instrução da população para os cuidados com as crianças.

Em outras oportunidades, também foram publicadas no *Correio* ações relacionadas à saúde infantil na Semana da Criança. No ano de 1967, a Divisão da Educação Sanitária distribuiu folhetos nas escolas com instruções relativas à proteção contra acidentes e noções de higiene (FESTAS MARCAM HOJE O INICIO DA SEMANA DA CRIANÇA EM BRASÍLIA. 1967, p. 3). Em 1966, o Ministério da Saúde tornou pública sua intenção de reforçar a necessidade de mais assistência às crianças em idade pré-escolar nessa semana, que ocorreu entre os dias 10 a 17 de outubro (AGENDA CB. 1966, p. 9). Em razão de um tópico da coluna “Visto, lido e ouvido”, o Secretário de Saúde encaminhou uma carta ao colunista responsável, Ari Cunha. Nessa coluna, Ari elogiava a campanha antipólio realizada no Estado de São Paulo. O Secretário esclarece os motivos dessa campanha não estar ocorrendo em Brasília. Nessa carta ele faz um tipo de promoção às ações do governo distrital, em que divulga a ampliação de novas instalações com postos de vacinação. Ao final, ele comunica sobre a programação para a Semana da Criança, que contará com grande campanha para esclarecimento sobre “imunizações, alimentação, verminoses e desidratação, cujo sucesso dependerá muito do apoio que você oferecer em ‘Visto, lido e ouvido’” (CAMPANHA CONTRA PÓLIO EM BRASÍLIA. 1966, p. 3). Percebe-se, pelo final do texto, como as escritas de Ari Cunha tiveram repercussão e impacto na opinião daquela localidade. Segundo Anjos (2019), Ari Cunha utilizava da coluna nos anos 60 para tecer “comentários e críticas aos acontecimentos e necessidades da cidade em formação, temperados com ironia e acidez” (ANJOS, 2019, p.10) e essas críticas por vezes envolviam questões relacionadas à saúde e educação.

Com um tom de denúncia e utilizando a Semana da Criança como referência, um texto publicado no *Correio Braziliense* em 1966 chama a atenção da sociedade e critica o poder público quanto ao problema do “menor abandonado” em localidades as quais a miséria era alarmante

Passou-se mais uma Semana da Criança, com as festinhas de sempre, restritas, via de regra, aos estabelecimentos de ensino, com distribuição de doces, balas e coisas semelhantes. Mas o poder público, infelizmente, continua a se manter eternamente alheio ao problema crucial de Brasília (e em Taguatinga, de intensidade maior ainda) que é o do menor abandonado. É simplesmente constrangedor o quadro que se apresenta, com freqüência, nos barracos da Vila Matias, Vila Dimas, etc, e alarmante o índice de mortalidade infantil na cidade sem que tenha conhecimento de que as autoridades “movam uma palha” nem mesmo para encarar o problema, já que seria pedir

muito pretender-se a sua solução. Mais uma vez melancólica, portanto, a Semana da Criança. (SEMANA DA CRIANÇA. 1966, p. 11)

A Semana da Criança, que tinha o objetivo de celebrar a infância e proporcionar às crianças momentos de diversão, via de regra, nas instituições escolares, trazia várias consequências nos diversos âmbitos da sociedade brasileira. Ela estimulava o comércio com promoções, alterava a programação local da rádio e televisão, era vista como uma oportunidade do poder público a propagandear suas ações e divulgar a proposição de novas, e também como momento em que se denunciava que o cuidado com as crianças não era tão efetivo como se tinha impressão, e que havia muito o que melhorar e investir na capital.

Ainda sobre esse relato referente à Semana da Criança no Distrito Federal, podemos depreender que havia infâncias que eram excluídas dessas comemorações e celebrações, como as crianças pobres, chamadas de “menores”, que viviam em ocupações à margem do Plano Piloto de Brasília. Sobre esses “menores”, Fernando Londoño (1991), em seu levantamento bibliográfico sobre a palavra “criança”, encontrou uma certa constância na utilização do termo “menor” em documentos jurídicos e em noticiários de algumas capitais entre o final do século XIX e começo do século XX. Até o início do século XIX, o uso de “menor” não era comum e era empregue "como sinônimo de criança, adolescente ou jovem, era usada para assinalar os limites etários, que impediam as pessoas de ter direito à emancipação paterna ou assumir responsabilidades civis ou canônicas" (LONDOÑO, 1991, p. 129). Entre o fim do século XIX e início do século XX, esse termo deixa de se associar a idade, designando crianças pobres abandonadas ou que cometiam delitos. Assim, o uso de “menor” foi descoberto pelos juristas e era utilizado para denominar crianças e adolescentes pobres menores de idade, que, não cuidadas por um responsável legal, eram consideradas abandonadas. Com essa situação, elas estavam presentes nos diversos locais urbanos, como as regiões centrais, nos arredores de mercados e praças, muitas vezes cometendo crimes e sendo presas.

Já para Hendrick (1994), as crianças pobres, em situação de perigo, com descaso de cuidados básicos como higiene, alimentação, saúde e educação já seriam ou se converteriam em crianças ameaçadoras e libertinas. No início do século XX, somado a essas características de associação de crianças pobres à figura do “menor”, vêm os “processos de institucionalização desta infância além da escola, em instituições de acolhimento” (NAZARIO e FERREIRA, 2022, p. 194). Deste modo, o campo médico

começou a se organizar para promover o controle desses “menores” que eram produto de uma família desestruturada e desarranjada, incapaz de cuidar e dar educação para sua prole (HENDRICK, 1994). Assim, toma-se nesse contexto, o rótulo das crianças como vítimas ou como ameaças, que era construído socialmente (HENDRICK, 1994, 12).

Segundo Nazario e Ferreira (2022), esse tipo de rótulo

é visualizável em descrições de corpos desnutridos, definhados, degenerados, maltratados, doentes, e de mentes atormentadas, assustadas, ansiosas, insanas, alienadas, tanto de crianças vitimizadas como das ameaçadoras. (NAZARIO e FERREIRA, 2022, p. 194)

Com essa situação do “menor”, o discurso médico-higienista corroborou com o entendimento de que esses indivíduos eram um sério problema para a sociedade. Assim, o futuro da nação dependia do controle dessas famílias e da homogeneização desses indivíduos, que seriam transformados em crianças úteis (HENDRICK, 1994). Esse controle, feito para garantir a paz e a estabilidade social, tinha como um de seus objetivos a retirada desses “menores” de circulação (RIZZINI e PILOTTI, 2009).

Tendo nosso período pesquisado como enfoque, damos destaque a criação da Fundação Nacional para o Bem-Estar do Menor – FUNABEM em 1964, que assentava seu trabalho na “assistência à família e na integração do menor à comunidade” (TATAGIBA, 2008, p. 12). Essa fundação, em parceria com outros órgãos encarregados do trabalho com a assistência, definiram a Política Nacional do Bem-Estar do Menor. Na construção de uma política que fosse eficaz no trato com o “menor”, a equipe técnica da FUNABEM elencou algumas características comuns desses “menores” sob sua tutela, chegando aos seguintes traços

Sob o ponto de vista social [eram características dos menores]: desagregação familiar, incapacidade física e mental dos pais, rejeição, conduta divergente. Quanto ao enfoque pedagógico, as características do processo refletem carência de ordem: escolar, de socialização, mental, sensorial (deficiências), emocional. No aspecto saúde, o processo de marginalização evidencia-se sob a forma de: doenças mentais, doenças infecciosas, doenças verminóticas e carenciais [...] (FUNABEM, 1976, p. 17-18).

Dadas essas designações da figura do “menor”, o termo “criança” passa a ser habitualmente utilizado apenas para tratar dos filhos de famílias estruturadas. No decorrer da história, fica nítido como havia políticas destinadas às crianças pobres e às crianças ricas (FALEIROS, 2011). As crianças ricas tinham acesso à educação e eram cuidadas por suas famílias, enquanto as pobres eram cuidadas pelo Estado, sendo educadas visando apenas a formação de mão de obra (MARCÍLIO, 1989).

Voltando para nossa análise, não há de se deixar de mencionar a influência que a Igreja Católica tinha nas Escolas, e, conseqüentemente, nas festividades escolares. Em 1966, a Igreja Metodista convidou o Jardim de Infância da Igreja Metodista para a promoção de uma “festinha das crianças, como culminação da Semana da Criança” (AGENDA CB. 1966, p. 11). Das noventa crianças daquela instituição, uma seria escolhida como rainha e coroada na festa. A comunidade escolar foi convidada. Ainda em razão das festividades da Semana da Criança, este jardim de infância tinha programado um passeio ao Jardim Zoológico, exibição de filmes e uma visita de confraternização ao Jardim de Infância da Asa Norte. A diretora daquele Jardim era a professora Maria Lúcia Pereira. A reportagem aponta que ela contava com uma equipe excelente de professores e que aquele Jardim era uma benção para muitas famílias. Essa escola era uma parceria entre a Igreja e o Estado. Apesar disso, não percebemos a inserção de rituais religiosos nas festas da criança, fato já fortemente observado em outros locais, tempos e ocasiões desta investigação. Essa festividade se faz repleta de programações que se repetem com certa frequência nesse tipo de celebração.

Com o passar dos anos, o número de escolas da rede pública do Distrito Federal cresceu muito para atender a demanda. Várias reportagens se incumbiam de fazer um agrupamento das principais programações da Semana da Criança que ocorriam naquele local. Alguns, de modo bem conciso e geral, anunciavam o que estava acontecendo

As escolas da rede oficial de ensino estão festejando a semana da criança com programação de dramatizações, ruas de recreio, apresentação de corais, números individuais de canto e poesia, visitas a parque e locais pitorescos e outras atividades. (ENSINO E CULTURA. 1970, p. 5)

Em 1967, um trecho de uma reportagem fala da programação da Escola Classe da Área de Visconde de Inhatima: “começará sua programação no próximo dia 9, com vários jogos. Depois fará uma visita ao Clube Área Alfa e, no dia 12, haverá um lanche especial para todos os alunos” (SEMANA DA CRIANÇA TEM ESPORTES E TEATRINHOS. 1967, p. 8).

Nesse mesmo ano, num grande apanhado, uma reportagem de 1967 traz uma série de comemorações programadas por várias instituições de ensino em Brasília

É a seguinte programação dos jardins: Jardim da 21 de Abril; dia 9, cinema e teatro de fantoche; dia 10, rua do Recreio; dia 11, Gincana e cinema; dia 12, batizado da Boneca da Escola, com escolha de nome e inauguração da casinha da boneca; lanche especial e distribuição de lembrancinhas aos alunos; dia 13, excursão ao Clube Motonáutica; JARDIM da 108: Rua do Recreio; festa sobre flôres e animais; excursão à Associação do Banco do Brasil; cineminha e lanche geral; JARDIM da 114: dia 9, filme na Thomas

Jefferson; dia 10, Rua da Alegria; dia 11, passeio à ABB; dia 12, jogos; dia 13, lanches e; JARDIM da 305: dia 9, gincana e rua da Alegria; dia 10, filme na Thomas Jefferson; dia 11, dramatização pelas professoras; dia 13, passeio no Country Club ... especial e batizado das bonecas; Brasília: JARDIM da 308: dia 10, teatro de fantoches; dia 11, passeio no Minas Brasília Tennis Club; dia 12, jogos variados no salão; lanche festivo; distribuição de refrigerantes; dia 13, teatro apresentado pelas professoras.

O Programa das escolas foi elaborado de acôrdo com várias séries. ESCOLA PARQUE: jogos da Primavera até o dia 12; filmes da Walt Disney com distribuição de refrigerantes; visita da Escola Classe nº 1 no Gama, nos dois turnos; ESCOLA CLASSE 106: lanche melhorado todos os dias; recreios com jogos; passeio no jardim Zoológico; exibição de judô; distribuição de revistas infantis; festa de Coroação da Rainha da Primavera, no dia 12, às 17 horas; ESCOLA CLASSE 107: filme na Thomas Jefferson; passeio no Minas Brasília Tênis Club; palestra de um oficial da Aeronáutica e no dia 12, almoço para todos os alunos; ESCOLA CLASSE 108: sessão de desenhos animados; sessões nos cinemas da Cidade para os meninos mais adiantados; merenda escolhida pelas crianças durante a semana; hora de recreação no final de cada turno; excursão ao Jardim Zoológico; visita à Estação de Tratamento da Água; visita ao clube de Vizinhança; distribuição de brinquedos para os alunos beneficiários da Caixa Escolar; ESCOLA CLASSE 114: dia 9, inauguração do projetor de filmes, oferecido à Escola pela princesa Michiko, do Japão; excursões ao Solar dos Estados, ao Iate Clube e ao Clube do Congresso (dependendo de comunicação); apresentação da peça: “D. Patinha vai ser Miss” (dependendo de resposta); festinhas de conagraçamento nas salas de aula; encerramentos com filmes e hora de arte em cada sala de aula; ESCOLA CLASSE 206: exibição de filmes, teatro de fantoches; dramatização de professores; lanches melhorados todos os dias; ESCOLA CLASSE 304: ensino de cânticos, poesias, dramatizações, trabalhos para exposições; distribuição de prêmios por composições e trabalhos; filmes na Thomas Jefferson; festa com presentes para as crianças; ESCOLA CLASSE 308: lanches especiais; festividades várias; jogos; gincanas; filmes; passeios; ESCOLA CLASSE 403: apresentação de um mágico; excursão ao Horto Florestal; lanche especial; festa da Coroação da Rainha da primavera; ESCOLA CLASSE 405: números musicais pela soprano lírica Marlene Freire; exibição de Teatro da Universidade; distribuição de refrigerantes; ESCOLA CLASSE 407-8: dia 9, festa interna; dia 11, filme na Thomas Jefferson; lanches melhorados; estréia da bandinha do Colégio; COLÉGIO CLASSE 413: jogos de salão; horas de arte, lanches melhorados; coroação da Rainha da Primavera; ESCOLA CLASSE 409-10: hora cívica todos os dias; música no recreio, durante a semana; competições inter-classes; “show” com apresentação dos alunos de música da Escola; coroação da Rainha da Primavera; ESCOLA CLASSE 1 DO CRUZEIRO: passeios e festinhas na escola. (FESTAS MARCAM HOJE O INICIO DA SEMANA DA CRIANÇA EM BRASÍLIA. 1967, p. 3)

Podemos pensar nessa reportagem como uma fonte prática de localização para os usuários que procuravam a instituição de ensino e as atividades a que tinham interesse de comparecerem, ou mesmo para ter acesso à programação da escola em que seus filhos estudavam. Percebemos a repetição de algumas atividades, tal qual é citado pela reportagem “festinhas, jogos, competições, dramatizações, excursões, lanches especiais, sessões cinematográficas, visitas a clubes, e instituições várias” (FESTAS MARCAM HOJE O INICIO DA SEMANA DA CRIANÇA EM BRASÍLIA. 1967, p. 3). Há de se notar que existiam programações que dependiam de confirmação e a fonte relata que

algumas instituições não informaram seus planos em razão da dificuldade dessas confirmações, como o transportes dos passeios e os cinemas para exibição de filmes. As programações confirmadas eram aquelas fixas, que dependiam apenas da própria escola e dos professores.

De todas essas programações, algumas valem a pena serem destacadas. Primeiro, o batizado da boneca que se faz, segundo nossa fonte, com a nomeação da boneca e inauguração de sua casa, assim como foi promovido pelo Jardim da 21 de Abril. As programações contam com passeios escolares a locais ainda não mencionados nas outras reportagens analisadas, como: Clube Motonáutica, Associação do Banco do Brasil, Country Club, Estação de Tratamento da Água, Solar dos Estados, Clube do Congresso e Horto Florestal. A maioria, se não pertencentes ao poder público, tinham uma ligação indireta com este. Como a capital do Brasil foi levada ao Centro Oeste, esta necessitava da presença dos órgãos públicos para fazer com que a máquina pública funcionasse, e assim se fez. A palestra de um profissional da Aeronáutica revela a presença do governo nas escolas, assim também como a “hora cívica todos os dias”. Como o teor da palestra não é anunciado, pode-se supor que o oficial pretendia repassar os valores de patriotismo àquelas crianças, ou até mesmo fiscalizar as atividades que aconteciam naquelas escolas. Outras programações que chamaram a atenção, foram as presenças de artistas externos à escola, como a apresentação de um mágico e os números musicais da soprano lírica Marlene Freire. Muito interessante se faz a programação de “inauguração do projetor de filmes, oferecido à Escola pela princesa Michiko, do Japão”. Na capital é comum a presença de embaixadas e das visitas dos líderes de outros países, e talvez, por isso aquela escola foi presenteada com o projetor por uma princesa do Japão.

Destacadas pelo Correio, no ano de 1968, as professoras da Escola Classe 107 encenaram a “Branca de Neve e os Sete Anões” para as crianças, um espetáculo que foi muito aplaudido pelas crianças. A coordenação da peça ficou por conta da professora Léa Araújo Pinto, e os personagens foram representados por:

Rainha – Lydia Diglio Cardoso; rei – Luzia de Carvalho Firmino; princesa – Teresinha Loo; Branca de Neve – Rosália Lopes Brito; espelho – Maria da Conceição; caçador – Lia Teresa Megale; 7 anões – Magnólia Padilha, Maria Madalena Guedes, Ivonete de Almeida Pereira, Nair Rodrigues, Regina Soares Lafeté, Rosimar Damasceno Lessa e Maria Lídia da Costa Leal. (TEATRO PARA CRIANÇAS. 1968, p. 6)

A encenação contou com a participação de uma grande leva de professores, que, nos bastidores, com certeza trabalharam duro para que aquela apresentação se desse sem intercorrências. Tão grandioso era aquele evento, que um registro fotográfico foi publicado, assim como podemos ver na Imagem 2:

Imagem 2: Crianças assistem à peça teatral



Fonte: TEATRO PARA CRIANÇAS. 1968, p. 6.

De acordo com Coutinho (2018, p. 39), “a fotografia nos faz ver, perceber, sentir o que os olhos fotografados viram, sentiram, perceberam”. O fotógrafo, por meio desse registro, quis capturar uma parte da apresentação teatral, e o fez em um momento em que a plateia parecia interagir com os atores. Do lado direito da plateia, as crianças se encontram de pé, e do outro lado, elas estão sentadas. Podemos perceber que algumas crianças tapam os ouvidos com as mãos, enquanto uma parte parece dispersa e outra aparenta prestar atenção. No palco, um dos atores da peça está contracenando, fantasiado de chapéu e uma roupa longa clara, com um echarpe escuro. O local parece um auditório ou uma quadra, pelo seu tamanho.

De maneira simbólica, pode-se refletir sobre essa fotografia como uma demonstração interessante sobre as inventividades do teatro e seu aspecto pedagógico. A escola que utiliza dessa produção artística acaba estabelecendo os “papéis” de poder de maneira muito mais positiva e com saldo formativo, embora os esforços da peça e

das narrativas se prendam aos professores, o momento lúdico exibido na fotografia mostra uma quebra do papel de posições rígidas e exhibe outra maneira de se visualizar o professor.

Já no Jardim da Infância da 308, após um lanche, o ápice daquelas comemorações se deu quando a professora Elena Blanchetti apresentou um teatro de fantoches “que colheu os aplausos e gargalhadas de tôda petizada” (BRINCANDO DE PALHAÇOS. 1968, p. 1). Naquela ocasião, as crianças compareceram às festividades com “os rostinhos pintados e chapéus-cones, imitando palhaços” (BRINCANDO DE PALHAÇOS. 1968, p. 1), assim como podemos expor na imagem abaixo:

Imagem 3: Crianças fantasiadas de palhaços assistem à peça teatral



Fonte: BRINCANDO DE PALHAÇOS. 1968, p. 1

Pela foto, podemos observar as crianças fantasiadas de palhaços. Na atualidade, estudos indicam que a prática de vestir a criança de algum personagem faz com que ela aguce sua imaginação, fantasiando a interpretação de papéis, imitações e fuga do momento presente (BARBOZA, 2015). Apesar desse indicativo, não há como afirmar por nossa fonte que os educadores tinham à época esse objetivo ao trajar as crianças com personagens. De acordo com Cunha (2007, p. 23), “às vezes, o faz-de-conta não imita a realidade, mas ao contrário, é um meio de sair dela, um jeito de assumir um novo estado de espírito”. Na foto, observamos as crianças com longos chapéus em

formato de cone. Esse artigo de chapelaria denota algo antigo, já que não vemos mais essa composição nas fantasias de palhaços na atualidade. “Quando observamos uma fotografia, vemos a imagem e um tempo” (COUTINHO, 2018, P. 39). As crianças se encontram sentadas, assistindo aos espetáculos da programação da Semana da Criança.

Já em 1969, a abertura da Semana da Criança contou com a reunião de cerca de duas mil crianças na Praça da Municipalidade, numa manhã de recreação. Essa ação foi promovida pela Coordenação de Educação Primária da Secretaria de Educação do Distrito Federal. As crianças presentes eram oriundas das Escolas-Classe de Taguatinga, do Setor Militar Urbano, do Cruzeiro e da Escola Provisória do Cruzeiro Novo. Junto a um Buriti, que foi plantado no centro da praça, aconteceu retreta infantil, com músicas apresentadas pela “Lira Infantil de Brasília”, sob a regência do Maestro-Mirim Ivan de Lima Machado, contando com composições como “A Praça” e “Cidade Maravilhosa” (RETRETA NA PRAÇA ABRE “SEMANA DA CRIANÇA” 1969, p. 10).

Numa abertura que chamava a atenção de quem por ali passava, pelo grande número de crianças, a Coordenação Primária cuidou para que a imagem das crianças educadas no Distrito Federal fosse a melhor possível aos olhos dos espectadores. Ao cultivar no meio da praça um Buriti¹², as crianças aprendiam o trato com a natureza e a importância de se plantar uma árvore, acompanhando essa ação na literalidade. O destaque maior da abertura se dá na apresentação musical infantil, que contava com todos os membros, com a inclusão do maestro, formado por crianças. Apresentando músicas famosas e cheias de saudosismo, coube àquelas crianças promover um grande espetáculo no exórdio da Semana da Criança naquela localidade.

Ainda em 1969, uma extensa reportagem englobou as festividades da Semana da Criança realizadas pela Coordenação de Educação Primária. No dia de circulação deste jornal, em 10 de outubro, a Coordenação de Educação Primária programou

manhã de recreio nas Escolas-Classes 2 e 3 do Paranoá e em Brazilândia; apresentação do Corpo de Bombeiros nas Escolas-Classes 21 e 22 de Taguatinga; apresentação da Banda do Corpo de Bombeiros nas Escolas-Classes 21 e 22 de Taguatinga; apresentação da banda da Polícia Militar nas Escolas Classes 2,4,8 e 9 de Sobradinho e apresentação da Banda do Batalhão da Guarda Presidencial na Escola- Classe nº. 1 do Núcleo Bandeirante. (BANDAS ALEGRE HOJE A SEMANA DA CRIANÇA. 1969, p. 12)

¹² O Buriti é uma planta símbolo de Brasília. Ela que deu o nome a sede do Governo do Distrito Federal, o Palácio do Buriti, inaugurado em 1969. Com essa informação, podemos entender o porquê da escolha dessa espécie de planta. (OLIVEIRA, ANJOS e LEITE, 2008).

Podemos notar, por meio dessa lista de festividades, a intensa presença de apresentações de vários órgãos militares, como o Corpo de Bombeiros, a Polícia Militar e o Batalhão da Guarda Presidencial. O militarismo adentrava às escolas, marcando presença em eventos que tinham visibilidade pela comunidade, denotando vigilância e poder em diversas instâncias da sociedade.

Já no sábado, a Coordenação de Educação Primária preparou

Tarde esportiva na Rodoviária, com apresentação do Coral das Escolas da CEP, integrado por 100 crianças; apresentação de ginástica masculina e feminina pelos alunos da Escola da CEP e, finalmente, apresentação da Banda da Polícia Militar. (BANDAS ALEGRAM HOJE A SEMANA DA CRIANÇA. 1969, p. 12)

Cerca de cem crianças integrantes do Coral das Escolas da Coordenação de Educação Primária se programaram para se apresentar nesse dia, numa demonstração das atividades culturais proporcionadas pelas escolas do Distrito Federal. Com uma tarde esportiva e apresentações de ginástica masculina e feminina as crianças das escolas públicas faziam espargir o culto ao corpo e a disciplina e ordem dos atletas.

1.4 A Semana da Criança nas Instituições Privadas e Sem Fins Lucrativos

A Casa Thomas Jefferson foi uma instituição de ensino de função marcante na Semana da Criança no Distrito Federal, revelada nas páginas do *Correio Braziliense*. A Casa foi fundada no ano de 1963 e se localizava na avenida W3 Sul em Brasília. Em funcionamento até hoje, ela não possui fins lucrativos e tem como propósito o intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos e o ensino da língua inglesa de alta qualidade (CASA THOMAS JEFFERSON, 2022). Desde o ano de sua fundação até 1965, a referida instituição teve destaque nas páginas do jornal, aparecendo em sessões que mostravam os eventos que ocorreriam na capital, como a “Agenda CB”. Na sua primeira aparição, em 13 de outubro de 1963, a Casa ofereceu as crianças da 1ª série da Escola Classe n. 08, do Centro de Educação Primária 01, uma sessão cinematográfica (A SEMANA DA CRIANÇA NO CEP Nº 1. 1963, p. 4). Em todos os anos em que a Casa Thomas Jefferson foi mencionada nos artigos que versam sobre a Semana da Criança, entre o período de análise desta pesquisa, ela ofereceu sessões de cinema em suas dependências às crianças da capital. Apenas em uma oportunidade (A POPULAÇÃO DO CRUZEIRO CONTINUA SEM ASSISTÊNCIA. 1963, p. 8) a Casa exibiu seus filmes no auditório da Escola Parque. Em todas as outras menções, os filmes

foram exibidos em seu auditório, na W3 Sul. Essa exceção, quando da exibição de filmes pela Casa na Escola Parque, foi registrada na Imagem 4:

Imagem 4 - Sessão cinematográfica na Casa Thomas Jefferson em 1963



Fonte: A POPULAÇÃO DO CRUZEIRO CONTINUA SEM ASSISTÊNCIA. 1963, p.8

A Imagem 4 foi publicada no *Correio Braziliense* em 13 de outubro de 1963. A legenda dela atribui a esse registro “um grupo de estudantes no Jardim de Infância da Caixa Econômica, acompanhadas pela professora, quando chegavam ao auditório” (A POPULAÇÃO DO CRUZEIRO CONTINUA SEM ASSISTÊNCIA. 1963, p. 4). O auditório referido era o da Escola Parque. A foto foca em três pessoas, um adulto e duas crianças, que não estão posando para o fotógrafo. Nós já sabemos que elas estavam em um auditório pela legenda do registro, o que é confirmado pelo que parece ser um teto com várias luzes e uma porta ao fundo. Na fotografia, pode-se observar duas meninas trajando roupas semelhantes, como se fosse um uniforme. São duas crianças aparentemente brancas, de semblante sério, com cabelos lisos bem penteados e de corte curto e com uma franja, corte comum em crianças. A menina da esquerda está com os braços para trás, numa posição que transparece ordem. Atrás dela, a outra criança parece estar da mesma maneira, numa formação de fila. Na foto também há a professora, que está vestida com uma saia clara e blusa escura, e que também tem seu semblante sério, como se estivesse zelando pelas crianças. Aparenta ser branca e tem seus cabelos lisos presos num coque.

A imagem, apesar de parecer simples, nos diz muito. As crianças mostradas são bem arrumadas e limpas, brancas e parecem pertencer a uma classe social com poder aquisitivo. Esse era o ideal de criança que os agentes envolvidos queriam transpassar para a população através do alcance de público que tinha este periódico, que, segundo o jornalista Ari Cunha, “em 1965, o jornal tinha uma tiragem de cerca de 5.000 exemplares, compreendendo 90% do público leitor de jornais da cidade” (MORELLI, 2002, p. 54). A criança pobre, negra e talvez maltrapilha, que habitavam os barracões nas vilas que rodeavam o plano piloto, como denunciado em 1966, estão ausentes (SEMANA DA CRIANÇA. 1966, p. 11). Coutinho (2018) declara que “a fotografia nos remete sempre para algo que está nela, mas também para o que está além do espaço e tempo que lhe é próprio” (COUTINHO, 2018, p. 37).

No contexto brasileiro, é pertinente observar como na própria cultura brasileira se instaurou mecanismos de racialização e profundas injustiças epistêmicas (FRICKER, 2007), que podem ser entendidas como signos dessa estrutura cultural, criadas por evento, visto principalmente que o imaginário brasileiro, ou seja, sua “neurose cultural brasileira” (GONZALES, 1984, p. 232) é marcada por pré-conceitos e heranças culturais de um país escravocrata e colonizado. Gonzales (1984) debruça sobre dois conceitos especiais, o de consciência e de memória. O primeiro reduz-se ao discurso do dominador, do desconhecimento, do encoberto, do oculto, que é ideologizante e exclui a memória, que se afirma como a verdade, como a história não contada, mas lembrada, nos remetendo por completo à reflexão de Coutinho (2018) sobre as fotos.

É nossa “zona” de “algo que não aparece” que podemos tecer uma reflexão sobre os aparatos de separação espacial que influenciam boa parte da história de Brasília e que respingam no cenário educacional. O projeto “Reintegração de posse: narrativas da presença negra na história do Distrito Federal” (CASTRO, 2020) seguiu os esforços de resgatar essa história dos não vistos, como a fotografia indica. No cenário geral, é curioso que essas fotografias do passado pouco captam a presença massiva de crianças negras da capital. Os estudos estatísticos talvez expunham um pouco dessa lógica: enquanto nas regiões mais pobres a presença negra atingia números altos de habitantes, nas regiões de maior poder aquisitivo esse grupo não chega sequer até a metade da população que ali habita (CODEPLAN, 2014).

Voltando às sessões de cinema promovidas pela Casa Thomas Jefferson, tem-se que estas exibiam uma série de filmes infantis, desenhos coloridos e comédias. Essas sessões eram disponibilizadas durante toda a Semana da Criança e no Dia da Criança

(SEMANA DA CRIANÇA. 1964, p. 5). Em 1964, a Casa ofereceu um programa com 4 projeções diárias dos filmes. Todas as escolas do Plano Piloto foram convidadas (AGENDA CB. 1964, p. 5). Apontamos então que nessa ocasião a Casa restringiu os seus convidados ao Plano Piloto. Na oportunidade da agenda de 1964, uma fotografia foi registrada e publicada (“DIA DA CRIANÇA” NA ESCOLA PARQUE. 1964, p. 6):

Imagem 5: Mais de mil crianças já assistiram filmes na Casa Thomas Jefferson



Fonte: “DIA DA CRIANÇA” NA ESCOLA PARQUE. 1964, p. 6

A legenda da foto informa, adicionalmente às reportagens, que até o dia 10 de outubro de 1964 mais de mil crianças já haviam passado pelo auditório da Casa Thomas Jefferson (“DIA DA CRIANÇA” NA ESCOLA PARQUE. 1964, p. 6). A Imagem 5 foi registrada na saída das crianças de uma sessão cinematográfica. Nela, podemos perceber crianças de diferentes idades, desde os mais pequeninos aos maiores. As crianças menores estão uniformizadas e encontram-se sentadas, aparentando estarem inquietas e à espera. Uma criança sentada, que aparece com a boca aberta, parece indagar alguém que estava ao lado do fotógrafo. Na foto, não é possível perceber a presença de crianças negras. As crianças maiores estão de pé, vestidas com um uniforme branco, à exceção de uma criança que está de camisa com tecido quadriculado. Eles aparentam estar conversando entre si, e também em espera, como se cada um estivesse olhando para um lado diferente, a fim de saber o que acontecia. Ao fundo, percebemos a presença de um

adulto, que sugere-se que seja uma professora, por ser mulher e estar rodeada de crianças. A fotografia registrada imprime um trecho da realidade que acontecia naquele momento. Esse era o retrato das crianças matriculadas nas escolas do Plano Piloto de Brasília.

Segundo o Plano de Construções Escolares de Anísio Teixeira (1961), o sistema escolar de Brasília seria acessível à todos, independentemente de sua classe social, oferecendo oportunidades iguais, nas palavras de Juscelino Kubitschek (2000), um sistema que permitiria que “um filho de ministro de Estado estudasse lado a lado de um filho de operário” (KUBITSCHKEK, 2000, p. 141). Porém, a realidade se tornara outra. Por sua localidade, as escolas do Plano Piloto eram basicamente frequentadas por crianças de classe média alta, com um número ínfimo de crianças de classes baixas (PEREIRA e ROCHA, 2011, p.169). O que se vê é que o sistema sofreu várias rupturas, e uma delas foi no acesso às escolas por todos. A falta de diversidade étnica e racial entre as crianças aponta para esse diagnóstico.

Em 1965, a Casa também ofereceu seu auditório para sessões cinematográficas, em seis projeções diárias, pela manhã e pela tarde, com filmes infantis, como nos anos anteriores. Dessa vez, as escolas de todo o Distrito Federal poderiam fazer suas reservas (AGENDA CB. 1965, p. 11). Até o dia 4 de outubro de 1965, quatro mil inscrições já haviam sido feitas, das dez mil ofertadas (AGENDA CB. 1965, p. 11).

De 1963, ano de inauguração da Casa Thomas Jefferson, até 1965, a Casa tinha um espaço de destaque no *Correio* para tornar públicas as suas ações na Semana da Criança. Pode-se sugerir que esses espaços objetivavam a divulgação da existência daquela escola de inglês para o público. Depois desses anos de constante divulgação, apenas em 1967 a Casa apareceu novamente nos noticiários que tinham como objeto a Semana da Criança. No referido ano, a Casa recebeu as seguintes instituições: JARDIM da 114; JARDIM da 305; ESCOLA CLASSE 107; ESCOLA CLASSE 304 e ESCOLA CLASSE 407-8 (FESTAS MARCAM HOJE O INICIO DA SEMANA DA CRIANÇA EM BRASÍLIA. 1967, p. 3).

Além da Casa Thomas Jefferson, outras instituições privadas apareceram em menção à Semana da Criança. A promoção de uma partida beneficente, alavancada pelas equipes de futebol dos Colégios Marista e Dom Bosco, foi publicada em 1966 neste jornal. A renda total daquele evento era destinada à Creche de Nossa Senhora da Divina Providência. Os ingressos para acesso à partida eram vendidos nas escolas e em alguns Ministérios, pela quantia de dois mil cruzeiros. Todas as pessoas envolvidas na

realização desse evento o fizeram de forma totalmente gratuita. A data marcada para o jogo era no dia 9 de outubro de 1966, realizado no Estádio da Federação Desportiva de Brasília. Além de promover o bem, por meio das doações à creche, a reportagem aponta como esse episódio traria força para o “cenário futebolístico do Distrito Federal” (CONFIRMADO O JOGO BENEFICENTE DIA 9: RABELO X DEFELÊ. 1966, p. 14). Essa partida era uma das atividades da programação da Semana da Criança em instituições de ensino privadas na capital, que foi promovida por jovens, por meio de competições esportivas, e que doaria a renda do evento para uma creche da capital. Nessa oportunidade, a festividade permitia que as crianças recebessem a ajuda daquelas escolas privadas, que passavam a imagem de serem instituições benevolentes, que envolvem as crianças que ali eram educadas em eventos de caridade para ajudar aos pobres.

O Colégio Marista tem participação em outro evento esportivo, divulgado por meio de uma propaganda do TV Brasília Canal 6 no Correio (PROPAGANDA. 1970, p. 10). Nomeada “I OLIMPÍADA DE DENTE DE LEITE BÊ-A-BÁ DO CAMPEÃO MINIATURA”, a propaganda informa que aquele evento iria continuar fazendo novos campeões, tornando os torcedores mais felizes com as conquistas dos títulos. O evento era uma competição esportiva de natação, basquete e atletismo para os “craques mirins” (PROPAGANDA. 1970, p. 10). Essa Olimpíada aconteceu entre 5 e 11 de outubro, na Semana da Criança, no Quartel do Batalhão da Guarda Presidencial e no Colégio Marista. Já nesse evento esportivo, as disputas eram realizadas pelas crianças, que se divertiam e aguçavam o seu sentido de competição e valorização do corpo, princípios que eram apoiados e recomendados pelo governo. Por meio das festividades, comportamentos e valores aprovados pelo governo vigente e pelos civis eram repassados ao público. Também há de se observar que parte das competições aconteciam num Quartel. Mais do que um apoio a este evento, o Governo Militar soube aproveitar bem o caráter mobilizador do futebol, já que 1970 era ano de Copa do Mundo e o Brasil saiu campeão, fazendo com que a agradável junção de crianças mais futebol se tornasse uma “cortina de fumaça” diante o período mais violento da Ditadura Civil Militar, datado de 1970 a 1974 (MAGALHÃES, 2012).

Na última reportagem sobre a Semana da Criança promovida pela rede privada de ensino, o Colégio Pio XII teve publicado no jornal uma notícia da gincana que tinha realizado entre as crianças (COLÉGIO PIO XII PROMOVE GINCANA. 1971, p. 15). A gincana abordou temas educacionais, visando proporcionar às crianças daquela

instituição momentos de diversão atrelados à instrução. Essa gincana foi uma das programações em comemoração à criança, e fez sucesso entre as crianças. De forma lúdica, nessa instituição educacional, as festividades da criança promoveram as práticas escolares ensinadas em sala de aula, de um modo bem interativo e que fosse leve para as crianças. Aquele momento era delas e para elas. A promoção da gincana tomava as crianças como o centro das atenções.

Podemos perceber, nessas instituições privadas, a presença de eventos de caridade, competições esportivas e gincanas com temas educacionais. Ao ceder seu espaço para sessões cinematográficas ou promover um evento beneficente, a imagem passada ao público girava em torno do quão essas escolas eram generosas, e que se as crianças ali fossem matriculadas, contariam com o exemplo de ajudar ao próximo. Nas competições esportivas, promoviam a competição e a valorização do corpo, do espírito de equipe e da disciplina. Nas gincanas com temas educacionais, mostravam como nas suas festas as crianças não estavam “a toa” nas escolas, mas sim, se divertindo e aprendendo conteúdos, e que assim, o dinheiro gasto nas mensalidades estava sendo bem investido. O que eu percebo é um tom de superioridade das ações que as instituições privadas promoviam nas festas da Semana da Criança.

Encontrada em nossa fonte, a Sociedade Pestalozzi de Brasília é uma entidade filantrópica sem fins lucrativos e foi fundada em 1965 (ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI DE BRASÍLIA, 2022). Sua atuação se embasa no atendimento gratuito a pessoas com deficiência intelectual e múltipla, com o objetivo de transicionar esses indivíduos do ambiente familiar para o convívio social (ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI DE BRASÍLIA, 2022). Importante instituição para aquele local, ela também recebeu divulgação quanto à promoção de festividades em alusão à Semana da Criança. Em 1966, esta instituição promoveu, no Clube Unidade de Vizinhança n. 1, uma apresentação da “Bandinha da professora Neusa França e o teatrinho de Fantoques da professora Ailema Biancheti”¹³ (TEATRO DE FANTOQUES E BANDINHA NO UV 1. 1966, p. 8).

¹³ Em 1963, a professora Neusa França promoveu um show infantil na Escola Parque, como já retratado nessa análise. Em 1969, a Bandinha se deslocou para a Escola Classe da Superquadra 206 e fez apresentação de vários números. (DIA DA CRIANÇA TEM PROGRAMA NA ESCOLA-PARQUE. 1969, p. 3). Essa professora, que fazia parte da equipe pioneira de música na rede pública de Brasília (ABREU e PEREIRA, 2018), promovia muitos eventos na capital, tendo em vista esse anúncio de 1963. Seu trabalho era valorizado pelo público, e as instituições faziam questão de incorporar à Semana da Criança os seus espetáculos. Como a professora Neusa era docente da rede pública de ensino do Distrito Federal, a suposição aqui é de que os indivíduos que faziam parte da “Bandinha”, eram crianças matriculadas na Escola Parque.

O desfecho dessa comemoração promovida pela Sociedade Pestalozzi foi retratado na coluna “Sociais de Brasília”. A coluna informou que foi uma linda comemoração bastante festiva, destacando esta instituição como “valorosa entidade de auxílio aos excepcionais” (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1966, p. 9). Nessa ocasião, a Sociedade inaugurou o “Clube do Gasparzinho”, nome escolhido pela diretora da instituição, Suely Mendonça Lima “(exemplo vivo de atividade, coragem e fôrça de vontade) reúne os mais altos objetivos de recuperação e recreação para a criança excepcional desta Cidade-Céu...” (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1966, p. 9). Os “excepcionais” eram as pessoas com deficiência. A criação do Clube do Gasparzinho é retratada na reportagem tão superficialmente, que podemos apenas supor, pelos escritos, que era um clube que promovia atividades de recreação e de estímulos aos seus integrantes. Apesar de ser uma instituição que atendia as crianças com deficiência daquele local, nada se fala em relação a elas. Assim, constatamos como os noticiários de Brasília abordavam a criança de uma forma genérica, buscando assim homogeneizar a infância, criando um padrão de criança brasileiro, que são aquelas que se divertem nas sessões cinematográficas, passeios, teatros, apresentações, enfim, nos diferentes espaços que compõe esta cidade planejada.

Também dedicada aos “excepcionais”, a Escola de Ensino Especial da W-5 norte promoveu uma exibição de filmes para as crianças e um teatrinho de fantoches, regada a lanches (JOGOS DA PRIMAVERA. 1969, p. 12). Naquele mesmo ano, o “Ensino Especial da SEC” inaugurou, em Taguatinga, uma exposição de trabalhos de Aprendizagem Ocupacional, localizada num anexo da Escola Presbiteriana do Centenário. Fazia parte dessa exposição, vários trabalhos com materiais recicláveis, como

garrações e garrafas, vidros vazios, restos de madeira, pedaços de vidro, manilhas, móveis inutilizados, confeccionando telas com pinturas, arranjos com pó de serra, breu, palha de arroz, composição de madeira, pintura em vidro e vários outros objetos. (BANDAS ALEGRAM HOJE A SEMANA DA CRIANÇA. 1969, p. 12)

Por muitos anos, na nossa análise da Semana da Criança que circulava por meio desse jornal no Distrito Federal, podemos notar o silêncio em relação às crianças com deficiência. Era como se elas não existissem naquela comemoração. Do nosso período indagado, entre 1960 a 1971, apenas o ano de 1969 trouxe instituições que cuidavam dessas crianças. Tanto é o separatismo entre as crianças “normais” e as com deficiência,

que a Semana da Criança comemorada por essas últimas foi instituída em uma data diferente. Em 1963, o Centro de Reabilitação “Sarah Kubitschek” criou a Semana da Criança Excepcional, a ser realizada entre os dias 30 de abril a 7 de maio. (SEMANA DA CRIANÇA EXCEPCIONAL SERÁ INSTITUÍDA PELO CENTRO DE REABILITAÇÃO SARAH KUBITSCHEK. 1963, p. 9). Essa semana foi criada pelas irmãs da ordem de São Vicente de Paulo, que dirigiam àquela instituição, com o objetivo de levantar recursos para esta. Em 1964, um Decreto Presidencial instituiu que a Semana da Criança Excepcional seria comemorada em todo o país entre os dias 21 a 28 de agosto, também impulsionada pelo desejo de arrecadar fundos (O GOVERNO É NOTÍCIA. 1964, p. 3), mas dessa vez também, tomada de programas de televisão com temas relevantes sobre o assunto e a presença de autoridades do tema em Brasília (NOTÍCIAS DO FÔRO. 1964, p. 5). No ano de 1965, a Semana da Criança Excepcional também é citada (O ENSINO DIA-A-DIA. 1965, p. 10), e somente em 1969 ela é noticiada novamente (COMEÇA SEMANA DO EXCEPCIONAL. 1969, p. 14).

1.5 A Semana da Criança em Taguatinga

Nas nossas pesquisas percorridas pelas edições do Correio, a cidade de Taguatinga é a região administrativa¹⁴ que mais contou com menções em reportagens únicas sobre a Semana da Criança. Em 1963, a Semana da Criança em Taguatinga contou com a publicação de dois artigos: o primeiro anunciava a chegada dessa celebração, e o segundo que trazia o retorno do ocorrido. O primeiro relatava em suas linhas que as diversas Escolas Classe de Taguatinga iniciaram as comemorações da criança com “grande entusiasmo”, contando com várias homenagens e “com a boa vontade de tôdas as professoras do curso primário” (MUITO ANIMADA A COMEMORAÇÃO DA SEMANA DA CRIANÇA NOS COLÉGIOS DE TAGUATINGA. 1963, p. 5). Na Escola Classe n. 1, as turmas dividiram as responsabilidades pelas homenagens. A cada dia, uma classe, sob o comando de uma professora, claro, ficava a cargo de tomar frente das apresentações. As professoras iam ensaiar as crianças para as apresentações de cânticos e pagar de seu próprio bolso os doces que seriam distribuídos. A Escola Classe n. 7 não organizou um programa para celebrar essa semana. A diretora Diná Carneiro de Sousa disse à reportagem que faria, em colaboração com as professoras, uma “festinha

¹⁴ O que chamamos atualmente de regiões administrativas, no ano de 1960, de acordo com o Plano de Lúcio Costa, eram as cidades satélites. Segundo Corona e Cerqueira (1975), as cidades satélites são aquelas que estão dentro da órbita de uma cidade maior. No caso do Distrito Federal, a cidade satélite de Taguatinga se localiza ao sul do Plano Piloto, fazendo divisa geográfica com ele. Cada região tem autonomia para gerir suas demandas locais.

para sexta-feira próxima, quando se dará o encerramento da Semana da Criança. Na oportunidade, os alunos apresentarão cânticos, recitais e serão brindados com um saboroso lanche que já está sendo preparado com muita antecedência” (MUITO ANIMADA A COMEMORAÇÃO DA SEMANA DA CRIANÇA NOS COLÉGIOS DE TAGUATINGA. 1963, p. 5). O encerramento da Semana da Criança na Escola Classe n. 1 seria “bem mais atuante na realização”, contando com uma Missa Campal, em que várias crianças receberiam a primeira comunhão. A reportagem finaliza informando que a cerimônia seria realizada no pátio em frente ao colégio, e que em seguida “haverá um lanche em que será patrocinado pela Crush um número suficiente de garrafinhas de refrigerante para mais de mil alunos de todas as séries do colégio.” (MUITO ANIMADA A COMEMORAÇÃO DA SEMANA DA CRIANÇA NOS COLÉGIOS DE TAGUATINGA. 1963, p. 5)

Essa primeira reportagem nos traz informações dos elementos que eram programados em Taguatinga, no ano de 1963, para a Semana da Criança. Apesar da reportagem falar que diversas escolas dessa cidade iniciaram suas comemorações, ela traz a programação de apenas duas delas. Interessante notar como é enfatizado que as festas aconteciam pela “boa vontade” das professoras. A boa vontade era de tal maneira que elas faziam uso dos próprios salários para patrocinar os doces que seriam distribuídos às crianças durante a festa. A fonte traz elementos que comprovam que as professoras participavam ativamente da organização e patrocínio das festividades. As duas escolas têm em comum, nas homenagens, as apresentações de cânticos pelas crianças e a oferta do lanche ao final. A Escola Classe n. 1, que teve uma programação organizada com mais antecedência e que teria mais atividades, previa que sua finalização iria contar com uma missa, em que as crianças receberiam a primeira comunhão. Dessa ação, percebe-se novamente a influência que a Igreja Católica tinha nas escolas do Distrito Federal. Depois da missa, o lanche desse dia seria patrocinado pela empresa Crush, que distribuía refrigerantes.

A segunda reportagem abrange mais instituições e situações. Ao final da Semana da Criança em Taguatinga no ano de 1963, “as crianças das Escolas Classe do Ensino Elementar homenagearam a data com regozijo” (MAGNÍFICO ENCERRAMENTO DA SEMANA DA CRIANÇA, NAS ESCOLAS DE TAGUATINGA. 1963, p. 5). A missa da Escola Classe n. 1 contou com um altar montado junto à pedra principal do Colégio. A missa foi celebrada às 8 horas da manhã pelos padres Antônio e Francisco, sacerdotes da Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e contou com a presença de quase

todas as crianças mais os pais e professoras. Muita ênfase é dada ao ritual da primeira comunhão que ocorreu na Escola Classe n. 1:

PRIMEIRA COMUNHÃO

Durante a realização da solenidade, 119 alunos de tôdas as séries desse estabelecimento de ensino, receberam a Primeira Comunhão e os demais, de pé, e, em filas, entoaram hinos e cânticos de louvor ao Criador, dirigidos pelo intérprete da Missa, o reverendo padre Francisco, que se fazia ouvir através de um alto-falante instalado junto ao altar.

ESPETÁCULO DA FÉ

Foi, portanto, um espetáculo belíssimo de fé com que os alunos da Escola Classe n.1 encerraram a Semana da Criança. De momento a momento, levantaram os braços, como sinal de reverência, e era de admirações a ordem e disciplina dos alunos atentos às palavras do sacerdote. (MAGNÍFICO ENCERRAMENTO DA SEMANA DA CRIANÇA, NAS ESCOLAS DE TAGUATINGA. 1963, p. 5)

Após a missa, houve a oferta de um lanche no salão interno do colégio. As mesas estavam com vários doces e foram enfeitadas com jarros de flores que “emprestaram ao ambiente alegria e fraternidade.” (MAGNÍFICO ENCERRAMENTO DA SEMANA DA CRIANÇA, NAS ESCOLAS DE TAGUATINGA. 1963, p. 5) A reportagem ainda traz alguns ocorridos que não haviam sido relatados na primeira matéria, como um piquenique que foi realizado com três turmas da terceira e quarta séries na cidade de Nova Flórida, no estado de Goiás. As crianças foram levadas em um ônibus ofertado por uma empresa chamada “TCB”. Não há muitos detalhes quanto a realização do piquenique, como quem o organizou e por quê foram escolhidas somente aquelas turmas para esse passeio.

Com muitos detalhes, a missa realizada na Escola Classe n. 1 chama a atenção e ganha destaque. Nesse momento, há um indicativo de que era interesse da escola que todas as crianças fossem submetidos aos ensinamentos da religião católica. A Igreja e o Estado eram duas instituições que tinham grande poder político. Quando associadas nessas festividades, elas promoviam a perpetuidade de suas normatizações na sociedade (DEL PRIORI, 2000). A fonte nos revela que quase todas as crianças compareceram à celebração e 119 crianças participaram ativamente do ato, enquanto as outras cantavam hinos e cânticos “em louvor ao Criador”, classificando aquele como um belíssimo momento de fé, em que as crianças obedeciam aos comandos dos padres e surpreendiam positivamente quem os observava, pela “a ordem e disciplina (...) atentos às palavras do sacerdote” (MAGNÍFICO ENCERRAMENTO DA SEMANA DA CRIANÇA, NAS ESCOLAS DE TAGUATINGA. 1963, p. 5). O enfoque na ordem e na disciplina das crianças era grande elogio ao que a escola estava proporcionando a elas, as

disciplinando para que se comportassem. Por outro lado, pode-se imaginar também que essa ordem está atribuída ao interesse das crianças naquele ritual e nos ensinamentos cristãos.

No turno noturno, as Escolas Noturnas do Círculo do Operário de Taguatinga realizaram um concurso para eleger uma rainha. Após a apuração dos votos, a escolhida foi Maria Aparecida, estudante da Escola Classe n. 5. Houve um baile nessa mesma escola e a rainha foi coroada. A festa começou às 22 horas e foi paga, objetivando angariar fundos para a Associação Círculo Operário de Taguatinga e estimular a recreação das crianças com vínculo nas escolas desse Círculo, nas palavras do presidente do Círculo. Quanto à coroação da rainha e o baile, notamos a realização de um evento para os estudantes do turno noturno, que podemos supor que são adultos, por festejarem durante a noite e por serem trabalhadores. Então, a Semana da Criança, nessa ocasião, contou com uma celebração que não tinha a presença de crianças, sendo feita especificamente para os adultos.

Em 1968, em um pequeno escrito, foi divulgado pelo periódico que a Escola Classe no. 26-J.Norte e o Centro Comunitário de Taguatinga comemoraram a “Semana da Criança com as festividades a se realizarem no Centro de Vizinhança no. 3 Setor J. Norte de Taguatinga, nos dias de 7 a 13 dêste mês” (CENTRO COMUNITÁRIO. 1968, p. 10). Pelo que foi divulgado, não podemos afirmar que essas comemorações eram abertas ao público, mas, por serem comemoradas num centro de vizinhança, podemos sim supor de que este evento era aberto ao público, e que a publicação era uma forma de convite. Em 1969, o Rotary Clube de Taguatinga aparece numa coluna que divulgava de forma rápida os acontecimentos daquela cidade. Naquela ocasião, o clube promoveu a realização de jogos infantis e a distribuição de prêmios para as crianças, visitando várias escolas classe (VÁRIAS DE TAGUATINGA. 1969, p. 18).

Em 1969, foi publicada uma reportagem que trazia a programação do SESI de Taguatinga, nos dizeres

Ontem, cêrca de 2.500 crianças assistiram, no Centro Social “Presidente Dutra”, do SESI, em Taguatinga, filmes educativos e seriados de Walt Disney e hoje a programação terá início às 10 horas com demonstração de ginástica pelos alunos da Escola Classe SESI; às 11 horas, haverá demonstração de ginásticas de solo as 12h, almoço e entrega de prêmios, de 13 as 14,30h, serão exibidos filmes educativos. (BANDAS ALEGRES HOJE A SEMANA DA CRIANÇA. 1969, p. 12)

O SESI tinha 430 crianças matriculados, conforme informou o delegado regional do SESI, Walter Lemos Baptista. Esta instituição proporcionava às crianças merenda escolar, exames médicos, piscina e prática de esportes. A proteção e cuidado com aquelas crianças era evidente, já que a escola cuidava da alimentação, da prática de atividades físicas e também de exames médicos, realidade bem distante de outras instituições da capital (BANDAS ALEGRAM HOJE A SEMANA DA CRIANÇA. 1969, p. 12). Na intenção de talvez evidenciar a boa estrutura física daquela instituição, a reportagem traz que o Centro Social “Presidente Dutra” do SESI proporcionou a várias crianças das Escolas Classe de Taguatinga a exibição de filmes e seriados. Interessante notar a ênfase dada a origem daqueles seriados, que denotam a influência norte-americana. O culto ao corpo também é percebido nesta instituição, que constava a apresentação de ginásticas em sua programação da Semana da Criança.

1.6 Programações em escolas públicas diversas do Distrito Federal

A Escola de Aplicação, marco no desenvolvimento das normalistas nos primeiros anos de Brasília, era uma instituição em que as estudantes do Curso Normal praticavam a observação, participação e regência (AMARAL, 2018). Essa escola funcionava em período integral: em um turno as crianças tinham aulas das disciplinas comuns ao currículo escolar, e no contraturno eram submetidos a atividades de recreação e lúdicas (AMARAL, 2018). Em 1965, essa escola é noticiada no Correio Braziliense em razão dos eventos festivos alusivos à Semana da Criança. (SEMANA DA CRIANÇA TRANSCORRE COM PROGRAMA ALEGRE E FESTIVO. 1965, p. 6). O programa dos festejos foi elaborado por uma comissão composta pelas professoras e senhoras da Casa da Amizade, contando com o apoio do comércio local. A abertura da Semana da Criança teve uma explicação sobre o material didático e sessão de cinema. O programa completo era o seguinte:

PROGRAMA

Dia 9 – 9 horas – Sessão de cinema

Local: Cine Paranoá

Dia 11 – 11 horas e 17 horas – teatro de Fantoques

Local: Escola de Aplicação

Dia 12 – 9,30 horas – Dança Folclórica pelas alunas do Segundo Normal

Bandinha rítmica pelos alunos do Pré-Primário

Local: Escola de Aplicação

Dia 13: - 11 horas e 17 horas – Teatro de Fantoques

Dia 14: - 11 horas e 17 horas – Gincana

Dia 15: Homenagem aos professores.

(SEMANA DA CRIANÇA TRANSCORRE COM PROGRAMA ALEGRE E FESTIVO. 1965, p. 6)

A Escola de Aplicação, um projeto polêmico e ao mesmo tempo inovador (AMARAL, 2018), cuidava para que a formação daqueles novos professores da capital federal fosse feita com excelência, fazendo com que os normalistas passassem por experiências reais ao longo do curso, para que, ao final, elas estivessem prontas e qualificadas para lecionar. A programação da Semana da Criança foi organizada pelas professoras e pelas senhoras da Casa da Amizade. Os horários de início e fim nos mostram que as programações festivas da Semana da Criança tinham horários rígidos, tudo acertadamente planejado, uma tendência das festividades também encontradas por Gallego (2003), em seu estudo sobre a organização de atividades de alunos e professores nas escolas primárias Paulistas no início do século XX.

Os comerciantes locais apoiaram o evento. Por essa ação, atenta-se que a cultura que a escola produz reverbera em outros espaços sociais. Vendo esse ato com base no conceito de escolarização social, quando uma sociedade se escolariza, todas as dimensões dessa sociedade são impactadas pela escola. (FARIA FILHO, 2007). A abertura do evento contou com uma explicação do material didático, de maneira inédita nessa análise, momento em que a escola promove os conteúdos ensinados na instituição; e sessão de cinema, programa muito recorrente nas festividades da Semana da Criança no Distrito Federal.

Na programação, constam atividades tais como sessão de cinema, teatro de fantoches, dança folclórica pelos estudantes do Segundo Normal, bandinha rítmica pelas crianças do Pré-Primário, gincana e homenagem aos professores. O plano de atividades de celebração era composto por categorias de práticas que já aconteciam na escola, por ser uma instituição de tempo integral e ter um período dedicado às artes e à educação do corpo. Interessante destacar a Dança Folclórica pelos estudantes do Segundo Normal. Os estudantes que ali colocavam em prática a teoria aprendida, promoviam um espetáculo de dança para comemorar a criança, e este ainda era temático. Podemos sugerir que esse era um conteúdo já ensinado em sala, que estava sendo rememorado de maneira lúdica e artística. Esta é a primeira e única programação da Semana da Criança analisada nesta pesquisa que tem um dia para comemorar o professor. O Dia do Professor é celebrado a cada 15 de outubro e solenizar esses docentes se torna uma prática colocada em evidência como parte da Semana da Criança nesta ocasião.

Em 1971, a Escola de Aplicação volta a ser noticiada no *Correio Braziliense*, mas dessa vez relatando um passeio escolar que as crianças fizeram. Mais de cem

crianças visitaram as dependências do *Correio Braziliense* para “ver como se faz um jornal” (SEMANA DA CRIANÇA. 1971, p. 1). A turma foi acompanhada pelas professoras Marina Rosa dos Santos, Maria Regina Freire, Lucia Helena dos Santos e Cláudia Mércia Ramos, e assistiram todas as etapas da confecção desse periódico, sendo orientadas pelo serviço de relações públicas da empresa, que apresentou todas as informações importantes. “As professoras disseram que esta visita ao CB é um prêmio aos alunos, alusivo à “Semana da Criança”, que se inicia hoje” (SEMANA DA CRIANÇA. 1971, p. 1). Nesse mesmo ano, as crianças da Escola Classe 2, de Sobradinho, acompanhados pelas professoras Dinoralva Maria da Silva, Maria de Jesus França Carvalho, Ruth Luston Nogueira, Maria Gertrudes e Maria de Carvalho, fizeram um passeio escolar, tendo como destino também o *Correio Braziliense*. As crianças se locomoveram com um ônibus cedido pela Viplan, sendo este passeio parte das comemorações da Semana da Criança, “de caráter não somente recreativo, mas também educativo” (“SEMANA DA CRIANÇA”. 1971, p. 15). As crianças e as professoras andaram por todas as dependências do jornal, fazendo perguntas sobre o trabalho que se fazia ali, desde a escrita até a impressão.

Diante da narração desses eventos, a visita ao *Correio Braziliense* se enquadra na descrição de passeios escolares de cunho cultural e pedagógico, “referem-se a visitas a locais públicos, como redação de jornais, emissoras de rádio, bibliotecas, feiras do livro, cinema, museus”, por Peres (2017, p. 302). São locais que despertam a curiosidade das crianças, momentos em que elas têm a experiência e conhecimento de como o real acontece. Ler uma reportagem num jornal, escutar alguém contando sobre algo, nos permite conhecer e imaginar como acontecem os processos, mas ver pessoalmente a realidade é uma experiência que marca para a vida.

Imagem 6: Visita ao Correio Braziliense



Fonte: “Semana da Criança”. 1971, p. 15.

Da visita da Escola Classe 2, de Sobradinho, ao *Correio*, a Imagem 6 através da sua “linguagem, narra histórias” (COUTINHO, 2011, p. 365). Na foto, podemos perceber como um dos momentos da visita foi eternizado. Uma funcionária do *Correio* está sentada cortando um papel. Na sua mesa, aparecem várias colagens. As crianças aparentam estar concentradas naquilo que a funcionária fazia e rodeavam a mesa em que ela estava. Podemos perceber ali a presença de meninos e meninas. Ao fundo, podemos ver duas mulheres, que provavelmente são as professoras que acompanharam aquelas crianças. As duas parecem estar de óculos escuros. Pela atenção das crianças ao que a funcionária fazia, este passeio escolar pode ser encarado como um momento de aprendizagem e de sanar várias curiosidades.

Em outras oportunidades, as escolas promoveram passeios que tiveram notoriedade no jornal, como a ida das crianças, acompanhadas de suas professoras, ao Palácio do Buriti¹⁵ (RETRETA NA PRAÇA ABRE A “SEMANA DA CRIANÇA”. 1969, p. 10). A fonte nos traz a admiração das crianças em conhecer aquele local, que tinha

¹⁵ Em outro momento, no ano de 1971, um grupo de cento e vinte crianças que estudavam na Escola Classe n. 2 de Taguatinga visitaram também o Palácio do Buriti, juntamente com suas professoras. Esse passeio foi programado pela direção em colaboração com o corpo docente, fazendo parte das comemorações da Semana da Criança, “que vem sendo realizada em todos os colégios de Brasília com bastante festividades” (PALÁCIO DO BURITI RECEBE MENINOS. 1971, p. 15).

maquetas¹⁶ montadas no salão principal, trazendo o “Hospital Distrital de Taguatinga, a Escola Normal, a Ponte sôbre o Lago e a Barragem do Santa Maria” (RETRETA NA PRAÇA ABRE A “SEMANA DA CRIANÇA”. 1969, p. 10). Segundo a fonte, essas eram grandes obras públicas feitas na administração de Wadjo Gomide. A reportagem relata que as crianças fizeram várias perguntas sobre as maquetas, mas não nos revela quem as respondeu.

A ida das crianças e professores, em comemoração a Semana da Criança, em órgãos públicos e empresas, mostra que a escola era a referência, mas que as comemorações extravasavam os limites dela. A partir do momento em que as crianças eram levadas a festejar fora da escola, aquele espaço visitado passava a ser uma extensão dela, onde o ensino acontecia, num ambiente descontraído e que prendia as crianças diante de tantas novidades. A visita ao Palácio do Buriti, residência oficial do governo do Distrito Federal, revela uma proximidade que o poder público queria ter com aqueles que seriam os novos cidadãos daquele local, atribuindo centralidade na criança, levando estas a admirarem seus representantes, que eram impostos pelo governo ditatorial. Tanto na visita ao Correio Braziliense, quanto na visita ao Palácio do Buriti, o objetivo era o mesmo: conhecer e aprender. Esses passeios fixaram na memória daqueles participantes a grande construção promovida em Brasília. Segundo Cândido (2021), essas celebrações enterneciam e causavam entusiasmo em seus participantes, ficando marcados na memória. Essa construção de uma memória se torna essencial na formação das identidades individuais ou coletivas (LE GOFF, 2003), na fixação e construção da história de Brasília.

Em mais um passeio escolar e de cunho cultural e pedagógico, no ano de 1971, noventa crianças de duas escolas rurais da Papuda visitaram diversos pontos turísticos da capital. Dessa vez, o passeio tinha um diferencial: além da companhia das professoras, os pais das crianças também foram a esse passeio. Essas crianças eram filhas dos funcionários que trabalhavam na construção do presídio da Papuda. O passeio foi organizado pelos diretores das escolas, em razão da celebração da Semana da Criança. Foram pontos visitados pelo grupo: o Museu da Praça dos Três Poderes, Itamaraty, Congresso Nacional, Palácio da Alvorada, Palácio do Planalto e Torre de

¹⁶ Utilizamos o termo “maqueta”, reproduzindo a mesma palavra escrita na reportagem. Maqueta é o mesmo que maquete, tendo como significado: 1. Pequeno modelo, feito de cera, argila, plástico, de uma escultura ou arquitetura. 2. Reprodução em escala reduzida, mas fiel em seu aspecto e proporções, de um cenário, de um móvel, de uma máquina etc. (DICIO, 2023).

Televisão (VISITANDO OS PALÁCIOS DO DF. 1971, p. 15). Por esse passeio, podemos perceber como as instituições escolares públicas enalteciam as grandes obras feitas naquela recém criada capital. A história recente de Brasília era constantemente revisitada.

Por meio dessa análise foi possível captar, em momentos daquelas celebrações, ações comuns a alguns grupos, que faziam visitas a várias escolas oferecendo atrações pertencentes à Semana da Criança do Distrito Federal. Em 1969, o Rotary Clube de Taguatinga promoveu a realização de jogos infantis e a distribuição de prêmios para as crianças em várias Escolas Classe (VÁRIAS DE TAGUATINGA. 1969, p. 18). Em 1971, duas apresentações fizeram um rodízio nas escolas do Distrito Federal. As peças infantis “O menino e o vento” e “O rapto das cebolinhas”, de Maria Clara Machado, foram organizadas pelo grupo de teatro do Pré-Universitário de Brasília, e fizeram as visitas às escolas (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 11). Também em 1971, a Supervisão de Música do Departamento de Ensino Elementar organizou, de forma inédita no Brasil, uma Unidade Móvel de Música, que passou a funcionar durante a Semana da Criança. Essa Unidade era formada por um grupo de 10 a 15 professores, que tocavam diversos instrumentos musicais. Na ocasião, a Unidade Móvel de Música percorreu as escolas classe, “dando audições relâmpago aos alunos” (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 11).

Diante da inquirição feita nas edições do jornal *Correio Braziliense*, podemos constatar o valor dado pelas instituições escolares à promoção das Artes, como a música, o teatro, a pintura, o culto ao corpo, a exibição de obras cinematográficas, entre outros. As festas escolares da Semana da Criança no Distrito Federal buscavam inculcar condutas, conhecimentos e comportamentos (JULIA, 2001) nos seus participantes, com finalidades vinculadas à disseminação das variadas artes. As atividades esportivas, principalmente após o início da Ditadura Civil-Militar, tiveram presença constante nas celebrações. Diante de tanta demanda, uma especialização em Educação Física foi oportunizada a sessenta e sete professores da Coordenação de Ensino Primário da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal, que “participaram, destacadamente, na programação da ‘Semana da Criança’” (EDUCAÇÃO FÍSICA TEM PROFESSORES. 1969, p. 12) no ano de 1969. Era preocupação constante do governo distrital, o aperfeiçoamento profissional dos professores daquela localidade (PEREIRA e ROCHA, 2011).

1.7 Remate da Semana da Criança no Distrito Federal nos anos de 1960 a 1971

Chegamos ao fim da análise deste capítulo, que buscou evidenciar os elementos das festividades da Semana da Criança e quais crianças essas festas queriam celebrar no Distrito Federal. Na Semana da Criança, as festas eram organizadas no geral pelas professoras, diretoras, vice-diretoras ou pela escola num conjunto. Em algumas oportunidades as escolas se uniram com empresas privadas, com órgãos públicos, com os pais, com igrejas e até mesmo com as próprias crianças, segundo traz nossa fonte, das instituições de modo a organizarem esses programas.

A Semana da Criança era composta por programações que constavam de vários ritos. Havia ritos ligados aos ensinamentos da religião como a missa campal e primeira comunhão das crianças. Alguns ritos ensejaram às práticas educativas de caráter artístico, com destacada valorização da arte, tais como o teatro com atuação dos professores ou crianças, teatro de fantoches e de marionetes; as exposição de trabalhos de arte infantil, hora da arte e festivais de arte. Em teatros e hora da arte, as crianças por vezes tinham seus rostos pintados e se fantasiavam. As práticas educativas de caráter artístico contavam também com apresentações infantis de música com canto, recitais e instrumentos musicais; e sessões de cinema, com a exibição de filmes, desenhos e comédias apropriados para o público infantil, o que demonstrava o cuidado com o acesso das crianças a conteúdos impróprios.

O culto ao corpo era recorrente, e a Semana da Criança contava com jogos, gincanas, brincadeiras em playground, apresentações de ginástica, danças, partidas beneficentes e competições esportivas. As brincadeiras eram valorizadas e atividades recreativas se mostraram importantes diante a sua repetição. As competições esportivas eram uma prática educativa comum na programação da Semana da Criança nas escolas, com destaque aos Jogos de Primavera promovidos pela Escola Parque, que era um momento que servia à movimentação do corpo e socialização das crianças, seja por meio dos jogos ou na organização do campeonato como um todo, como na criação do emblema, dos convites, das bandeiras decorativas, do uniforme dos desportistas e na definição das regras dos jogos. Além desse papel de educação do corpo e socialização, cabe o destaque também para o tratamento ideológico dado à promoção de competições esportivas como essas.

A participação dos militares dentro da escola era nítida a partir da instauração da Ditadura Civil-Militar, como a exemplo de algumas competições esportivas que aconteciam num quartel, as várias apresentações de bandas musicais dos Corpo de

Bombeiros, da Polícia Militar e do Batalhão da Guarda Presidencial nas escolas e em eventos fora da escola em comemoração da Semana da Criança, a palestra proferida por um profissional da Aeronáutica, assim também como a “hora cívica todos os dias”.

Alguns ritos das festividades contavam com um caráter instrucional, com palestras proferidas por médicos e professores, algumas com temas que ensinavam o cuidado da saúde das crianças, colocando em evidência a prática de uma política higienista. Nessa mesma linha de prática higienista, a Semana da Criança foi um momento oportuno para a promoção de assistência ao público infantil do Distrito Federal, com campanhas de vacinação, divulgação de orientações médicas para as doenças que acometem às crianças e intensificação de campanhas no combate a desidratação, a paralisia infantil e a tuberculose.

Algumas instituições promoveram gincanas com temas educacionais, que de maneira lúdica ensinavam os conteúdos escolares às crianças de modo interativo e leve. Havia também encontro com os pais para demonstração das atividades promovidas nas escolas durante o ano letivo e explicação do material didático. Na demonstração das atividades promovidas pelas escolas durante todo o ano letivo, uma prestação de contas da educação era prestada, e este era um evento gratuito e aberto. Em uma ocasião houve o plantio de árvores, em que as crianças aprendiam o trato com a natureza e a importância de se cuidar do meio ambiente.

A distribuição de alimentos, como doces, refrigerantes e lanches especiais eram comuns às festividades. Em várias oportunidades as crianças tiveram também suas “merendas melhoradas”. Além de alimentos, em algumas oportunidades as crianças ganharam livros, revistas, balões coloridos e prêmios para os melhores alunos. Algumas atividades diversas também eram constantes, como festas com coroação de uma rainha, inaugurações; visitas às escolas por artistas; passeios escolares a diversos locais como clubes, zoológico, piqueniques, empresas privadas, órgãos públicos, patrimônios históricos e pontos turísticos.

Em vários eventos artísticos da Semana da Criança, a comunidade era convidada e a entrada era franca. As festas escolares foram as opções de lazer dos moradores do Distrito Federal em seus primeiros anos de nova capital, devido à escassez de eventos. Ao atrair a comunidade escolar para a escola, a instituição inculcava os valores desejados que se queria internalizar ao cidadão daquela época. Além de ser aberta à comunidade, as autoridades, imprensa e os pais eram convidados, e essa celebração contava com um vultoso número de visitantes externos.

Pela nossa análise, é possível perceber que em poucos momentos as práticas educativas das festas se assemelhavam às práticas escolares cotidianas. Quando se pensa em Escola Parque, as crianças não se afastavam do que era feito em sala de aula. Havia conteúdos artísticos no currículo, já que essa escola ensinava canto, atuação, instrumentos musicais, arte, ginástica, esportes, teatro, entre outras atividades. Tirando a Escola Parque, a maioria tinha práticas que se distanciavam do comumente realizado nas aulas.

Na verificação de quais crianças essas festas queriam celebrar no Distrito Federal, temos várias qualidades destas que são postas em evidências durante as comemorações. Em vários momentos foram mostradas crianças que se divertiam, que eram independentes, que sabiam se cuidar sozinhas e que eram competitivas, disputando os prêmios de melhores alunos e competindo em jogos escolares, com entrega de troféus aos que ganhavam as competições e aos mais disciplinados. Com a influência que a Igreja Católica tinha nas escolas do Distrito Federal, as crianças celebradas também eram aquelas que seguiam a religião católica. Em outros momentos foi elogiada a questão da disciplina e organização daquelas crianças, que apareciam em filas em diversas fotos analisadas. Diante de tantas competições escolares e de apresentações com o corpo, as crianças celebradas no Distrito Federal eram sadias, atletas, estimuladas a fazerem atividades físicas e cultuarem seus corpos. Em uma ocasião, há uma menção da importância de “elevar o espírito e a educação física dos meninos de hoje, homens e atletas de amanhã, forjando uma juventude mental e fisicamente sadia”. Esse trecho nos revela que a preparação física principal ficava por parte dos meninos, que seriam os representantes principais de uma nação fortalecida para o amanhã.

Em mais oportunidades, percebemos a presença de crianças artistas e cultas, que participavam de diversas atividades, aprendendo a tocar instrumentos musicais, cantavam, atuavam, dançavam, faziam apresentações de ginástica. Nas fotografias, podemos observar crianças com cabelos lisos bem penteados, bem vestidas com seus uniformes, bem arrumadas e limpas, brancas e aparentam pertencer a uma classe social com poder aquisitivo. Esse era o ideal de criança celebrado em quase todas as menções de festas da Semana da Criança no Distrito Federal. Assim, nos atentamos a ausência da menção às diversidades, da criança pobre, negra e talvez maltrapilha, que habitavam os barracões nas vilas que rodeavam o plano piloto. Por muitos anos de nossa análise, podemos notar também o silêncio em relação às crianças com deficiência. Era como se elas não existissem naquela comemoração. Apenas o ano de 1969 trouxe instituições

que cuidavam dessas crianças. Tanto é o separatismo entre as crianças “normais” e as “excepcionais”, que a Semana da Criança comemorada por essas últimas foi instituída em uma data diferente.

Na maioria das comemorações da Semana da Criança é possível perceber que as crianças tinham centralidade nas festividades. As festas eram organizadas especialmente para elas, que eram exaltadas. Elas participavam ativamente das programações, se apresentando em teatros, musicais, danças, recitais e cantos; participando de festivais de arte e competições esportivas. A criança era tratada especialmente, sendo fantasiada, bem alimentada e levada a desfrutar de várias apresentações culturais. Com esse tratamento, escola e comunidade visavam levar a criança a sentir que a comunidade (pais e professores, principalmente) se voltam para ela, dando-lhe atenção, carinho e assistência. Assim, constatamos como os noticiários de Brasília abordavam a criança de uma forma genérica, buscando assim homogeneizar a infância, criando um padrão de criança perfeita brasiliense, que são aquelas que se divertem nas sessões cinematográficas, são cultas, católicas, disciplinadas, atletas, sadias, limpas, arrumadas, independentes, artistas e bem vestidas.

Após a análise dos ritos e da imagem da criança alcançada pelas festas escolares da Semana da Criança, no segundo capítulo indagaremos nossa fonte quanto aos ritos que compunham o Dia da Criança no Distrito Federal e analisaremos quais crianças essas festas queriam celebrar no Distrito Federal.

2. AS COMEMORAÇÕES DO DIA DA CRIANÇA

O surgimento do Dia da Criança no Brasil em 12 de outubro se dá a partir da promulgação do Decreto nº 4.867, de 1924. O decreto instituiu a comemoração do Dia da Criança a cada 12 de outubro e trazia expressamente a associação dessa comemoração ao descobrimento da América, utilizando a mesma data da descoberta (VEIGA e GOUVEA, 2000). A decisão da inclusão no calendário de um dia para comemorar a criança partiu do deputado Galdino do Valle Filho. Kuhlmann Júnior (2001) destaca a influência norte-americana na instituição dessa data, que surgiu através de uma deliberação na cerimônia de encerramento do 3º Congresso Americano da Criança, no ano de 1922. Dessa forma, essa celebração associava a criança ao futuro da nação. Nesse mesmo ano, realizou-se conjuntamente a este, o 1º Congresso Brasileiro de Proteção à Infância do Rio de Janeiro (KUHLMANN JÚNIOR, 2001).

Em 1940, indo em direção distinta da ligação do Dia da Criança à descoberta da América, o então presidente Getúlio Vargas, promulgou o Decreto nº 2.024, dissertando já no seu artigo 1º a finalidade de “criar para as mães e para as crianças favoráveis condições que, na medida necessária, permitam àquelas uma sadia e segura maternidade, desde a concepção até a criação do filho” (BRASIL, 1940). Nesse decreto instituiu-se no artigo 17º o dia 25 de março como a data oficial para comemorar o Dia da Criança, com o objetivo de “avivar na opinião pública a consciência da necessidade de ser dada a mais vigilante e extensa proteção à maternidade, à infância e à adolescência” (BRASIL, 1940). A nova data era associada então à maternidade, ao cuidado com a criança e à assistência dela pelo Estado.

Nas duas datas estipuladas, as comemorações eram relacionadas, de algum modo, a questões ligadas à saúde. O 12 de outubro surge diante das diversas participações do Brasil em congressos ligados à questões de higiene, educação e proteção à infância. (SCHUELER *et. al.*, 2007). Já o 25 de março, da necessidade de modernização do país, de fixar na memória que este dia era concatenado aos projetos políticos de educação e saúde do governo Vargas, colocando o cuidado da infância e a maternidade como foco principal, já que aquela era ligada ao avanço do país (GOMES, 2003).

O 25 de março não vingou, sendo revogado ainda em 1940 (FRID *et. al.*, 2021). Entre os anos de 1920 a 1950, a celebração das crianças foi permeada pelo “processo de pedagogização da infância e da constituição da forma escolar moderna” (VINCENT *et. al.* 2007, *apud* SCHUELER *et. al.* 2001, p. 20). O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe consigo a industrialização e influência mundial de consumo

norte-americano, fazendo com que o Dia da Criança fosse relacionado ao ato de presentear (SCHUELER *et. al.*, 2007). Segundo Schueler *et. al.* (2007), o marco para a inserção do Dia da Criança nos calendários das festas comerciais do Brasil foi uma promoção da Fábrica de Brinquedos Estrela em conjunto com a Johnson & Johnson, no ano de 1960, apresentando a “Semana do Bebê Robusto”. Assim, o 12 de outubro teve destaque para as indústrias de brinquedos e outros produtos infantis, sendo fonte de investimento por vários setores da sociedade.

Semelhante a esse movimento de incentivo ao consumismo para as crianças que ocorreu no Brasil, Susana Sosenski (2012) traz em seu estudo a criação de uma figura infantil consumidora, a partir de 1950, que ocorreu no México. Assim, ela mostra como a celebração da criança foi de um rito cívico para um mote do consumo. Nesse caso em questão, não foi utilizada uma data específica como o “Dia da Criança” para presentear, mas sim essa ação foi fruto de um projeto nacional que passava a criança de produtora para consumidora, em razão dos trabalhos que elas exerciam com vendas e produção de manufaturas no início do século XX. Os motivos que influenciaram essa mudança foram a necessidade da modernização do país, a industrialização no pós-guerra, a urbanização e as frequentes reivindicações de conforto das classes média e alta mexicanas. Nessa transformação, a mídia teve um papel fundamental e o objetivo ali era formar os futuros cidadãos consumidores que o México exigia.

Após tecermos esse breve histórico sobre a origem do Dia da Criança no Brasil, procederemos com o cumprimento do objetivo do capítulo de analisar quais eram os elementos das festividades do Dia especificamente dedicado à Criança e, conseqüentemente, quais crianças essas festas queriam celebrar no Distrito Federal.

2.1 O primeiro Dia da Criança em Brasília

O ano de 1960 foi crucial para que várias ações ocorridas na capital fizessem com que essa tivesse destaque nos noticiários locais e nos meios de comunicação do restante do país. Dessa maneira, tamanha a magnitude alcançada, que o primeiro Dia da Criança em Brasília, celebrado nesse mesmo ano, contou com um evento bastante significativo.

A direção da Escola-Classe do IAPB¹⁷, em comemoração à data, organizou uma excursão para o local que foi a primeira residência oficial do Presidente da República em Brasília, o Catetinho. O presidente Juscelino Kubitschek foi convidado pelas

¹⁷ A Escola-Classe do IAPB na verdade era a Escola-Classe 108 Sul. Inicialmente essa escola era conhecida por esse nome devido a sua localização, sendo posicionada onde o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários construiu blocos residenciais. (MACHADO, 2007)

crianças da referida escola para que comparecesse naquele local. Para que o convite fosse realizado, a professora Ivone Santa Fé, que lecionava no segundo ano, criou um concurso de redação entre as crianças a fim de eleger a melhor carta que seria encaminhada ao presidente. O vencedor foi Milvernes Cruz Lima Jr, que preencheu todos os requisitos cobrados. A carta dirigida ao presidente tinha os seguintes dizeres:

Querido Presidente:
 Nós queremos um favor do senhor: nós queremos que o senhor e sua família vá ao “Catetinho” falar conosco.
 Se o senhor não puder, nós poderemos encontrar com o senhor no pátio do “Palácio da Alvorada”.
 Nós queremos que o senhor vá de helicóptero.
 Veja se o senhor pode ir porque, no dia 12 de outubro, é o dia da criança.
 As crianças ficaram muito contentes por que algumas não conhecem sua família.
 Nós agradecemos muito se o senhor fôr.
 Nós queremos que o senhor marque a hora de irmos.
 Com um abraço do aluno Milvernes. (JK PRESTIGIOU O “DIA DA CRIANÇA”. 1960, p. 8)

Essa carta foi assinada por todas crianças da escola. Somente a partir do jornal – nossa única fonte no assunto –, não podemos afirmar que a autoria da carta seja exclusivamente de Milvernes. A mediação de adultos (como a professora) na escrita infantil não pode ser totalmente descartada aqui. O certo, porém, é que foi dessa forma que a carta veio apresentada, posta em circulação e dada a ler aos leitores do *Correio Braziliense*: um convite infantil, resultado de uma prática escolar (um concurso de redação), dirigido à mais alta autoridade da República, pedindo-lhe que se encontre com as crianças da sua escola por ocasião do Dia da Criança¹⁸. A carta, inclusive, prevê alternativas: caso o presidente não pudesse ir ao Catetinho, os escolares se organizariam para ir até o Palácio da Alvorada (residência oficial definitiva do Chefe do Executivo). O importante era que o presidente fosse de helicóptero e levasse consigo sua família (a esposa Sarah e as duas filhas), já que nem todas as crianças as conheciam.

Por quais meios o convite efetivamente chegou ao presidente, a reportagem não nos informa. O que sabemos é que Juscelino Kubitschek atendeu ao pedido das crianças e aceitou participar daquela festa. Nos instantes em que antecederam a chegada do presidente, as crianças conversavam sobre Juscelino Kubitschek “como conversam sôbre seus heróis de TV e de revista de quadrinhos” (JK PRESTIGIOU O “DIA DA CRIANÇA”. 1960, p. 8)

¹⁸ A publicação de cartas cujo conteúdo é atribuído a crianças é recorrente na imprensa brasileira desde o século XIX. Veja-se, por exemplo, um caso paranaense que foi estudado por Anjos (2015).

Um dizia que seu pai lhe recomendara abraçar o presidente pois era um grande homem. Outro dizia que ainda não o conhecia, o outro atalhava dizendo que estava cansado de vê-lo na TV. Outros falavam de suas fotos nas inaugurações. Outros, filhos de funcionários e deputados, orgulhavam-se pelo fato de seus pais serem amigos de JK e já terem estado com o presidente. (JK PRESTIGIOU O “DIA DA CRIANÇA”. 1960, p. 8)

A matéria tenta reproduzir o que teria sido o “clima” criado entre as crianças durante a espera pela chegada do ilustre convidado. Se, por um lado, somos levados a desconfiar dos detalhes das conversas infantis, por outro devemos notar a mensagem que o jornal – profundamente governista (MORELLI, 2002) – queria transmitir aos leitores: a de tratar-se de um personagem objeto de múltiplas representações, que o igualavam aos ídolos da TV e dos quadrinhos ou a alguém afeito ao livre convívio com a população, onipresente nos meios de comunicação. Mas, alguém, acima de tudo, acessível aos seus governados, em especial, às crianças da nova capital.

Então, às 15h40 do dia 12 de outubro de 1960, o presidente chegou de helicóptero no pátio do Catetinho. As professoras haviam organizado as crianças em filas, de forma a manter a ordem. No entanto, segundo o *Correio*, as crianças não contiveram a emoção e felicidade ao verem o presidente, momento em que abandonaram as filas e correram para abraçar Juscelino. “A avalanche de petizes foi tal que o presidente custou equilibrar-se. Um dos garotos abraçou-se ao presidente e custou a ser arrancado da sua cintura” (JK PRESTIGIOU O “DIA DA CRIANÇA”. 1960, p. 8). O presidente Juscelino Kubitschek sorriu, abraçou e beijou as crianças, que gritavam por sua presença. Essa então foi a primeira “festinha infantil onde as crianças não ficaram em filas entoando os célebres hinozinhos próprios destas ocasiões” (JK PRESTIGIOU O “DIA DA CRIANÇA”. 1960, p. 8), já que elas quebraram o protocolo e passaram cerca de dez minutos rodeando o presidente. Segundo a reportagem, uma das professoras, após passar do susto que as crianças deram ao desobedecer suas ordens, ficou emocionada e disse com seu sotaque paulista: “Que coisa lindinha de ver” (JK PRESTIGIOU O “DIA DA CRIANÇA”. 1960, p. 8).

Os detalhes do relato acima não devem ser desconsiderados. Primeiramente, a atitude simpática do presidente para com as crianças, que o jornal faz questão de reforçar e detalhar, mostrando-o como uma figura carinhosa e próxima dos filhos dos moradores da nova capital. Em segundo lugar, a novidade do modo como o Dia da Criança estava sendo festejado: não por meio de “hinozinhos próprios dessas ocasiões”, mas pela espontaneidade das crianças, que trataram de produzir seu próprio ritual de comemoração e festejo da sua data nacional. Por fim, o “sotaque paulista” da

professora, lembrando aos leitores que a educação da nova cidade vinha sendo construída por pessoas vindas de diferentes lugares do país – as próprias crianças, de uma turma de segunda série do primário, certamente não eram ali nascidas – que davam sua contribuição para que Brasília se materializasse.

Imagem 7: Juscelino Kubitschek abraça criança



Fonte: JK PRESTIGIOU O “DIA DA CRIANÇA”. 1960, p. 8

A Imagem 7, foto que acompanha essa reportagem que tratou do encontro de Juscelino Kubitschek com as crianças dessa escola, mostra o presidente abraçando uma criança, rodeado por outras e acompanhado por alguns homens vestidos de gravata e um que trajava um uniforme típico dos militares.

Além do presidente Juscelino Kubitschek, outra atração da festa foi “o grande brinquedo” (JK PRESTIGIOU O “DIA DA CRIANÇA”. 1960, p. 8), o helicóptero que o trouxe. As crianças cercaram o helicóptero, analisando cada detalhe dele. As professoras tiveram grande trabalho em retirar elas de perto do helicóptero no momento da saída de Juscelino. Elas haviam organizado um roteiro para aquele dia, que constava

de declamações e corais infantis, o que não ocorreu, pois, após o encontro com o presidente, as crianças entraram nos bosques do Catetinho, se divertindo “a larga no bosque da histórica casa de madeira” (JK PRESTIGIOU O “DIA DA CRIANÇA”. 1960, p. 8).

Esse foi o único evento retratado no jornal *Correio Braziliense*, no ano de 1960, sobre o Dia da Criança. Se é impossível afirmar que outras comemorações escolares não tenham ocorrido, é certo que o foco, nas páginas da imprensa, voltou-se com exclusividade para esta. Foi ela que ficou registrada para os leitores daquele presente e do futuro, dentre os quais se enquadram os historiadores, que agora, tomam o jornal e seu relato como fontes historiográficas. Cabe, por isso, uma leitura a contrapelo (BENJAMIN, 1987) do que narramos até aqui, afinal “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1987, p. 224).

O fato de Juscelino Kubitschek estar presente na celebração do primeiro Dia da Criança em Brasília, por si só, é um grande símbolo do apoio e confiança que o governo federal tinha no recém criado sistema educacional de Brasília (CARVALHO e PEREIRA, 2018), até porque esse sistema foi criado por iniciativa desse próprio governo, já que foi escrito por um representante do INEP. Era papel do governo reafirmar sua importância e valorizar a educação das crianças, do novo cidadão brasileiro que ali se formava. Isso pode ajudar a entender a atenção que acabou sendo dispensada pelo presidente àquele festejo escolar. Era uma forma de reafirmar a importância atribuída à educação da nova capital. Se o convite, como quer a reportagem, partiu dos escolares, o presidente soube utilizar-se muito bem da oportunidade para essas finalidades políticas.

Essa interpretação ganha força aos termos presente que, naquele ano, o presidente Juscelino Kubitschek compareceu em várias inaugurações que aconteceram na capital. Quando se trata da educação, temos exemplos de outras participações dele, como nas ocasiões em que foi paraninfo na primeira turma de formandas do Curso Normal e quando proferiu um discurso na inauguração da Caseb, instituição de ensino médio (CARVALHO e PEREIRA, 2018). Seu comparecimento no Dia da Criança vai ao encontro da importância que ele dava para a divulgação e afirmação do projeto educacional local.

Por outro lado, é interessante mencionar o culto à personalidade de Juscelino Kubitschek. A maioria das crianças, segundo a reportagem, tinha uma imagem positiva do presidente e o desejo de encontrá-lo causava histeria. Apesar de ser uma festa da criança, ao atender o convite delas, ele soube fazer um uso político dessa celebração. Abraçou, acenou, sorriu e beijou as crianças que gritavam por ele. Assim, ele toma o papel de personagem central dessa comemoração, ação também percebida em outros momentos, como faria quinze anos mais tarde, na escrita de seu livro “Por que construí Brasília”, em que sua narrativa o põe como o fundador da capital, denotando sua habilidade de gestor público (ANJOS e BARBOSA, 2020). Em 1960, esse mesmo egocentrismo pode ser notado, seja pela narrativa jornalística do *Correio Braziliense* – a começar pelo título da matéria “JK prestigiou o Dia da Criança” – seja pelas suas ações que tornaram possível tal narrativa.

A excursão organizada pela direção da Escola-Classe IAPB dava indícios de que este passeio escolar tinha um cunho cultural e pedagógico (PERES, 2017), já que a visita foi num Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Brasília, tombado no ano de 1959. O objetivo inicial era passear, conhecer, enaltecer e marcar na memória das crianças os passos dados para a construção de Brasília. Com o aceite da participação da festividade por parte do presidente Juscelino Kubitschek, a programação redirecionou suas atenções a ele. Nessa ocasião de celebração do Dia da Criança, vemos que a centralidade do festejo se volta para a presença do presidente da república. A programação feita pelas professoras constava de apresentações artísticas das crianças, como declamações e coral, direcionadas ao presidente. Ali, iria se mostrar uma parte do trabalho realizado pela educação de Brasília, mas não foi o que não ocorreu. O plano saiu do jeito das crianças. Apesar de saírem do planejamento, as crianças agradaram o presidente com toda a receptividade dada. De um passeio planejado de cunho cultural e pedagógico, os acontecimentos do dia levaram a uma adição de “passeio para brincar” (PERES, 2017) à excursão, que fica bastante explícito quando as crianças entram nos bosques do Catetinho e ignoram as orientações das professoras.

Diante de outro trecho dessa reportagem podemos perceber as crianças que eram destacadas naquele evento, ou, até mesmo, o perfil da criança que residia em Brasília e estava matriculada nas escolas públicas daquele local. Do colóquio das crianças registrado pelo jornalista, podemos perceber como a maioria das crianças tinham conhecimento de quem era Juscelino Kubitschek, qual era o seu papel e importância na sociedade e o bem-estar que ele promovia naquela cidade. A diversidade era

evidenciada quando o texto revela a presença de crianças que queriam abraçar o presidente, das que não o conheciam, das que estavam exaustas de vê-lo na TV, que acompanhavam as fotos dele nas inaugurações e daquelas, quiçá, filhas de pessoas que se orgulhavam por serem do círculo de Juscelino e terem o encontrado em diversas oportunidades. Uma vez mais, porém, não são as crianças que ocupam o centro da matéria jornalística: elas funcionam como o pretexto da festa, cujo personagem central é o presidente Juscelino Kubitschek.

Dessa passagem, podemos supor a exposição do sucesso de um dos objetivos do Plano de Construções Escolares de Brasília criado por Anísio Teixeira, já que a escola pública era “comum, gratuita e laica” (PEREIRA *et al.*, p. 57, 2011) e proporcionava igualdade de acesso às pessoas, por intermédio de uma educação para todos (PEREIRA *et al.*, 2011). Assim, os filhos de deputados estudavam com filhos de funcionários públicos e de operários. A diversidade de origem daquelas crianças era expressa, mas podemos perceber a predominância de indivíduos oriundos de famílias com uma condição financeira mais confortável.

A primeira página do *Correio Braziliense* de 13 de outubro de 1960, trazia de modo centralizado a única foto daquela página, sendo esta a chamada para a matéria que relatava a grande festividade realizada no primeiro Dia da Criança comemorando em Brasília no dia anterior (Figura 8):

Imagem 8: Juscelino Kubitschek vai ao encontro de crianças da Escola-Classe



(“DIA DA CRIANÇA”. 1960, p. 1)

Nesse registro podemos perceber a presença de Juscelino Kubitschek, que está com a cabeça baixa, contemplando um grande número de crianças que o rodeiam, que estão o abraçando e com grandes sorrisos estampados no rosto. Algumas crianças aparentam estar correndo ao encontro do presidente. Ao fundo, vemos a estátua do próprio Juscelino e ao menos quatro adultos: dois homens e duas mulheres. Podemos sugerir que os homens eram funcionários que acompanhavam Juscelino e as mulheres eram professoras, como era de costume à época. As crianças estão todas uniformizadas e bem arrumadas, e essa foto traz no geral, um momento de muita alegria.

A legenda da foto resume muito bem o que a reportagem exprime acerca daquela data e casa-se bem com a fotografia. Ela relata que:

Ontem, dia consagrado à criança, o Presidente Juscelino Kubitschek teve um programa especial. Tendo recebido uma carta assinada por centenas de

escolares, resolveu ir onde funcionou o <<Catetinho>>. A presença de JK entre a petizada foi um sucesso: enquanto as professoras, que tinham organizado a festa, tentavam manter os meninos em calma, as crianças, sem temer qualquer castigo, saíram das filas correram a abraçar JK. Tão logo pararam as hélices do helicóptero. Juscelino gostou da recepção e sorriu. (“DIA DA CRIANÇA”. 1960, p. 1)

Foto e legenda, juntas, encaminham o olhar do leitor e sua atenção não para as crianças, mas para o presidente que, com sua presença e seu helicóptero, tratou de marcar para a posteridade a comemoração escolar daquele primeiro Dia da Criança na nova capital federal.

2.2 O papel da Escola Parque no Dia da Criança

Seguindo os caminhos de nossa investigação, não há como deixar de mencionar a importância da Escola Parque quando se pensa na promoção de festas escolares do Dia da Criança. Ela se faz presente num grande número de artigos do periódico em análise, e, por isso, a partir desse momento, traremos para este texto o que nossa fonte nos mostra sobre a referida escola nas comemorações do Dia da Criança. Percebemos, a partir da leitura das reportagens, que a Escola Parque promovia eventos que eram similares quanto a sua programação, em várias situações da análise. Sendo assim, as festas escolares do Dia da Criança trazidas aqui serão agrupadas levando em consideração o conteúdo das festas ou sua ordem cronológica.

No ano de 1961, o Jardim de Infância de Brasília, por meio da professora Neyde de Souza, disponibilizou ao *Correio Braziliense* uma programação que anunciava a atividade do dia 12 de outubro. Para essa data, foi inaugurada uma Exposição de Trabalhos de Artes Infantis na Escola Parque (CRIANÇAS NO IATE CLUBE COMEMORAM SUA SEMANA. 1961, p. 8). A festa das crianças de 1964 também teve em sua programação uma exposição de trabalhos manuais efetuados pelas crianças (EXPOSIÇÃO ESTUDANTIL CONTINUA NA ESCOLA PARQUE. 1964, p. 6). Em 1965, nessa mesma escola, houve uma exposição de desenhos infantis de crianças de até 12 anos, ficando aberta ao público das 8 às 18 horas, exposição esta que se estendeu até o dia 20 de novembro (CRIANÇA FAZ DESENHO NA E. PARQUE, 1965, p. 8). Após o dia 20, foi instalada naquele local, uma outra exposição infantil, com desenho de crianças norte-americanas, japonesas e brasileiras. Segundo a reportagem, os desenhos foram enviados pelas embaixadas daqueles países em razão da comemoração do “Dia da Criança”. A Escola Parque, em consonância com o plano educacional de Brasília, valorizava o ensino das Artes, que foram previstas desde a projeção das estruturas

físicas e dos espaços arquitetônicos (MARTINS, 2011). A Arte promovia a potencialização da expressão e integrava vários conhecimentos exercitando suas múltiplas linguagens, relacionando-se com várias outras disciplinas. (MARTINS, 2011).

As Exposições de Arte Infantis se intensificaram a partir do fim da década de 1950, “tornando-se uma vitrine para as instituições promotoras e para os órgãos governamentais como as Secretarias de Educação e Arte infantil no Brasil baseadas nos benefícios que a expressão artística infantil poderia trazer para a formação da criança” (OSINSKI E ANTÔNIO, 2010, p. 278). Assim, para além de ser uma vitrine do que se fazia nas escolas, as escolas também tinham na arte a crença de seu poder renovador na construção de seres humanos melhores e no estímulo do desenvolvimento psicológico e social das crianças (OSINSKI E ANTÔNIO, 2010).

Nessa década, assim como em exposições de arte infantil realizadas em outras cidades brasileiras (OSINSKI e ANTÔNIO, 2010), levadas pelo clima pós segunda guerra mundial, essas mostras marcaram, além do estímulo à valorização da arte, apoiado inclusive pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), da “conciliação e aproximação entre crianças de diversas culturas” (OSINSKI e ANTÔNIO, 2010, p. 281). Esses desenhos em exposição oriundos de outros países eram meios diretos de comunicação, visto a não necessidade de intervenção por meio de esclarecimentos de adultos.

Em 1965, uma exposição de projetos chamado Método de Projeto Globalizador¹⁹, foi parabenizada por uma coluna que trazia os acontecimentos de Brasília, chamada “Sociais de Brasília”, em razão do grande êxito alcançado. Os trabalhos dessa exposição ficaram por conta da professora Maria da Conceição, que dividiu a exposição em grupos, tais como “o circo, a casa, a fazenda, etc...” (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1965, p. 17), frisando que essa ação agiu sob os conformes de novas regras impostas naquele ano para o ensino de crianças. Em relação às novas regras impostas, atentemo-nos ao fato da instauração da Ditadura Civil-Militar em 1964 que acabou por afastar Anísio Teixeira e as suas convicções do projeto educacional da educação do Distrito Federal e do Brasil (MARTINS, 2011). Essa exposição contou com um registro fotográfico, a Imagem 9:

¹⁹ O Método Projeto Globalizador foi uma exposição de projetos com a participação de mais de cem trabalhos de crianças até o quarto ano. Essa exposição teve como principal finalidade sintetizar “as diretrizes da pedagogia que goza do maior conceito dentro (sic) da criança, retratando a seu modo aquilo que assiste pessoalmente nos zoológicos, fazendas, circos (sic)”. (CEM: EXPOSIÇÃO CONGREGA MAIS DE CEM TRABALHOS. 1965, p. 8)

Imagem 9: Exposição de Arte Infantil na Escola Parque em 1965



(SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1965, p. 17)

O registro fotográfico nos mostra parte da exposição infantil do Método Projeto Globalizador. Podemos perceber duas bancas contendo maquetes. A maquete da esquerda apresenta a estrutura de um circo, pelo seu formato e por ter bandeiras penduradas ao topo, e aparenta ter um palhaço e uma pequena bilheteria na entrada. Já na maquete da direita, o que se vê é uma casa branca com duas janelas e uma porta, e tem o número 65 ao centro, o que sugere-se que seja uma alusão ao ano de acontecimento do evento. A foto tem uma presença marcante da figura feminina, com duas professoras ao fundo, que parecem estar orientando as crianças. Atrás da casa branca, há a presença de várias crianças, que podemos supor que sejam estudantes dessa instituição. Ao centro, uma moça muito bem vestida e penteada sorri para o fotógrafo, numa pose que demarca até um certo tipo de orgulho pela apresentação. Na frente, uma criança pequena está com os dedos na boca, e tem uma feição de tensão.

Em 1962 a Escola Parque comemorou o Dia da Criança oferecendo uma Festa das Danças para os pais e crianças (MORTE DO CASAL RUI RAMOS REPERCUTE NAS ESCOLAS DE BRASÍLIA. 1962, p. 9). Eles ensaiaram danças típicas de todos os países e mandaram confeccionar roupas tradicionais. Nessa época estavam acontecendo eleições, o que causou a ausência de muitas pessoas nesse meio tempo. Assim, a Escola

Parque decidiu por festejar a criança com uma semana de atraso, sendo marcado para os dias 20 e 21 de outubro. Ao se propor que as danças fossem de outros países, as crianças acabavam por estudar e aprender de maneira lúdica alguns costumes praticados em outros locais do mundo, até mesmo podendo lembrar de alguma semelhança com o que sua família costumava fazer, levando em conta que a população brasileira se compôs através da miscigenação de pessoas oriundas de diversas partes do mundo, principalmente da Europa e África. As danças, parte da educação do corpo, eram um instrumento utilizado pela escola para desenvolver crianças saudáveis e ativas. Diante da análise de fotografias de vários eventos ocorridos na Escola Parque, Wiggers *et al.* (2011) afirmam que “o novo projeto educacional propunha a atividade corporal como instrumento explícito da escolarização” (2011, p. 260).

Já em 1963, a Prefeitura do Distrito Federal, por determinação do seu prefeito à época, Ivo de Magalhães, preparou para as crianças uma série de entretenimentos em comemoração ao Dia da Criança (AGENDA CB. 1963, p. 5). No festejado 12 de outubro daquele ano, fez parte da programação então, um cinema gratuito na Escola Parque, com sessões ininterruptas das 9 até às 17 horas. Os filmes exibidos eram educativos infantis e desenhos animados. A reportagem traz em seu corpo essa informação da classificação dos filmes, mostrando que estes eram apropriados e contribuiriam com a educação das crianças daquela localidade. Segundo Martins (2011), cinema era parte do currículo empregado pela Escola Parque, sendo uma atividade bem recebida e requerida pelas crianças. Então, essa programação era uma prática escolar comum às crianças daquela instituição. A veiculação desse anúncio se deu na “Agenda CB”, que era uma parte do *Correio Braziliense* em que se divulgavam os eventos que aconteceriam na capital. Ali, então, era feito um convite para que a população levasse suas crianças à Escola Parque para se divertirem assistindo a filmes.

No ano de 1964, as festividades escolares do Dia da Criança na Escola Parque repercutiram entre a sociedade brasiliense. Foram várias menções daquela ocasião pelo referido periódico. Foi parte da programação uma demonstração das atividades deste estabelecimento de ensino durante o ano letivo em curso (“DIA DA CRIANÇA” NA ESCOLA PARQUE. 1964, p. 6), o que era uma forma de apresentar à comunidade o trabalho desenvolvido pela escola até aquele momento, atribuindo credibilidade à educação pública do Distrito Federal. Essa demonstração teve início às 14 horas, e, além da exposição dos trabalhos das crianças da escola, houve a execução de números

musicais pela “bandinha”, canto orfeônico²⁰, “ginástica feminina moderna” (EXPOSIÇÃO ESTUDANTIL CONTINUA NA ESCOLA PARQUE. 1964, p. 6) e ginástica masculina, que teve bastante destaque numa apresentação de um grupo de 3 crianças. Segundo Wiggers *et al.* (2011), essas apresentações eram oportunas para que as crianças exteriorizassem à comunidade “sua disciplina e destreza corporal” (WIGGERS *et al.*, 2011, p. 267). Assim como em outros anos, esse evento promovido pela Escola Parque foi citado pela coluna Sociais de Brasília, mostrando para aquela localidade a função de centro cultural que esta escola assumia ao longo dos anos (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1964, p. 13).

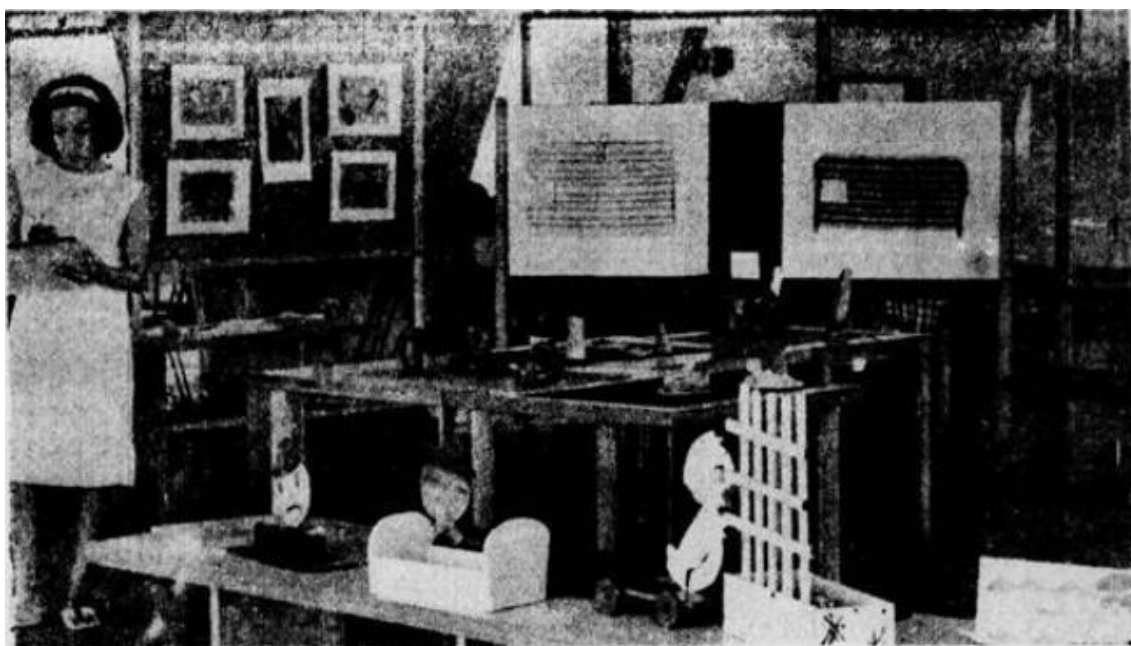
No dia 16 de outubro de 1964, uma reportagem relatou como a Escola Parque festejou “brilhantemente” o Dia da Criança naquele ano (EXPOSIÇÃO ESTUDANTIL CONTINUA NA ESCOLA PARQUE. 1964, p. 6). A ênfase se deu na exposição de trabalhos manuais efetuados pelas próprias crianças, coordenada pelas professoras Branca Rabelo e Mirthes Cardoso, na presença de figuras destacadas em Brasília, como o prefeito Plínio Cantanhede e a professora Anisse de Albuquerque Maranhão, que era diretora da escola. Os dois juntos abriram uma fita que simbolicamente representava a inauguração daquela exposição. A reportagem fez questão de destacar o sucesso da metodologia de ensino empreendida naquela instituição e exaltou o fato daquele evento ser aberto ao público:

Integrada por interessantes trabalhos manuais, que bem demonstram a capacidade das crianças e a importância dos métodos educacionais ali ministrados, a mostra, que se encontra aberta à visitação pública, é algo digno de ser visto e aplaudido. (EXPOSIÇÃO ESTUDANTIL CONTINUA NA ESCOLA PARQUE. 1964, p. 6)

²⁰ Na primeira metade do século XX, a expansão do ensino da música no Brasil foi influenciada por defensores da Escola Nova, adicionada à contribuição do maestro e músico Heitor Villa-Lobos, o que fez com que o Canto Orfeônico se tornasse disciplina obrigatória em 1931 (LEMOS JÚNIOR, 2012). Villa-Lobos atribuía finalidade educativa ao Canto Orfeônico, “com o intuito da democratização da prática e dos fundamentos teóricos musicais” (DE OLIVEIRA MARQUES e NOGUEIRA, 2021, p. 115), levando na desfeza desta prática forte apelo nacionalista. Assim, de acordo com Lemos Júnior (2012) o maestro viu na educação a possibilidade de divulgar a boa música, enquanto Vargas se utilizava dessa disciplina como meio de divulgação do Estado Novo, buscando a manutenção da centralização do poder. Com o fim do Estado Novo em 1945, percebe-se o decaimento do Canto Orfeônico nas escolas. Tanto é essa diminuição, que no período delimitado em nossa pesquisa (1960-1971), o Canto orfeônico só é posto em evidência por nossa fonte três vezes. A Ditadura Civil-Militar trouxe a necessidade de adequação da educação brasileira, e o Canto Orfeônico foi renomeado para Educação Musical, provavelmente com a intenção de romper com a política Vargasista (DE OLIVEIRA MARQUES e NOGUEIRA, 2021). Ainda que a nomenclatura tenha mudado, não houve mudanças no modo de ensino de música nas escolas em relação a prática orfeônica, pois a maioria dos professores do período se formaram com base no modelo anterior. Então, não percebemos para a década de 60 no Distrito Federal o uso especificamente do Canto Orfeônico com finalidades político-ideológicas, mas sim, o uso da música em geral.

O prefeito Plínio Catanhede se mostrou entusiasmado com os resultados da Escola Parque após assistir a execução daquela programação pelos estudantes. Ele e o secretário de educação, juntamente com a diretora e as professoras, exploraram todas as dependências da Escola Parque. Segundo a reportagem, o prefeito Plínio Catanhede demonstrou um interesse particular por problemas que aquele estabelecimento passava, dando atenção e querendo se informar acerca dos detalhes. Ao fim, a diretora da instituição ofereceu um lanche para os visitantes na cantina da escola. Essa exposição foi registrada conforme as Imagens 10 e 11:

Imagem 10: Exposição de trabalhos manuais na Escola Parque



(ESCOLA PARQUE PREPARA O FUTURO. 1964, p. 7)

Na Imagem 10, nota-se a presença de uma mulher em pé, que supomos ser professora, está concentrada fazendo anotações em uma caderneta. Ela está bem arrumada e aparenta ser uma pessoa branca. Em cima das mesas estão expostas as artes manuais feitas pelas crianças da Escola Parque. Podemos notar a presença de vários materiais, como varetas que formam uma grade, um pato que anda sobre 4 rodas, uma caixa e vários rostos desenhados no papel. Ao fundo, apesar da resolução ruim do registro, nota-se a presença de diversos materiais. Nas paredes estão expostos desenhos e pinturas.

Imagem 11: Exposição de trabalhos manuais na Escola Parque



(ESCOLA PARQUE PREPARA O FUTURO. 1964, p. 7)

A Imagem 11 não registra a presença de pessoas, focando na exposição dos trabalhos manuais. Na parede percebemos a presença de uma pintura e janelas ao fundo. Nas mesas, o que se aparenta é a presença dos materiais utilizados na confecção das artes. Há também dois carretéis de linha.

Ainda sobre essa ocasião, outra reportagem do dia 16 de outubro segue elogiando a instituição Escola Parque e relata a “importância das atividades educacionais que ali se desenvolvem no decorrer de cada ano” (ESCOLA PARQUE PREPARA O FUTURO. 1964, p. 7). A reportagem traz a Escola Parque como um estabelecimento modelo do gênero no país, destacando a exposição de trabalhos manuais das crianças realizada no Dia da Criança, que “mereceu aplausos de todos quantos a visitaram, inclusive do Prefeito de Brasília” (ESCOLA PARQUE PREPARA O FUTURO. 1964, p. 7) e contou com “mostra de pintura, desenho, artes industriais, tecelagem, confecções, madeira, etc.” (ESCOLA PARQUE PREPARA O FUTURO. 1964, p. 7). Os trabalhos manuais expostos foram confeccionados pelas próprias crianças, que aplicaram os conhecimentos adquiridos no decorrer daquele ano. As centenas de visitantes da

exposição puderam acompanhar os trabalhos apresentados, sendo doze desenhos espontâneos, nove ilustrações de textos lidos, três ilustrações de filmes assistidos, vinte e sete obras de tecelagem, confecções de roupas e calçados, peças de uso doméstico, obras de cerâmica, brinquedos, objetos de uso pessoal; e, na parte superior do prédio, os murais foram pintados por grupos de cinco crianças de todas as séries. A reportagem enaltece tudo o que envolve a Escola Parque, chegando a mencionar que as aproximadamente 70 professoras daquela instituição eram capacitadas e tinham a clareza da missão que elas desenvolviam no âmbito educacional, com a responsabilidade de iniciar as crianças em todos os ramos da vida, para que elas estejam preparadas para as adversidades que estão por vir com o passar dos anos.

A reportagem aponta traços das práticas educativas empregadas nas aulas de artes ministradas na Escola Parque. Na escola, em seu pavimento superior, 14 salas de aula funcionavam o dia todo com as professoras se revezando entre as salas no ensino das artes. Nas aulas, os estudantes primários aprendiam

estudo de combinação de cores, uso de material, aplicação de objetos utilizáveis e quase desconhecidos nas artes, a fim de empreender uma jornada artística que lhes coroa a inteligência e, vez por vez, descobre vocações até então ignoradas ou no nascedouro (ESCOLA PARQUE PREPARA O FUTURO. 1964, p. 7).

Dos objetos utilizados, são citados peças, linha, agulha, barro, tinta, lã, metal, modelos, couro, fibra de buriti e materiais reutilizados, como jornal velho, caixas de fósforos, pedaços de lata, papel velho, entre outros. O aproveitamento desses materiais que teriam o fim na lixeira para se fazer arte é um dos aspectos positivos apontados. Ainda completa reconhecendo que a aquisição desses conhecimentos tem real importância para o amanhã, quando essas crianças se transformarão em adultos, salientando que, apesar de algumas deficiências materiais da escola, aquela instituição é uma “verdadeira universidade mirim” (ESCOLA PARQUE PREPARA O FUTURO. 1964, p. 7) pois as crianças que frequentavam a Escola Parque recebiam treinamento para o futuro, assim como aponta o seguinte trecho:

Das artes à literatura, aos conhecimentos gerais e à educação doméstica, os moços procedentes das Escolas Classes e que passam pela Escola Parque, chegam ao Ginásio com a prática de tudo, em proporções pequenas, é verdade, mas importantes para a idade. (ESCOLA PARQUE PREPARA O FUTURO. 1964, p. 7)

A extensa e detalhada reportagem publicada é justificada pelo autor, que queria “demonstrar ao leitor e às autoridades educacionais do Distrito Federal, a importância de que a Escola Parque se reveste na formação da personalidade do homem de amanhã” (ESCOLA PARQUE PREPARA O FUTURO. 1964, p. 7). Afirma ainda que o trabalho feito ali é o mais moderno que há na vida daquelas crianças e que as deficiências da escola, ao invés de desanimarem, estimulam os professores a continuarem firmes. Finaliza a reportagem apontando a necessidade de se estimular o ensino na Escola Parque e de construir instituições similares a esta, que estão previstos na elaboração do Plano Piloto pelo arquiteto Lúcio Costa.

Até o ano de 1977, apenas uma das vinte e oito Escolas Parque programadas pelo Plano de Construções Escolares de Brasília havia sido construída (MARTINS, 2011). Durante os cinco primeiros anos do nascimento de Brasília, o único auditório existente era o da Escola Parque, local onde a população exercia seu lazer (MARTINS, 2011). Assim, se compreende a ânsia por dar publicidade às ações desta instituição em meio à sociedade que se instalava e crescia em pleno cerrado goiano. A população carecia de eventos, ao passo que também se preocupava com a manutenção da educação integral de seus filhos.

No ano seguinte, em 1965, o programa da comemoração do Dia da Criança na Escola Parque ficou por conta da encenação da peça “João e Maria”, do autor Engelbert Humperdineck, com tradução brasileira de Airton Campole e patrocinada pelo Conselho Nacional de Cultura, Rádio Educadora de Brasília, Juventude Musical Brasileira e Fundação Cultural do Distrito Federal (AGENDA. 1965, p. 13). Segundo a fonte, o elenco, intitulado Artistas Associados, fez grande sucesso em suas apresentações que aconteceram no Teatro Municipal do Rio (“JOÃO E MARIA” NA E. PARQUE. 1965, p. 13). A peça foi realizada no dia 12 de outubro, nos horários de 14h e 16h30. Em outras oportunidades, o Dia da Criança também contou com encenações teatrais, como em 1969, em que as professoras encenaram as peças Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho; e também promoveram um teatrinho de fantoches. Nessa oportunidade, também houve distribuição de refrigerantes, chapeuzinhos de papel e de doces (DIA DA CRIANÇA TEM PROGRAMA NA ESCOLA-PARQUE. 1969, p. 3).

Além desses eventos, a Escola Parque também promovia as disputas finais dos Jogos da Primavera no Dia da Criança, como aconteceu no ano de 1969, em que os jogos ocuparam a programação da manhã das crianças. (DIA DA CRIANÇA TEM PROGRAMA NA ESCOLA-PARQUE. 1969, p. 3)

2.3 Dia da Criança organizado por órgãos públicos/privados com parceria da escola

Em 1962, a Prefeitura do Distrito Federal preparou uma grande festa em comemoração ao Dia da Criança no Cine Brasília (FESTIVIDADES COMEMORATIVAS DO ‘DIA DA CRIANÇA’ NO DF. 1962, p. 8). A organização ficou por conta do Departamento de Turismo da PDF e pelas Fundações Cultural, Educacional e do Serviço Social. A festa se iniciou às 10 horas e teve como programação a apresentação da bandinha de crianças de Neusa França (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1962, p. 7) e “demonstração de defesa pessoal por crianças de 5 e 10 anos; teatro a cargo de escolares de Taguatinga e projeção de desenhos animados” (FESTIVIDADES COMEMORATIVAS DO ‘DIA DA CRIANÇA’ NO DF. 1962, p. 8). A entrada era franca para as crianças e seus responsáveis. Essa celebração, organizada por órgãos do governo do Distrito Federal, acabou por incluir a escola na programação com a apresentação da bandinha de Neusa França, da Escola Parque, e o teatro promovido pelos escolares de Taguatinga. Assim, as crianças presentes nesse evento, além de mostrarem para a sociedade as atividades artísticas que aprenderam na educação escolar do Distrito Federal, tiveram acesso às outras programações, como a inédita aula de defesa pessoal para crianças de 5 a 10 anos.

Competições e demonstrações esportivas foram promovidas em várias oportunidades na comemoração do Dia da Criança. A I Olimpíada Dente de Leite, organizada pela TV Brasília em parceria com o MEC, iniciou-se em 5 de outubro e foi até o Dia da Criança, 12 de outubro de 1970 (TV-RÁDIO. 1970, p. 14). Segundo o professor de educação física Capitão Jaime, essa competição visou “o preparo para os futuros atletas que disputarão as Olimpíadas Mundiais de 1976 e 1980” (TV-RÁDIO. 1970, p. 14). Esse mesmo Capitão Jaime, um grande entusiasta dos esportes mirins, foi o idealizador e organizador dessa competição, a qual contou com a participação de mil e quinhentas crianças. Ele afirmou que as crianças estavam muito entusiasmadas, compreendendo o que os adultos esperavam delas. As provas desta competição contaram com futebol, atletismo, bola do cesto, natação, judô, entre outros. A TV Brasília cobriu toda a competição, tendo destacado o Futebol Dente de Leite, que “está dando um impulso no futuro do Futebol e esportes brasilienses” (TV-RÁDIO. 1970, p. 14). Sobre o futebol “Dente de Leite”, uma grande competição mirim aconteceu no Estádio do Pelezão, quando as equipes do Flamengo e da Seleção Brasília se

enfrentaram. A partida foi com portões abertos e contou com a transmissão da TV Brasília (“MEGUINHO” JOGA HOJE EM BRASÍLIA. 1970, p. 14).

Grande destaque tomou a I Olimpíada Dente de Leite, visto sua exibição em um canal de TV aberta. Essa competição esportiva nos apresenta a influência do militarismo nas escolas. Não podemos deixar de mencionar aqui também que o ano de 1970 foi anos de Copa do Mundo e que o Brasil foi campeão. O professor de Educação Física, por ser chamado de Capitão Jaime, nos faz crer que ele é um militar. Essa competição escolar impõe os comportamentos desejados pelo governo à época na educação das crianças. Daquela educação, a escola entregaria para a sociedade, crianças que têm ordem, disciplina e cuidado com o corpo, para que no futuro o país pudesse contar com adultos saudáveis e atletas. Por ser promovida por um professor de educação física, as crianças colocavam em prática o que aprendiam nessa disciplina escolar, mas agora com a socialização, afinal, são mil e quinhentas crianças, e o entusiasmo de serem exibidas na televisão.

Numa mistura de competições esportivas com apresentações musicais, em 1969, houve uma tarde esportiva na Estação Rodoviária, ao lado da Esplanada dos Ministérios, com apresentação do Coral das Escolas da Coordenação de Educação Primária, composto por cem crianças e apresentação de ginástica masculina e feminina pelas crianças dessa mesma coordenação e da Banda da Polícia Militar (BANDAS ALEGRES HOJE A SEMANA DA CRIANÇA. 1969, p. 12). As apresentações, organizadas pela Prefeitura do Distrito Federal, através da Secretaria de Educação, foram assistidas por várias autoridades educacionais e pelo grande público (IMAGEM. 1969, p. 1). Uma imagem registrou o momento em que as apresentações de ginástica aconteciam.

Imagem 12: Crianças fazem apresentações de ginástica na Estação Rodoviária



(IMAGEM. 1969, p. 1)

A imagem 12 nos apresenta um momento das apresentações de ginástica em comemoração ao Dia da Criança. As crianças estão fazendo seus números num gramado e a fotografia registra a apresentação de ginástica masculina. Os meninos estão enfileirados, trajando uniformes e tênis. São crianças com corpos magros, que repetem os mesmos movimentos entre si, formando duplas. Enquanto um menino está de pernas para o ar, o outro o segura. Podemos perceber no rosto de algumas crianças da frente, que elas estão sorrindo, o que supõe que aquele era um momento momento de diversão.

Além das competições esportivas, nossa fonte nos apresenta ocasiões em que as produções artísticas foram colocadas em evidência nas celebrações do Dia da Criança no ano de 1971. Com a colaboração do Rotary Club Sudoeste, que forneceu todo o material usado, e o Clube Unidade da Vizinhança, que teve “pedra fundamental lançada durante o Festival” (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 11), aconteceu um Festival de Colagem no Guará, em comemoração ao Dia da Criança. Nessa mesma passagem, foi informado que a Biblioteca Infantil e a Escolinha de Arte da Entrequadra 104/304 realizaram sua festa no pátio interno. Nessa mesma Escolinha de Arte da Biblioteca da Entrequadras 104/304, as crianças fizeram cartões postais alusivos ao Dia da Criança e ao Natal. Os melhores cartões seriam modelos para os cartões produzidos de Boas Festas encaminhados para a família de cada criança. Essa escolinha estava buscando trabalhar cada categoria artística com as crianças, tendo êxito no teatro, agora partindo para o cinema. À época, a biblioteca tinha trezentos e quarenta e oito matriculados, e a Escolinha de Arte, cento e trinta (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 11).

Ainda nesse ano, o Departamento de Ensino Elementar, através da Supervisão de Artes Plásticas, organizou uma exposição de trabalhos infantis, que se realizou no saguão Palácio do Buriti (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 11). A exposição foi inaugurada às 17 horas do dia 12 de outubro, tendo participação de todas as Escolas Classe do Distrito Federal, que enviaram dois representantes de cada unidade educacional, acompanhados pelas suas professoras de Arte. A exposição foi intitulada Exposição de Arte Infantil das Escolas-Classe do Cruzeiro e das Cidades Satélites (EXPOSIÇÃO DE ARTE INFANTIL. 1971, p. 18).

Apesar do 12 de outubro de 1971 ter sido feriado, a inauguração da Exposição de Arte Infantil das Escolas-Classe do Cruzeiro e das Cidades Satélites aconteceu mesmo assim nesse dia, o que denota que aquele importante evento era uma exposição aberta ao público, que teria visitação e seria opção de lazer para a sociedade brasileira, visto

também a sua localização. Por tantas exposições de artes infantis organizadas no Distrito Federal, podemos apontar a valorização do trabalho artístico, sendo influência tanto da Escola Parque, quanto do Plano Construções Escolares de Brasília, preconizado por Anísio Teixeira (1961).

Pomos fim esta seção com um passeio escolar das crianças da sexta série da rede oficial de ensino ao campus da Universidade de Brasília. Classificado pela reportagem como uma “excursão diferente” (EXCURSÃO AO “CAMPUS”. 1970, p. 15), esse passeio foi organizado pela Equipe de Inglês da Coordenação Primária em homenagem ao Dia da Criança. Na Universidade, foram oferecidos vários divertimentos, como filmes e apresentações teatrais orientadas pelas professoras de inglês. A condução dos meninos até a Universidade se deu em um ônibus cedido pelo Corpo de Bombeiros do Distrito Federal. Esse passeio a uma universidade foi único em nossa análise e importante para a época, pois as crianças conheceram e de certa forma foram estimuladas a prosseguirem seus estudos superiores. Essa excursão provavelmente se enquadra com finalidades didático-pedagógicas (PERES, 2017), pois sua estrutura enseja que os organizadores pretenderam preparar diversas atividades com alguma intencionalidade, com um propósito já definido anteriormente.

2.4 Dia da Criança em Instituições de filantrópicas

Parte dos ritos das festividades escolares, a organização da celebração tem um importante papel, que garante o sucesso da programação e a alegria das crianças. Assim, já colocando em prática o que fariam no futuro, no ano de 1964 as alunas da turma da 3ª série B da Escola Normal Professor Faustino tomaram a iniciativa de prepararem uma festa especial para as crianças (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1964, p. 13). Assim, elas decidiram por distribuir, num educandário²¹, presentes para as crianças abandonadas de Brasília. O *Correio* as parabenizou pela iniciativa (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1964, p. 15).

²¹ A institucionalização de Educandários no Brasil aconteceu a partir da década de 1930, com o governo de Getúlio Vargas. Essas instituições serviam para isolar as crianças da sociedade com diversas finalidades, como por exemplo os filhos de pessoas com hanseníase (PACHECO, 2017). Assim como assevera Pacheco (2017, p. 21), “num tempo em que os esforços pelo progresso e civilização, recebiam forte influência do saber médico, orientados pelos princípios do higienismo e da eugenia, com propostas de renovação, desenvolvimento e progresso, baseadas na regeneração social, na defesa da pátria, por meio de ações sanitárias e do controle e vigilância dos sujeitos sociais. Num período em que as ações governamentais tiveram um forte caráter intervencionista e centralizador, tais princípios tornaram-se úteis para os processos de dominação e controle social.”

Nessa ocasião, as crianças que participaram da ação eram pobres e órfãs, que estavam numa instituição que as acolheu e que eram carentes de atenção e de bens materiais. Apesar da importância desse tipo de instituição, o destaque dado pela reportagem não é nessas crianças, mas sim na proatividade das alunas que faziam o curso na Escola Normal.

Em outro momento, um pequeno trecho de uma coluna que noticiava os acontecimentos da cidade de maneira bem concisa, chamada “Notícias Ligeiras”, chama atenção pelo seu conteúdo, que continha a seguinte nota:

DIA DA CRIANÇA

Transcorrido no dia 12 do corrente o Dia da Criança, não houve comemorações especiais, nesta cidade. Somente as damas rotarianas mostraram sua atividade, distribuindo brindes às crianças da Escola Rotary e do Aprendizado Agrícola “Sócrates Diniz”. (NOTÍCIAS LIGEIRAS. 1965, p. 7)

O conteúdo dessa passagem revela que não houve comemorações especiais em Brasília no ano de 1965 e que o evento mais especial que ocorreu foi o trabalho social das damas rotarianas, que distribuíram brindes para as crianças da Escola Rotary e do Aprendizado Agrícola “Sócrates Diniz”. Assim, essa nota acaba por ignorar todas as festividades do Dia da Criança promovidas em 1965, tais como o teatro infantil da peça João e Maria e a exposição de desenhos infantis apresentados na Escola Parque, que tinham entrada franca e era aberta ao público. Assim, na tentativa de enaltecer o trabalho social daquelas damas, que não deixa de ser uma ação boa, de maneira alguma, esses dizeres acabam por rebaixar as outras comemorações fora daquele âmbito a nada.

Além das tradicionais escolas, os Lares-Escola foram alvo de divulgação das celebrações do Dia da Criança pelo *Correio Braziliense*. A Granja das Oliveiras é uma dessas instituições, sendo um internato que proporciona ao órfão, abandonado ou em vias de abandono, um lugar semelhante a um lar (MENORES RECEBEM HOJE CASAS-LAR. 1969, p. 10). Os internos são divididos em grupos e cada grupo fica sob os cuidados de um casal selecionado pelas assistentes sociais. No lares-escola, os acolhidos fazem trabalhos domésticos, vão à escola, brincam e aprendem profissões. Essa instituição pertence à Fundação de Serviço Social do Distrito Federal. No ano de 1967 houve um dia dedicado à criança, momento em que a direção da Granja promoveu um churrasco para as crianças num bosque próximo, contando também com distribuição de brinquedos (“DIA DA CRIANÇA” FESTEJADO NO DF. 1967, p. 8). A distribuição de alimentos e de brinquedos, no festejo do dia da criança, são ações comuns devido a

sua repetição. Provavelmente, por se tratar de uma instituição pública de acolhimento, esse churrasco foi especial, contando com pratos que as crianças não costumavam comer na rotina do internato. A distribuição de brinquedos também sugere-se que foi uma programação especial, já que aquelas crianças eram carentes de atenção e de recursos materiais.

Em 1968, as crianças assistidas pela Granja das Oliveiras e também pela instituição Luís Fernando, tiveram várias comemorações da passagem do Dia da Criança (VÁRIOS FESTEJOS ASSINALAM O DIA DA CRIANÇA HOJE NO DF. 1968, p. 12). Eles receberam a visita dos participantes do III Encontro Nacional de Juizes de Menores, que se realizou em Brasília. Uma “ginkana”, provas de corrida e outras brincadeiras foram disputadas entre as crianças, que ganharam prêmios. Nesta ocasião, ainda houve “confraternização com os alunos do Instituto Agrícola La Salle de Taguatinga, pela manhã e uma projeção do filme, cedidos pela Embaixada do Japão, com início às 18 horas.” (VÁRIOS FESTEJOS ASSINALAM O DIA DA CRIANÇA HOJE NO DF. 1968, p. 12).

No ano de 1969, a Granja também teve presença nas comemorações do Dia da Criança, mas, nessa oportunidade, o presente especial que as crianças ganharam foram casas novas (MENORES RECEBEM HOJE CASAS-LAR. 1969, p. 10). Desde 1967 eles viviam em casas de madeira, e a entrega do novo recinto foi realizada no Dia da Criança. Além de conhecerem as novas casas, as crianças estavam ansiosas também pela programação do Dia da Criança, que contou com novidades, como uma gincana de carrinhos de rolimãs e futebol-de-salão num pátio asfaltado. Essas últimas brincadeiras foram ofertadas devido ao fato da rua em que se situavam as novas casas ser propícia para uma pista, pelo seu declive. Incomum às comemorações do Dia da Criança nas escolas de Brasília, até mesmo por sua função social, a programação deste ano foi a entrega das casas e essas novas brincadeiras, típicas de rua, e até mesmo um tanto perigosas dependendo do declive da rua e da velocidade, como o carrinho de rolimã. Provavelmente aquela instituição possuía muros, o que dava segurança para que elas pudessem brincar na rua.

Na última menção do Dia da Criança na Granja das Oliveiras em nossa análise, no ano de 1971 as crianças desse internato assistiram, na Sociedade Hípica de Brasília, às provas do Concurso Hípico Infantil (CRIANÇAS TERÃO FESTA NA HÍPICA. 1971, p. 15). As crianças foram levadas de ônibus até o local, sob o patrocínio do Exército e da NOVACAP. Elas passaram a manhã ali, e aprenderam sobre equitação. Os

competidores deste concurso eram os filhos dos sócios da Sociedade Hípica, o que já era de se esperar, pois é de senso comum que esse esporte é praticado pela elite (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1971, p. 19).

Diante de todos esses relatos das comemorações do Dia da Criança pelo lar-escola Granja das Oliveiras, percebemos uma tendência da filantropia, em que instituições de caridade ou organizações promovem eventos para crianças carentes. As outras programações, apesar de um tanto comuns para outras escolas, como a oferta de lanches, brinquedos, gincanas e competições, eram ocasiões especiais para essas crianças, que as esperavam ansiosamente. Sobre esse tipo de internato, podemos relembrar, com os estudos de Londoño (1991), como a figura do “menor”, considerado um perigo para a sociedade, foi reconstruída a partir da vitimização, ficando o Estado responsável pelo cuidado e proteção desses indivíduos, já que eles passaram a serem reconhecidos como o “futuro” da nação (LONDOÑO, 1991). Assim, várias medidas de prevenção e corretivas foram criadas, tendo apoio na legislação, para garantir a proteção e assistência dos “menores”. Uma das medidas de proteção ao “menor” foi a internação destes em abrigos, visando o “confinamento e a contenção espacial; o controle do tempo; a submissão à autoridade — formas de disciplinamento do interno, sob o manto da prevenção dos desvios ou da reeducação dos degenerados” (RIZZINI e PILOTTI, 2009, p. 20).

Assim como nos lares-escola, outros eventos foram promovidos por associações filantrópicas ou grupos para as crianças das escolas da capital. A Casa da Amizade, que integrava as esposas dos rotarianos de Taguatinga, ofereceu uma festa às crianças das escolas do Paranoá de maneira gratuita. Na festa, ocorrida no ano de 1967, houve uma sessão matinal de cinema e distribuição de doces. Na porta do cinema, “dona” Conceição Tavares distribuía doces às crianças, “incansável, como sempre” (SOCIAIS DE TAGUATINGA. 1967, p. 7). A empresa proprietária do Cine Paranoá colaborou com a ação, cedendo uma sala gratuitamente para o evento. Romero Lago, do Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), cedeu o filme. O texto ainda aponta um desapontamento dos organizadores do evento com a Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de Música: ‘em sentido negativo, a lamentável atitude da SBACEM, que, mesmo em tratando de uma festa de caridade, não abriu mão da cobrança de “direitos autorais”’ (SOCIAIS DE TAGUATINGA. 1967, p. 7). As empresas privadas costumavam colaborar com ações do Dia da Criança, como a exemplo do que ocorreu em 1970, quando a diretora da Escola Classe nº 07 do Núcleo

Bandeirante, usou o Correio Braziliense para agradecer ao Senhor Abdala Karim Nabut, proprietário do Cine Karim, por colocar aquele estabelecimento à disposição da escola para o Dia da Criança (CORREIO BRAZILIENSE. 1970, p. 2) .

Podemos notar, nessa oportunidade, a oferta, por uma organização composta por pessoas que tinham mais poder aquisitivo, de um evento gratuito para comemorar o Dia da Criança. Enquanto os maridos trabalhavam em seus importantes cargos, suas esposas promoviam ações beneficentes. Assim, para as crianças das escolas do Paranoá, houve cinema e doces, uma combinação que agradava. Para promover o evento, as organizadoras procuraram todas as pessoas responsáveis por cada passo, a fim de firmar parceria para que não houvesse o pagamento por parte delas. Desse modo, o dono do cinema cedeu o local, o órgão do governo cedeu o filme. Elas fizeram questão de publicar na reportagem a infelicidade da cobrança dos direitos autorais do filme, já que se tratava de um evento para que crianças carentes pudessem se divertir e serem celebradas. Apesar do evento ter como centro as crianças, a reportagem enfoca o fato dele ser produzido por caridade. A escolha do local, por ser uma cidade mais distante do Plano Piloto, nos faz pensar que ali as pessoas passavam por mais dificuldades, algo comumente típico de regiões periféricas de grandes centros urbanos. Assim, as crianças se afastaram das práticas escolares e foram se divertir numa sessão de cinema.

Nessa mesma linha de promoção de eventos de caridade, em 1971, a Campanha de Erradicação de Invasões - CEI ofertou, em razão da comemoração do Dia da Criança, na Rua do Recreio da Ceilândia, a distribuição de lanches para as crianças presentes (RUA DE RECREIO NA CEILÂNDIA. 1971, p. 15). Esse dia ainda contou com entretenimentos para os participantes, como uma demonstração de salvamento feita pelo Corpo de Bombeiros do Distrito Federal e uma recreação promovida pelas professoras do Centro de Ensino Médio Ave Branca e cem normalistas.

Pela localização e o nome da campanha, essa ação foi feita numa região bem pobre do Distrito Federal. Se carentes, com certeza a alimentação dessas crianças era insuficiente, daí uma distribuição de merendas para todos. Com uma programação de demonstração de salvamento pelo Corpo de Bombeiros, provavelmente essas crianças estavam acompanhadas também de seus responsáveis. A escola adentrou ao evento no momento em que as professoras e normalistas promoveram uma recreação para essas crianças.

Na Creche e Orfanato Menino Jesus, do Gama, foi comemorado o Dia da Criança com uma celebração pelo grupo “Meninos da Asa Norte”, que executaram várias

músicas dedicadas à infância, com a realização de brincadeiras para as crianças, que, segundo a fonte, se divertiram muito (FESTA DA CRIANÇA NA CRECHE DO GAMA. 1971, p. 14). A festa foi organizada pela direção daquela casa assistencial. As crianças que faziam aniversário no dia da realização do evento foram homenageadas, somando um total de quinze. A festa contou com bolo, doces, refrigerantes e balões. A citação insistente dessa ocasião da participação das crianças nos faz determinar esta como figura central daquele evento. Com brincadeiras e músicas apropriadas ao público infantil com a apresentação de um grupo musical, as crianças foram agraciadas com uma grande festa e a satisfação delas foi afirmada pela fonte. São crianças carentes, que ganharam um dia feliz, com apresentações artísticas, muitas brincadeiras, bolos, doces e refrigerantes, o que talvez, pela condição social, essas programações não eram comuns na realidade delas.

2.5 Dia da Criança nos Jardins de Infância e nas Escolas Classe

As Escolas Classe e os Jardins de infância tinham seu espaço nas publicações do Dia da Criança no *Correio Brasiliense*. Eram diversas as programações e motivações que levavam a fonte a tornar públicos esses fatos. O Jardim de Infância do IPASE celebrou o Dia da Criança com várias festividades para as crianças matriculadas nesta instituição, tendo destaque um jogo de futebol disputado no turno matutino e o turno vespertino da Sala Rosa, que eram as crianças pertencentes ao último ano do jardim de infância (“CORREIO” ESTUDANTIL – O ENSINO DIA A DIA. 1962, p. 9). As mães e seus filhos passaram os últimos dias antes do jogo preparando o uniforme, que se dividia entre azuis e vermelhos. A vitória, pela manhã, foi do time vermelho. Os pais das crianças se empolgaram muito, chegando a reclamar sobre o resultado do jogo “não há verdadeira partida sem alguns gritos de “juiz ladrão”, não é?” (“CORREIO” ESTUDANTIL – O ENSINO DIA A DIA. 1962, p. 9). Os pais acharam que foi injusta a derrota do time azul. A reportagem destaca o fato interessante das crianças não terem reclamado, mas sim os adultos. A programação do Dia da Criança do Jardim de Infância do IPASE é citada apenas no ano de 1962. Pela restrição da nossa fonte apenas às comemorações com o envolvimento da escola, e por motivações do jornal em divulgar este ou aquele evento, outras instituições também são citadas apenas uma vez.

Em 1964, a diretora da Escola Classe n. 1 agradeceu publicamente ao comércio local, que patrocinou financeiramente para as festividades programadas do Dia da

Criança da instituição, o que garantiu o sucesso da festa (AGRADECIMENTO. 1964, p. 11). Assim, ela cita na publicação todas as empresas que contribuíram

Mercearia “O Grande Ponto;
 Distribuidora de Alimentícios Ave Branca;
 Majestade do Paladar;
 Lojas Map Ltda;
 Mercearia Paulista;
 Magazine Eliana;
 Deposito de Retalhos das Fábricas;
 Churrascaria Jangada;
 Planaltintas;
 Casa Spirandelli;
 A Eletrônica;
 Depósito Morro Velho;
 Cantina Alpina;
 Organização Saturno;
 Imperatriz Lanches;
 Bar Porto Alegre;
 Bar dos Esportes;
 Alvorada Lanches;
 Panificadora Princesado Planalto;
 Açougue Copacabana;
 Drogatinga;
 Super Mercado Planalto;
 Cemar – Panificadora Ind. e Com;
 Casar Klemer e Casa Joterta
 Panificadora São Judas Tadeu;
 (AGRADECIMENTO. 1964, p. 11)

Diante do elevado número de empresas que patrocinaram este evento do Dia da Criança, há de se atentar para o fato da influência proferida pela Escola Classe n. 1 naquela comunidade. Dessa situação, citamos Faria Filho, que menciona que a escolarização produz “referências sociais em que a escola se torna eixo articulador de sentidos e significados” (FARIA FILHO, 2004, p. 153).

Essa mesma escola apareceu em outra oportunidade na nossa fonte, mas agora contando os acontecimentos do Dia da Criança. No ano de 1971, a festa contou com jogos, gincanas “e a famosa turma da pesada, que ao que parece pegou mesmo...” (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1971, p. 11). Jogos e gincanas são práticas comuns a essas comemorações, tendo em vista ao avultado número de menções. A reportagem não cita o que é a turma da pesada. A diretora Anisia Santos da Rocha Cravo e a Vice-Diretora Regina Bolagnani de Souza e Silva e as professoras da instituição são parabenizadas, por se dedicarem para que a animada festa tivesse êxito. Das competições, os vencedores foram citados: “Vencedores: 1o. turno, alunos das professoras Marlete Mourão, Eliana Melo, Izabel Val Passos, Ivone Loiola Sabatovicz, e o 2o. turno alunos da professora Terezinha Filizola”. (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1971, p. 11). A menção

desse episódio é bem breve. Não se faz alusão a quais esportes essas crianças foram vencedoras, mas podemos supor que foram grupos vencedores da gincana num geral.

O ano de 1966 inicia as comemorações do Dia da Criança com uma passagem que anuncia:

Os estabelecimentos de ensino desta Capital promoverão hoje várias festividades comemorativas ao “Dia da Criança”, com palestras e folguedos. Ontem, era grande a movimentação nas lojas de artigos infantis, principalmente nas de brinquedos, demonstrando que este ano a gurizada receberá muitos presentes. (CRIANÇA TEM SEU DIA HOJE. 1966, p. 1)

Esse trecho mostra sinais dos ritos que constariam das celebrações da criança. A reportagem aponta a realização de palestras e folguedos nos estabelecimentos de ensino da capital. Interessante o apontamento da promoção de folguedos, que são festas populares que constam de música, dança e teatro e que tem origem da religião e da junção de culturas que constituíram a cultura brasileira. (FOLGUEDOS: O QUE SÃO?, 2022). Essas festas são mais comuns no nordeste e fazem parte do folclore brasileiro. Essa é a primeira e única aparição desse rito. Nas palestras, vemos o objetivo de informar e condicionar seu público a seguir as diretrizes emanadas. Ao fim dessa passagem, o comércio é citado, diante do aumento das vendas de brinquedos.

Ao acompanhar as notícias acerca do Dia da Criança no Distrito Federal, temos a expectativa de que aquele dia possa ter sido um momento de celebração, de alegrias, cuidado, acolhimento, descontração e com funções educativas para as crianças. Infelizmente, no ano de 1967, essa expectativa é quebrada por uma tragédia.

A Escola Classe da SQ 409-10 comemorou o Dia da Criança levando 400 crianças, diretores e professoras em um passeio escolar ao Parque Nacional de Brasília (MENOR MORRE AFOGADO NA PISCINA DO PARQUE NACIONAL EM PASSEIO ESCOLAR. 1967, p. 7). Todos foram transportados num ônibus que a escola conseguiu. Segundo Natalia Mariano, o seu filho Luiz Henrique, de 10 anos, e sua filha Marisa, de 8 anos, estudavam nessa mesma instituição e saíram de casa às 8 da manhã para pegar o ônibus que os levariam até o Parque. A recomendação feita pela mãe aos diretores e às crianças era de que seus filhos não poderiam tomar banho nas piscinas.

Por volta de 16 horas, Marisa chegou em casa com as roupas e sapatos de Luiz Henrique dentro da mochila, alegando que seu irmão havia sumido no Parque. Nesse momento, Natália, se dirigiu desesperadamente até o apartamento do senhor Ildevandro Silva, que era diretor da escola e residia no mesmo bloco que ela, na entrada C. Chegando no apartamento, ela reclamou com o diretor sobre o desaparecimento de seu

filho, indagando como era possível os professores e diretores irem embora do passeio sem notar a falta de um menino. O diretor alegou que havia requisitado a presença no local do Corpo de Bombeiros por cautela, mas que de fato não sabia onde o menino Luiz Henrique estava. O diretor Ildevandro e a mãe Natália foram de carro até o Parque Nacional, e com o auxílio dos funcionários, infelizmente descobriram o corpo do menino no fundo da piscina.

Luiz Henrique Cavalcante Mariano tinha apenas 10 anos e era um dos melhores estudantes daquela instituição, segundo a reportagem. Ele chegou, inclusive, a ter aceleração nos estudos, do quarto para o quinto ano primário, tamanha sua dedicação (MENOR MORRE AFOGADO NA PISCINA DO PARQUE NACIONAL EM PASSEIO ESCOLAR. 1967, p. 7). Ele residia com seus pais, o funcionário municipal Josias Corrêa Mariano e Natalia Cavalcante Mariano, na 409-10, bloco 18, entrada “A”, apartamento 203. Uma missa foi celebrada na igreja de Santa Rita, na Av. L, após um mês da morte de Luiz Henrique (MISSA. 1967, p. 8).

Infelizmente, um passeio escolar que seria um momento de divertimento e saída da rotina das crianças, acabou com o afogamento de uma criança. É inegável que as crianças nos surpreendem e que cuidar de quatrocentas ao mesmo tempo não é uma tarefa fácil. Porém, passeios escolares a lugares com piscinas ou obstáculos perigosos necessitam da presença de muitos adultos para a vigilância constante dessas crianças. Pela reportagem, não foi possível saber o número de adultos que acompanharam as crianças. Outro ponto foi que o pedido da mãe para que seus dois filhos não entrassem nas piscinas não foi respeitado. A tragédia poderia até mesmo ser evitada, caso algum responsável por eles seguisse a recomendação.

Em várias passagens da nossa fonte, notamos como as reportagens exaltam o cuidado que as escolas do Distrito Federal têm por seus educandos. Mas, que cuidado é esse, quando se sai com 400 crianças para um passeio e volta com 399 sem ao menos se notar a falta de uma delas? A fala do diretor soa como se, para a escola, nada houvesse de ocorrências. O Corpo de Bombeiros estava presente, ninguém os informou de uma contagem de crianças com um faltante. O diretor e as professoras já descansavam tranquilos em suas casas, enquanto a mãe do menino Luiz Henrique se desesperava com o sumiço de seu filho. O desespero foi tanto que a mãe tomou a providência de ir até a residência do diretor para procurar seu filho, e voltando ao parque, a tragédia foi constatada.

Ainda sobre o episódio da morte de Luiz Henrique, de 10 anos, cabe aqui uma reflexão sobre o título da matéria a qual se encarrega de noticiar o fato. Na notícia sobre a morte da criança, no título “Menor morre afogado na piscina do Parque Nacional em passeio escolar”, o jornal passa a chamá-lo de “menor” após o acidente. Luiz tinha 10 anos, era estudante, residia no Plano Piloto, e pelo cuidado de sua mãe, poderíamos supor que sua família era estruturada. Diante disso, nos questionamos sobre o motivo de depois do acidente Luiz deixa de ser uma criança e passa a ser um “menor”. Seguindo a conceituação de Londoño (1991), o “menor” era utilizado para denominar crianças e adolescentes pobres menores de idade, que, não cuidadas por um responsável legal, eram consideradas abandonadas, que estavam presentes nos diversos locais urbanos, como as regiões centrais, nos arredores de mercados e praças, muitas vezes cometendo crimes e sendo presas. Seria essa uma tentativa de culpabilizar a vítima, ou até mesmo sua família, como responsáveis por seu acidente, livrando a escola e o Estado da responsabilidade de cuidar da educação e garantir a integridade física das crianças sob sua responsabilidade? A fonte não nos traz isso explicitamente, mas o uso desse termo nos traz um alerta para esse tipo de intenção.

Apesar dessa grande tragédia, o jornal tratou de tornar públicas mais comemorações do ano de 1967. Numa dessas matérias, foi informado que todas as escolas de Brasília comemoraram o Dia da Criança, com a realização de “festinhas, jogos, competições, excursões, lanches especiais, sessões cinematográficas e visitas a clubes” (“DIA DA CRIANÇA” FESTEJADO NO DF. 1967, p. 8). O destaque dado foi para a festa da Escola Maternal e Jardim de Infância Chapeuzinho Vermelho, situada na Av. W-3, quadra 11, casa 91, em que sua diretora, Olga Bastos, organizou para as crianças uma “corrida de sapo” e a presença de um palhaço, que foi caracterizado pela professora Neide. As trinta crianças que frequentam a instituição se deliciaram com os doces e receberam de presente brinquedos. Nessa celebração destacada, podemos notar como as crianças saíram da rotina das práticas educativas comumente executadas naquela instituição de ensino. As atrações foram organizadas pelos adultos para as crianças, que eram destacadas daquele evento, ganhando inclusive brinquedos e doces.

Já em 1969, as Sociais de Brasília trouxeram um comentário sobre o quão bonita foi a comemoração do Dia da Criança no Jardim de Infância da SQS. 308, tendo aquele evento sido organizado pela Diretora Maria Ângela e pela Vice Diretora Maria José Aversa. Nesse evento, todas as crianças foram presenteadas com um brinde (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1969, p. 11). Também nesse ano, a Escolinha Carrossel organizou sua

feira, dispondo de “Teatro da pantomima, números musicais, sorteios e brindes, apresentação do Topo Gigio são algumas das diversões que alegrarão as crianças” (AGENDA. 1969, p. 2). Esta festividade aconteceu fora do ambiente escolar, tendo como local o Clube dos Previdenciários, Av. W/4. A distribuição de brindes e lembrancinhas se torna uma ação comum à celebração do Dia da Criança, vide vários relatos desse dia.

Para o ano de 1971 as escolas anteciparam suas comemorações em virtude do feriado, promovendo “suas festinhas, com jogos, recreação, saudações, encenações, numa homenagem aos pequeninos seres que são a razão de ser dos professores, a alegria de suas vidas” (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 11).

Nesse ano, a coluna Ensino e Cultura, de Yvonne Jean, inicia sua nota com uma oração criada pelos anos da 1ª série da Escola Classe 308, em homenagem ao Dia da Criança:

Senhor/ Olhai as crianças pobres/ Cegas e aleijadas/ De para tôdas as crianças um lar/ E para nós saúde e inteligência/ Obrigada, Senhor..(ENSINO E CULTURA. 1971, p. 11)

Agradeço por ter dado à criança o seu dia/ Abençoi as crianças de todo o mundo/ Senhor, pela inocência das crianças, dai/ Paz ao mundo/ Que tôdas as crianças tenham o alimento necessário à mesa. (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 11)

Na primeira oração escrita pelas crianças, estas pedem que Deus interceda pelas crianças pobres, cegas e aleijadas, dando a elas um lar. Já para eles mesmos, que não eram crianças pobres e nem deficientes, que já tinham um lar, o pedido era por saúde e inteligência. Afinal, cada criança ganharia o que mais precisava no momento, e para as que escreveram a oração, saúde e inteligência seriam suficientes para que eles cumprissem o papel de se tornarem os grandes líderes do amanhã. A segunda oração agradece pelo 12 de outubro, dia dedicado à criança; pede que Deus abençoe a todas e que para elas não falte alimento à mesa. Ainda pede “Paz ao mundo” (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 11).

Essa oração seria lida como parte das comemorações do Dia da Criança, constando ainda da seguinte programação:

às 8 horas, hasteamento da bandeira; às 10 horas, apresentação da fanfarra do Colégio Marista; às 10:30 horas, lanche festivo com distribuição de lembranças; às 11 horas, gincana; das 14 às 16 horas, aulas normais; às 16 horas, lanche festivo; às 16:30 horas, apresentação de mágico e demonstração de capoeira; às 17:30 horas, apresentação da Banda do Corpo de Bombeiros; às 18 horas, arriamento da Bandeira. (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 11).

Hasteamento de Bandeira, apresentação de fanfarra pelo Colégio Marista, apresentação da Banda do Corpo de Bombeiros e arriamento da Bandeira são programações influenciadas e incorporadas por influência do governo militar na educação, na emanção de valores patrióticos nas crianças que assistiam. A gincana, a distribuição de lanches e lembranças são comuns nas festividades do Dia da Criança, mas esta programação veio acompanhada de uma apresentação de capoeira e de um mágico, que são elementos únicos nessa análise. Nesse dia, ainda podemos perceber a apresentação de um estabelecimento privado de ensino, o Colégio Marista para as crianças da Escola Classe 308. Interessante notar a diferenciação dos horários de aulas normais e da programação da festa das crianças. Isso denota que essas festas se diferenciavam das práticas escolares da instituição de ensino em questão, apesar da função educativa tida nas apresentações.

2.6 Dia da Criança em Instituições Privadas de Ensino

O Colégio Santa Rosa, localizado na avenida L-2, tem divulgada, em 1966, a sua programação executada no Dia da Criança (ALEGRIA DE CRIANÇA NO SEU DIA. 1966, p. 1). As 160 crianças matriculadas nessa instituição realizaram várias solenidades que ocuparam a tarde toda. Sob a direção da Madre Maria Conceição Labarte, diretora do estabelecimento, houve representações de bailado, canto, declamação e números de acordeon pelas crianças. (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1966, p. 19) As crianças do Colégio Santa Rosa participaram ativamente das comemorações, sendo as figuras centrais das apresentações ofertadas ao público. Não se sabe como era a rotina dessa escola, mas podemos supor que eles tinham ensino integral, momento em que outras atividades fora do ensino comum de uma instituição de ensino eram ofertadas. Assim, as festas escolares eram um momento propício para que as crianças demonstrassem aos espectadores os conhecimentos que elas adquiriram enquanto matriculadas nesta instituição.

A cidade de Sobradinho tem apenas uma menção no Correio Braziliense, nos anos de nossa análise, quanto à realização de suas festas escolares do Dia da Criança (FESTA PARA O “DIA DA CRIANÇA”. 1968, p. 10). Assim, constante de seu programa, houve um show no Cine Alvorada no dia 12 de outubro, das 9:30 às 11:30. No dia anterior, 11 de outubro, nesse mesmo estabelecimento, a peça “O rapto das cebolinhas” foi encenada pelas professoras Ana Irlanda, Anita Rego, Marina Peixoto,

Maria do Rosário, Sônia Maria Coelho, Roseli Moraes e Zuleica Peixoto. Também nesse mesmo dia e no ensejo de proporcionar às crianças o contato com peças teatrais, no Colégio Sobradinho foi apresentada a peça infantil “Pinocchio”, patrocinada pelo Departamento de Turismo da PDF com colaboração da Administração Regional de Sobradinho. Nessa ocasião, houve a distribuição de doces para as crianças. O Ginásio de Sobradinho também promoveu uma peça teatral pelos professores em homenagem às crianças e um almoço foi oferecido a eles, sendo um às 11 horas da manhã, para as crianças do matutino, e outro às 13 horas para as crianças do turno vespertino. Por fim, as crianças foram contempladas com uma palestra do senhor José Luiz Conceição e Silva pertencente ao Centro Brasileiro de Estudos Português da Universidade de Brasília no dia 13 de outubro, às 10 horas da manhã.

Pelo anúncio dos eventos ocorridos em Sobradinho, podemos perceber que o Dia da Criança não foi comemorado apenas no 12 de outubro, sendo também celebrado no dia 11 e 13, por conta do volume de apresentações, que preenchem os turnos dos dias letivos. As programações teatrais foram frequentes naquele local, sendo organizadas e encenadas pelas professoras das escolas e em um momento, patrocinadas pelo poder público. Além desses eventos, as crianças receberam um almoço, que se incumbiu de não deixar nenhuma de fora, ocorrendo nos dois turnos escolares do mesmo dia. Não há detalhes acerca do show ocorrido no Cine Alvorada e nem da palestra do membro do Centro Brasileiro de Estudos Português da Universidade de Brasília, mas supõe-se que eles contenham elementos educativos em suas exteriorizações.

2.7 Perfazimento do Dia da Criança no Distrito Federal entre 1960-1971

Nesta seção, buscamos encontrar os elementos das festividades do Dia especificamente dedicado à Criança e, conseqüentemente, quais crianças essas festas queriam celebrar no Distrito Federal. Para os eventos que ocorriam especificamente nesse dia, sua organização era promovida pela direção das escolas, pelas professoras ou por órgãos públicos de Brasília ligados à educação e à cultura.

Diversos eventos eram organizados nas escolas para o Dia da Criança. No primeiro ano de análise, de forma a “inaugurar” o sistema público de ensino, vimos que o presidente da República participou dos festejos do primeiro Dia da Criança. O local escolhido foi a primeira residência presidencial, o Catetinho, ocasionando aos estudantes a possibilidade de um passeio e de um encontro com a mais alta autoridade do país. Naquele ano, a celebração desta data dedicada à criança, contou com uma

motivação especial, que acabou lhe conferindo outros sentidos. Com efeito, a presença do presidente da República Juscelino Kubitschek transformou a comemoração em uma estratégia política de afirmação da realidade da nova capital na vida do país e de seu idealizador, centralidade que o jornal *Correio Braziliense*, pela cobertura realizada, ajudou a produzir. A festa tornou-se, então, um aparato publicitário do governo federal.

Em outra oportunidade, nota-se também a presença destacada de uma figura política, o então prefeito de Brasília. Ele usou a data para exaltar e propagandear as instituições escolares e projetos públicos, tais como a inovadora Escola Parque. Em vários anos, reportagens trataram de enaltecer o papel dessa instituição na educação das crianças, usando então a atenção recebida pela data para esse tipo de “propaganda”.

A Escola Parque é destaque na comemoração do Dia da Criança, tendo sido sede das festas em vários anos. Coadunando com o currículo ensinado nela, o Dia da Criança trazia uma série de eventos artísticos. As exposições de arte eram constantes, contando com exposição de trabalhos de artes infantis, exposição de trabalhos manuais das crianças, exposição de desenhos de crianças norte-americanas, japonesas e brasileiras e uma exposição de arte chamada Método de Projeto Globalizador. Essas Mostras eram abertas ao público e configuravam uma opção de lazer da capital. Assim, o Dia da Criança tinha seu uso para o entretenimento para os moradores do Distrito Federal.

A Escola Parque ainda tratou de oferecer para o Dia da Criança uma Festa das Danças, sessões de cinema com filmes educativos e desenhos animados, demonstração das atividades deste estabelecimento de ensino durante o ano letivo, execução de números musicais pela “bandinha”, canto orfeônico, apresentações de “ginástica feminina moderna” e ginástica masculina. Esses eventos, sendo abertos ao público, também contavam com a presença de autoridades de Brasília. Era um momento oportuno para que as crianças exteriorizassem à comunidade tudo o que aprendiam na Escola Parque. A participação dos pais, de autoridades, da comunidade e o patrocínio do comércio nas festividades programadas do Dia da Criança caracterizavam a influência proferida por instituições escolares na sociedade.

O teatro e apresentações musicais, destaque e programação comum também na Semana da Criança, era presença constante no dia 12 de outubro. As peças eram encenadas pelas próprias professoras ou por grupos de artistas externos à escola. Na música, fez parte desse dia apresentações da bandinha de crianças de Neusa França, do Coral das Escolas da Coordenação de Educação Primária, da Banda da Polícia Militar, da Banda do Corpo de Bombeiros, da fanfara dos colégios, canto, declamações,

números de acordeon pelas crianças e a execução de músicas infantis pelo grupo “Meninos da Asa Norte”.

Essa data era utilizada para a realização de eventos esportivos, como as finais dos Jogos de Primavera. Competições e demonstrações foram promovidas em várias oportunidades, como jogos de futebol, apresentação de ginástica masculina e feminina, jogos, gincanas, demonstração de defesa pessoal para crianças e de capoeira, e provas de corrida. A I Olimpíada Dente de Leite, organizada pela TV Brasília em parceria com o MEC, foi promovida para o Dia da Criança, e dispôs de provas de futebol, atletismo, bola do cesto, natação, judô, entre outros.

Para além da Escola Parque, outras instituições também promoveram atividades artísticas infantis e sessões de cinema, como a exemplo da exposição de trabalhos que se realizou no saguão Palácio do Buriti, intitulada Exposição de Arte Infantil das Escolas-Classe do Cruzeiro e das Cidades Satélites e o Festival de Colagem no Guará; e as sessões de cinema proporcionadas gratuitamente às crianças pelo Cine Karim.

A distribuição de alimentos, principalmente refrigerantes, doces, oferecimento de lanches, bolos eram comuns, e às vezes vinham acompanhados da distribuição de chapeuzinhos de papel e de balões às crianças e de outros presentes, tal qual costuma se comemorar um aniversário. Desse modo, tornava-se um elementos dos ritos inerentes ao Dia da Criança o ato de presentear as crianças, tendo sido relatado em várias oportunidades. Em algumas ocasiões, essas “festinhas” preparadas para as crianças contavam com a presença de um palhaço e também de um mágico. Em instituições filantrópicas, como a Granja das Oliveiras, as crianças foram presenteadas com um churrasco num bosque próximo da instituição.

Ainda sobre instituições filantrópicas, o Dia da Criança na Granja das Oliveiras era composto de ritos, passeios e brincadeiras um tanto incomuns as outras escolas do Distrito Federal, como a visita que receberam dos participantes do III Encontro Nacional de Juízes de Menores, o uso da data para “presentear” as crianças com novas instalações da instituição, gincana de carrinhos de rolimãs e futebol-de-salão num pátio asfaltado e um passeio na Sociedade Hípica de Brasília. Como era um lar-escola de atendimento à abandonados, outras instituições ou organizações promoviam eventos para essas crianças carentes. Outras atividades filantrópicas também foram desempenhadas no Dia da Criança para crianças pobres, como as celebrações da Casa da Amizade e da Campanha de Erradicação de Invasões.

Palestras e demonstrações de salvamento feitas pelo Corpo de Bombeiros do Distrito Federal foram ministradas em razão do Dia da Criança. Passeios e excursões, como a exemplo da visita a Universidade de Brasília, que contou com vários divertimentos e apresentações de uma professora de inglês, também estavam presentes. Nesses ritos, vemos o objetivo de informar e condicionar seu público a seguir as diretrizes emanadas.

Programas como o Hasteamento de Bandeira, canto do Hino Nacional, apresentação de fanfarra pelo Colégio Marista, apresentação de bandas militares e arriamento da Bandeira são ritos influenciados e incorporados a essa festividade por influência do governo militar na educação, na emanção de valores patrióticos nas crianças e comunidade que assistiam.

Na análise das práticas educativas, percebemos que em raras ocasiões as escolas públicas do Distrito Federal, com exceção da Escola Parque e de outras de período integral, inseriram práticas comumente realizadas em sala de aula nos momentos das festividades. Geralmente, as festas eram uma oportunidade de romper com a rotina diária e se divertir. Em escolas particulares, podemos notar, como a exemplo da programação publicada pelo Colégio Marista, que as festividades eram formadas por programações que faziam o revezamento entre aulas normais e de ritos festivos.

Apesar de acompanharmos esses ritos de celebração, de alegrias, cuidado, acolhimento, descontração e com funções educativas para as crianças, temos o relato da tragédia que marcou a comemoração de 1967. Uma criança morreu afogada numa piscina em passeio ao Parque Nacional de Brasília. A mãe havia pedido aos funcionários da escola que seus dois filhos não tomassem banho nas piscinas, o que não foi atendido. Ao final do dia, apenas sua filha chegou em casa, portando as roupas e sapatos do irmão, alegando que ele havia sumido no Parque. Nesse momento, a mãe se dirigiu até o apartamento do diretor da escola e reclamou com ele sobre o desaparecimento de seu filho, indagando como era possível os professores e diretores irem embora do passeio sem notar a falta de um menino. O diretor alegou que havia requisitado a presença no local do Corpo de Bombeiros por cautela, mas que de fato não sabia onde o menino estava. O diretor e a mãe foram de carro até o Parque Nacional, e com o auxílio dos funcionários, descobriram o corpo do menino no fundo da piscina.

Em várias passagens da nossa fonte, notamos como as reportagens exaltam o cuidado que as escolas do Distrito Federal tinham por seus educandos. Mas, por esse acontecimento, constatamos que esse cuidado e importância não estavam tão presentes,

pois fica inimaginável pensar num passeio escolar que volta sem uma criança e nem os pais são avisados disso por parte da equipe escolar.

As infâncias celebradas nessas festas contavam com diferenciações. Em determinada oportunidade, como no encontro de Juscelino Kubitschek, a infância destacada tinha o perfil da criança que residia em Brasília e estava matriculada nas escolas públicas daquele local. Assim, podemos perceber a presença da infância das crianças oriundas de famílias com uma condição financeira mais confortável. Nas fotos e nas publicações, constatamos a presença de meninos brancos sorridentes, bem vestidos e penteados, atletas com corpos magros, que cuidam do corpo, disciplinados e organizados em filas, pondo em prática suas habilidades e conhecimentos aos espectadores por meio das exposições e apresentações, como sendo crianças treinadas para o futuro. Nessa representação, concebe-se o tipo de criança que estava sendo treinada para formar uma nação do futuro saudável e forte. As meninas eram registradas nas fotografias, com mais enquadramento, em exposições de atividades artísticas, sempre estando bem vestidas e com seus cabelos impecáveis. No contraste com essa infância, temos a presença das crianças abandonadas, que são cuidadas em lares de caridade.

Assim, finalizamos este capítulo atingindo nossos objetivos. No próximo capítulo, trataremos especificamente das festividades realizadas em razão do Dia do Professor.

CAPÍTULO 3 - AS COMEMORAÇÕES DO DIA DO PROFESSOR

Sendo parte das festas de outubro celebradas em estabelecimentos de ensino, o Dia do Professor tem seu espaço nesta investigação. Com a construção e implantação de um sistema escolar em Brasília, fez-se necessária uma rigorosa seleção dos professores que atuariam ali, afinal, a proposta de um ensino inovador demandaria um corpo docente competente, “de sólida formação intelectual e profissional” (PEREIRA *et al.*, 2011, p. 182) com disposição e preparo para encarar essa grande oportunidade. Assim, um concurso nacional atraiu professores de diversas localidades. Em 8 de abril de 1960, sessenta professores se apresentaram à rede pública de ensino do Distrito Federal, os “60 de 60” (VASCONCELOS, 2011, p. 127). Sessenta profissionais vindos de diversas localidades do Brasil, se propondo a encarar a mudança para um local distante e que estava em processo de construção, enfrentando as mais diversas dificuldades que aquela aventura traria.

Neste capítulo delinearemos quais eram as características da festividade do Dia do Professor e quais professores essas comemorações queriam exaltar no Distrito Federal. Diferentemente dos capítulos que trataram do Dia da Criança e da Semana da Criança em que trouxemos análises somente de eventos que tinham a participação direta da escola, nesta seção, as análises do Dia do Professor serão efetivadas em oportunidades com e sem a participação direta da escola, pois, o professor só torna-se professor pelo surgimento da necessidade de instrução, ou seja, da pré-existência da prática de ensino ou de uma entidade educacional. Diante do encontro com a nossa fonte, pudemos dividir essa análise de modo que a primeira parte versará sobre os elementos que compunham essas festividades e a segunda cuidará das representações do ideal de professorado nesse espaço e tempo, tendo como fonte as diversas saudações, notas, poemas e homenagens que foram publicadas nas páginas do Correio Braziliense em homenagem ao professor.

O Dia do Professor surge, segundo Vicentini (2004), de um movimento de muito empenho e luta de associações de professores por seus direitos e por reconhecimento da profissão docente. No período compreendido entre os anos de 1930 a 1963, as associações comemoravam a data de modo a se fazerem presentes, de construir na memória das pessoas a importância dessa categoria (VICENTINI, 2004). A primeira vez em que o 15 de outubro foi festejado se deu no ano de 1933, momento em que a Associação dos Professores Católicos do Distrito Federal (APC-DF) deu origem à data

objetivando dar um maior relevância os professores (VICENTINI, 2004).

A proposta dessa data tem como referência a lei que criou o ensino primário no Brasil, no período imperial, em 15 de outubro de 1827, que marcou uma aliança entre a Igreja e o Estado. É interessante também mencionar que o 15 de outubro é dia de Santa Tereza D'Ávila, consagrada protetora dos professores, o que faz mais uma ligação da parceria firmada com a Igreja Católica. A celebração se iniciou com a execução de rituais católicos, como a missa, que se fez presente nas comemorações oficiais durante um grande período da história da república (VICENTINI, 2004).

De início, essa comemoração foi pensada para que as pessoas demonstrassem reconhecimento pelo trabalho dos mestres, que geralmente são esquecidos. Era então a busca de uma comemoração de caráter afetivo. Com o passar dos anos, essa celebração passou a contar com um adicional de ritos, como o momento propício para que a categoria lutasse contra os baixos salários e a falta de reconhecimento social. (VICENTINI, 2004).

O primeiro estado a reconhecer oficialmente o Dia do Professor foi São Paulo, em 13 de outubro de 1948, por meio da Lei Estadual nº 174 (VICENTINI, 2004). Já a instituição nacional aconteceu por meio do Decreto Lei 52.682, de 14 de outubro de 1963. No primeiro artigo, tem-se que “o dia 15 de outubro, dedicado ao Professor fica declarado feriado escolar” (BRASIL, 1963). Então dava-se por encerrada a polêmica de ter ou não aulas normais, já que a data foi decretada como feriado escolar (VICENTINI, 2004). O artigo 3º estabelece as razões para que a data foi instituída: "para comemorar condignamente o Dia do Professor, os estabelecimentos de ensino farão promover solenidades, em que se enalteça a função do mestre na sociedade moderna, fazendo participar os alunos e as famílias" (BRASIL, 1963).

3.1 As festividades do Dia do Professor

No Distrito Federal, a primeira comemoração do Dia dos Professores foi relatada em 1961, tendo sido realizada uma apresentação de música para os profissionais. O crescimento da promoção dessas celebrações se dá de forma paulatina, tendo o ano de 1962 sequer sido mencionado por nossa fonte. Isso acontece, talvez, pelo fato da instituição nacional do Dia do Professor no 15 de outubro ter acontecido no ano de 1963, por meio de um Decreto assinado pelo Presidente da República em conjunto com o Ministro da Educação e Cultura Paulo de Tarso. Com o Decreto, o 15 de outubro de cada ano foi declarado feriado escolar, ficando o Ministério da Educação responsável

pela elaboração do programa de festividades dessa comemoração, com a execução de concursos alusivos à data e aos professores (DIA 15 É FERIADO ESCOLAR. 1963, p. 1). Em Brasília, no ano da fixação do Dia do Professor no calendário, não foram encontradas menções de festas que se enquadram em nossa análise. O prefeito Ivo Magalhães decretou feriado escolar em 15 de outubro de 1963, não havendo então expediente em nenhuma escola do Distrito Federal (FERIADO ESCOLAR HOJE EM BRASÍLIA. 1963, p. 1.).

Regressando à primeira comemoração do Dia dos Professores no Distrito Federal, foi proporcionado aos profissionais no domingo, 15 de outubro de 1961, às 21 horas, por meio da Fundação Cultural de Brasília em parceria com o Centro de Estudos Musicais Villa Lôbos, um recital do Conjunto Coral. A entrada foi franqueada ao público (RECITAL “DIA DO PROFESSOR”. 1961, p. 8). A utilização da música para homenagear ou mesmo celebrar é parte de várias ocasiões dessa data. A música emociona, “abrilhanta” (IGAYARA-SOUZA, 2012) a ocasião, sendo “vista como capaz de trazer às festas escolares esse brilho, notoriedade, destaque, pompa, admiração, beleza, talento” (IGAYARA-SOUZA, 2012, p. 2). Após a instituição de feriado escolar no 15 de outubro, Dia do Professor, no estado de São Paulo, notícias sobre solenidades nas escolas se tornaram mais frequentes, constando dessas programações também as sessões lítero-musicais (VICENTINI, 2004).

Em 1962, diante de uma sessão solene no auditório do Palácio da Cultura, tendo como orador o Ministro da Educação e da Cultura, Oliveira Brito, a Liga de Defesa Nacional comemorou o Dia do Professor, com uma programação que constava da posse de novos membros do diretório central da Liga de Defesa Nacional, oração feita pelo Ministro, canto do Hino Nacional acompanhado de uma orquestra, sendo encerrado com uma saudação do Almirante Álvaro Alberto da Mota e Silva, presidente da Liga (MINISTÉRIOS. 1961, p. 5). A banda de música do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (HOMENAGEM AO PROFESSOR, 1968, p. 12) e a banda da Aeronáutica (FESTA DA COMUNIDADE NO GINÁSIO DO LAGO. 1971, p. 15) também homenagearam os professores em outras ocasiões, assim também como a Orquestra Sinfônica de Brasília (LUZ HOMENAGEIA PROFESSORES COM TELEGRAMAS. 1968, p. 2).

Ainda sobre o uso da música nas comemorações do Dia dos Professores, os “Flashes”, coluna de Taguatinga que trazia os diversos acontecimentos dessa cidade, noticiou para essa celebração uma canção interpretada pelo professor José Ronaldo e

apresentação do conjunto melódico “Os Bons Rapazes”, que inclusive foi a primeira do grupo, sendo elogiada pela coluna, tendo feito tanto sucesso entre os colegas espectadores que foi pedido “mais uma” (TAGUATINGA EM REVISTA. 1964, p. 5). Não é mencionado se esse grupo é formado por professores, mas podemos supor isso visto a menção de que “os colegas” vibraram e pediram mais músicas. Nesta mesma ocasião, o Sexteto da Bossa também presenteou os professores com uma apresentação musical.

Houve também várias oportunidades em que os próprios estudantes fizeram suas apresentações musicais nesta festividade escolar, com execução de músicas de bandas (ESTUDANTES DE BRASÍLIA FESTEJARAM DIA DO PROFESSOR NO FIM DE SEMANA. 1964, p. 8), canto para seus mestres (O DIA DO PROFESSOR. 1970, p. 28), apresentação do “Côro Infantil” formado pelas crianças das Escolas Classes 405 Norte e 610 Sul (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 15), do coral do Caseb (FESTA DA COMUNIDADE NO GINÁSIO DO LAGO. 1971, p. 15) e do coral “Os Pequenos Rouxinóis”, com o comando do professor Edgar Alves Silva (CS HOMENAGEIA OS PROFESSÔRES. 1971, p. 15). Os cânticos nas escolas eram utilizados como uma ferramenta civilizatória, pela sua composição estética e moral nas letras cantadas e também pelo higienismo empregado (OLIVEIRA, 2002). As apresentações mostravam duas intenções importantes: o primeiro, homenagear os mestres, figuras importantes que passam na vida da grande maioria da população e pelos futuros profissionais de todas as áreas; e segundo, legitimar o papel dos professores na educação das crianças, nesse caso principalmente na educação musical.

A partir da fixação de data comemorativa ao professor no calendário, as publicações acerca das comemorações do Dia do Professor tiveram um aumento considerável no jornal *Correio Braziliense*, permitindo que se fizesse um abastecimento na memória dos cidadãos (LE GOFF, 1990). Então, vários foram os relatos a partir de 1964. Nesse primeiro ano pós decreto, a Secretaria de Educação nada havia programado oficialmente. A fonte diz que os estudantes primários de Brasília homenagearam, por conta própria, seus professores (ESTUDANTES DE BRASÍLIA PRESTARÃO HOMENAGENS ESPONTÂNEAS EM RECONHECIMENTO AOS MESTRES. 1964, p. 8). Apesar dessa exposição da fonte, cabe aqui um questionamento se realmente as crianças dos cursos primários organizaram espontaneamente essas homenagens. Sabe-se que essas festividades têm sempre por trás a organização e muito trabalho dos professores. Nessa ocasião, em comemoração ao seu dia, percebemos inclusive um

aumento de sua carga de trabalho, já que a realidade nos mostra que as festividades escolares tinham na sua estruturação a presença de vários funcionários da escola.

Algumas escolas não tiveram expediente, enquanto noutras, as crianças compareceram para participar das solenidades em tributo aos mestres. Como neste ano a data comemorativa se deu numa sexta-feira, a maioria dos colégios primários prorrogaram suas programações para sábado e domingo (ESTUDANTES DE BRASÍLIA FESTEJARAM DIA DO PROFESSOR NO FIM DE SEMANA. 1964, p. 8). Então, nessa oportunidade, as Escolas Classe e Jardins de Infância realizaram palestras e “hora da arte”, tendo participação conjunta de professores e crianças. Na Escola Primária de Aplicação, houve no sábado uma homenagem dos professores às crianças e das crianças aos professores. Na ocasião, as professoras apresentaram a peça infantil “O casamento da baratinha”. A fonte destaca que, apesar de não ter expediente em algumas instituições, todas as Escolas Classe do Distrito Federal, por intermédio das crianças do terceiro, quarto e quinto anos primários, fizeram programações em homenagem aos Mestres. Mais uma vez a fonte atribui as programações da celebração do professor às crianças, cabendo aqui também um questionamento da veracidade de tais afirmações. Nessa ocasião, a fonte aponta que as “crianças recitaram poesias destacando o valor do professor, como guia do futuro na infância e na juventude.” (ESTUDANTES DE BRASÍLIA FESTEJARAM DIA DO PROFESSOR NO FIM DE SEMANA. 1964, p. 8). Nesse mesmo ano, na Escola Parque, as professoras reuniram-se para um almoço de confraternização (ESTUDANTES DE BRASÍLIA FESTEJARAM DIA DO PROFESSOR NO FIM DE SEMANA. 1964, p. 8).

O oferecimento de refeições é parte integrante da comemoração dos professores no Distrito Federal, e comumente realizado em diversos encontros de grupos. Proporcionado por professores, funcionários, com o auxílio de crianças e até mesmo por empresas privadas, o momento da alimentação compartilhada é espaço de congregar, de partilhar momentos, ideias, desejos, projetos, uma oportunidade de descontrair e de demonstração de alegria. Esses momentos de alimentação ocorriam dentro ou fora da escola. Vicentini (2004) também constata a promoção de almoços e coquetéis por parte dos sindicatos dos professores e de grupos escolares, como o Serviço Social da Indústria.

Além das ocasiões já citadas no interior das escolas, em 1965, os funcionários da Escola Parque se reuniram com as crianças e organizaram uma homenagem ao corpo docente, que incluía um bolo decorado por eles próprios e o oferecimento de sucos

(ALUNOS DO DF COMEMORAM COM FESTA O “DIA DO MESTRE”. 1965, p. 2). Nesse mesmo ano, foi organizado um almoço de confraternização a todas as professoras do Ensino Elementar do Distrito Federal, que aconteceu na Escola Classe Júlia Kubitschek.

A Caixa Econômica Federal de Brasília também promoveu um almoço a todas as diretoras das Escolas Classe do Distrito Federal. Esse momento ocorreu no Restaurante Baú e teve intenções além de apenas comemorar a existência desses profissionais, como veremos à frente (DIA DO PROFESSOR. 1968, p. 6). Em 1969, as crianças que estudavam com a professora Maria Alice Oliveira, do Jardim de Infância da 305, festejaram o Dia do Professor num passeio no Parque da Torre, ocasião em que a professora ofereceu um lanche às crianças para celebrar (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1969, p. 13). Além desses momentos, a Coordenação de Ensino Primário também ofereceu um piquenique no Parque Nacional de Brasília para os professores (DIA DO PROFESSOR JÁ TEM PROGRAMA. 1970, p. 13) e um jantar, com a presença dos docentes, autoridades, da Miss Brasília e dos “Dez Melhores Estudantes de Brasília” (ESTUDANTE JANTARÁ COM MISS BRASÍLIA. 1971, p. 15).

As festas escolares do Dia do Professor de Taguatinga tiveram destaque neste jornal. Em 1964, a coluna “Flashes” destacou algumas programações ocorridas neste local, tais como um retrato à mão feito pelo professor Casimiro Da Mata Lima, que foi registrado pelo fotógrafo Getúlio Romão Campos e ilustrou a primeira página do último número de “O ESTUDANTE”, apresentações musicais e uma apresentação de “O Pagador de Promessa” (TAGUATINGA EM REVISTA. 1964, p. 5), todos organizados e executados pelos docentes. Na Escola Classe nº 6, houve uma troca de presentes entre professores e crianças, tendo os professores entoado músicas compostas pelas crianças em homenagem aos mestres (ESTUDANTES DE BRASÍLIA FESTEJARAM DIA DO PROFESSOR NO FIM DE SEMANA. 1964, p. 8). Em 1971, há também o relato dessa troca de presentes, sendo os professores agraciados pelas crianças com presentes e doces, tendo essas crianças sido orientadas por suas mães (DIA DO PROFESSOR. 1971, p. 5). Essa prática é bastante conhecida atualmente, quando no Dia do Professor, a mãe da criança prepara um presente para a professora, inclusive já fui uma dessas crianças que presentearam seus mestres.

Na Escola Parque, no ano de 1965, as homenagens ao Dia do Professor contaram com “flôres, bolos, execução de números musicais, declamações e imitações”. Nessa oportunidade, os funcionários da escola se reuniram com as crianças e prepararam um

bolo decorado por eles próprios, servido com refrescos (ALUNOS DO DF COMEMORAM COM FESTA O “DIA DO MESTRE”. 1965, p. 2). Nesse dia, a professora Ivone Felipe, diretora da instituição, recebeu uma cesta de flores pelas mãos da vice-diretora Estela Maria. O presentear com flores os professores têm sua origem no nascimento dessa comemoração, em que a Associação de Professores Católicos do antigo Distrito Federal deu início a um apelo para que a população manifeste sua gratidão ao mestre, “visitando-lhe, enviando-lhe flores ou um cartão de felicitações e, no caso de ele estar morto, depositando flores em seu túmulo” (VICENTINI, p. 19, 2004). A diretora agradeceu a dedicação com que as professoras da Escola Parque executavam suas atribuições na missão de lecionar. Nesse momento, ela também fez uma menção aos demais funcionários da escola “parcelas importantes para o bom êxito da missão educadora, sem as quais nada de útil poderia ser feito” (ALUNOS DO DF COMEMORAM COM FESTA O “DIA DO MESTRE”. 1965, p. 2). A reportagem destaca ainda, saindo do rumo da Escola Parque, que o Secretário de Educação e Cultura recebeu a visita de diretores e professores de Brasília, que foram congratulá-lo pelo seu trabalho na gestão da educação do Distrito Federal.

No ano de 1966, uma única publicação retrata a ocorrência de atividades no Dia do Professor no Distrito Federal. A reportagem detalha uma série de recreações, coordenadas por José Rodrigues de Oliveira, diretor da instituição, promovidas na Escola Interplanetária nº 2, que se localizava no Bairro Dom Bosco, ao lado da Vila IAPI (DIA DO MESTRE É COMEMORADO NA ESCOLA INTERPLANETÁRIA. 1966, p. 8) O programa da festividade foi organizado da seguinte maneira:

8 horas - Hasteamento da bandeira ao som do Hino Nacional; 8:10 - Corrida da Bandeira - moças e rapazes; 8:25 - Corrida do saco - rapazes; 8:35 - corrida do ovo - moças; 9:10 - Teatrinho, saudação aos mestres pelos alunos da escola interplanetária; 9:30 - Missa Campal em frente a Escola Interplanetária nº 2; 10:00 - franqueado a quem quiser fazer o uso da palavra; 11 - Pau de Sebo - Prêmio Cr\$ 5.000; 14 Festinha dos alunos da Escola Interplanetária nº 1 e 2; 16:30 Apuração final das candidatas a rainha; 16:45 - Corporação da rainha e suas 2 princesas; 16:45 até às 16:50 - a rainha eleita será cumprimentada pelo povo; 17 - Sorteio de um beijo na face da rainha; 18 - Arriamento da bandeira ao som do hino nacional; 18:05 - encerramento (DIA DO MESTRE É COMEMORADO NA ESCOLA INTERPLANETÁRIA. 1966, p. 8)

Por meio da análise desse programa de festividades, podemos perceber a forte presença de atividades esportivas divertidas de estímulo ao corpo, tais como pau de sebo com premiação em dinheiro, corrida da bandeira, corrida do saco e corrida do ovo. Há também a forte influência do patriotismo, vide o hasteamento da bandeira e o canto

do Hino Nacional, pela necessidade de imposição da adoração à pátria nos novos cidadãos. O teatro, ação comum ao Dia do Professor, também é detectado em outras festividades, em apresentações teatrais promovidas pelos docentes, como o “O Pagador de Promessa” (TAGUATINGA EM REVISTA. 1964, p. 5) e a peça infantil “O casamento da baratinha”. (ESTUDANTES DE BRASÍLIA FESTEJARAM DIA DO PROFESSOR NO FIM DE SEMANA. 1964, p. 8). O teatro estimula as crianças, afetando diretamente suas emoções (VYGOTSKY, 1989), contribuindo na sua socialização entre grupos. Quando um professor assume um papel num teatro, a atenção das crianças se volta a ele, trazendo a surpresa, o foco, a admiração, o divertimento e descontração.

Como já apontado no texto, o teatro constrói um estímulo coletivo relevante para a relação dos grupos, promovendo uma novidade incomum para muitas das crianças. O professor simula uma atuação, encarna um personagem e participa de um momento de interação completa com as crianças e recorre aquilo já apontado no texto, em como esses papéis hierárquicos são modificados por uma lógica teatral. É perceptível também que a preparação das festas, apesar de em muitos momentos a fonte nos dizer que as próprias crianças organizaram sozinhas as apresentações, eram uma adição de trabalho intenso aos professores, que já contavam com maus salários e jornadas exaustivas. Nem mesmo no dia dedicado a eles essa carga era reduzida, muito pelo contrário.

Fez parte ainda desse momento uma saudação das crianças aos mestres, uma “festinha dos alunos da Escola Interplanetária nº 1 e 2” (ESTUDANTES DE BRASÍLIA FESTEJARAM DIA DO PROFESSOR NO FIM DE SEMANA. 1964, p. 8), apuração final das candidatas a rainha, corporação da rainha e suas duas princesas, cumprimentos do público à rainha e o sorteio de um beijo na face da rainha, este último um tanto bastante curioso e invasivo, ao meu ver, como se o acesso ao corpo de uma pessoa fosse um produto, que pode ser vendido, sorteado, leiloado, principalmente quando se pensa numa ação que envolve crianças.

A celebração de uma Missa Campal em frente a Escola Interplanetária nº 2 também foi realizada. Essa ocasião foi o primeiro momento em que se tem registrada a realização de uma missa em comemoração ao Dia do Professor no Distrito Federal. Em outro momento, no ano de 1971, foi organizada uma Missa Eucarística Gratulatória pela Secretaria de Educação no Santuário Dom Bosco (DIA DO PROFESSOR. 1971, p. 5), num momento de entrega de certificados ao mérito e de um prêmio aos professores. É importante destacar o papel do ritual religioso na comemoração do Dia do Professor.

Sabe-se que essa celebração teve início com uma proposta da Associação dos Professores Católicos do Distrito Federal, estando vinculada a realização de uma missa no primeiro ano de cerimônia (VICENTINI, 2004). Esse ritual passou a fazer parte das comemorações oficiais com o passar dos anos e vemos sua influência nos ritos comemorativos do Dia do Professor no Distrito Federal entre nossos anos de análise.

Além dessas programações festivas, o Dia do Professor era um momento propício para que os holofotes fossem voltados à profissão docente, dando visibilidade aos vários problemas que eles enfrentavam. Segundo Vicentini (2004), a comemoração do Dia do Professor

afirmou-se como um modo de dar visibilidade ao magistério, assegurando-lhe um espaço não só para divulgar os festejos da data, mas também para explicitar os problemas enfrentados pela categoria e os embates travados para legitimar diferentes concepções sobre a profissão. (VICENTINI, 2004, p. 16)

Assim, em 1967, o senador Edmundo Levi, numa sessão no Senado Federal, fez reivindicações ao governo e criticou o descaso das autoridades com a situação dos professores de Brasília (PROFESSOR DE BRASÍLIA AINDA MORA EM BARRACO. 1967, p. 1). O senador comentou sobre uma nota divulgada pela Secretaria da Educação para o Dia do Professor, argumentando que seria mais efetivo se esta pasta estivesse adotando medidas para abrandar o sofrimento dos docentes na capital. Em seus dizeres:

ao coração dos professores de Brasília um anúncio, uma comunicação da Secretaria de Educação sôbre pelo menos como estariam sendo equacionados para uma solução rápida, os graves problemas que pesam e afligem a sua vida. (LEVY PEDE MELHORES CONDIÇÕES PARA PROFESSORES. 1967, p. 3)

Vários senadores concordaram com a fala, reconhecendo que existia um grande estorvo na vida daqueles profissionais na questão da moradia, de modo que o plano habitacional que havia sido prometido não foi colocado em prática. Segundo Pereira (2008), o governo se comprometeu expressamente em oferecer moradia aos professores que migraram para Brasília. As plantas dos apartamentos foram apresentadas aos docentes, que escolheram suas moradas. No entanto, quando chegaram, os prédios não estavam prontos e os professores foram agrupados em minúsculos apartamentos, com promessas de que receberiam seus os imóveis. Anos se passaram, e a promessa não foi integralmente cumprida.

Nas comemorações do ano seguinte, o presidente da Caixa Econômica Federal de

Brasília, Thales Campos, ofereceu um almoço no Restaurante Baú a todas as diretorias das Escolas Classe do Distrito Federal, inicialmente como uma homenagem ao Dia do Professor (DIA DO PROFESSOR. 1968, p. 6). No intento de comemorar o Dia do Professor, a Caixa presta essa homenagem, mas convida um grupo seletivo para desfrutar desse almoço. Nesse dia, a Caixa lançou em parceria com a Coordenação de Educação Primária um concurso literário e de artes plásticas, para a participação das crianças das escolas primárias com o tema “Poupança e sua necessidade na vida atual”. O concurso foi aberto no Dia do Professor, com encerramento em 10 de novembro. Os prêmios iam de trezentos a cem cruzeiros novos para as escolas, e de cento e cinquenta a cinquenta cruzeiros novos para as crianças. Os resultados foram divulgados entre os dias 23 e 25 de novembro. Nessa oportunidade, o presidente da Caixa mencionou uma proposta de se organizar um plano especial de financiamento de residências para professoras primárias, por meio daquele banco (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1968, p. 15).

Quer dizer, um almoço especial, que já foi bem restrito, subsidiado por aquele banco, num momento em que foi lançado um concurso artístico com o oferecimento de vários prêmios, estava na verdade repleto de intenções lucrativas daquela instituição financeira. Foi um momento em que o banco se aproveita do ensejo das discussões trazidas na celebração do Dia do Professor de 1967, ocasião em que o senador Edmundo Levi traz à tona a grande problemática habitacional dos professores, que vieram construir uma nova vida na capital do Brasil acreditando em várias promessas feitas pelo governo.

No ano de 1968, as programações do “Dia do Professor”, promovidas pela Coordenação de Educação Primária da Prefeitura do Distrito Federal, tinham como destaque a entrega de um prêmio chamado “Educação Primária” e de diplomas ao mérito aos docentes que contribuíram “valiosamente para o desenvolvimento da educação no Distrito Federal” (AGENDA. 1968, p. 2). A primeira oportunidade em que foi celebrado o Dia do Professor, em 1933, também contou com a promoção de um concurso, em que os melhores trabalhos avaliados foram publicados na Revista Anchieta (VICENTINI, 2004). Temos o relato dessa mesma entrega de diplomas de mérito em São Paulo, a partir da instituição de data comemorativa em favor do professor, por meio da Lei nº 174, de 13 de outubro de 1948. Além da entrega dos diplomas, registra-se também a entrega de medalhas aos docentes (VICENTINI, 2004).

Nas redes oficiais de ensino não houve aulas em virtude do feriado escolar. A entrega dos prêmios foi realizada numa sessão solene na Escola Parque, às 10 horas da

manhã, e contou com a presença do Secretário de Educação e de outras autoridades civis e militares, sendo animada pela Orquestra Sinfônica de Brasília (HOJE É FERIADO ESCOLAR. 1968, p. 2). O prêmio foi em dinheiro, num valor de NCr\$1.400,00, entregue ao “professor que tenha escrito a melhor obra pedagógica ou didática do ano, bem como a entrega para o desenvolvimento da educação primária no Distrito Federal” (SEC CONCEDERÁ PRÊMIOS NO DIA DO PROFESSOR A 15 DE OUTUBRO. 1968, p. 2). O Secretário de Educação e Cultura determinou que, naquele ano, o Dia do Professor seria comemorado condignamente naquele local, de maneira que a sociedade tomasse conhecimento do valor atribuído àquela classe, sendo esta ação projetada nacionalmente. Esse prêmio visava valorizar o trabalho dos professores primários e “representa o reconhecimento do Govêrno e do povo ao idealismo e à dedicação dos abnegados mestres de ensino elementar” (SEC CONCEDERÁ PRÊMIOS NO DIA DO PROFESSOR A 15 DE OUTUBRO. 1968, p. 2). Foram contemplados com Diplomas de Mérito os seguintes professores:

Odelia Caldas Ferreiras, da Escola-Classe SQ 106; Marly Ramos de Alcântara, da Escola-Classe 1, do Gama. Sebastiana d’Abadia G. de Souza, da Escola, Classe do SQ-308; Maria Aparecida de Carvalho, Da Araujo, da Escola-Classe 15, do Gama, Silvadina Tavares da Conceição, da Escola-Classe 5, do Gama.

Também foram contempladas: Deomar Araújo de Rezende, da Escola-Classe, do Gama. Nilza Lopes da Conceição, da Escola-Classe 5, do Gama, Emília Coelho dos Santos Rita, da escola-Classe do SQ 308; Maria Aparecida Carvalho, da Escola-Classe 15 Sônia Aparecida Carvalho da Escola-Classe da VI Zona Aérea, Sônia Lygia F. Machado Caldas, da Escola- Classe da SQ-108. (Luz Homenageia professores com telegramas. 1968, p. 2)

Pelo sucesso da instituição de premiações aos professores, os anos seguintes de comemoração do 15 de outubro contaram com novas edições de concursos. Em 1969, a data também foi ponto facultativo para os professores primários e também dispôs de uma solenidade oficial às 10 horas na Escola Parque (COLÉGIOS FESTEJAM HOJE O “DIA DO PROFESSOR”. 1969, p. 8). A iniciativa foi da Coordenação de Educação Primária da Secretaria de Educação e Cultura, que entregou à professora Ivone Felipe, diretora da Escola Parque, o prêmio de melhor obra didática do ano, em razão da publicação do livro “De mãos dadas”. Foram entregues também dez Diplomas de Mérito a professoras primárias que se destacaram durante o ano (COLÉGIOS FAZEM FESTA PARA OS PROFESSÔRES. 1969, p. 2), além de outras programações. Durante a solenidade oficial, discursaram para os presentes:

...a Profª. Ana Bernardes, que enalteceu a abnegação do professor primário e

teceu considerações referentes ao panorama educacional brasileiro; a Professôra Tênis Vianna Sales Lima, que agradeceu as homenagens prestadas aos mestres, no “Dia do Professor” e Sr, Ivan Luz, que dissertou sôbre o papel dos educadores e o trabalho desenvolvido pela Secretaria de Educação, na luta contra o analfabetismo, no Distrito Federal. (DIRETORA DA ESCOLA PARQUE VENCE CONCURSO. 1969, p. 16)

A presença de Ivan Luz, que ocupava o cargo de Secretário de Educação e Cultura à época, trouxe destaque ao evento realizado na Escola Parque, tendo o seu registro feito por meio de fotografias. A Imagem 13 mostra o secretário Ivan Luz ao centro, sentado diante de uma mesa que tem um forro preto e um arranjo de flores em cima. Ao seu lado esquerdo, também sentado à mesa, identificamos um homem; e ao lado direito, podemos perceber a presença de duas mulheres e um homem. Ivan Luz, no momento do registro, fala ao microfone. Ao fundo da fotografia, notamos um grupo de crianças, que são identificados como um coral da Escola Parque. A única menção desse coral é na legenda da fotografia, mas se faz óbvio que a apresentação daquele grupo constou de uma das programações da celebração do Dia do Professor no Distrito Federal.

Imagem 13: Ivan Luz discursa aos professores



(DIRETORA DA ESCOLA PARQUE VENCE CONCURSO. 1969, p. 16)

Já a segunda foto, a Imagem 14, retrata o exato momento em que a professora Ana Bernardes é presenteada, pelas mãos de uma criança, de um ramalhete de flores. Na mesa, sentados ao lado dela, identificamos a figura de Ivan Luz, mais duas mulheres e dois homens. Os presentes batem palmas pelo gesto e estampam satisfação em seus rostos. A criança que entrega as flores para a professora Ana está acompanhada de uma mulher bem arrumada, que podemos supor que seja uma professora. Interessante notar que a criança que realiza a entrega é negra, uma representação que destoa do geral de crianças que são fotografadas e publicadas no *Correio Braziliense* quando se trata das festividades do Dia da Criança e do Dia do Professor.

Imagem 14: Entrega de flores para Ana Bernardes



(DIRETORA DA ESCOLA PARQUE VENCE CONCURSO. 1969, p. 16)

Podemos perceber, ao longo desta pesquisa, o embranquecimento imposto às crianças participantes das festas escolares divulgadas no *Correio Braziliense*. O silenciamento de crianças negras advém, além do racismo e discriminação, de um padrão de beleza que se traduz no “branco, geralmente com traços afilados e cabelos lisos, o que faz com que a estética européia torne-se hegemônica em grande parte da mídia brasileira” (CHAVES, 2008, p. 29). Carone e Bento (2002) asseveram que na mídia, até mesmo nas propagandas, quando é preciso mostrar uma criança, todos os meios usam quase que exclusivamente um branco.

É relevante apontar essa leitura da representação desse período histórico e até da ausente questão racial nos ambientes escolares. Pensaremos um pouco mais acerca dessa característica da capital e como essas fotografias revelam muito da vivência de crianças, que já eram filhos de uma configuração social urbana que parecia surgir. A construção de uma "Brasília ideológica" é muito do que Ribeiro (2008) busca em seu livro, ao articular de que forma as especificidades e cotidiano da construção da capital influenciou para a solidificação de uma "ideologia de grande projeto". Como a própria análise de representação aponta futuramente no texto, a percepção simbólica sobre esse processo é muito importante, pois revela o nível ideológico que as políticas estatais e projetos de sociedade acabam carregando. Ribeiro (2008) sugere que a construção de Brasília seguiu aquele objetivo de edificar o próprio ideário de nação brasileira de interiorização do país, maior ligação com o centro-oeste e as possibilidades de fluxo com a região do Norte, além do coroamento desse projeto desenvolvimentista que acompanhava o presidente e a política local. A vinda de trabalhadores nordestinos também foi resultado desse projeto de uma terra prometida, de uma nacionalidade que se constituía e uma impressão de mudança de rumo na história do Brasil.

Nas diversas imagens que temos dessa época, é evidente o uso da figura do trabalhador nordestino como uma ferramenta para essa construção de Brasília como uma terra prometida para todos e a possibilidade de um futuro. Não muito tempo depois, os primeiros episódios de expulsão geográfica e social começam, e Brasília passa a ser concentrada para outro tipo de população tanto no sentido financeiro, econômico, como também racial. Essa abordagem inicial é relevante para contextualizar a forma que essas análises representacionais de crianças negras não extrapolam o contexto histórico, mas sintetizam muito da realidade possivelmente excludente que essas crianças vivenciaram.

Santiago (2015) assevera que, ao longo do tempo, os discursos emanados situam crianças negras como seres destituídos de habilidade para produção cultural, como “menores”, miseráveis, imundos, apontando uma representação inferiorizada de suas identidades. Segundo o mesmo autor

A racialização presente na educação infantil contribui para a manutenção do sistema colonial fundamentado na hierarquização social, produzindo a percepção de uma visão única de mundo que tem como foco a legitimação da ideologia dominante, e a inculcação das regras de manutenção da sociedade. (SANTIAGO, 2015, p. 45)

Desse modo, a legitimação da ideologia dominante através do racismo expressa seus efeitos na subjetividade das crianças, fazendo com que meninos e meninas tenham o desejo de se encaixar no padrão de beleza branco de cabelos lisos, atuando na construção de imagens distorcidas da cultura negra (SOUZA, 2002). A própria separação espacial também revela muito dessa ideologia dominante que se reinveste por meio do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), no qual a concentração racial de pessoas negras se mostra muito mais evidente para crianças nos arredores do Distrito Federal ou das regiões administrativas. Desse modo, as crianças negras passavam por um deslocamento para as escolas no qual muito dessa dinâmica racial era revelada, tornando-se visível a própria diferença entre elas e as outras crianças da Brasília central, localizada no Plano Piloto.

Na ocasião da fotografia, notamos na Imagem 14 que a criança tem um papel de destaque no evento. A menina, bem vestida, com seus cabelos crespos penteados com uma marca cultural negra, aparecendo “escondida, acomodada, comportada, civilizadamente ajustada ou simplesmente adequada ao padrão estético ocidental” (JOVINO, 2008, p. 8), presos ao que se supõe ser uma liga, entrega, numa cerimônia com a presença de importantes figuras políticas da educação do Distrito Federal, um

ramallete de flores à professora. O ano também é relevante para retomar: apenas cinco anos depois do golpe militar e o início de anos de um regime autoritário, contando com pouca ou pelo menos nenhuma relação com algum tipo de políticas públicas voltadas para esse grupo social, na verdade, sendo um período conhecido duramente por perseguição a certos outros grupos étnicos, como os indígenas²². O registro histórico por si só não reproduz por completo as particularidades do momento, mas o tempo histórico em contraste ao registro fotográfico expõem uma análise representacional muito mais detalhista.

No registro e ocasião, a menina negra representa todos os seus colegas no momento em que é escolhida para entregar o presente. Assim, a escola se vê representada por uma criança negra. Finalmente o silêncio se rompe, e reconhece-se a presença de crianças negras. Agora, não mais como “menores” maltrapilhos e pobres, mas como uma estudante que participa ativamente do ambiente escolar. Os motivos da escolha da jovem criança podem ter diversos sentidos, mas a história sempre é uma fonte inesgotável de reflexão crítica sobre esses aspectos representacionais. O secretário Ivan Luz foi Deputado Federal durante 1963 até 1967, e logo após foi escolhido para secretariar a educação de Brasília. Ivan teve uma trajetória de contribuição ao regime militar durante toda a vida, mas uma citação do ministro Luís Octavio Galotti sobre Luiz nos chama bastante a atenção:

A uma exímia qualificação profissional, une, Vossa Excelência, larga e sólida cultura geral, dirigida – além do Direito – para a História, a Geopolítica, a Filosofia, a Ciência Política e a Literatura, num conjunto harmonioso a que também se associam peregrinas virtudes morais, do homem e do cidadão, e o trato fidalgo e leal. (MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS, 2023).

Apenas em 1988, com a chegada da democracia e do republicanismo, Ivan Luz se aposenta compulsoriamente. O uso representacional da criança negra nesse registro do Dia do Professor revela uma característica constante dessa década e de um regime ideológico em todos os âmbitos: é a tentativa de mostrar o “mito” da democracia racial, uma percepção um tanto comum tanto na produção de conhecimento, como até no cotidiano popular, que após a abolição da escravidão todas as desigualdades raciais e étnicas apenas desapareceram e o Brasil seria então o resultado “harmonioso” de uma miscigenação pacífica.

Gonzales (1984) se debruça sobre dois conceitos especiais: consciência e

²² O trabalho “Nossos Índios, Nossos Mortos” de Edilson Martins publicado em 1978 revela mais sobre essa questão.

memória. O primeiro reduz-se ao discurso do dominador, do desconhecimento, do encoberto, do oculto, que é ideologizante e exclui a memória, que se afirma como a verdade, como a história não contada, mas lembrada. Ao lidar com uma história cultural marcada por racialização, Gonzales (1984) faz uso de exemplos cotidianamente conhecidos, da mulata, da mãe negra, exemplos estes que pertencem ao panteão imaginário da mulher negra na sociedade brasileira. Seu grande debruçar discursivo e teórico é justamente no caráter dualista que essas categorias de diferenciação enfrentam e acabam desempenhando nessa herança social, hora libidinoso, como no carnaval com a mulata sexualizada, hora empregada doméstica:

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. (GONZALES, 1984, p. 228)

A Ditadura Civil-Militar se solidificou nas bases dessa ideia de uma nação única, de povo único, ao mesmo tempo em que parcelas razoáveis dessas populações minoritárias viviam aglomeradas nas primeiras periferias e favelas do país. Tampouco a escola e os espaços da educação conseguiam fugir dessas lógicas sociais externas. A fotografia da criança negra é resguarda muito dessa história oculta.

Apesar da divulgação das festas escolares do Dia do Professor em 1969 se focarem mais na solenidade oficial da Coordenação de Educação Primária, um trecho nos revela que diversos encontros de confraternização foram organizados pelos próprios docentes, como jantares e festinhas (COLÉGIOS FAZEM FESTA PARA OS PROFESSÔRES. 1969, p. 2).

Em setembro de 1970, já se anunciava que a comissão organizadora das celebrações do Dia do Professor havia sido designada pela Coordenação de Educação Primária da Secretaria de Educação e Cultura. Nessa comissão, a presidenta era a professora Amabile Andrade Gomes e tinha como membros os professores Lúcia Alencastro Valentim de Souza, Jorge Santana, Carmen Xavier de Almeida e Ivone Felipe (COMISSÃO PARA O DIA DO PROFESSOR. 1970, p. 11). A antecipação do anúncio da constituição de uma comissão para a organização das celebrações passa a impressão de organização, antecipação e prelúdio de que uma bela solenidade estaria por vir. No 15 de outubro de 1970, estava agendada a entrega do prêmio Educação Primária “ao

autor da melhor obra didática apresentada por professor regente de classe orientador ou diretor de escola primária da rede oficial” (DIA DO PROFESSOR JÁ TEM PROGRAMA. 1970, p. 13). Nesse dia, as solenidades oficiais tinham a seguinte programação:

dia 15 das 08h30 às 16h30 piquenique no Parque Nacional de Brasília, das 20 às 21 horas sessão solene no auditório da Escola Parque com a entrega do Prêmio Educação Primária e dos diplomas de mérito 1970. Após a entrega dos prêmios haverá uma sessão cinematográfica no mesmo local. (DIA DO PROFESSOR JÁ TEM PROGRAMA. 1970, p. 13)

Para esse passeio até o Parque Nacional de Brasília, conhecido como “Água Mineral”, a Coordenação de Educação Primária tratou de disponibilizar ônibus que saíram dos seguintes pontos de encontro: Escola Parque; Praça do DI; Escola-Classe 01 do Gama; Escola-Classe 01 de Sobradinho; Escola 405 Norte e Escola-Classe 03 do Guará (ENSINO E CULTURA. 1970, p. 5); dando condições para que todas as professoras das escolas oficiais do Distrito Federal pudessem desfrutar de um dia todo dedicado à elas. Além do piquenique, houve competições esportivas de queimada, voleibol e natação. Da sessão cinematográfica, seria exibido um filme de longa metragem. Em 1964, também há registro da promoção de uma sessão especial de cinema aos professores, mas, dessa vez, organizada por uma instituição privada. Homenageados pela Pan América, os docentes receberam uma sessão especial de cinema na Escola Classe Provisória da Asa Norte, com a exibição de filmes de turismo sobre as Filipinas, Índias e Escandinávia (SOCIAIS DE BRASÍLIA. 1964, p. 11).

Em um certo momento do relato das festividades do Dia do Professor na rede de ensino oficial do Distrito Federal no ano de 1970, há uma contradição quanto ao local de entrega do prêmio para a equipe responsável pelo projeto de ação pedagógica mais bem sucedido das escolas da rede. Segundo a coluna Ensino e Cultura (ENSINO E CULTURA. 1970, p. 11), a entrega estava marcada para acontecer numa missa de ação de graças no Santuário Dom Bosco, sendo esta organizada pelo Departamento de Ensino Elementar. O prêmio era em dinheiro, no montante de 5 salários do professor primário, dando cerca de 2.500 cruzeiros. Nesse mesmo local, seriam entregues cinquenta Diplomas de Mérito, número bem maior diante da tradição de entrega de dez diplomas nos anos anteriores. Como a própria coluna publicou posteriormente mais uma programação informando que a entrega seria na Escola Parque, e essa informação foi maioria entre as reportagens, cremos que a solenidade de premiação realmente se deu

naquela escola.

Ainda sobre 1970, uma extensa reportagem traz vários aspectos da educação escolar do Distrito Federal até chegar o momento de falar sobre o Dia do Professor. Percebe-se assim, como o governo se aproveitava da data para publicar suas benfeitorias e melhores condições que os seus serviços públicos prestavam à sociedade. Nesse escrito, afirma-se que todos os estabelecimentos de ensino da rede oficial comemorarão o Dia do Professor, especialmente as primárias onde “os professores receberão demonstração de carinho da criançada, na homenagem singela, que só crianças podem e sabem prestar” (O DIA DO PROFESSOR. 1970, p. 28).

Em depoimento da professora Ana Bernardes, coordenadora do Ensino Primário do Distrito Federal, é dito que todo o trabalho entregue sob sua supervisão é orientado visando ao cumprimento do que é postulado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a fim de que se executem os objetivos propostos para a formação na educação fundamental. Numa análise da educação de Brasília desde os primórdios de sua construção, a reportagem traz o número de estudantes atendidos por esse sistema público de ensino atualmente, num total de 78.500, mencionando também a sua série histórica, a saber:

...em 1957, havia apenas 150 alunos e, em 1960, o total era de apenas 5.403. Todavia, já em 1961, a cidade contava com 12.249 estudantes, aumentando para 16.092 no ano seguinte e 20.634 em 1963. O número de escolares continuou em ascendência: 25.391 em 1964; 32.619 em 1965; 37.012 em 1966; 44.036 em 1967; 53.765 em 1968; 63.752 em 1969. Convém salientar que, além dos discentes do jardim de infância e das escolas-classe, há os que frequentam a Escola Parque (1879 no ano em curso), os excepcionais (319, em 1970) e do ensino supletivo, que este ano, chegam a 12.397. (O DIA DO PROFESSOR. 1970, p. 28)

A divulgação dessas estatísticas escolares dá a impressão que elas foram utilizadas para tornar público o progresso escolar no âmbito da administração educacional do Distrito Federal. Em 1950, havia 150 estudantes matriculados. Já em 1970, 12.397. Assim

...os números educacionais colaboravam na construção da imagem do progresso nacional, mediante o contraste de informações recentes com algarismos mais antigos, ao mesmo tempo em que ratificavam a idéia de que estava em pleno movimento a busca da modernidade. (GIL, 2005, p. 86)

Por outro lado, esses dados davam o ateste para o diagnóstico (PAULILIO e GIL, 2017) feito pelo governo distrital em várias ocasiões sobre as dificuldades e melhorias a serem implementadas no campo educacional: com o aumento da demanda por

matrículas, eram demandada também a construção de escolas e da contratação de professores e funcionários. Esses números também serviam de orientação para o planejamento de possíveis intervenções feitas pelo estado (GIL, 2012) e davam legitimidade para as ações estatais, dada a sua racionalidade (GIL, 2005).

Além das estatísticas dos estudantes, o número de funcionários da educação também é colocado em pauta. Em 1970 a Coordenação do Ensino Primário dispunha 3.685 de servidores, sendo 2.644 desses professores. Por ocasião do Dia do Professor, a Associação dos Estabelecimentos Particulares do Ensino do Distrito Federal e a Associação de Ensino de Brasília firmaram uma parceria na montagem de um banco de dados para que os professores colocassem à disposição seus currículos, facilitando a contratação a quem interessar-se.

A reportagem também aborda a polêmica questão dos salários dos professores, que segundo seus dizeres, era polêmica até pouco tempo. Segundo ela, “quer na esfera federal ou na estadual e, principalmente, no municipal, os professores percebiam remuneração que não lhes permitia nível de vida capaz de melhorar os conhecimentos profissionais” (O DIA DO PROFESSOR. 1970, p. 28). A questão era polêmica, no passado mesmo, pois segundo a reportagem, o professor dispunha naquela atualidade de bons salários. O Decreto-lei nº 1.126/70, publicado há poucos dias da celebração do professor, fixava um vencimento básico aos professores do ensino médio federal de oitocentos e oitenta e três cruzeiros e oitenta e sete centavos, para vinte horas semanais de aulas. Segundo a coluna, o salário era bom, e melhor ainda quando o docente acumulava cargos. Essa questão da acumulação ainda não era certa na administração pública, estando sendo avaliada pelo governo, apesar de desagradar à classe de professores. Do salário fixado aos professores do ensino primário e ginásial nada foi citado.

Sobre o Dia do Professor, é revelado que a comemoração não é motivo de satisfação apenas para os docentes, mas também para as crianças e os pais.

Aos primeiros, porque estão em convívio diário com os mestres, aprendendo deles a experiência e os ensinamentos úteis à vida; aos últimos, porque recebem, por via indireta, os resultados das aulas ministradas nos estabelecimentos escolares. (O DIA DO PROFESSOR. 1970, p. 28)

Ao final, registram que existiam dois tipos de seleção de professores no Distrito Federal: em 1960, a seleção dos professores era feita por estágio com aulas práticas, com a observação feita por uma comissão designada a tal fim; em 1970, com a

Instrução nº 17, de 22 de setembro de 1969, sendo colocada em prática, as vagas existentes eram preenchidas por um teste de seleção para professores primários. Houve então grande modificação nos processos de seleção, sendo o professor, na atualidade daquela edição do jornal, selecionado por novos critérios intelectuais e morais, sem o uso de apadrinhamentos.

Em nosso último ano de análise, 1971, os representantes do povo no poder utilizaram de seus privilégios de fala para homenagear o professor em sua data comemorativa (HOMENAGENS AO DIA DO PROFESSOR. 1971, p. 3). Participaram da homenagem os seguintes políticos:

J.G. de Araújo Jorge e Bezerra de Norões, ambos do MDB carioca; Elcio Álvares (ARENA-ES); Juarez Bernardes (MDB-GO); Parente Frota (ARENA-ES); Luz Braz (ARENA – RJ); Olivir Gabardo (MDB-PR); Francisco Libardoni (MDB-SC); Clóvis Stenzel (ARENA-RS) e Sinval Boaventura (ARENA-MG).” (HOMENAGENS AO DIA DO PROFESSOR. 1971, p. 3)

Os problemas e descasos que os professores passavam foram postos à sociedade por esses políticos. José Guilherme de Araújo Jorge, citado como J.G. de Araújo Jorge na reportagem, mencionou um anúncio publicado por outro veículo de comunicação no qual uma professora oferecia seus serviços domésticos, pois a profissão docente era mal remunerada e os pagamentos de salários sofriam atrasos constantemente. Juarez Bernardes refletiu que “não se entende como um professor primário possa receber menos que dois salários-mínimos e um professor secundário menos que quatro salários-mínimos” (HOMENAGENS AO DIA DO PROFESSOR. 1971, p. 3).

Essa informação questionada em 1971 vai de encontro ao texto publicado em 1970 em homenagem ao professor (O DIA DO PROFESSOR. 1970, p. 28), que mais se parece com uma propaganda do estado para que se acalmassem os ânimos e passassem a imagem à sociedade de que aqueles professores estavam reclamando de “barriga cheia”, já que se é falado que os professores dispunham de bons salários. A reportagem usa de uma malícia, ao registrar apenas o salário do professor do ensino médio técnico, fixado pelo Decreto-lei nº 1.126/70, e dizer que “o professor ganha bem”, na generalidade, sem ao menos mencionar o salário dos professores primários.

Outra reportagem aponta a necessidade de se deixar um pouco de lado as festividades e se fazer um exame de consciência coletivo por ocasião do Dia do Professor, para ponderar se os professores correspondem ao que se espera e se as autoridades do país os retribuem de maneira justa (O PROFESSOR. 1971, p. 5). A

importância dessa reflexão é considerada de tal maneira na história, que os editoriais da Folha, no estado de São Paulo, chegavam ao ponto de desqualificar “quase que completamente as atividades que constituíam a sua celebração (discursos, entrega de medalhas etc.), alegando que essas eram destituídas de sentido diante do descaso do Estado quanto à situação do magistério” (VICENTINI, 2004, p.33). Vemos que no *Correio*, esse pedido para “deixar de lado” é feito de forma mais branda.

Essa reportagem aborda a unanimidade de que “uma nação progride na medida em que a educação evolui” (O PROFESSOR. 1971, p. 5). Daí toda a importância atribuída à carreira de professor, apesar de eles mesmos chegarem à conclusão de que o magistério não compensa financeiramente. Segundo Vicentini (2004), a celebração do Dia do Professor tem em seus ritos um lugar de destaque na luta dos docentes por um maior salário e reconhecimento pela sociedade. Na comparação do Distrito Federal com outros estados, tem-se que neste Distrito, os professores têm uma situação um pouco melhor que em outros lugares, mas essa vantagem é perdida, pois o custo de vida de Brasília é maior. O salário, que era pago num valor fixo de 610 cruzeiros líquidos, passou a ser pago por 11 cruzeiros hora-aula. Essa mudança foi prejudicial ao ensino, pois, na procura da sobrevivência, muitos professores se candidataram à substituições, algumas vezes sem mesmo um planejamento de aula. Esse é o desdobrar-se do docente para que as contas sejam pagas ao final do mês: alta carga de trabalho, por vezes em diferentes instituições de ensino.

Ainda se reflete que o educar não é tão simples como se pensa, já que ser professor não é apenas ministrar uma aula em sala. Há todo um planejamento e escola de métodos, elaboração de atividades e avaliações, condução do ensino à uma sala cheia de estudantes, correção de exercícios e de provas. “Com 8 aulas diárias, um Professor de Português ou Matemática, teria sob sua responsabilidade nada menos que 8 turmas, ou seja, uma média de 320 estudantes. E 320 estudantes significa a correção de 320 exercícios ou 320 provas” (O PROFESSOR. 1971, p. 5). Para os professores de Português o trabalho se triplica, já que é demandado dos estudantes a escrita de textos. Dessa maneira, temos professores sobrecarregados, que não têm fôlego para ministrar suas aulas com o mesmo êxito que poderiam ter num cenário melhor. O texto é concluído, afirmando que “quando o Governo se empenha em reestruturar o sistema da educação no País, seria de bom alvitre que não se descursasse em definir a situação do professor, em termos bem claros, pois ele é, afinal, a mola mestra do sistema” (O PROFESSOR. 1971, p. 5).

Além da questão salarial, devido ao alto custo de vida que o Distrito Federal impõe, até 1971, vários professores não tinham sido contemplados com o programa de moradia prometido em 1960. Quem ganhou o obteve por apadrinhamento ou adquirindo de terceiros. O transporte público também é abordado como um problema, pois as cidades-satélites eram distantes do Plano Piloto, e os ônibus estavam sempre lotados e atrasados. (O PROFESSOR. 1971, p. 5). Podemos refletir um pouco sobre como esse afastamento urbano produziu grande parte das desigualdades de renda e raça que afetam a educação local. Para a professora Ana Flávia do Departamento de História da Universidade de Brasília, o Distrito Federal reproduz um território "síntese do pós-abolição" (PINTO, 2020). É muito curioso que é justamente a partir de 1964 que temos o início da chamada "Operação Retorno", uma política que reverteu o investimento feito para a estruturação das cidades satélites como Taguatinga, Gama e Planaltina. O que essa citação revela é uma similaridade com a história dos trabalhadores em um geral em Brasília. Os professores que vieram para a cidade por conta da expansão do número de matriculados e do ensino, muito provavelmente se depararam com uma condição até similar dos outros grupos de trabalhadores invocados por essa promessa da terra prometida. A década de 1970 é quando esse afastamento social atinge seu projeto idealizado, no qual essas massas de trabalhadores que não teriam mais "serventia" são empurrados para as regiões próximas e de dificuldade de acesso ao centro.

Saindo da linha apenas da exposição de problemas, o deputado Luiz Braz propõe três alterações ao governo em benefício da profissão docente:

- a) restabelecimento da aposentadoria extraordinária para os professôres depois de 25 anos de efetivo exercício no magistério; b) aposentadoria compulsório para os professôres aos 65 anos de idade; c) criação de um Fundo Especial de Bôlsas de Estudo, visando oferecer condições para o aprimoramento dos mestres. (HOMENAGENS AO DIA DO PROFESSOR. 1971, p. 3)

No Senado, houve também um momento de discurso por Catete Pinheiro, que pontuou a pobreza que se arrastava por todo país, momento em que os professores ganhavam de presente de seus alunos, como forma de gratidão, comida. Fez um apelo ainda para que o governo não atrasasse mais os salários nos próximos anos (SENADO SAÚDA O DIA DO PROFESSOR. 1971, p. 5). Nessa ocasião também o Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal, Júlio Cachapuz de Medeiros, teve um momento de fala. Segundo seus dizeres, ele esperava dias melhores na educação, “de que nós

tenhamos retomado, uma vez atualizado, o Plano Educacional de Brasília” (SENADO SAÚDA O DIA DO PROFESSOR. 1971, p. 5), referindo-se ao primeiro plano escrito por Anísio Teixeira para aquela localidade, que sofreu várias alterações durante o passar dos anos.

Já nas festividades de 1971, o *Correio Braziliense* anunciava: “Estão de parabéns, hoje, os professôres. Tôda a comunidade brasiliense se aprontou para festejar o Dia do Professor” (ENSINO E CULTURA. 1971, p.15). Neste ano, os professores foram presenteados, além das festas, com o sorteio de bolsas de estudos no Centro Universitário de Brasília (CEUB) e na Casa Thomas Jefferson. O Prêmio Educação Primária foi conquistado pela equipe de Brazlândia e cinquenta Diplomas de Mérito foram entregues. Como nos últimos anos, não houve aulas, no lugar delas ocorreram homenagens ao professor.

A celebração oficial, organizada pela Secretaria de Educação e Cultura, constava da tradição vinda dos últimos anos de celebração da Missa Eucarística Gratulatória às 10 horas da manhã no Santuário Dom Bosco. Na celebração religiosa, marcaram presença o governador Prates da Silveira, o secretário de educação e cultura, professor Júlio de Castilhos Cachapuz de Medeiros, membros do Conselho de Educação do Distrito Federal, autoridades e professores da rede de ensino oficial (SEC HOMENAGEIA MESTRES. 1971, p. 15). Após a missa, estavam programadas as seguintes atividades:

entrega dos certificados de Mérito aos 50 professôres primários que se destacaram, durante o ano letivo, desenvolvendo os Projetos de Ação Pedagógica; apresentação do Côro Infantil formado pelas crianças das escolas-classes 405N e 610 S; entrega do “Prêmio Educação Primária” à equipe de Brazlândia, responsável pelo melhor projeto desenvolvido êste ano (diretoras Terezinha Cauhi de Oliveira, Josélia Cavalcanti de Queiroz, Maria Clementina Brina Martins e Elizabeth Moura Cavalcanti); sorteio de bolsas de estudo para professôres primários presentes à cerimônia. (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 15)

O Secretário da Educação, professor Júlio Cachapuz de Medeiros, determinou que todas as instituições de educação da rede oficial do Distrito Federal comemorassem o Dia do Professor (SEC HOMENAGEARÁ MESTRES DO DF. 1971, p. 15). Então não era algo discricionário, mas sim imposto, mesmo se há um acaso alguma escola optasse por seguir sua programação normal de aulas. Aquele dia seria um rompimento com a rotina diária das práticas educativas comumente realizadas na escola.

Assim, as crianças da quarta série do Ginásio do Lago, “Mariza, José, Caetano, Arnaldo, Arleny, Vitória e Maria de Fátima” (FESTA DA COMUNIDADE NO

GINÁSIO DO LAGO. 1971, p. 15), visitaram as dependências do *Correio Braziliense* para anunciar a promoção de uma festa em homenagem aos professores naquela escola. A festa aconteceu durante todo o dia e contou com jogos, gincana, apresentação do Coral do Caseb e da banda da Aeronáutica, e coroação da Rainha da Primavera. A festa teve a presença de Vera de Almeida Silveira, que tratou de arrecadar roupas doadas pelas crianças e destinada à Campanha de Erradicação das Invasões (CEI), que deu origem à cidade satélite Ceilândia.

Apesar de não detalhar os ritos que formaram a comemoração do Dia do Professor na Escola Aplicação de Brasília, uma foto é publicada no jornal com a seguinte legenda: “Na foto, quando a professora Maria Angélica, da Escola de Aplicação de Brasília, recebia ontem um buquê de flôres de um aluno” (DIA DO PROFESSOR. 1971, p. 5). Apesar de muito escura e com uma resolução que deixa a desejar, a Imagem 15 é a foto em questão:

Imagem 15: Criança entrega buquê de flores a professora Maria Angélica



(DIA DO PROFESSOR. 1971, p. 5)

Nesse registro, podemos identificar a presença de várias crianças ao fundo, algumas sentadas e outras de pé, uniformizadas, observando um menino que entrega um arranjo de flores para a professora, como identificado na legenda da foto. O “Prêmio Educação Primária” foi tão exitoso, que a Fundação Educacional do Distrito Federal oficializou a instituição desse concurso, a ser realizado anualmente a cada 15 de outubro, Dia do Professor, com um prêmio no valor de cinco vezes o salário do professor primário

(BRASÍLIA, D. F. 1971, p. 20).

Além de Taguatinga, outra região administrativa que teve o seu Dia do Professor registrado no *Correio Braziliense* foi Sobradinho (CS HOMENAGEIA OS PROFESSORES. 1971, p. 15). O Colégio do Sobradinho desenvolveu várias atividades, que contaram com um discurso de abertura pelo diretor da escola, que transmitiu uma mensagem a todos os professores presentes. Uma criança do colégio também fez uma saudação aos docentes logo após a fala do diretor. A festividade contou com uma apresentação do coral “Os Pequenos Rouxinóis”, sob a regência do professor Edgar Alves Silva; foi prestada homenagem especial ao professor Sebastião de Oliveira, técnico da equipe feminina de handebol campeã de um torneio ocorrido na cidade de Belo Horizonte e também da estudante Célia Barroso Carvalho, por sua atuação na disputa. As medalhas foram entregues à equipe campeã e a comemoração se encerrou com um discurso da professora Iatir da Costa Eirado e com uma exposição de trabalhos de estética, que ocorreu na biblioteca da escola.

3.2 Representações de Professor nas comemorações do seu dia

A construção de identidades, noções e impressões sobre grupos ou fenômenos sociais se constitui a partir de determinada coletividade. Para Chartier (1991) não há “prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles” (CHARTIER, 1991, p. 177). A construção de quais elementos e signos que foram responsáveis para essa determinada representação é destrinchada a partir da análise do discurso (CHARTIER, 1991). Essa abordagem e, de certa forma, método, são únicos, pois permitem uma forma de ler o chamado “real” a partir de abordagens mais detalhadas e que resgatem sua profundidade.

Em sua obra, Chartier (1991) apresenta os fundamentos teóricos por trás de uma análise de discursos e das representações, mas, para além disso, situa a história não como um campo rígido e preso absolutamente no que foi descrito nas folhas e fichas, mas repleta de nuances e possíveis interpretações. Esse teor das abordagens de leitura de discursos é importante no objetivo também da desconstrução de uma história única e rígida, que se apresenta muito mais sólida por influência de regimes autoritários e fases conturbadas, como o foi a Ditadura Civil-Militar brasileira. A diferenciação estabelecida na oposição de "mundo do texto e mundo do leitor" influenciam em parte determinante para a análise do discurso: a construção de um sentido. Alguns deslocamentos e

mudanças são apontados como movimentos responsáveis por essa nova forma de interpretação do real. A adoção de uma história que fuja da história total e que agora priorize o recorte, as diferenciações, as partilhas e especialmente um espaço particular estremeceram progressivamente a ideia da história global, articulando uma pluralidade de abordagens.

As ideias e representações que giram em torno de determinado grupo ou indivíduo pesam bastante na (des)construção de suas identidades, dentro disso, a autoestima, autoconceito, e toda a concepção de representação social pode também gerar internalizações subjetivas a partir do que é considerado “real” (SILVA, Ana Célia da, 2011). Ao buscar uma superação de abordagens que dicotomizem as impressões das subjetividades em contrário à rigidez das estruturas, Chartier (1991) observa:

Tentar superá-la exige, a princípio, considerar os esquemas geradores dos sistemas de classificação e de percepção como verdadeiras "instituições sociais", incorporando sob a forma de representações coletivas as divisões da organização social — "As primeiras categorias lógicas foram categorias sociais; as primeiras classes de coisas foram classes de homens em que estas coisas foram integradas" —, mas também considerar, corolariamente, estas representações coletivas como as matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social — "Mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm existência, só são verdadeiramente tais, na medida em que comandam atos" (CHARTIER, 1991, p. 183)

Essa abordagem agrega muito a esta investigação, na medida em que oferece uma multiplicidade de pensamentos e impressões sobre tal historiografia documentada, que permita e forneça uma abordagem mais crítica e com mais nuances do conteúdo já escrito. Nosso período delimitado é provavelmente um dos mais ocultados e modificados a partir dos documentos históricos, em que a censura e a pressão contra as liberdades individuais foram marcantes. Brasília ainda conta com uma histórica dificuldade de visualização de seus problemas profundos justamente por se lançar como “a cidade moderna” e desse projeto de país. Sua região central afastada representa simbolicamente muito do ideal pós-colonial de uma união fraterna entre todos, mas em íntimo expõe muito das desigualdades que até então pontuamos no sentido das diferenças entre tanto por parte da classe dos professores como trabalhadores não valorizados, como dos estudantes oriundos de contextos não privilegiados.

Em "História cultural: entre práticas e representações", Chartier (2002) estabelece a história cultural alinhada no objetivo de identificar a forma como diferentes lugares e contextos constroem e pensam um determinado "real". As representações do mundo social que aspiram universalidade são conduzidas por grupos e interesses

específicos, e a necessidade da análise do discurso se dá justamente pela fundamentalidade de relacionar discursos proferidos a partir de diferentes espaços e lugares, de posições, e especialmente em relação aos lugares hierárquicos de quem os utiliza. O social nunca profere discursos neutros, os discursos fornecem estratégias e práticas (sejam sociais, escolares ou políticas) e incorporam um funcionamento em que inerentemente há uma autoridade à custa de outros. Perceber o fio entre poder e hierarquia e essas documentações historiográficas é fundamental para as análises de discurso:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. (CHARTIER, 2002, p. 17)

Tendo base nessa breve referenciação, esta seção versa sobre as representações da profissão docente oriundas da análise dos discursos de autoridades, crianças e professores, publicadas no jornal *Correio Braziliense*, em razão das celebrações do Dia do Professor alcançadas entre os anos de 1960 a 1971. De modo a organizar nossa análise, começaremos com o primeiro trecho de uma reflexão escrita em um artigo de opinião incorporado às edições do periódico, emanado em 1963:

As comemorações do Dia do Professor em Brasília tiveram duas fases distintas. A da indisciplina e da autoridade. A da indisciplina, de parte dos professores secundários, e a parte da autoridade por parte do dr. Luiz Carlos Pujol, secretário da educação. (VISTO, LIDO E OUVIDO. 1963, p. 9)

Por apenas esta passagem, não há como identificar o fato certo que desencadeou a indisciplina dos professores, segundo o autor e quais foram as ações autoritárias emanadas por Luiz Carlos Pujol. O que tem-se, segundo Pereira (2008), é que a situação conjuntural do Brasil, e especialmente em Brasília, era de instabilidade política e crescimento dos problemas sociais. O aumento populacional acarretou, conseqüentemente, o aumento das matrículas de escolas públicas, concomitante com a dificuldade de contratação de pessoal por diversas razões. Assim, os professores passaram a cobrir várias lacunas, sobrecarregando-os.

Além disso, o que se percebeu foi um acúmulo de problemas e promessas descumpridas por parte dos governantes para com os docentes. Desses transtornos, podemos destacar a questão da moradia. No contrato assinado por esses profissionais

para a vinda a Brasília, havia a garantia que eles receberiam apartamentos, mas na realidade, foram oferecidos alojamentos improvisados e uma cidade com deficiência estrutural, com muitas ruas sequer asfaltadas (AMARAL, 2018). Essas deficiências, somadas à frustração dos professores levaram a primeira paralisação desta categoria, realizada no primeiro ano da capital. (AMARAL, 2018) Esse movimento grevista ocorreu praticamente um mês antes da celebração do primeiro Dia do Professor em Brasília, datado de 12 a 18 de setembro de 1960. (RÊSES e SOUZA, 2022)

O aprofundamento das discussões de interesses em comum levaram a criação da Associação dos Professores Primários e da Associação Profissional dos Professores do Ensino Médio de Brasília nas comemorações do Dia do Professor de 1960. Posteriormente, essas duas associações se fundiram numa só Associação. Segundo Rêses e Souza (2022), inicialmente, o motivador da criação dessas Associações foi a escassez de eventos culturais da capital, tratando os professores de organizarem-se de modo a suprir essa lacuna de socialização. Além disso, destaca-se a reivindicação da moradia digna aos professores. Entre 1962 a 1963, a Associação dos Professores deflagrou diversas greves.

Como resultado desses movimentos grevistas, houve retaliações por parte do governo. Em 1961, alguns professores que participaram dessas ações foram demitidos arbitrariamente (AMARAL, 2018). Também parte dessa retaliação, no ano de publicação deste trecho retirado do *Correio Braziliense*, a Câmara dos Deputados constituiu uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) com vistas averiguar o que os políticos consideravam irregularidades na educação de Brasília (PEREIRA, 2008). Dentro dessas irregularidades, no período que antecedeu a Ditadura Civil-Militar, vários professores foram perseguidos devido a uma suspeita de propagação da doutrina comunista nas escolas. (CARVALHO e PEREIRA, 2011). Em diversos documentos analisados por Rêses e Souza (2022) das sessões da CPI de 1963, constatou-se perseguição ideológica, com “forte sentimento anticomunista” (RÊSES e SOUZA, 2022). Havia também, nessa CPI, muitas acusações feitas direta ou indiretamente à Associação dos Professores, ou de seus dirigentes, em atividades de mobilização que alcançaram os anos de 1962 a 1963 (RÊSES e SOUZA, 2022).

Importante também se faz destacar como parte da soma de ações que poderiam ter sido motivadores da “indisciplina” por parte dos professores e da “autoridade” por parte de Pujol, segundo Bruno (1984), docentes vinculados à associação ocuparam funções de direção na Coordenação de Ensino Médio em 1963, sob a administração de Luiz Carlos

Pujol. Nesse mesmo ano, esses docentes organizaram uma denúncia e um pedido de demissão coletiva.

Com essa situação, imagina-se que os ânimos foram se exaltando com o passar dos tempos. Em outubro de 1963, o Secretário de Educação, Luiz Carlos Pujol, facultou aos professores a opção de perfazer 20 horas semanais de trabalho, com os mesmos salários e possibilidade de ganhar o dobro, se optassem pelo regime de 40 horas. Essa mudança não agradou a Associação de Professores, apesar de estarem de acordo por parte da categoria. (PEREIRA, 2008)

Luiz Carlos Pujol era filho de um militar carioca e formado em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro. Em 1964, com a imposição do golpe Civil-Militar, tornou-se prefeito interino do Distrito Federal (DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS 1930, 2001). Não se pretende tecer fios mais diretos entre o papel proeminente da educação e essa gestação nacionalista-militar, mas é visível que os militares que posteriormente assumiriam o poder já visualizavam a fundamentalidade do papel da educação baseada na autoridade para a produção dessas subjetividades futuras que influenciariam gerações de estudantes e professores no ideário de nova nação. A oposição já criada entre essas duas fases, uma da indisciplina e da autoridade, em que a indisciplina seria por parte “dos professores secundários” e a da autoridade sob Luiz Carlos Pujol também expõe o *modus operandi* constante desses discursos: a frequente oposição, culpabilização e demonização dos professores e a sobrevalorização das figuras de autoridade bruta. Assim, os professores eram taxados como indisciplinados, revoltados, que não cumprem as regras, se opondo ao governo e atrapalhando o andamento do trabalho educacional de Brasília. Outras representações, porém, também podem ser identificadas.

Essa oposição entre indisciplina e autoridade também é uma síntese muito lúcida sobre os discursos agenciados por essa fase política e a forma que a educação é instrumentalizada e coagida em diversos sentidos. Enquanto a promoção desse “temor comunista” influenciava com que os professores fossem vistos como indisciplinados, perigosos e propagadores de ideologia, uma ideia de uma educação rígida, cívica, construída por bases morais crescia proeminentemente. Há uma disputa no campo discursivo muito forte, que diz respeito à própria natureza da pedagogia: neutralidade é possível em um mundo de ideologias? A construção do professor como ou uma “segunda mãe” ou na figura masculina um “mestre disciplinador” e muitas das vezes mais rígido, se tornariam aquilo que esse projeto de nação ergueria como o lado da

educação mais digno de ser exaltado e incentivado. Há alguns autores que apontam um ressentimento do autoritarismo com o conhecimento, mas a história revela um outro uso desses dispositivos disciplinares, como Foucault (1977) aponta:

(...) permitem o controle minucioso de operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade - utilidade são o que podemos chamar as ‘disciplinas’ [...] A escola torna-se “(...) um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar físico onde os menores movimentos são controlados onde todos os acontecimentos são registrados. (FOUCAULT, 1977, p. 174).

Essa fase de intensa disciplinarização de estudantes e professores também pode ser vista como resultado dessa tentativa de desmobilização política. Há espaços vistos como “perigosos” e alarmantes, geralmente centros de ensino, escolas, universidades. O sentido de periculosidade é evidentemente resultado de que nesses espaços são produzidas ideias, novidades, em que as reflexões são justamente incentivadas. Há uma certa cruzada nesse instante, que pode ser dividida em dois sentidos: a perseguição às liberdades de pensamento, o ataque aos professores e essa profunda tentativa de desmobilização política; e a tentativa de erguer esse ideal de ensino e das escolas que seja pautado apenas na disciplinarização, na suposta “educação cívica e moral” e conseqüentemente na percepção da educação apenas como “formação de trabalhadores”, ou seja, sem reflexão livre e pensamento crítico.

Em 1964, um poema é publicado no jornal, de autoria de uma criança da terceira série da Escola Classe 106, Wagner Vigorito Gomide, de 9 anos, em homenagem aos professores:

A MESTRA
 Viva a mestra que de tão boa nos ensina
 A viver com alegria
 Talvez não gostamos de estudar
 Mas a mestra mesmo doente vem nos ensinar

É do estudo que o homem se faz
 Os futuros médicos
 Os futuros presidentes
 E tudo o mais vem do estudo

Agora é seu dia, Mestra
 Que de tão boa nos ensina
 Queremos a nossa promessa fazer
 Prometo estudar e comportar-me
 Para mais alegria lhe dar

Mesmo nos castigando
 Para mais nos comportarmos

Queremos toda sua alegria
Nessa escola que é nosso lar
(ESTUDANTES DE BRASÍLIA PRESTARÃO HOMENAGENS
ESPONTÂNEAS EM RECONHECIMENTO AOS MESTRES. 1964, p. 8)

O poema de Wagner Vigorito expõe características interessantes dessa fase. A identificação da docência diretamente como "A Mestre" caracteriza a grande visualização de senso comum das figuras professorais serem em grande maioria mulheres, o que de fato era constatado nesse período e local por Melo (2016), que apresenta em sua dissertação um quadro com a relação de nomes das professoras de Brasília que passaram por cursos de aperfeiçoamento entre 1963 a 1964. Fato também é que as primeiras turmas dos três níveis do Curso Normal de Brasília eram formadas exclusivamente por mulheres (AMARAL, 2018). Assim percebemos na docência esse papel histórico, sendo a principal tarefa deste recorte específico de gênero. O verso "Talvez não gostamos de estudar" também é interessante por revelar uma estrutura escolar que em sua origem já carrega diversas dificuldades e problemas, o que historicamente foi estabelecido como um espaço de aprendizado e busca por conhecimento, se transforma em um centro de disciplinarização e acaba afastando interesses reais. No papel do nacionalismo, o pequeno poema ainda sintetiza não só a palavra "comportamento" sendo repetida duas vezes, mas o papel transformador da educação nesse ideário nacional, de criação de empregos, de formação de gerações, de restauração da pátria e da nação.

Em "Viva a mestra que tão boa nos ensina, a viver com alegria..., mas a mestra mesmo doente vem nos ensinar", podemos constatar os sacrifícios feitos pela profissão em prol da educação e do funcionamento das escolas, que mesmo doente ia trabalhar. Daí podemos pensar nas condições precárias daquele ambiente de trabalho, já que, sua ausência para tratamento de saúde prejudicaria muito o andamento das aulas. A criança vê que a função principal da professora é ministrar conteúdos da grade curricular, mas devido suas habilidades na área, ela ensina ainda mais: ensina a alegria de viver. A "mestra" tão boa é aquela que leciona sua matéria com excelência ou que, também, traz consigo acolhimento aos estudantes.

A análise desse momento inicial de 1964 para os seguintes anos oferece o sentido dúbio que o regime militar emprega ao docente, em que o Dia do Professor melhor sintetiza isso. O ideário nacionalista e cívico-moral que a ditadura tentava construir dependia profundamente da educação e do papel dos professores, mas sob um tipo muito específico de autoridade e disciplina, sob um modo de muito controle. A

exaltação da educação e do seu papel na construção do futuro passa apenas quando um tipo de autoridade é exercida. Contemporaneamente, existem partes de uma memória coletiva que apontam esse passado como um tempo real em que as hierarquias e autoridades eram “respeitadas”, sendo que a partir desses discursos analisados podemos identificar apenas a sobrevalorização de um tipo específico de educação e de figuras de autoridade/disciplinas e não ao conhecimento de fato, muito menos da representação do professor como figura íntegra independente e crítica, mas apenas como reproduzidor de uma lógica superior e força de trabalho. Essa “saudade” das escolas do período, discurso cotidianamente evocado, representa mais desse tipo de saudosismo com estruturas escolares rígidas e que cerceavam liberdades comuns dos estudantes do que uma preocupação real com índices educacionais ou aspectos do tipo.

Uma saudação de 1965 já indicava essa mudança de valores e essa nova formação de uma identidade nacional, em que a educação era supervalorizada em certo sentido, enquanto sua real natureza expunha o teor autoritário das ordens superiores:

O sr. Cleantho Rodrigues de Siqueira enviou a seguinte mensagem aos educadores de Brasília: “Aos professôres de Brasília, mestras de crianças e educadores de adolescentes: O Dia do Professor de hoje tem para nós significação especial. Dia de evocação e de reconhecimento traz-nos à lembrança os educadores que, em Brasília, se consumiram no serviço da educação. Conôsko estão hoje presentes:

HELENA REIS – a grande diretora que só consentiu em passar à eternidade após ter a certeza de que não seria interrompida a tarefa iniciada;

LEONARDO VIANA – O artista que ardeu em seu entusiasmo e no seu amor pela educação da Cidade que elegera para sí e para os seus e na qual pensou até seu último momento;

PEDRO MASSI – O pioneiro que tombou como soldado na vigília, depois de cumpridos com zêlo e eficiência os encargos do dia;

FRIEDMAN DE CASTRO – Apanhado pelo destino quando regressava a seus alunos aos quais não sômente ensinava, mas educava com dedicação e honestidade. Todos êstes se afastaram de nosso convívio e caíram em plena maturidade, legando-nos tradições e responsabilidades. Hoje, no lar dos mestres de Brasília, já temos, para cultuar, os manes ancestrais cujo espírito invocamos na procura de roteiro, orientação e segurança. Nesta hora quando os vivos e os mortos entram em comunhão, comparecemos hoje, no altar erguido à educação, para renovar os votos de fidelidade à causa dos heróis que invocamos a revigorar a flama criadora que êles conduziam e que nos ajudará a prosseguir no caminho que, com êles um dia palmilhamos. (ALUNOS DO DF COMEMORAM COM FESTA O “DIA DO MESTRE”. 1965, p. 2)

Nessa mensagem, podemos identificar no trecho “Dia de evocação e de reconhecimento traz-nos à lembrança os educadores que, em Brasília, se consumiram no serviço da educação.” a visão de que os professores muito se esforçaram, mesmo sem

reconhecimento e retribuição financeira devida, que, mesmo sobrecarregados, “consumidos no serviço da educação”, cumpriram seus papéis. Numa análise geral, podemos identificar uma homenagem aos mortos, professores sábios, que deixaram seus ensinamentos e um legado à educação do Distrito Federal.

Outra representação que comparece no *Correio Braziliense* é a de que a profissão Professor é uma missão, e que, nesse sentido, aquele profissional passaria por todas as dificuldades e descasos para que esta fosse cumprida com sucesso. Essa “missão” é citada em outras passagens, como na nota do Secretário Adjunto em exercício no ano de 1968, professor Ivan Luz, que nos seus dizeres “ao ensejo do transcurso do Dia do Professor manifestamos a cada um dos que aceitaram a missão nobilíssima de educar e instruir, as expressões de nossas homenagens” (LUZ HOMENAGEIA PROFESSORES COM TELEGRAMAS. 1968, p. 2). Nessa direção, muito se lê também sobre o "heroísmo" do docente: “Vós sois os heróis obscuros e silenciosos os verdadeiros artífices da magnitude nacional”, como se aquela profissão fosse exercida com heroísmo, que nada pudesse reclamar ou requerer, em que o amor pela profissão é acima de todos os percalços. Podemos constatar essa mesma atribuição de herói em uma saudação também de 1968 do professor Ivan Luz

A tarefa que lhe outorga a sociedade, ontem como hoje, não encontra similar em dignidade, doação constante do que tem e do que é feito renúncias, de ignorados sacrifícios, de obstinadas perseveranças multiplicadas no heroísmo do cotidiano. (LUZ HOMENAGEIA PROFESSORES COM TELEGRAMAS. 1968, p. 2)

Esse tipo de evocação descende um tanto da colonialidade presente desde o início dos primeiros centros de ensino e de campanhas Jesuítas. Por um período a proximidade com o universo escrito e das palavras foi muito atrelado ao sacerdócio, ao misticismo e a essas figuras religiosas (SLOTERDIJK, 1999). O sentido de “missão” carrega discursivamente uma herança ainda um tanto cristã, de um sentido único na terra, de “salvação” da ignorância e que valoriza o universo “erudito” e do conhecimento não por uma via inclusiva, mas que pouco se atenta sobre os motivos reais de desigualdades educacionais que existem.

Essa e mais algumas representações atribuídas ao professor já são encontradas na matéria “Prefeito homenageia mestres de Brasília”, publicada próximo ao Dia do Professor de 1965:

A propósito do transcurso ontem, do Dia do Professor, o Prefeito Plínio Cantanhede distribuiu a seguinte nota: “O Prefeito do Distrito Federal comparece, com o tributo de sua homenagem às cerimônias comemorativas do Dia do Professor. É grato o evento, se analisarmos a missão respeitável que os educadores desempenham na oficina da inteligência. Não fosse a estafante operação cultural – desenvolvida nos termos de uma empolgante peregrinação, através de idades que se desdobram no tempo – não se teria construído a civilização. O aluno vai buscar na escola as lições que o tornam cidadão. Símbolo de vitalidade, o professor é quem propaga centelhas de serena beleza no mundo dos conhecimentos, dando, outrossim, pelo seu exemplo lições de cultura, de civismo, de amor às instituições e à Pátria aos seus alunos de hoje, condutores da nacionalidade no amanhã. E o brilho adquirido vai iluminar o cérebro das gerações que despontam para iniciar a marcha das conquistas sociais. O Governador da capital brasileira incorpora-se à solenidade, certo de que o apoio conscientemente dispensado aos programas de ensino há de produzir duradoura rentabilidade. Nenhuma agenda enaltece tanto o administrador senão aquela que se propõe a incrementar a meta da inteligência. O trabalho é válido, e apresenta índole missionária em que se inspira. A Prefeitura do Distrito Federal está configurada em uma equipe lúcida, que avocou a si a tarefa de dinamizar métodos modernos, capazes de gerar efeitos compensadores, essenciais à vida da coletividade. O ângulo da educação assume posição destacada nesse conjunto de atividades. O esforço que se exerce no campo do ensino justifica por isso, o apreço que dispensamos à cruzada da cultura. O apostolado do ensino outorga aos que exercem esse alto sacerdócio amplo lastro de respeito, que se estimula a continuar na sustentação da luta tão exemplar. O dia de hoje – vale aduzir – deixa de ser classe a efeméride de uma classe, para ser a data de toda a nacionalidade”.

TRABALHO

A professora Ercília Macêdo de Araújo, incansável no nobre dever de instruir os jovens, associando-se às comemorações do “Dia do Professor”, escreveu o trabalho que abaixo publicamos sob o título “Mestre, Quem Sois Vós”? Vós sois os plasmadores de caracteres. Incansáveis construtores da grandeza do Brasil. Vós levantai o espírito dos jovens para o saber, para o Supremo Construtor dos Mundos – Deus. Vossas vidas são úteis à Pátria, ao nosso povo. Vós sois os heróis obscuros e silenciosos os verdadeiros artífices da magnitude nacional. Há algum tempo fostes comparados aos pólipos, aqueles seres pequeninos que vivem nas profundezas do mar, os quais ao morrerem, deixam o corpo incrustado numa formação calcárea, a qual se avoluma com o tempo, até vir à tona das águas. Firmados nessa formação calcárea, erguem-se os faróis que norteiam os grandes transatlânticos. Vós mestres silenciosos como os pólipos, construís o alicerce dos futuros baluartes da ciência. Sois tudo o que esclarece o entendimento. Sois o que corrige a índole, fortalece a vontade abranda e purifica os sentimentos, cultiva e aprimora o gosto e forma as maneiras e os hábitos. Desenvolveis todos os germes e aptidões que farão do menino ou do adolescente o futuro cidadão, útil a Deus, à pátria e a si mesmo. Cultivais todas as faculdades humanas íntegra e harmonicamente. Tirais do espírito juvenil as faculdades nele contidas em germes. Despertaís as potências, as virtualidades, as aptidões e trazei-las à luz por uma cultura geral e harmônica, por uma série de processos bem ordenados e racionais. E assim fazeis o homem triunfar do animal – as paixões nobres, os instintos elevados sobrepõem as inclinações e rudes tendências de natureza animalesca. Educaís os povos, como Sócrates nos puros princípios da justiça, do aperfeiçoamento moral, do respeito às leis, do amor à família, ao trabalho e a virtude. Tendes, hoje, as homenagens sinceras dos alunos que vos estimam deveras. Tendes um dia vosso, festivo, de muito entusiasmo e simpatia coletiva. Mestres, todos nós que os somos, olvidemos velhos temas, deixemos de lado cansaços políticos, coloquemos em segundo plano pessimismos e ressentimentos. A hora é a de valorização de conceitos de elaboração moral, de ação conjunta – a hora é de responsabilidade. Não é

mais possível que num país, que cada dia mais se impõe ao mundo, a Educação consista em subordinar-se a tratos políticos, servindo de trampolim a interesses alheios a seus objetivos primordiais. Dignifiquemos nossa condição educadora, revalidando nossos velhos e verdadeiros ideais. “Sejamos tão pais como os pais, para podermos amar e defender como eles o que não é carne das nossas carnes; que cheguemos a fazer de um dos nossos alunos o nosso verso mais sublime. Desprezemos todo poder que não seja puro, toda pressão que não seja a Vontade de Deus – ardente sobre nossas vidas”. (PREFEITO HOMENAGEIA MESTRES DE BRASÍLIA. 1965, p. 10)

A “missão respeitável” logo toma forma na nota do prefeito, além de falar de uma “oficina da inteligência”. A qualidade dos professores e das crianças aparenta organicidade e esse discurso aponta sentido nacionalista de organismo, no qual o Estado e as forças que o compõem necessitam estarem harmonizados. “Civilização” também surge nesse sentido, sendo o resultado da “operação cultural” em que professores tiveram importante papel. A educação nas égides da construção histórica, o professor é aquele que propagaria as belezas do conhecimento do passado para o estudante, mas sem esquecer “o amor às instituições e Pátria”, revelando todo o fundo ideológico por trás.

A professora Ercília Macêdo de Araújo revela ainda um caracterizador indispensável para o nacionalismo militarista da época, típico da influência de ideais conservadores: o cristianismo. Ao condicionar a educação dentro da construção do Brasil, a professora aponta que o espírito dos jovens necessita também fazer parte do “Supremo Construtor dos Mundos – Deus”, em que suas vidas devem ser úteis tanto ao amor da pátria, ao povo, como também da religiosidade cristã. Assim, fica clara a forte influência da religião no Estado.

O trecho “sejamos tão pais como os pais, para podermos amar e defender como eles” expõe uma representação coletiva acerca da figura do professor naquele período. A ideia dos professores como uma replicação da autoridade familiar se tornou usual em certos contextos, nas quais as próprias representações midiáticas ou fictícias deste passado revelam os professores utilizando um tom autoritário diante estudantes, tanto na liberdade de poder agredir, como nas dinâmicas de expulsão de sala, silenciamento e disciplinarização. Em “sois o que corrige a índole”, percebemos como a formação de caráter dos estudantes é outorgado ao docente, que o faz a partir da excelência de sua profissão, sendo este o responsável pela correção de possíveis desvios que venham a aparecer.

Nessa linha de atribuição do professor à educação que seria papel da família, um trecho com a fala do deputado Alcir Pimenta, apresenta a responsabilização da educação dos filhos por parte da mãe, mas, que agora a mãe também está no mercado de trabalho, assim como o pai, e há a passagem dessa responsabilidade da educação de casa para o professor

para a grande obra de soerguimento nacional, principalmente no momento em que as circunstâncias sociais obrigam a mulher a uma participação cada vez maior nas atividades econômicas, privando-a do contato com os filhos”. Disse o sr. Alcir Pimenta “ao professor é que cabe canalizar para fins úteis as inesgotáveis potencialidades físicas e mentais do adolescente, levando-o a compreender melhor a problemática nacional e a sentir a necessidade de se aprimorar intelectualmente para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. (COMPLEMENTAÇÃO À CONSTITUIÇÃO. 1971, p. 5)

O discurso da professora revela uma mudança das notas a partir de 1964, no qual o papel dúbio de exaltação do professor acontecia, ora sendo o responsável pela construção de uma nova nação e de um ideal heroico, enquanto na fisicalidade do mundo real, a perseguição a intelectuais, professores e também estudantes, como já apontado no texto.

Em 1967, em saudação feita pelo chefe do gabinete da Secretária de Educação e Cultura, Osmar Silva, este discorre que

Brasília tem a significação de um marco na evolução histórica do País. A proximidade no tempo prejudica de certa forma a perspectiva para avaliar a sua real significação. Os olhos iluminados pela fé no futuro da grande nação brasileira permitirão o descortínio necessário e a perseverança indispensável para que êsse objetivo seja mais rapidamente alcançado. A magna tarefa cabe em grande parte aos educadores. São seus legítimos executores e da filosofia que dá significação aos seus atos dependerá, sem dúvida, o prazo para que nosso país alcance a posição que deverá ocupar no panorama internacional. A imensa responsabilidade que pesa sobre os ombros dos educadores ainda não foi devidamente avaliada. Cabe-lhe, de fato, contribuir para a formação dos jovens, o mais valioso patrimônio de qualquer nação, de forma a que se tornem aptos a preservar os valores que deram origem à nossa nacionalidade. Para que o país atinja os altos padrões técnicos e científicos indispensáveis aos estágios de desenvolvimento do progresso e do bem-estar humanos é decisiva a ação dos mestres – desde os que incumbem, dos pequeninos no jardim da infância aos que conduzem a educação superior.

Os educadores do Distrito Federal têm diante de si a oportunidade ímpar de realizar essa experiência irresistível. Seus objetivos não podem restringir aos específicos que das disciplinas que lecionam. O surgimento de uma mentalidade renovada, que se fundamente na responsabilidade e no espírito cívico nunca ocorrerá por acaso. Será antes, o resultado de um trabalho consciente, perseverante e não isento de sacrifício.

O transcurso do Dia do Professor que ocorrerá dia 15 de outubro, oferece ensejo para que a Secretaria de Educação e Cultura traga a sua calorosa saudação aos educadores que, no Distrito Federal, estão executando trabalho da mais alta significação para seu País.

Omar Silva

Chefe do Gabinete
Respondendo pela Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal.
(SAUDAÇÃO AOS PROFESSORES. 1967. p. 3)

Na passagem “São seus legítimos executores e da filosofia que dá significação aos seus atos dependerá, sem dúvida, o prazo para que nosso país alcance a posição que deverá ocupar no panorama internacional” é conferida ao professor a responsabilidade de trazer a prosperidade ao país por meio de seus ensinamentos, da promoção da mudança social, da construção de novo cidadão e da nova nação dentro de um panorama internacional. Em “cabe-lhe, de fato, contribuir para a formação dos jovens, o mais valioso patrimônio de qualquer nação, de forma a que se tornem aptos a preservar os valores que deram origem à nossa nacionalidade”, infere-se que professor é a base sólida para uma sociedade, que se molda como efeito de seu legado.

Nesta mesma direção de responsabilização do professorado pelo rumo do país, em seu papel na transformação de uma nação nos ideais emanados pelo governo, a mensagem do prefeito Wadjô Gomide, no ano de 1969, ratifica essa visão

Se a juventude é o futuro da Pátria, o professor é o arquiteto e o escultor do futuro. (...) Ensinando, aconselhando, corrigindo, formando mestres e caracteres, o professor está lançando as verdadeiras bases da grandeza da Pátria. (COLÉGIOS FESTEJAM HOJE O “DIA DO PROFESSOR”. 1969, p. 8)

É comum essa incumbência ao professor, manifestada em outras notas ao Dia do Professor, feitas por autoridades políticas, como prefeitos

O aluno vai buscar na escola as lições que o tornam cidadão (...) pelo seu exemplo lições de cultura, de civismo, de amor às instituições e à Pátria aos seus alunos de hoje, condutores da nacionalidade no amanhã. (PREFEITO HOMENAGEIA MESTRES DE BRASÍLIA. 1965, p. 10)

E governadores, como é o caso de Hélio Prates da Silveira, que têm sua marca registrada, nas homenagens aos professores, nos anos de 1970 e 1971

O ensino em tôdas suas formas é o grande propulsor da civilização brasileira. O professor, com sua dedicação ao ensino está acreditado na opinião geral como o ponto de apoio primordial do desenvolvimento nacional, num esforço constante, ininterrupto, no preparo das gerações atuais e vindouras. (GOVERNADOR SAÚDA OS PROFESSORES. 1970, p. 13)

“O professor” pedra fundamental de todo o poderio registrado na face da terra. A riqueza da missão de educar, formar e construir no seio do Brasil, na Capital da República, tem sustentáculo primordial no poder jovem do mestrado da capital da esperança. O calendário consagra o quinze de outubro ao professor e ao Governo do Distrito Federal se reverencia ante a majestade do grande dia. (PRATES SAÚDA OS MESTRES. 1971, p. 1)

E também por parte dos Secretários de Educação, como pelo professor Júlio de Castilhos Cachapuz de Medeiros, em 1971: “Reconhece-se, de longa data, quão essencial é, para o futuro da nação, a ajuda que lhe é prestada pelos professôres.” (MENSAGEM AOS PROFESSÔRES DO DISTRITO FEDERAL. 1971, p. 3).

O sentimento patriótico se vê designado ao professor, que impregna o amor à pátria aos seus alunos por meio dos ensinamentos e de seu próprio exemplo. O aluno, e por conseguinte, o futuro condutor da nação, é efeito do professor, de como o professor vê e lhe apresenta o mundo. A partir da instauração da Ditadura Civil-Militar em 1964, as saudações aos professores apresentam-se fervilhadas por ideais nacionalistas. O que também pode-se perceber é, em certo sentido, a tentativa de endurecer ainda mais esses dispositivos de controle, mas sob um âmbito da “administração”. Os professores encarnavam um status profissional tão mais bem visto, socialmente sofisticado e de valor moral inestimável, que sua “docilidade” muito provavelmente seria o resultado lógico dessa dinâmica. A tentativa de inibir as mobilizações sociais e políticas desses grupos pode ser notada na própria análise discursiva dessa atitude de conceder outro papel moral para o professor, uma exaltação que com toda certeza formou gerações de profissionais que não participaram de formas de movimentação ou de luta política.

Em 1969, uma narrativa publicada na coluna Visto, lido e ouvido, faz uma homenagem ao trabalho e reafirma a importância do papel da “professorinha” na vida dos futuros cidadãos

MINHA PROFESSORINHA QUERIDA

– Diaba de professôra, quer que a gente saiba tôda a tabuada de sete, faz cara feia e ainda faz a gente passar vergonha na frente dos outros.
 - Mamãe, não quero mais ir à aula não. Aquela professôra não presta.
 - O que, cabra? Quanto menos ela prestar hoje para você, mais vai prestar no futuro. Tudo tem o seu tempo, e menino não tem tempo de reclamar. Vá estudar a tabuada, quero ouvir bem alto, vou tomar a lição de tarde, e se não souber não vai à retreta da Lagoinha. E veja que hoje é quarta-feira; Faz tempo que isto aconteceu com o menino do Grupo Escolar José Alencar, mas continua acontecendo no mundo inteiro, todos os dias, com os meninos de todo o mundo. Aquêlê menino não aprendeu a tabuada de sete, mas sente hoje, que aquela professôra tinha razão e, como êle tem pena de não ter dado a tabuada na “ponta da língua” para deixá-la feliz. Hoje, ela já morreu, certamente e não teve a certeza do arrependimento. Mas é assim a vida professora. Faz hoje para ser reconhecida amanhã, e quase nunca sabe da gratidão de seus alunos. Profissão por profissão, seria a última a ser escolhida. Recebe pouco, é perseguida pelas superiores, sofre na classe, os alunos quase sempre são atrevidos. Mas que nasce com o destino de criar mentalidade, de formar espíritos, vê a flor e não sente o espinho. Hoje é o dia do professor, e não há no mundo quem não se lembre de quase todos êles. É difícil um professor passar pela vida de um aluno sem uma lembrança, sem um episódio que venha valer no correr da vida como orientação e formação.

Esta é a nossa singela homenagem. (VISTO, LIDO E OUVIDO. 1969, p. 3)

O texto inicia-se com “Diaba de professora, quer que a gente saiba toda a tabuada de sete, faz cara feia e ainda faz a gente passar vergonha na frente dos outros”, que mostra a insatisfação da criança com a professora e com seus métodos pautados na memorização e repetição de conteúdos, que faz com que a ela seja vilanizada, a tornando uma “diaba”, uma figura ruim, que atrapalha sua vida, por sentir-se pressionado a saber a tabuada. O uso de uma palavra de baixo calão chama a atenção para o conteúdo e sentidos presentes no texto, que conta com um desfecho. A criança questiona e, de certo modo, alfineta o método de ensino da professora. Ele sente raiva por ter que frequentar aulas chatas, como daquela professora, e cogita não ir mais à escola. Em conversa com sua mãe, ela explica a ele que essa fase será importante na sua vida futuramente, que “quanto menos ela prestar hoje para você, mais vai prestar no futuro”. A professora é vista como uma figura de autoridade e necessária. O texto pede reconhecimento e gratidão ao trabalho da professora, ainda expõe as mazelas daquela categoria: “profissão por profissão, seria a última a ser escolhida. Recebe pouco, é perseguida pelas superiores, sofre na classe, os alunos quase sempre são atrevidos”. Ao exaltar o setor e o posicionar em um status fundamental para o chamado futuro e na construção de um país "civilizado", o raciocínio buscado é de fato segregar e separar a própria profissão, construindo as impressões que o problema não é educação a em si, mas os tipos de profissionais que ocupam os ambientes escolares.

A demonização dos professores é o resultado da sobrevalorização desta figura apenas como um arquétipo perfeito do ideário moralista e hierárquico que o regime militar buscava constituir. Essa exaltação seguia um método de controle de hegemonia e o discurso de 1970 do governador Hélio Prates da Silveira sintetiza isso:

A data que assinais o Dia do Professor merece entusiasmo e reconhecimento. O ensino em tôdas suas formas é o grande propulsor da civilização brasileira. Está em primeiro lugar no conjunto dos problemas públicos e é para êle que se dirigem as preocupações dos homens da responsabilidade na pública administração. O professor, com sua dedicação ao ensino está acreditado na opinião geral como o ponto de apoio primordial do desenvolvimento nacional, num esforço constante, ininterrupto, no preparo das gerações atuais e vindouras. A êle cabe as honras do dia, na posse de uma consciência que o enaltece e que adquiriu, através de seu afanoso trabalho os melhores sentimentos de estima e de simpatia das classes cultas e das classes populares. Estou na primeira linha dessa afeição generalizada pelos professores e pelos mestres. Sei e conheço os méritos do professorado em geral. Precisamente por êsse motivo é que, no Distrito Federal, acompanho com emoção o advento do dia em que se comemora as grandiosas tarefas dos

mestres e professores. Envio a êles, indistintamente, as minhas mais efusivas saudações, como governante e como integrante do ensino.

Brasília, 15 de outubro de 1970

HELIO PRATES DA SILVEIRA

Governador do Distrito Federal

(GOVERNADOR SAÚDA OS PROFESSORES. 1970, p. 13)

Nessa saudação, o governador se identifica como conhecedor da realidade do professorado, reconhece o seu significado para a nação, mas propostas objetivas de melhorias não são feitas, apenas a exaltação da profissão, deixando por trás as dificuldades e problemas. No outro ano, mais uma mensagem é publicada por esse mesmo governador aos docentes, em razão do Dia do Professor

Mil nações têm se projetado sobre a terra, nações que brilharam no mundo inteiro sustentadas pelo tirocínio basilar de seus povos fundamentado na cultura.

Se analisarmos o desenvolvimento das artes, se aprofundarmos na razão do progresso, da ciência encontraremos uma só explicação: o homem; o homem que pensa, o homem que estuda para conhecer a essência de tôdas as coisas.

Encontraremos também, o homem fazendo do tempo, fonte hábil de progresso e desenvolvimento, fazendo a vida palco de grandes revelações; entretanto, não compreenderemos as prodigiosas metamorfoses, sem contudo, examinarmos a razão primeira.

A certeza das origens é muitas vêzes preterida pela humanidade, porém há um momento em que o homem pára e rebusca as páginas da história encontrando lá, num passado longínquo, o mestre de tôdas as glórias – “O professor” pedra fundamental de todo o poderio registrado na face da terra.

A riqueza da missão de educar, formar e construir no seio do Brasil, na Capital da República, tem sustentáculo primordial no poder jovem do mestrado da capital da esperança.

O calendário consagra o quinze de outubro ao professor e ao Gôverno do Distrito Federal se reverencia ante a majestade do grande dia.

(PRATES SAÚDA OS MESTRES. 1971, p. 1)

Mais uma vez o governador exalta os professores, reconhece a sua importância, mas não propõe. É nítido o propósito de relacionar intimamente os valores militares e os supostos valores ligados à família (escola, pátria, religião, ordem e disciplina), sendo estes fundantes da ordem político cultural do país.

As duas últimas mensagens analisadas, de autoria do Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal Júlio de Castilhos Cachapuz de Medeiros nos revelam propósitos, como por exemplo de pressão sob os professores, de quem o futuro dependia

Mas quanto mais profundas e diversificadas as contingências que deva vencer para que possa progredir, tanto mais necessário se faz que conte com os professôres capazes, conscientes da responsabilidade da função que lhes cabe desempenhar. (MENSAGEM AOS PROFESSÔRES DO DISTRITO FEDERAL. 1971, p. 3)

Apesar da pressão reconhece que, para o bom desempenho do professor, se faz necessária a garantia dos incentivos e recursos, momento em que conta com o poder

público para, com melhores condições de trabalho, seu papel seja exercido com mais eficácia

Daí, ser imprescindível e inadiável que recursos sejam garantidos: métodos e processos de ensino sejam revitalizados ou criados; tecnologia seja aplicada à educação; com vistas a conseguir sua maior rentabilidade.

Entretanto, de todos os recursos que podem ser fruídos, nenhum ultrapassa em relevância ao que o professor simboliza. Valorizar-lhe o ofício e promover-lhe o constante aperfeiçoamento é, pois, tarefa prioritária entre as prioritárias maiores. Êle é o incentivador, o guia, aquêle que inspira e que dinamiza o processo formal da educação.

A evidência dêsse fato, cuja importância espelha forte significado, e a certeza de que os educadores do Distrito Federal cumprem seus deveres com alto tino de responsabilidade e indiscutível competência, motivam o profundo e sincero agrado com que o Secretário de Educação e Cultura, no transcurso do “Dia do Professor”, envia a cada mestre, de todos os níveis e séries, os votos de felicidade pessoal e êxito crescente na carreira que escolheram.

(MENSAGEM AOS PROFESSÔRES DO DISTRITO FEDERAL. 1971, p. 3)

Das mensagens emanadas pelo Secretário de Educação, reconhece-se a competência do professor da rede oficial do Distrito Federal, o qual é agradecido e agraciado pelas atividades exercidas pela categoria

Êle é o incentivador, o guia, aquêle que inspira e que dinamiza o processo formal da educação. A evidência dêsse fato, cuja importância espelha forte significado, e a certeza de que os educadores do Distrito Federal cumprem seus deveres com alto tino de responsabilidade e indiscutível competência, motivam o profundo e sincero agrado com que o Secretário de Educação e Cultura, no transcurso do “Dia do Professor”, envia a cada mestre, de todos os níveis e séries, os votos de felicidade pessoal e êxito crescente na carreira que escolheram. (ENSINO E CULTURA. 1971, p. 15)

3.3 Fecho do Dia do Professor no Distrito Federal entre 1960-1971

Pelo destrinchamento de nossa fonte, foi possível cumprir o objetivo de apontar as características da festividade do Dia do Professor no Distrito Federal. A organização dessas comemorações tinha por trás várias figuras, como órgãos públicos de educação, empresas públicas, os próprios professores, as crianças, diretores, funcionários da escola e comissões organizadoras do Centro de Educação Primária. Quanto ao local de realização das festividades, ficava equilibrado entre os que ocorriam dentro da escola, como a exemplo dos que ocorreram na Escola Parque, Escolas Classe, Escola Interplanetária nº 2; e fora da escola, como em restaurantes, no Parque Nacional de Brasília, no Parque da Torre e no Auditório do Palácio da Cultura.

Para essa data, vários eventos formavam as comemorações. Em diversas ocasiões, a presença da música como meio de emocionar e homenagear os docentes era relatada. Havia apresentação de recitais de grupos de coral externos à escola; apresentações de

“Côro Infantil”, execução de músicas por bandas, canto para os mestres, coral do Caseb e do coral “Os Pequenos Rouxinóis”; canto do hino nacional acompanhado pela Orquestra na ocasião da posse dos membros da Liga de Defesa Nacional; hasteamento da bandeira ao som do Hino Nacional; apresentações das bandas de música do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, da Aeronáutica, assim também como a Orquestra Sinfônica de Brasília; apresentações musicais de grupos como o Sexteto da Bossa; canção interpretada por professor e apresentação do conjunto melódico “Os Bons Rapazes”, formado também por professores.

Percebe-se a presença de homenagens de cunho artístico e cultural que, além da música, dispunha de apresentações teatrais, como a apresentação de “O Pagador de Promessa” e “O casamento da baratinha”, organizados e executados pelos docentes e teatrinho pelas crianças da escola interplanetária. Houve também momento de recital de poemas escritos pelas crianças aos seus mestres, declamações, saudações e discursos de diversos atores da educação. Assim como na Semana e Dia da Criança, se fez presente a hora da arte, com exposição de trabalhos de estética e retrato à mão feito por um professor. Sessões de cinema também estavam nas programações, com a exibição de filmes de longa metragem e filmes de turismo.

O oferecimento de refeições é parte integrante da comemoração dos professores no Distrito Federal, e comumente realizado em diversos encontros de grupos. Proporcionado por professores, funcionários, as crianças e até mesmo por empresas privadas, o momento da alimentação compartilhada é espaço de congregar, de partilhar momentos, ideias, desejos, projetos, uma oportunidade de descontrair e de demonstração de alegria. Esses momentos de alimentação ocorriam dentro ou fora da escola. Assim, eram realizados almoços e jantares com a presença de autoridades, bolos feitos e decorados por funcionários e pelas crianças, oferecimento de sucos, piqueniques, lanches oferecidos pelos próprios professores às crianças.

Importante mencionar o almoço oferecido pelo presidente da Caixa Econômica Federal às diretoras das Escolas Classe do Distrito Federal. Inicialmente, esse momento era entendido como uma homenagem ao Dia do Professor, que além do almoço, promoveu o lançamento de um concurso literário e de artes plásticas para que as crianças participassem, com prêmios em dinheiro. Nessa oportunidade, o presidente da Caixa mencionou uma proposta de se organizar um plano especial de financiamento de residências para professoras primárias, por meio daquele banco. Então, aquele agradável momento tinha por trás intenções lucrativas daquela instituição financeira, que

aproveitava o ensejo de discussões trazidas na celebração do Dia do Professor de 1967, ocasião em que o senador Edmundo Levi traz à tona a grande problemática habitacional dos professores.

Também fazia parte dos ritos comemorativos no Dia do Professor nas escolas do Distrito Federal a entrega de flores. A fonte nos mostra que as flores não eram entregues a todas as professoras, e destaca a entrega delas a algumas em especial, como aconteceu com Ivone Felipe, Ana Bernardes e Maria Angélica. Elas receberam cestas, ramalhetes e buquês de flores, entregues por crianças ou funcionários da escola. Numa dessas ocasiões, a criança que entregava as flores era negra, uma representação que destoa do geral de crianças que são fotografadas e publicadas no Correio Braziliense quando se trata das festividades do Dia da Criança e do Dia do Professor. Finalmente o silêncio se rompeu, e reconheceu-se a presença de crianças negras. Além das flores, ocorria também troca de presentes entre professores e crianças, e professores agraciados pelas crianças com presentes e doces.

Marcaram também as comemorações do Dia dos Professores a promoção de jogos e gincanas com corrida da bandeira, corrida do saco, corrida do ovo e pau de sebo, esse último com premiação em dinheiro. Nas competições esportivas, eram disputados jogos de queimada, voleibol e natação. Diversos outros ritos também faziam parte da celebração do Dia do Professor, como passeios ao Parque Nacional de Brasília, ao Correio Braziliense, palestras, sorteio de bolsas de estudos no Centro Universitário de Brasília (CEUB) e na Casa Thomas Jefferson. Concursos de Rainha da Primavera também eram comuns, e sua apuração e coroação constavam em programação para celebrar os docentes. Em uma ocasião desses concursos, foi sorteada na escola um beijo na face da rainha eleita, um tanto curioso e invasivo, como se o acesso ao corpo de uma pessoa fosse um produto, pensando principalmente numa festa com a presença de crianças.

A religião tem sua influência na comemoração do Dia do Professor no Distrito Federal, seja por orações feitas pelo Ministro da Educação em eventos de homenagem ao professor, seja nas diversas missas campais realizadas como parte das comemorações. Um evento de bastante destaque do Dia do Professor era a cerimônia de entrega do prêmio “Educação Primária” e de diplomas ao mérito aos professores de destaque. O prêmio era uma quantia em dinheiro, e ganhava o professor com melhor obra didática do ano. Essa premiação teve seu início no ano de 1968, era promovido pela Coordenação de Educação Primária. Em seu primeiro ano de cerimônia, a entrega

foi realizada em uma sessão solene na Escola Parque, com várias autoridades marcando presença e sendo animada pela Orquestra Sinfônica de Brasília. Em 1969 e 1970, a cerimônia tinha os mesmos ritos e aconteceu no mesmo local da primeira premiação. Já no ano de 1971, foi organizada uma Missa Eucarística Gratulatória pela Secretaria de Educação no Santuário Dom Bosco para a entrega de certificados ao mérito e do prêmio aos professores. O “Prêmio Educação Primária” foi tão exitoso que a Fundação Educacional do Distrito Federal oficializou a instituição desse concurso, a ser realizado anualmente a cada 15 de outubro, Dia do Professor.

Diante desse exposto, podemos constatar o uso do Dia do Professor para a promoção de homenagens aos mestres. Esse dia, que era ponto facultativo, representava um rompimento com a rotina diária das práticas educativas comumente realizadas na escola. No entanto, para além dessas homenagens, o Dia do Professor serviu para outros fins. Numa ocasião, o Secretário de Educação e Cultura recebeu a visita de diretores e professores de Brasília, que foram parabenizá-lo pelo seu trabalho na gestão da educação do Distrito Federal, ação que consideramos que teve fins políticos.

Em algumas reportagens, o governo aproveitava a atenção da data para publicar suas benfeitorias e melhores condições que os seus serviços públicos prestavam à sociedade, num modo de fazer propaganda do governo. O uso de dados estatísticos era comum, e até chegava a se dizer que o salário dos professores do Distrito Federal eram muito bons, quando em comparação com outros estados, mas sem mencionar que o custo de vida naquele local era muito maior. Esse tipo de reportagem objetivava acalmar os ânimos diante dos protestos de professores por melhores salários, e levarem a população a terem uma visão de que aqueles profissionais reclamam de “barriga cheia”. Pode ser visto também que o uso ideológico de todo um grupo e de um aspecto social basilar teve influências para o sistema educacional brasileiro e seus vícios repetidos. Não apenas na opinião pública que ataca os professores como profissionais, como também um senso comum que ainda atrela o professor a essa figura bastião da moral, como um “segundo pai” e responsável pela civilidade de toda uma nação.

Temos ainda o uso do Dia do Professor por políticos, numa oportunidade de denunciar os problemas e descasos os quais esses profissionais passavam, como a remuneração não condizente com o custo de vida e os constantes atrasos salariais. Numa outra oportunidade, é apontada a necessidade de se deixar um pouco de lado as festividades e se fazer um exame de consciência coletivo por ocasião do Dia do Professor, para ponderar se os professores correspondem ao que se espera e se as

autoridades do país os retribuem de maneira justa. Saindo da linha apenas da exposição de problemas, a data também foi usada por um deputado para propor alterações em benefício da profissão docente. Então, diante da análise de nossa fonte, podemos constatar que além das programações festivas, o Dia do Professor era um momento propício para que os holofotes fossem voltados à profissão docente, dando visibilidade aos vários problemas que eles enfrentavam.

A partir da análise das representações de professor feitas através dos vários discursos de autoridades, crianças e professores publicados no *Correio Braziliense* sobre o Dia do Professor, foi possível cumprir o objetivo de apresentar quais professores essas comemorações queriam exaltar no Distrito Federal entre os anos de 1960 a 1971.

Num primeiro momento, tem-se que os professores de Brasília eram indisciplinados. Nada se fala sobre o motivo da indisciplina, mas sabe-se que aquele período era instável politicamente e a falta de contratação de novos profissionais fazia com que os professores de Brasília estivessem sobrecarregados. Assim, o governo tratava de disciplinar com “autoridade” essa categoria. Essa publicação ocorreu antes da instauração da Ditadura Civil-Militar. O secretário de educação à época era um militar que posteriormente, com a instauração do regime autoritário, foi nomeado prefeito de Brasília. Assim, percebe-se o *modus operandi* nesses discursos: oposição, culpabilização e demonização dos professores e a sobrevalorização das figuras de autoridade bruta.

Por meio de um poema publicado por uma criança em homenagem ao Dia do Professor, percebemos características atribuídas aos docentes na visão de seus discentes. A figura professoral do Distrito Federal era uma mulher. As crianças deixavam claro que não gostavam de estudar, mas se comprometiam a se comportar nas aulas. Em um trecho é mencionado que mesmo doente a “boa professora” ia trabalhar, o que faz refletir acerca das precariedades do ambiente de trabalho daquele professor, que não faltava ao serviço. Se, na primeira análise, os professores são indisciplinados, na segunda, a professora é comprometida com sua frequência e seu trabalho. A “mestra” tão boa é aquela que leciona sua matéria com excelência e que traz consigo acolhimento aos estudantes.

A partir desses discursos analisados podemos identificar a sobrevalorização de um tipo específico de educação e de figuras de autoridade/disciplinas e não ao conhecimento de fato, muito menos da representação do professor como figura íntegra independente e crítica, mas apenas como reproduzidor de uma lógica superior e força de

trabalho. Por outra nota, temos a visão de que os professores muito se esforçaram, mesmo sem reconhecimento e retribuição financeira devida, que, mesmo sobrecarregados, “consumidos no serviço da educação”, cumpriram seus papéis. A velha e conhecida atribuição a profissão docente como uma “missão” é registrada, tendo aquele profissional passar por todas as dificuldades e descasos para que a missão fosse cumprida com sucesso. Essas formas de visualizar professores e o papel da educação em um projeto político ainda recebem fortes influências da lógica mercadológica, de acumulação de Capital, que percebe a educação como formadora de capital humano, de trabalhadores capacitados apenas para o “serviço”, mas pouco formados nos aspectos integrais de uma vida dentro da cidadania – pensamento livre, crítica, reflexão, consciência política. Nesse sentido, muito se lê também sobre o "heroísmo" do docente, como se aquela profissão fosse exercida por um herói, que nada pudesse reclamar ou requerer, em que o amor pela profissão é acima de todos os percalços.

A presença do discurso nacionalista é predominante, sendo o professor aquele que propaga as belezas do conhecimento do passado para a criança, mas sem esquecer "o amor às instituições e Pátria", revelando todo o fundo ideológico por trás. Outra atribuição conservadora, o cristianismo, é dita como um caracterizador indispensável para o nacionalismo militarista da época. Assim, o jovem que a educação queria formar tinha amor à pátria, ao povo, e também dever de ser cristão. Ficava por conta dos professores, então, repassar esses sentimentos e conhecimentos.

A partir de outros trechos, é possível perceber uma ideia dos professores como uma replicação da autoridade familiar, com autoritarismo diante estudantes tanto na liberdade de poder agredir, como nas dinâmicas de expulsão de sala, silenciamento e disciplinarização. A formação de caráter das crianças é outorgada ao docente, que agora cumpria a responsabilidade de educar da família, diante do aumento de mães que entravam no mercado de trabalho. Ao professor ficava a responsabilidade de trazer a prosperidade ao país por meio de seus ensinamentos, da promoção da mudança social, da construção de novo cidadão e da nova nação. O professor era então base sólida para uma sociedade, que se molda como efeito de seu legado.

Com a análise de outro poema feito por discente em comemoração do Dia do Professor, é mostrada a insatisfação das crianças com os métodos de ensino pautados na memorização e repetição de conteúdos, que faz com que a professora seja vilanizada. Mas, no desfecho, a criança toma consciência de que a professora é uma figura de

autoridade necessária. O texto pede reconhecimento e gratidão ao trabalho da professora, ainda expõe as mazelas daquela categoria.

Em outros momentos, discursos de autoridades exaltam a figura professoral sem citar as dificuldades enfrentadas. É nítido o propósito de relacionar intimamente os valores militares e os supostos valores ligados à família (escola, pátria, religião, ordem e disciplina). Nas duas últimas mensagens analisadas, o professor sofre uma certa pressão por conta de sua responsabilidade na formação do cidadão, mas é reconhecido por seu bom desempenho. A necessidade de melhoria de incentivos e recursos é mencionada, já que, com melhores condições de trabalho, seu papel seja exercido com mais eficácia.

CAPÍTULO 4 – AS COMEMORAÇÕES DO DIA DA CRIANÇA E DOS PROFESSORES NAS ESCOLAS DO DISTRITO FEDERAL EM PERSPECTIVA HISTÓRICA (1960-1971) – UM MINICURSO

Posteriormente ao destrinchamento de nossa fonte e à construção histórica de acordo com os objetivos por nós levantados no tocante às festas escolares do Dia da Criança e do Dia do Professor no Distrito Federal, constatou-se a demanda da disseminação desse conteúdo alcançado para os profissionais da educação. Assim, o produto técnico desta dissertação será um minicurso sobre as comemorações do dia da criança e dos professores nas escolas do Distrito Federal entre os anos de 1960 a 1971, com carga horária de 15 horas, dividido em três encontros presenciais. Terá como público alvo deste minicurso os docentes da primeira etapa do ensino fundamental da rede pública e privada do Distrito Federal.

Título do Minicurso:

As comemorações do Dia da Criança e dos Professores nas escolas do Distrito Federal em perspectiva histórica (1960-1971).

Resumo da proposta:

Esse minicurso tem como objetivo apresentar as características das festividades escolares do Dia da Criança e Dia do Professor no Distrito Federal veiculadas nas páginas do jornal *Correio Braziliense* entre os anos de 1960 a 1971 na perspectiva da cultura escolar; expor os elementos intrínsecos nas festividades da Semana da Criança e do Dia da Criança e quais crianças essas festas celebravam; discorrer sobre os elementos da festa do Dia do Professor e quais professores essa celebrações queriam exaltar e, ainda, apresentar o perfil do professorado a partir da análise das representações contidas nas diversas notas e saudações emanados por figuras públicas e publicados no *Correio*.

Justificativa:

As festas escolares constituem um momento de celebração, de brincadeira, jogos, música e dança (ITANI, 2003), sendo também um espaço para a produção de discursos e significados que são compartilhados por uma comunidade (ITANI, 2003). No decorrer da história, essas festividades desempenharam um papel marcante no intercâmbio entre

a escola e a comunidade. Situamos as festas escolares como intrínsecas à cultura escolar, pois elas integram o cotidiano da escola, tendo essas celebrações distinções condizentes com suas motivações (LIMA, 2021). Ao mesmo tempo em que as festas são orientadas por normas e inculcam conhecimentos a serem ensinados e maneiras a serem repetidas, são também constituídas por práticas com intenções educativas.

As Festas de Outubro, compostas pelo Dia da Criança, a Semana da Criança e o Dia do Professor, que são datas comemorativas celebradas até hoje, mas com outros fins (SILVA e SILVA, 2015), se mostraram marcantes na fixação da nova capital e propagação de um ideal de criança e professor que era valorizado por aquela sociedade naquele tempo. Podemos afirmar que a cultura escolar produzida nas escolas, tendo como um de seus vetores especificamente as festas de Outubro, possuía uma capacidade de alcance social amplo, dialogando e influenciando nas concepções de infância e professor que a sociedade pela, visibilidade que dava ao festejá-los anualmente a partir da instituição escolar, queria valorizar e disseminar.

É relevante divulgar os saberes obtidos em estudos científicos a respeito da história da educação nesse percurso trilhado por Brasília desde a sua inauguração, no ano de 1960. Mais importante ainda se torna a disseminação desse tipo de conteúdo, quando é constatada a inexistência de investigações que tratam dessas festividades escolares, pesquisadas juntas ou separadamente, em âmbito local. A partir da publicação e exposição dos conhecimentos obtidos nessa pesquisa, uma lacuna começa a ser preenchida na história da educação do Distrito Federal.

O sistema de ensino que foi construído com o nascimento de Brasília influenciou na construção daquele local e tem seus reflexos até hoje, pois “o que fazemos, pensamos, sentimos, produzimos, assim como o significado que atribuímos a tudo isso, depende da época em que vivemos, das relações sociais estabelecidas, do contexto histórico” (BOSCHI, 2020, p. 5). Desse modo, torna-se essencial o conhecimento dos professores que trabalham e vivenciam na atualidade desse sistema de ensino, os costumes e intencionalidades vividos por quem o inaugurou, a fim de compreender as mudanças que ocorreram e vêm ocorrendo, como também comparar os usos das festividades do Dia da Criança e do Professor presentemente.

As Festas de Outubro foram analisadas e tiveram sua história interpretada a partir do uso das publicações do jornal *Correio Braziliense*. Construir História da Educação

tendo como fonte o jornal é contar o que aconteceu mediante o uso de “fatias de realidade captadas por seus produtores” (ANJOS *et al.*, 2013, p. 630). Esse tipo de fonte, apesar de não intencional da educação (ANJOS, 2018), por ser publicado diariamente, nos dá a oportunidade de escrever não só sobre como funcionava a lógica da vida social, mas também sobre como era o funcionamento das escolas (ANJOS, 2019). Por isso, o *Correio*, a partir da categorização, análise e interpretação de seus escritos, possibilitou uma rica análise sobre as festas escolares do Distrito Federal na inauguração de seu sistema de ensino, possibilitando a escrita dessa pesquisa e a disponibilização desse curso, que é uma abertura a novas investigações e aprofundamento desta temática.

Ementa:

Esse minicurso abordará as características das festividades escolares do Dia da Criança e Dia do Professor no Distrito Federal entre os anos de 1960 a 1971, explanando os elementos intrínsecos das festividades na Semana da Criança e no Dia da Criança e quais crianças essas festas celebravam, e discorrerá também sobre os elementos da festa no Dia do Professor e quais professores essa celebrações queriam exaltar e, ainda, apresentará o perfil do professorado a partir da análise de representações.

Objetivos:

Conhecer os ritos e as particularidades intrínsecas à Semana da Criança no Distrito Federal;

Oportunizar o trato com uma fontes históricas “não intencionais” (ANJOS, 2018) da educação;

Aprender sobre os ritos e as particularidades intrínsecas especificamente ao Dia da Criança no Distrito Federal;

Compreender o modo com cada infância era tratada na festividade;

Identificar os ritos e intencionalidades das comemorações do Dia do Professor no Distrito Federal;

Compreender o uso das representações a partir das notas e discursos publicados no Jornal;

Interpretar uma nota publicada numa fonte histórica a partir do uso das representações de Chartier (1991);

Perfil dos participantes:

Professores e professoras da primeira etapa do ensino fundamental da rede pública e privada do Distrito Federal.

Metodologia:

Este minicurso será desenvolvido através de aulas expositivas e dialogadas, sendo 5 horas dedicadas a cada encontro. Dessas 5 horas, que somadas nos 3 encontros totalização em 15 horas de curso completo, contarão com 1 hora de dedicação às leituras que darão base às discussões realizadas em cada um dos 3 encontros.

Conteúdo do minicurso:

O primeiro encontro irá tratar da Semana da Criança no Distrito Federal. Assim, neste momento, buscaremos evidenciar os elementos desta celebração e quais crianças essas festas queriam comemorar. Haverá a exposição de quem organizava essas festas; as parcerias realizadas entre escola e sociedade; os ritos que as festas compunham, e, dentro desses ritos, aqueles que tinham por trás um aparato ideológico emanado pelo governo federal; a participação dos militares nas festividades; as campanhas organizadas pelo governo em razão da maior atenção à criança, como aquelas relacionadas à saúde e ao cuidado da natureza; os passeios escolares que eram realizados; os eventos que eram ofertados à comunidade, o que fazia destas celebrações um momento de lazer aos moradores e o perfil da criança que o jornal dava a ver. A partir dessa explanação, será possibilitado ao cursista o conhecimento das práticas escolares da Semana da Criança nos primeiros anos da implantação da nova capital do país.

O segundo encontro irá tratar das festividades do Dia especificamente dedicado à Criança no Distrito Federal, o 12 de outubro. Desse modo, esta aula será utilizada para, além de demonstrar os ritos inerentes a este dia, as crianças que estas comemorações celebravam. Haverá a exposição do uso publicitário que os governantes faziam dessa data; de quem organizava os eventos; dos ritos inerentes ao Dia; da importância da Escola Parque; da participação dos militares nas solenidades, incluindo suas várias apresentações musicais e intervenção e inserção de práticas nacionalistas em meio à

data; da extensão que a escola fazia para comemorar a criança em outros órgãos públicos e nos diversos passeios escolares; do espaço dado à divulgação do Dia da Criança em instituições filantrópicas ou promovidas por associações beneficentes; as práticas educativas e o modo de tratamento recebido de acordo com o “tipo de infância” celebrado.

No terceiro e último encontro, iremos, num primeiro momento, apontar as características da festividade do Dia do Professor no Distrito Federal. Discutiremos sobre quem as organizava; em quais locais essa celebração se realizava; os fortes ritos presentes nas homenagens, como o uso da música, do teatro, do oferecimento de refeições e do ato de presentear; o uso político da data como aparato publicitário governamental; a presença da religião e as entregas de prêmios aos professores. Num segundo momento, procederemos com a análise das representações de professor feitas através dos vários discursos de autoridades, crianças e professores publicados no *Correio Braziliense* sobre o Dia do Professor, destacando o perfil desses profissionais que essas comemorações exaltavam e como eles eram vistos pela sociedade.

Avaliação:

No primeiro encontro, os cursistas serão divididos em grupos para discussão e análise de algumas notícias selecionadas sobre a Semana da Criança, no qual os participantes irão identificar práticas executadas nas festividades, os dias de outubro em as escolas traziam programações que integravam a Semana e se havia indícios da citação de características das crianças que participaram dessas festas. No segundo encontro, os cursistas responderão a um questionário sobre a festividade do Dia da Criança no Distrito Federal. Já no terceiro e último encontro, cada cursista irá receber uma nota ou saudação sobre o Dia do Professor, em anos diversos, e apresentarão para a turma a imagem do professor que era transmitido à sociedade, a partir do olhar e interpretação de cada um.

Referências:

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. ARI CUNHA E AS CRÍTICAS AO SISTEMA DE ENSINO DE BRASÍLIA NA COLUNA VISTO, LIDO E OUVIDO (CORREIO BRAZILIENSE, 1960-1965). **Mimeo:** Brasília, 2019.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O testemunho dos arquivos e o trabalho do historiador da educação. **Revista História da Educação**, v. 22, n. 55, p. 279-292, 2018.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada; SOUZA, Gisele de. O arquivo público paranaense: possibilidades de pesquisa em história da educação no período provincial. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 627-643, jul./set. 2013.

BOSCHI, Caio César. *Por que estudar História?* 1 ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2020.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. *Revista das Revistas*, 1991.

ITANI, Alice. *Festas e Calendários*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LIMA, Priscila Carriel de. **As Festas Escolares nos Parques Infantis Sorocabanos: Memórias e Imagens (1954 - 1988)**. Dissertação. Guarulhos, Universidade Federal de São Paulo, 2021.

SILVA, Antonio Carlos Barbosa. SILVA, Marida Coimbra Casadei Barbosa da. **As festas escolares no Brasil de 1890 até a contemporaneidade: sentidos e perspectivas**. *Anais II CONEDU...* Campina Grande: Realize Editora, 2015.

Referências sugeridas:

AMARAL, Clara Ramthum do. A formação do magistério primário nos primórdios de Brasília (1960-1964): memórias de uma utopia possível. *In: PEREIRA et al* (org.). *Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal: história e memória*. Brasília: Universidade de Brasília, 2018, p. 17-35.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O testemunho dos arquivos e o trabalho do historiador da educação. **Revista História da Educação**, v. 22, n. 55, p. 279-292, 2018.

ANJOS, Juarez José Tuchinski. O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). *In: BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; ZIMMERMAN, Tânia Regina* (org.). *Fontes históricas em perspectivas situadas: limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 37-54.

CÂNDIDO, Renata Marcilio. **A máquina de festejar: seus usos e configurações nas escolas primárias brasileiras e portuguesas (1890-1930)**' 01/04/2012 310 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: FEUSP, 2012.

CÂNDIDO, Renata Marcilio. **Culturas da escola: as festas nas escolas públicas paulistas (1890-1930)**' 01/04/2007 154 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: FEUSP, 2007.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. *Revista das Revistas*, 1991.

DE SOUZA SILVA, Celeida Maria Costa. A cultura escolar no Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá/MS: um olhar por meio das festas (1972 – 1987). *albuquerque: revista de história*, v. 4, n. 7, 23 jun. 2017.

FRID, Marina; CORBO, William; AUCAR, Bruna. Festa infantil no país do futuro:: consumo e ritualização do Dia das Crianças no Brasil. In: **E-Compós**. 2021.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

JULIA, Dominique. A cultura como objeto Histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001.

LIMA, Priscila Carriel de. **As Festas Escolares nos Parques Infantis Sorocabanos: Memórias e Imagens (1954 - 1988)**. Dissertação. Guarulhos, Universidade Federal de São Paulo, 2021.

MELO, Salania Maria Barbosa. **A construção da memória cívica: as festas escolares espetáculos de civilidade no Piauí (1930 - 1945)**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira Fortaleza-CE, 2009.

MORELLI, Ana L. F. Correio Braziliense: 40 anos – do pioneirismo à consolidação. (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

PEREIRA, Eva Waisros. et. al. (Org) **Nas asas de Brasília, memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Distrito Federal. Universidade de Brasília, 2011.

PEREIRA, Eva Wairos; COUTINHO, Laura Maria; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão (org.). Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal: história e memória. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018, 348 p.

PERES, Eliane Teresinha Viagens e passeios familiares e escolares registrados em cadernos de alunos (1957-2015). *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 2, n. 5, p. 290-309, 31 ago. 2017.

SILVA, Celeida Maria Costa de Souza. **História das práticas pedagógicas e cultura escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa, Corumbá - MS (1972-1987)**. 2009. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2009.

SILVA, João Batista Barbosa da. **As representações do dia do professor no jornal A União durante o Regime Civil Militar brasileiro (1964-1985)**' 25/02/2016 106 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa Biblioteca Depositária: <<http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/>>.

SILVA, Vania Cristina da. As comemorações e a invenção de novas tradições durante o Estado Novo: um estudo das festas escolares na Paraíba. **Revista eletrônica de História Social da Cidade**. V. 2, n. 19, 2017.

SILVA, Vânia Cristina da. **"Ó Pátria amada, idolatrada, salve, salve!" Festas escolares e comemorações cívicas na Paraíba (1937-1945)**' 01/07/2011 139 f.

Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA Biblioteca Depositária: Biblioteca da UFPB/Biblioteca do CCHLA/UFPB, 2011.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar. 1961. p.195-199.

VEIGA, Cynthia Greive. GOUVEA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. *Educação E Pesquisa*, V. 26, n. 1, p. 135-160, 2000.

VICENTINI, Paula Perin. Celebração e visibilidade: o Dia do Professor e as diferentes imagens da profissão docente no Brasil (1933-1963). **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, v. 4, n. 8, p. 9-41, jul.- dez. 2004.

CONCLUSÃO

No intento de agregar para a História da Educação do Distrito Federal, esta dissertação teve como objetivo geral investigar as características das festas escolares do Dia da Criança e Dia do Professor no Distrito Federal veiculadas nas páginas do jornal *Correio Braziliense* entre os anos de 1960 a 1971 na perspectiva da cultura escolar. Esse período escolhido abarca o nascimento de Brasília e vai até o ano da promulgação da segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Não foram encontradas, até então, pesquisas locais que tratassem das festas escolares do Dia da Criança e do Professor no Distrito Federal, e a partir do levantamento e análise das reportagens do *Correio Braziliense*, foi possível cumprir a finalidade desta investigação.

Suscitamos a hipótese de que essas festas, enquanto integrantes da cultura escolar, ajudaram na fixação de Brasília como a nova capital do país, recebendo influências pelo fato de se realizarem numa cidade planejada, inventada e cujo sistema de ensino era tão novo quanto ela, apresentando em suas características elementos que construíam a figura da criança e do professor que se desejava no porvir não só na região, mas que se estendesse como exemplo em todo o país. Em vários momentos da análise, pudemos perceber a confirmação dessa hipótese.

As fontes compulsadas na pesquisa revelaram que o Dia da Criança era celebrado de forma alargada, por meio de uma Semana que o antecedia e do Dia a ela dedicado propriamente dito. Desse modo, o primeiro capítulo tratou de analisar quais eram os elementos das festividades da Semana da Criança e quais crianças essas festas queriam celebrar no Distrito Federal. As páginas do *Correio* corresponderam bem ao que procurávamos, nos dando detalhes destas festividades.

Estas celebrações eram organizadas pelas professoras, diretoras e vice-diretoras das escolas, sendo também realizadas, em alguns momentos, pela união entre a escola e outros atores da sociedade. Nesses vários eventos, a comunidade era convidada e a entrada era franca, e a festividade da Semana da Criança se tornou opção de lazer dos moradores do Distrito Federal em seus primeiros anos de nova capital, devido à escassez de eventos. Podemos perceber que a Semana da Criança tinha na sua programação a presença de ritos ligados ao cristianismo; práticas educativas de caráter artístico, como o teatro e as exposições de arte, apresentações musicais; sessões de cinema; promoção competições esportivas, gincanas e brincadeiras; práticas nacionalistas, como canto do Hino Nacional e apresentações de militares; práticas de

caráter instrucional, com palestras e campanhas de cuidado com a saúde infantil; distribuição de alimentos; passeios escolares e demonstração das atividades do ano letivo. Por esse levantamento, notamos que, tirando a Escola Parque, em poucos momentos as práticas educativas das festas se assemelhavam às práticas escolares cotidianas.

Nossa hipótese pode ser contemplada na Semana da Criança, por exemplo, no fundo ideológico dado às competições esportivas, principalmente, do culto ao corpo e no perfil da criança que era percebido a partir das publicações no jornal. Na verificação de quais crianças essas festas queriam celebrar no Distrito Federal, temos várias qualidades destas que são postas em evidências durante as comemorações. A partir da análise, constatamos que os noticiários de Brasília abordavam a criança de uma forma genérica, buscando assim homogeneizar a infância, criando um padrão de criança perfeita brasiliense, que são aquelas que se divertem nas sessões cinematográficas, são cultas, católicas, disciplinadas, atletas, sadias, limpas, arrumadas, independentes, brancas, artistas e bem vestidas.

A presença da comunidade escolar nessas programações da Semana da Criança inculcava os valores desejados que se queria internalizar ao cidadão daquela época. Além de ser aberta à comunidade, as autoridades, imprensa e os pais eram convidados e essa celebração contava com um vultoso número de visitantes externos. A divulgação dessas festas num jornal e a presença de público externo à escola, naquele recém criado sistema de ensino, levava a construção de um perfil padrão de crianças de Brasília, com características que se pretendia replicar por todo o país.

Com muitas práticas bastantes similares à Semana da Criança, o segundo capítulo nos trouxe os elementos das festividades do Dia especificamente dedicado à Criança e, conseqüentemente, quais crianças essas festas queriam celebrar no Distrito Federal. A organização desse dia em específico também partia das servidoras que compunham as escolas ou de órgãos públicos de Brasília ligados à educação e à cultura. Estendemos, devido a similaridade dos ritos da Semana da Criança com o Dia da Criança, a confirmação da hipótese desta pesquisa com a análise desse dia. O primeiro ano de celebração contou com a presença marcante do presidente da república, Juscelino Kubitschek, que, com uma cobertura do evento destacada pelo *Correio*, fez um bom uso dessa celebração como um aparato publicitário do governo federal. Em outros momentos, o Dia da Criança também foi momento oportuno para que políticos

propagandassem as escolas daquele sistema de ensino, como a inovadora Escola Parque.

A Escola Parque foi local de realização de várias comemorações do Dia da Criança. O Dia da Criança era também comemorado em muitas outras instituições, mas não podemos deixar de explicitar esse destaque dado pelo *Correio Braziliense* a essa instituição. Nesta escola, o Dia da Criança contava com eventos artísticos, como exposições de arte, uso da dança, música, teatro, momento em que as crianças exteriorizam ao público tudo o que aprendiam naquela instituição; sessões de cinema; demonstração das atividades durante o ano letivo; eventos esportivos, como Jogos da Primavera, gincanas e demonstrações de defesa pessoal para crianças, em que podemos perceber esse mesmo culto ao corpo e uma ideologia maior também verificada na Semana da Criança. Esse dia específico era utilizado para presentear as crianças e distribuir alimentos. Para além da Escola Parque, as Escolas Classe e Jardins de Infância tinham ritos similares a estes detectados nesta instituição.

Assim como na Semana da Criança, o Dia da Criança também contava com ritos como a promoção de palestras, passeios e excursões. Também é notável a presença de apresentações com a influência do governo militar na educação, na emanação de valores patrióticos nas crianças e comunidade que assistiam, como o Hastearmento de Bandeira, canto do Hino Nacional e apresentações de bandas militares. Assim como na Semana da Criança, nas escolas públicas do Distrito Federal, em poucos momentos as práticas educativas das festas se assemelhavam às práticas escolares cotidianas. Já em instituições particulares, as festividades eram formadas por programações que faziam o revezamento entre aulas normais e de ritos festivos. Há de se notar e lembrar também da presença do público externo em razão da comemoração desta data.

O Dia da Criança no Distrito Federal contava com a divulgação de ações realizadas em instituições filantrópicas, e é possível notar a diferença com que esses públicos eram tratados em algumas situações específicas, com ritos, passeios e brincadeiras um tanto incomuns as outras escolas do Distrito Federal, como a visita que receberam dos participantes do III Encontro Nacional de Juízes de Menores, o uso da data para “presentear” as crianças com novas instalações da instituição, gincana de carrinhos de rolimãs e futebol-de-salão num pátio asfaltado e um passeio na Sociedade Hípica de Brasília. Como era um lar-escola de atendimento à abandonados, outras instituições ou organizações promoviam eventos para essas crianças carentes. Outras atividades filantrópicas também foram desempenhadas no Dia da Criança para crianças

pobres, como as celebrações da Casa da Amizade e da Campanha de Erradicação de Invasões.

Há o relato de uma tragédia que aconteceu num passeio escolar em comemoração ao Dia da Criança no ano de 1967, quando uma criança morreu afogada numa piscina em passeio ao Parque Nacional de Brasília. Os funcionários e crianças foram embora do passeio sem a criança e sequer avisaram a mãe de seu desaparecimento. Em várias passagens da nossa fonte, notamos como as reportagens exaltam o cuidado que as escolas do Distrito Federal tinham por seus educandos. Mas, por esse acontecimento, constatamos que esse cuidado e importância não estavam tão presentes, pois fica inimaginável pensar num passeio escolar que volta sem uma criança e nem os pais são avisados disso por parte da equipe escolar.

As infâncias celebradas nessas festas contavam com diferenciações. Em determinada oportunidade, como no encontro de Juscelino Kubitschek, a infância destacada tinha o perfil da criança que residia em Brasília e estava matriculada nas escolas públicas daquele local. Assim, podemos perceber a presença da infância das crianças oriundas de famílias com uma condição financeira mais confortável. Nas fotos e nas publicações, constatamos a presença de meninos brancos sorridentes, bem vestidos e penteados, atletas com corpos magros, que cuidam do corpo, disciplinados e organizados em filas, pondo em prática suas habilidades e conhecimentos aos espectadores por meio das exposições e apresentações, como sendo crianças treinadas para o futuro. Nessa representação, concebe-se o tipo de criança que estava sendo treinada para formar uma nação do futuro saudável e forte. As meninas eram registradas nas fotografias, com mais enquadramento, em exposições de atividades artísticas, sempre estando bem vestidas e com seus cabelos impecáveis. No contraste com essa infância, temos a presença das crianças abandonadas, que são cuidadas em lares de caridade.

No terceiro capítulo, delineamos as características da festividade do Dia do Professor e quais professores essas comemorações queriam exaltar na capital do país. Pelo destrinchamento de nossa fonte, foi possível detectar que a organização dessas comemorações tinha por trás várias figuras, como órgãos públicos de educação, empresas públicas, os próprios professores, as crianças, diretores, funcionários da escola e comissões organizadoras do Centro de Educação Primária. Os locais de realização se revezavam entre a própria escola e fora desta, como em restaurantes, parques e nos auditórios de outros órgãos públicos.

Nessa data percebemos em diversos momentos seu uso para homenagear os professores, com atividades de cunho artístico e cultural, como o uso da música, com recitais, corais, cantos, bandas, orquestras; apresentações teatrais; recitais de poemas, declamações, saudações e discursos de diversos atores da educação; exposição de trabalhos artísticos; sessões de cinema; oferecimento de refeições; entrega de flores; promoção de jogos e gincanas; passeios escolares; palestras; sorteio de bolsas de estudos; concursos de Rainha da Primavera; missas; entrega de Diplomas ao Mérito de professores destaque e a realização da entrega do prêmio “Educação Primária”, que era uma quantia em dinheiro paga ao professor com melhor obra didática do ano.

O “Prêmio Educação Primária” foi tão exitoso que a Fundação Educacional do Distrito Federal oficializou a instituição desse concurso, a ser realizado anualmente a cada 15 de outubro, Dia do Professor. Importante mencionar que foi numa oportunidade de homenagem aos professores, que o jornal expôs uma fotografia em que uma criança que entregava flores à uma professora era negra, uma representação que destoava do geral de crianças que são fotografadas e publicadas no *Correio Braziliense* quando se trata das festividades do Dia da Criança e do Dia do Professor. Finalmente o silêncio se rompeu, e reconheceu-se a presença de crianças negras.

Diante desse exposto, podemos constatar o uso do Dia do Professor para a promoção de homenagens aos mestres. Esse dia, que era ponto facultativo, representava um rompimento com a rotina diária das práticas educativas comumente realizadas na escola. No entanto, para além dessas homenagens, o Dia do Professor também serviu para outros fins, como oportunidade para o governo dar publicidade às suas benfeitorias e melhores condições que os seus serviços públicos prestavam à sociedade, num modo de fazer propaganda do governo. Para propagandear, o uso de dados estatísticos era comum.

Temos ainda o uso do Dia do Professor por políticos, numa oportunidade de denunciar os problemas e descasos os quais esses profissionais passavam, como a remuneração não condizente com o custo de vida e os constantes atrasos salariais. Saindo da linha apenas da exposição de problemas, a data também foi usada por um deputado para propor alterações em benefício da profissão docente. Então, diante da análise de nossa fonte, podemos constatar que além das programações festivas, o Dia do Professor era um momento propício para que os holofotes fossem voltados à profissão docente, dando visibilidade aos vários problemas que eles enfrentavam.

A partir da análise das representações de professor feitas através dos vários

discursos de autoridades, crianças e professores publicados no *Correio Braziliense* sobre o Dia do Professor, foi possível cumprir o objetivo de apresentar quais professores essas comemorações queriam exaltar no Distrito Federal entre os anos de 1960 a 1971.

Num primeiro momento, tem-se que os professores de Brasília eram indisciplinados. É notada a presença de discursos de oposição, culpabilização e demonização dos professores e a sobrevalorização das figuras de autoridade bruta. Podemos identificar a sobrevalorização de um tipo específico de educação e de figuras de autoridade e não ao conhecimento de fato, muito menos da representação do professor como figura íntegra independente e crítica, mas apenas como reprodutor de uma lógica superior e força de trabalho. Em dado momento, é mostrada a insatisfação das crianças com os métodos de ensino pautados na memorização e repetição de conteúdos. A visão da figura professoral do Distrito Federal se configurava em uma mulher. A precariedade do ambiente de trabalho era exposto quando a professora ia trabalhar mesmo doente, era sobrecarregada, recebia baixos salários e não tinha reconhecimento pelo trabalho desempenhado.

Em outros momentos, percebe-se a atribuição da profissão docente como uma “missão” e ato de “heroísmo” tendo aquele profissional passar por todas as dificuldades e descasos para que a missão fosse cumprida com sucesso. A presença do discurso nacionalista é predominante, ficando o professor responsável por formar cidadãos educação que tinham amor à pátria e ao povo. Outra atribuição conservadora, o cristianismo, é dita como um caracterizador indispensável para o nacionalismo militarista da época. É nítido o propósito de relacionar intimamente os valores militares e os supostos valores ligados à família (escola, pátria, religião, ordem e disciplina). Esse tipo de atribuição era constante e muito replicada nos discursos, apresentando assim o que era esperado de um docente à época, de um perfil a cumprir e servir de exemplo.

A partir de outros trechos, é possível perceber uma ideia dos professores como uma replicação da autoridade familiar, com o papel de formar o caráter e educar, para além do currículo escolar. Em outros momentos, discursos de autoridades exaltam a figura professoral sem citar as dificuldades enfrentadas, chegando a pressionar os professores pela responsabilidade na formação do cidadão. Em outros momentos, é reconhecido o bom desempenho. A necessidade de melhoria de incentivos e recursos é mencionada, já que, com melhores condições de trabalho, seu papel seja exercido com mais eficácia.

O quarto e último capítulo apresentou um minicurso sobre a história das Festas de Outubro nas Escolas do Distrito Federal como produto técnico desta pesquisa. As Festas de Outubro, compostas pelo Dia da Criança, a Semana da Criança e o Dia do Professor são datas comemorativas celebradas até hoje, sendo marcantes na fixação da nova capital e propagação de um ideal de criança e professor que era valorizado por aquela sociedade naquele tempo. A proposição deste minicurso é relevante para agregar mais a respeito da história da educação nesse percurso trilhado por Brasília desde a sua inauguração, no ano de 1960.

Além de agregar à História da Educação em âmbito local e nacional, os resultados obtidos nesta investigação podem estimular a proposição de outras investigações sobre esse tema no Distrito Federal. Uma das possibilidades de pesquisa indicadas, é a continuação da investigação desses ritos para além da promulgação da segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ou seja, a partir de 1972, para constatar se as mudanças significativas na concepção e organização do ensino primário em todo o território nacional e no Distrito Federal, em particular, afetaram também as programações das Festas de Outubro e a centralidade que davam.

O uso de outras fontes de pesquisa, como acervos das escolas, podem ser utilizados para a análise das Festas de Outubro entre os anos de 1960 a 1971, permitindo mostrar para além do que o jornal, ou o próprio governo local, visto a fama do *Correio* como “chapa branca”, permitia e se interessava em divulgar à sociedade. Esse uso pode permitir mais fidedignidade no relato dos eventos que realmente aconteciam e as fotografias podem permitir a visualização de um público diferente do publicado no jornal.

As festividades escolares, sendo parte da cultura escolar, contam com muitas comemorações e celebrações para além do Dia da Criança e do Dia do Professor. Cabe aqui o incentivo a pesquisas de outras datas comemorativas e celebrações, tais como as comemorações cívicas, pela influência exercida pelo militarismo à época. Assim como mostrado na introdução desta dissertação, as festas escolares são uma categoria da história escolar ainda pouco estudada, mas que merece mais atenção por sua riqueza de contribuição à historiografia.

REFERÊNCIAS

1) Fontes

“CORREIO” ESTUDANTIL – O ENSINO DIA A DIA. Correio Braziliense. 16, outubro, 1962, ed. 00747, p. 9.

“DIA DA CRIANÇA”. Correio Braziliense. 13, outubro, 1960, ed. 00147, p. 1.

“DIA DA CRIANÇA” NA ESCOLA PARQUE. Correio Braziliense. 10, outubro, 1964, ed. 01344, p. 6.

“DIA DA CRIANÇA” FESTEJADO NO DF. Correio Braziliense. 13, outubro, 1967, ed. 02404, p. 8.

“JOÃO E MARIA” NA E. PARQUE. Correio Braziliense. 8, outubro, 1965, ed. 01643, p. 13.

“MEGUINHO” JOGA HOJE EM BRASÍLIA. Correio Braziliense. 18, outubro, 1970, ed. 03329, p. 14.

“SEMANA DA CRIANÇA”. Correio Braziliense. 7, outubro, 1971, ed. 03627, p. 15.

A POPULAÇÃO DO CRUZEIRO CONTINUA SEM ASSISTÊNCIA. Correio Braziliense. 13, outubro, 1963, ed. 01044, p. 4.

A SEMANA DA CRIANÇA NO CEP Nº 1. Correio Braziliense. 13, outubro, 1963, ed. 01044, p. 4.

AGENDA CB. Correio Braziliense. 12, outubro, 1963, ed. 01043, p. 5.

AGENDA CB. Correio Braziliense. 14, outubro, 1964, ed. 01347, p. 7.

AGENDA CB. Correio Braziliense. 14, setembro, 1966, ed. 01912, p. 9.

AGENDA CB. Correio Braziliense. 15 outubro, 1966, ed. 01953, p. 11.

AGENDA CB. Correio Braziliense. 3, outubro, 1965, ed. 01639, p. 11.

AGENDA CB. Correio Braziliense. 4, outubro, 1965, ed. 01640, p. 11.

AGENDA CB. Correio Braziliense. 6, outubro, 1964, ed. 01340, p. 5.

AGENDA. Correio Braziliense. 12, outubro, 1965, ed. 01646, p. 13.

AGENDA. Correio Braziliense. 5, setembro, 1968, ed. 2675, p. 2.

AGENDA. Correio Braziliense. 12, outubro, 1969, ed. 03016, p. 2.

AGRADECIMENTO. Correio Braziliense. 25, outubro, 1964, ed. 01357, p. 11.

ALEGRIA DE CRIANÇA NO SEU DIA. Correio Braziliense. 13, outubro, 1966, ed. 01951, p. 1.

ALUNOS DO DF COMEMORAM COM FESTA O “DIA DO MESTRE”. Correio Braziliense. 16, outubro, 1965, ed. 01650, p. 2.

BANDAS ALEGRAJAM HOJE A SEMANA DA CRIANÇA. Correio Braziliense. 10, outubro, 1969, ed. 03014, p. 12.

BRASÍLIA, D.F.. Correio Braziliense. 10, dezembro, 1971, ed. 03682, p. 2.

BRINCANDO DE PALHAÇOS. Correio Braziliense. 12, outubro, 1968, ed. 02707, p. 1.

CALÇAS, SAIAS E BLUSÕES “LEE”: A ESCOLAR MAGAZINE. Correio Braziliense. 26, setembro, 1965, ed. 01633, p. 13.

CAMPANHA CONTRA PÓLIO EM BRASÍLIA. Correio Braziliense. 20, setembro, 1966, ed. 01931, p. 3.

CEM: EXPOSIÇÃO CONGREGA MAIS DE CEM TRABALHOS. Correio Braziliense. 9, outubro, 1965, ed.01644, p. 8.

CENTRO COMUNITÁRIO. Correio Braziliense. 10, outubro, 1968, ed. 02705, p. 10.

COLÉGIO PIO XII PROMOVE GINCANA. Correio Braziliense. 17, outubro, 1971, ed. 03636, p. 15.

COLÉGIOS FAZEM FESTA PARA OS PROFESSORES. Correio Braziliense. 14, outubro, 1969, ed. 03017, p. 2.

COLÉGIOS FESTEJAM HOJE O “DIA DO PROFESSOR”. Correio Braziliense. 15, outubro, 1969, ed. 03018, p. 8.

COMEÇA SEMANA DO EXCEPCIONAL. Correio Braziliense. 21, agosto, 1969, ed. 02970, p. 14.

COMEMORAÇÕES DA “SEMANA DA CRIANÇA” TERÃO PROGRAMA CONDIGNO EM BRASÍLIA. Correio Braziliense. 8, outubro, 1963, ed. 01039, p. 6.

COMISSÃO PARA O DIA DO PROFESSOR. Correio Braziliense. 23, setembro, 1970, ed. 03307, p. 11.

COMPLEMENTAÇÃO À CONSTITUIÇÃO. Correio Braziliense. 14, outubro, 1971, ed. 03633, p. 5.

CONFIRMADO O JOGO BENEFICENTE DIA 9: RABELO X DEFELÊ. Correio Braziliense. 23 setembro, 1966, ed. 01934, p. 14.

CORREIO BRAZILIENSE. 15, outubro, 1970, ed. 03326A, p. 27.

CRIANÇA FAZ DESENHO NA E. PARQUE. Correio Braziliense. 14, outubro, 1965, ed. 01648, p. 8.

CRIANÇA TEM SEU DIA HOJE. Correio Braziliense. 12, outubro, 1966, ed. 01950, p. 1.

CRIANÇA TERÁ UMA SEMANA DE FESTA. Correio Braziliense. 3, outubro, 1968, ed. 02699, p. 12.

CRIANÇAS NO IATE CLUBE COMEMORAM SUA SEMANA. Correio Braziliense. 11, outubro, 1961, ed. 00446, p. 8.

CRIANÇAS TERÃO FESTA NA HÍPICA. Correio Braziliense. 9, outubro, 1971, ed. 03629, p. 15.

CS HOMENAGEIA OS PROFESSÔRES. Correio Braziliense. 19, outubro, 1971, ed. 03637, p. 15.

DIA 15 É FERIADO ESCOLAR. Correio Braziliense. 11, outubro, 1963, ed. 01042, p. 1.

DIA DA CRIANÇA TEM PROGRAMA NA ESCOLA-PARQUE. Correio Braziliense. 8, outubro, 1969, ed. 03012, p. 3.

DIA DO MESTRE É COMEMORADO NA ESCOLA INTERPLANETÁRIA. Correio Braziliense. 14 de outubro, 1966. ed. 01953. p. 8.

DIA DO PROFESSOR JÁ TEM PROGRAMA. Correio Braziliense. 11, setembro, 1970, ed. 03323, p. 13.

DIA DO PROFESSOR. Correio Braziliense. 15, outubro, 1968, ed. 02709, p. 6.

DIA DO PROFESSOR. Correio Braziliense. 16, outubro, 1971, ed. 03635, p. 5.

DIRETORA DA ESCOLA PARQUE VENCE CONCURSO. Correio Braziliense. 16, outubro, 1969, ed. 03019, p. 16.

EDUCAÇÃO FÍSICA TEM PROFESSORES. Correio Braziliense. 6, novembro, 1969, ed. 03047A, p. 12.

ENSINO E CULTURA. Correio Braziliense. 7, outubro, 1970, ed. 03627, p. 11.

ENSINO E CULTURA. Correio Braziliense. 8, outubro, 1970, ed. 03321, p. 5.

ENSINO E CULTURA. Correio Braziliense. 9, outubro, 1970, ed. 03322, p. 5.

ENSINO E CULTURA. Correio Braziliense. 11, outubro, 1970, ed. 03325, p. 5.

- ENSINO E CULTURA. Correio Braziliense. 4, setembro, 1971, ed. 03599, p. 11.
- ENSINO E CULTURA. Correio Braziliense. 29, setembro, 1971, ed. 03620, p. 11.
- ENSINO E CULTURA. Correio Braziliense. 26, outubro, 1971, ed. 03642, p. 11.
- ENSINO E CULTURA. Correio Braziliense. 7, outubro, 1971, ed. 03627, p. 11.
- ENSINO E CULTURA. Correio Braziliense. 9, outubro, 1971, ed. 03629, p. 11.
- ENSINO E CULTURA. Correio Braziliense. 12, outubro, 1971, ed. 03631, p. 11.
- ENSINO E CULTURA. Correio Braziliense. 15, outubro, 1971, ed. 03634, p. 15.
- ESCOLA PARQUE ABRE JOGOS DA PRIMAVERA QUARTA-FEIRA. Correio Braziliense. 15, setembro, 1968, ed. 02684, p. 16.
- ESCOLA PARQUE PREPARA O FUTURO. Correio Braziliense. 16, outubro, 1964, ed. 01349, p. 7.
- ESTUDANTE JANTARÁ COM MISS BRASÍLIA. Correio Braziliense. 15, outubro, 1971, ed. 03634, p. 15.
- ESTUDANTES DE BRASÍLIA FESTEJARAM DIA DO PROFESSOR NO FIM DE SEMANA. Correio Braziliense. 20, outubro, 1964, ed. 01352, p. 8.
- ESTUDANTES DE BRASÍLIA PRESTARÃO HOMENAGENS ESPONTÂNEAS EM RECONHECIMENTO AOS MESTRES. Correio Braziliense. 15, outubro, 1964, ed. 01348, p. 8.
- EXCURSÃO AO “CAMPUS”. Correio Braziliense. 16, outubro, 1970, ed. 03326B, p. 15.
- EXPOSIÇÃO DE ARTE INFANTIL. Correio Braziliense. 13, outubro, 1971, ed. 03632, p. 18.
- EXPOSIÇÃO ESTUDANTIL CONTINUA NA ESCOLA PARQUE. Correio Braziliense. 16, outubro, 1964, ed. 01349, p. 6.
- FERIADO ESCOLAR HOJE EM BRASÍLIA. Correio Braziliense. 15, outubro, 1963, ed. 01045, p. 1.
- FESTA DA COMUNIDADE NO GINÁSIO DO LAGO. Correio Braziliense. 15, outubro, 1971, ed. 03634, p. 15.
- FESTA DA CRIANÇA NA CRECHE DO GAMA. Correio Braziliense. 16, outubro, 1971, ed. 03635, p. 14.
- FESTA PARA O “DIA DA CRIANÇA”. Correio Braziliense. 12, outubro, 1968, ed. 02707, p. 10.

FESTAS MARCAM HOJE O INÍCIO DA SEMANA DA CRIANÇA EM BRASÍLIA. Correio Braziliense. 5 outubro, 1967, ed. 02337, p. 3.

FESTIVIDADES COMEMORATIVAS DO 'DIA DA CRIANÇA' NO DF. Correio Braziliense. 11, outubro, 1962, ed. 00743, p. 8.

FLOTINHA DE PINGUINS TEM REUNIÃO HOJE NO IATE CLUBE. Correio Braziliense. 26, setembro, 1965, ed. 01633, p. 16.

GOVERNADOR SAÚDA OS PROFESSORES. Correio Braziliense. 15, outubro, 1970, ed. 03326, p. 13.

HOJE É FERIADO ESCOLAR. Correio Braziliense. 15, outubro, 1968, ed. 2709, p. 2.

HOMENAGEM AO PROFESSOR. Correio Braziliense. Brasília, 16 out. 1968, p. 12.

HOMENAGENS AO DIA DO PROFESSOR. Correio Braziliense. 16, outubro, 1971, ed. 03635, p. 3.

IMAGEM. Correio Braziliense. 12, outubro, 1969, ed. 03016, p. 1.

JK PRESTIGIOU O "DIA DA CRIANÇA". Correio Braziliense. 13, outubro, 1960, ed. 00147, p. 8.

JOGOS DA PRIMAVERA. Correio Braziliense. 9, outubro, 1969, ed. 03013, p. 12.

LEVY PEDE MELHORES CONDIÇÕES PARA PROFESSORES. Correio Braziliense, 18, outubro, 1967, ed. 2408, p. 3.

LUZ HOMENAGEIA PROFESSORES COM TELEGRAMAS. Correio Braziliense. 17, outubro, 1968, ed. 2711, p. 2.

MAGNÍFICO ENCERRAMENTO DA SEMANA DA CRIANÇA, NAS ESCOLAS DE TAGUATINGA. Correio Braziliense. 12, outubro, 1963, ed. 01043, p. 5.

MENOR MORRE AFOGADO NA PISCINA DO PARQUE NACIONAL EM PASSEIO ESCOLAR. Correio Braziliense. 13, outubro, 1967, ed. 02404, p. 7.

MENORES RECEBEM HOJE CASAS-LAR. Correio Braziliense. 12, outubro, 1969, ed. 03016, p. 10.

MENSAGEM AOS PROFESSORES DO DISTRITO FEDERAL. Correio Braziliense. 15, outubro, 1971, ed. 03634, p. 3.

MINISTÉRIOS. Correio Braziliense. 19, outubro, 1961, ed. 00453, p. 5.

MISSA. Correio Braziliense. 11, novembro, 1967, ed. 02428A, p. 8.

MORTE DO CASAL RUI RAMOS REPERCUTE NAS ESCOLAS DE BRASÍLIA.

- Correio Braziliense. 28, setembro, 1962, ed. 00732, p. 9.
- MUITO ANIMADA A COMEMORAÇÃO DA SEMANA DA CRIANÇA NOS COLÉGIOS DE TAGUATINGA. Correio Braziliense. 9, outubro, 1963, ed. 01040, p. 5.
- NOTÍCIAS DO FÔRO. Correio Braziliense. 1964, ed. 1202, p. 5.
- NOTÍCIAS LIGEIRAS. Correio Braziliense. 14, outubro, 1965, ed. 01648, p. 7.
- O DIA DO PROFESSOR. Correio Braziliense. 15, outubro, 1970, ed. 03326A, p. 28.
- O ENSINO DIA-A-DIA. Correio Braziliense. 25, agosto, 1965, ed. 1606, p. 10.
- O GOVERNO É NOTÍCIA. Correio Braziliense. 1964, ed. 1195, p. 3.
- O PROFESSOR. Correio Braziliense. 15, outubro, 1971, ed. 03634, p. 5.
- PALÁCIO DO BURITI RECEBE MENINOS. Correio Braziliense. 9, outubro, 1971, ed. 03629, p. 15.
- PEQUENO POLEGAR QUER DONATIVO PARA CRIANÇAS. Correio Braziliense. 1 outubro, 1967, ed. 02334, p. 7.
- PRATES SAÚDA OS MESTRES. Correio Braziliense. 15, outubro, 1971, ed. 03634, p. 1.
- PREFEITO HOMENAGEIA MESTRES DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 16, outubro, 1965, ed. 01650, p. 10.
- PROFESSOR DE BRASÍLIA AINDA MORA EM BARRACO. Correio Braziliense, 18, outubro, 1967, ed. 2408, p. 1.
- PROPAGANDA. Correio Braziliense. 12, outubro, 1970, ed. 03325, p. 14.
- PROPAGANDA. Correio Braziliense. 14, outubro, 1964, ed. 01347, p. 3.
- PROPAGANDA. Correio Braziliense. 4, outubro, 1970, ed. 03317, p. 10.
- PROPAGANDA. Correio Braziliense. 6 outubro, 1966, ed. 01945, p. 5.
- RÁDIO-TV. Correio Braziliense. 11, outubro, 1969, ed. 03015, p. 14.
- RECITAL “DIA DO PROFESSOR”. Correio Braziliense. 11, outubro, 1961, ed. 00446, p. 8.
- RETRETA NA PRAÇA ABRE A “SEMANA DA CRIANÇA”. Correio Braziliense. 7, outubro, 1969, ed. 03011, p. 10.
- ROTARY FESTEJA SEMANA DA CRIANÇA. Correio Braziliense. 4, outubro, 1969, ed. 03009, p. 22.

RUA DE RECREIO NA CEILÂNDIA. Correio Braziliense. 14, outubro, 1971, ed. 03633, p. 15.

SAUDAÇÃO AOS PROFESSORES. Correio Braziliense. 15, outubro, 1967. ed. 02406, p. 3.

SEC CONCEDERÁ PRÊMIOS NO DIA DO PROFESSOR A 15 DE OUTUBRO. Correio Braziliense. 15, outubro, 1968, ed. 02651, p. 2.

SEC HOMENAGEARÁ MESTRES DO DF. Correio Braziliense. 15, outubro, 1971, ed. 03634, p. 15.

SEC HOMENAGEIA MESTRES. Correio Braziliense. 16, outubro, 1971, ed. 03635, p. 15.

SEMANA DA CRIANÇA EXCEPCIONAL SERÁ INSTITUÍDA PELO CENTRO DE REABILITAÇÃO SARAH KUBITSCHKE. Correio Braziliense. 21, agosto, 1969. ed. 2970, p. 14.

SEMANA DA CRIANÇA NO CEM E NA ESCOLA CLASSE 106. Correio Braziliense. 14, outubro, 1961, ed. 00449, p. 7.

SEMANA DA CRIANÇA NO MINAS BRASÍLIA TÊNIS CLUBE. Correio Braziliense. 21, outubro, 1962, ed. 00752, p. 8.

SEMANA DA CRIANÇA TEM ESPORTES E TEATRINHOS. Correio Braziliense. 6 outubro, 1967, ed. 02338, p. 8.

SEMANA DA CRIANÇA TRANSCORRE COM PROGRAMA ALEGRE E FESTIVO. Correio Braziliense. 8, outubro, 1965, ed. 01644, p. 6.

SEMANA DA CRIANÇA. Correio Braziliense. 10, outubro, 1971, ed. 03630, p. 1.

SEMANA DA CRIANÇA. Correio Braziliense. 16 outubro, 1966, ed. 01954, p. 11.

SEMANA DA CRIANÇA. Correio Braziliense. 3, outubro, 1964, ed. 01338, p. 5.

SEMANA DA CRIANÇA. Correio Braziliense. 5, outubro, 1970, ed. 03318, p. 15.

SENADO SAÚDA O DIA DO PROFESSOR. Correio Braziliense. 16, outubro, 1971, ed. 03635, p. 5.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 14, outubro, 1961, ed. 00449, p. 7.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 15, outubro, 1961, ed. 00450, p. 9.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 14, outubro, 1962, ed. 00746, p. 7.

SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 11, outubro, 1963, ed. 01042, p. 9.

- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 11, outubro, 1964, ed. 01345, p. 15.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 9, outubro, 1964, ed. 01343, p. 13.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 14, outubro, 1964, ed. 01347, p. 13.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 18, outubro, 1964, ed. 01351, p. 11.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 14, outubro, 1965, ed. 01650, p. 11.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 17, outubro, 1965, ed. 01652, p. 17.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 20, outubro, 1966, ed. 01957, p. 9.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 16, outubro, 1966, ed. 01954, p. 19.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 22, outubro, 1968, ed. 02715, p. 15.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 15, outubro, 1969, ed. 03018, p. 11.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 19, outubro, 1969, Ed. 03022, p. 13.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 14, outubro, 1971, ed. 03633, p. 19.
- SOCIAIS DE BRASÍLIA. Correio Braziliense. 24, outubro, 1971, ed. 03641, p. 11.
- SOCIAIS DE TAGUATINGA. Correio Braziliense. 18, outubro, 1967, ed. 02408, p. 7.
- TAGUATINGA EM REVISTA. Correio Braziliense. 17, outubro, 1964, ed. 01350, p. 5.
- TEATRO DE FANTOCHES E BANDINHA NO UV 1. Correio Braziliense. 14 outubro, 1966, ed. 01952, p. 8.
- TEATRO PARA CRIANÇAS. Correio Braziliense. 11, outubro, 1968, ed. 02706, p. 6.
- TV BRASÍLIA CANAL 6. Correio Braziliense. 14, outubro, 1967, ed. 02405, p. 1.
- TV-RÁDIO. Correio Braziliense. 3, outubro, 1970, ed. 03316 p. 14.
- VÁRIAS DE TAGUATINGA. Correio Braziliense. 12, outubro, 1969, ed. 03011, p. 18.
- VÁRIOS FESTEJOS ASSINALAM O DIA DA CRIANÇA HOJE NO DF. Correio Braziliense. 12, outubro, 1968, ed. 02707 p. 12.
- VISITANDO OS PALÁCIOS DO DF. Correio Braziliense. 10, outubro, 1971, ed. 03630, p. 15.
- VISTO, LIDO E OUVIDO. Correio Braziliense. 15, outubro, 1969, ed. 03018, p. 3.

VISTO, LIDO E OUVIDO. *Correio Braziliense*. 18, outubro, 1963, ed. 01048, p. 9.

2) Referências Bibliográficas

ABREU, Delmaru Vasconcelos de. Maestro Levino Ferreira de Alcântara e a gênese da educação musical no Distrito Federal. In: PEREIRA *et al.* (org.). **Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal: História e Memória**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018, p. 115-142.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AMARAL, Clara Ramthum do. A formação do magistério primário nos primórdios de Brasília (1960-1964): memórias de uma utopia possível. In: PEREIRA *et al.* (org.). **Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal: história e memória**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018, p. 17-35.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A instrução pública na Província do Paraná no século XIX: uma interpretação a partir do testemunho de três alunos. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 45-68, jan.- mar. 2015.

ANJOS, Juarez José Tuchinski. “A morte do piano” e outras demandas pelo provimento material da Escola Parque em Brasília (1960-1964). **Mimeo**: Brasília, 2022.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Ari Cunha e as críticas ao sistema de ensino de Brasília na coluna Visto, lido e ouvido (*Correio Braziliense*, 1960-1965). **Mimeo**: Brasília, 2019.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Desfiles cívicos escolares no Estado Novo: uma interpretação pelas fotografias. **Acta Scientiarum**. Education [online]. Vol.37, n.3, p.269-276, 2015.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O testemunho dos arquivos e o trabalho do historiador da educação. **Revista História da Educação**, v. 22, n. 55, p. 279-292, 2018.

ANJOS, Juarez José Tuchinski. O jornal “*Correio Braziliense*” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). **Mimeo**: Brasília, 2021.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Teorizando e apresentando fontes para a pesquisa sobre a história da escola e da escolarização no Paraná. In: SILVA, Eliane Paganini; SILVA, Sandra Salete (orgs.). **Metodologia da pesquisa científica em educação: dos desafios emergentes a resultados iminentes**. Curitiba: Editora Ithala, 2016, p. 100-113.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. A narrativa de Juscelino Kubitschek sobre a escolarização em Brasília: vestígios de uma historiografia da educação. In: Fabiany de Cássia Tavares Silva; Juarez José Tuchinski dos Anjos. (Org.). **Escrita da pesquisa em educação na região Centro-Oeste - vol. 4**. 1ed. Campo Grande: Editora Oeste, 2020, v. 1, p. 57-75.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada; SOUZA, Gisele de. O arquivo público paranaense: possibilidades de pesquisa em história da

educação no período provincial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 627-643, jul./set. 2013.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; PINTO, Viviane Fernandes Faria; MÜLLER, Fernanda. Entre o plano e o vivido: a inauguração de Brasília e dos Jardins de Infância (1960-1962). **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, p. 292-313, 2020.

ARAÚJO, Iury Gabriel Amorim de. **As festividades do Grupo Escolar Felipe Camarão (1912-1939)**. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

ARAUJO, Raphael Ferreira de. **Catetinho: patrimônio esquecido de Brasília**. 102 f. Monografia (Especialização em Formação de Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSOCIAÇÃO PESTALOZZI DE BRASÍLIA. Quem somos. Disponível em: <<https://www.pestalozzibrasilia.org.br/institucional/quem-somos>>. Acesso em: 27 jun 2022.

AZEVEDO, Cristiane Barbosa de. SANTOS, Rosa Milena dos. Vitrine do ensino primário no início do século XX: os grupos escolares do Rio Grande do Norte em forma de celebração. **Revista Crítica Histórica**, V. 8, n. 16, p. 307-333, 2017.

BARBOZA, Letícia. **O faz de conta: simbólico, representativo ou imaginário**. 2015.

BASTOS, Maria Helena Câmara. O que é a História da Educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão. **Espacio, tempo y educacion**. V.3, n.1, jan-jul, 2016.

BELUSSO, Gisele. As festas escolares de 1942: Colégio Nossa Senhora de Lourdes. **Argumentos Pró-Educação**, V. 6, 2021.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: **Obras Escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-234.

BITTAR, Marisa. Vinte Anos da Sociedade Brasileira de História da Educação: Com Os Olhos No Futuro. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, 2019.

BRANDÃO, Hilma Aparecida *et al.* O campo da história da educação a partir da análise da Revista de História e Historiografia da Educação (2017-2020). **Histela**. V. 4, 2021.

BRASIL. Decreto-lei nº 2.024, de 17 de fevereiro de 1940. Fixa as bases da organização da proteção à maternidade, à infância e à adolescência em todo o País. Diário Oficial da União, Brasília, DF, seção 1, 23 fev. 1940. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2024-17-fevereiro-1940-411934-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

BRASIL. Decreto-lei nº 52.682, de 14 de outubro de 1963. Declara feriado escolar o dia do professor. Diário Oficial da União, Brasília, DF, - Seção 1 - 15/10/1963, Página 8665

(Publicação Original). Disponível em:
 <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-52682-14-outubro-1963-458043-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Declara%20feriado%20escolar%20o%20dia,Art.>>. Acesso em: 09 dez. 2022.

BRASIL. Lei nº 282, de 24 de maio de 1948. Reorganiza o Departamento Nacional da Criança, do Ministério da Educação e Saúde. Diário Oficial da União, Brasília, DF, seção 1, 1 jun. 1948. Disponível em:
 <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1940-1949/lei-282-24-maio-1948-363784-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 04 jul. 2022.

BRAZIL, Maria do Carmo; SILVA, Adriane Cristine. Rituais, festas e lira cacerense: Iniciativas de implantação da escola primária republicana na fronteira Brasil Bolívia (1910-1913). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 12, n. 45, p. 310–329, 2012.

BRUNO, Fábio. Carta ao I Encontro de Professores do Distrito Federal. **Mimeo**, Brasília, 1984.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagens**. Bauru: Edus, 2005.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira De História Da Educação**, 12(1 [28]), 45-70, 2012.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **A máquina de festejar: seus usos e configurações nas escolas primárias brasileiras e portuguesas (1890 – 1930)**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil, 2012.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da escola: as festas nas escolas públicas paulistas (1890-1930)**. 154 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade De São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: FEUSP, 2007.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. Festejar aqui e lá: a escrita comparada das festas escolares no Brasil e em Portugal (1890-1920). **Revista Brasileira De História Da Educação**, 19, e066, 2019.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. Garantir o interesse e a atividade da criança: as festas escolares e o ideário renovado de ensino (finais do século XIX e primeiras décadas do século XX). **Horizontes**, V. 39, n. 1, 2021.

CÂNDIDO, Renata Marcílio; CATANI, Denice Barbara. Inculcar a seriedade mediante a alegria: um estudo das comemorações escolares no campo educacional (Finais do século XIX e início do XX). **Revista de História e Historiografia da Educação**. V. 1, n. 3, 2017.

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Editora Vozes, 2002.

CARVALHO, Pedro Mesquita de; PEREIRA, Eva Wairos. Resistências, contradições e impasses na concretização do plano de Anísio Teixeira. *In: PEREIRA et al (org.). Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 103-120.

CASA THOMAS JEFFERSON. Nossa História. Disponível em: <<https://thomas.org.br/nossa-historia/>>. Acesso em: 15 jul 2022.

CASTRO, Milena. Exposição ocupa paradas de ônibus no DF com fotos históricas de pioneiros negros. G1 Globo, Distrito Federal, 19 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/11/19/exposicao-ocupa-paradas-de-onibus-no-df-com-fotos-historicas-de-pioneiros-negros.ghtml>>. Acesso em: 07 de abr. de 2023.

CHARTIER, Roger. **A historia cultural**: Entre práticas e representações, 2. ed, são Paulo, 2002.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Revista das Revistas, 1991.

CHAVES, Maria Laura Barbosa. **O negro na mídia brasileira**. Monografia de Publicidade e Propaganda do UniCeub – Centro Universitário de Brasília, 2008.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n.2, p.177-229, 1990.

CODEPLAN. A População Negra no Distrito Federal. Brasília, 2014. Disponível em: <<https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Popula%C3%A7%C3%A3o-Negra-no-Distrito-Federal-Analisando-as-Regi%C3%B5es-Administrativas.pdf>>. Acesso em: 30 de mar. de 2023.

COUTINHO, Laura Maria. Ver o que os olhos viram: fotografia e memória no Museu da Educação do Distrito Federal. *In: PEREIRA et al (org.). Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal: História e Memória*. Brasília: Universidade de Brasília, 2018, p. 37-50.

CORDEIRO, Célia Maria Monteiro. Anísio Teixeira, uma "visão" do futuro. **Estudos**, av. vol.15 no.42 São Paulo maio/agosto 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000200012>. Acesso em: 19 jul 2022.

CORONA, Eduardo e Lemos; CERQUEIRA, Carlos Alberto. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: 1ª Edição, EDART - São Paulo Livraria Editora., 1972.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

CRUZ, Paula Lorena Cavalcante Albano da. As festividades escolares na construção da imagem de Getúlio Vargas no Grupo Escolar Barão de Mipibu (1930-1945). **Humanidades e inovação: Histórias de ensino no Brasil**. V. 7, n. 11, 2020.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2007.

DARNTON, Robert. As notícias em Paris: uma pioneira sociedade da informação. In: **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 40-90.

DE OLIVEIRA MARQUES, Wladimir; NOGUEIRA, Monique Andries. O ensino de música nas escolas brasileiras, da Colônia à Ditadura civil-militar: faces do conservadorismo. **Caminhos da Educação: diálogos culturas e diversidades**, v. 3, n. 1, p. 125-144, 2021.

DE SOUZA SILVA, Celeida Maria Costa. A cultura escolar no Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá/MS: um olhar por meio das festas (1972 – 1987). Albuquerque: **Revista de História**, v. 4, n. 7, 23 jun. 2017.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DICIO - DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/saudacao/>>. Acesso em: 17 jul 2022.

DICIO - DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/maqueta/>>. Acesso em: 24 abr 2023.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS 1930 / Coordenação: Alzira Alves de Abreu ... [et al.]. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. 5 v.

ENCICLOPÉDIA DE CULINÁRIA BOM APETITE, Volume especial: Festas e Ingredientes – Truques Culinários e Regimes, p. 587. Editora Abril Cultural, Edição Brasileira: 1971.

FALEIROS, Vicente de Paula. Infância e Processo Político no Brasil. In: RIZZINI, Irene; PILLOTTI, Francisco (Orgs.). **A Arte de Governar Crianças**. A história das Políticas Sociais, da Legislação e da Assistência à Infância no Brasil. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. BENCOSTTA, Marcus Levy Alvino. (org) - São Paulo: Cortez, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de *et al.* A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e pesquisa**, v. 30, p. 139-159, 2004.

FIALHO, Lia Machado Fiuza *et al.* Pesquisas em história da educação publicadas por

periódicos do Norte e Nordeste do Brasil. **Revista Práxis Educacional**. V. 16, n. 40, p. 382-403, 2020.

FOLGUEDOS: O QUE SÃO? Acesso em: 06 set 2022. Disponível em: <<http://educacao.hi7.co/folguedos---o-que-sao-5783235a9a7eb.html>>.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

FRANKFURT, Sandra Herszkowicz. **As práticas das festas escolares na Escola Normal de Pirassununga (1931-1950)**. 192 f. Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo. Biblioteca Depositária: PUC/SP.

FRID, Marina; CORBO, William; AUCAR, Bruna. Festa infantil no país do futuro:: consumo e ritualização do Dia das Crianças no Brasil. In: **E-Compós**. 2021.

FRICKER, Miranda. **Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing**. New York: Oxford University Press, 2007.

FUNABEM - FUNDAÇÃO NACIONAL PARA O BEM-ESTAR DO MENOR. O Menor - problema social no Brasil e a ação da FUNABEM. Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, 1976. 142p.

GALLEGO, Rita de Cássia. **Uso(s) do tempo: a organização das atividades de alunos e professores nas escolas primárias paulistas (1890-1929)**. Dissertação de mestrado (Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al.* Difusão, apropriação e produção do saber histórico. A Revista Brasileira de História da Educação (2001-2007). **Revista Brasileira de História da Educação**. N. 16, jan-abr, 2008.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GERKEN, Maria Aparecida de Souza. **Entre bandeiras, árvores e bonecas: festas em escolas públicas primárias em Minas Gerais (1906-1930)**. 297 f. Doutorado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte. Biblioteca Depositária: Faculdade de Educação.

GIL, Natália de Lacerda. A importância das estatísticas como instrumento de construção da modernidade educativa no Brasil—décadas de 1930 e 1940. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 86, n. 213/214, 2005.

GIL, Natália de Lacerda. Campo educacional e campo estatístico: diferentes apropriações dos números do ensino. **Educação & Realidade**, v. 37, p. 511-526, 2012.

GOMES, Angela de Castro. O primeiro governo Vargas: projeto político e educacional. In: GONDRA, José Gonçalves.; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; ALVES, Cláudia. (Org). **Educação no Brasil: história, cultura e política**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

GONZALES, Lélia. 1984. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244.

HAYASHI, Maria Cristina *et al.* História da educação brasileira: a produção científica na biblioteca eletrônica Scielo. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 29, n. 102, p. 181-211, jan./abr. 2008.

HENDRICK, Harry. **Child Welfare – England 1872 - 1989**. London and New York: Routledge, 1994.

IGAYARA-SOUZA, Susana. Para abrilhantar a festa: música nas comemorações escolares na época do canto orfeônico no Brasil (décadas de 1930 e 1940). In: Mogarro, M.J. & Cunha, M.T.S. (orgs.) (2012). **Rituais, Espaços & Patrimônios Escolares**. IX Congresso Luso Brasileiro de História da Educação (Atas), p. 3313- 3324. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. ISBN 978-989-96999-6-0.

ITANI, Alice. **Festas e Calendários**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

JOVINO, Ione da Silva. O sentimento da infância e a invisibilidade das crianças negras: ambiguidade no século XIX. 2008. Trabalho apresentado no GT-21- Educação e Relações Étnico-Raciais. **Anais da 31ª Reunião Científica da ANPEd**. Caxambu-MG, Outubro de 2008. ISSN: 4281. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT21-4281--Int.pdf>

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

KUHLMANN JR., Moysés. **As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2001

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LE MOS JÚNIOR, Wilson. História da educação musical e a experiência do canto orfeônico no Brasil. **EccoS - Revista Científica**, São Paulo: UNINOVE, n. 27, p. 67-80, jan./abr. 2012.

LIMA, Priscila Carriel de. **As Festas Escolares nos Parques Infantis Sorocabanos: Memórias e Imagens (1954 - 1988)**. Dissertação. Guarulhos, Universidade Federal de São Paulo, 2021.

LONDOÑO, Fernando Torres. “A origem do conceito menor”. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

MACHADO, Marília Pacheco. **Superquadra: pensamento e prática urbanística**. Dissertação. Brasília, Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3034/9/textocompleto_ate_pag150.PDF. Acesso em 17 ago 2022.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. “Ditadura e futebol: o Brasil e a Copa do Mundo de 1970”. In: **PolHis**. Buenos Aires: ano 5, nº 9, primeiro semestre de 2012, pp. 232-242.

MAIA, Sebastião Alves. **Grupo Escolar Duque de Caxias festas escolares: uma celebração de múltiplos significados - 1949 1962**. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História Social da Criança Abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARTINOFF, Eliane Hilário da Silva. A música na escola durante a ditadura militar: um ensaio. In: **5 Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 2 Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação**, 2013, Canoas, RS.. 5 Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 2 Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2013.

MARTINS, Alice Fátima. O ensino de artes na Escola Parque. In: PEREIRA, Eva Waisros *et al* (orgd.). **Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 231-252.

MELO, Salania Maria Barbosa. **A construção da memória cívica: as festas escolares espetáculos de civilidade no Piauí (1930 - 1945)**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira Fortaleza-CE, 2009.

MELO, Valéria Rocha. **Aperfeiçoamento de professores primários nos primórdios de Brasília: contribuições do INEP (1957-1964)**. 2016. 116 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MORAIS, Janaína Silva de; ARAÚJO, Nanael Simão de. Festas escolares do Grupo Escolar Senador Guerra durante a Era Vargas (1940-1946). **Research, Society and Development**, [S. l.], V. 9, n. 9, 2020.

MORELLI, Ana L. F. **Correio Braziliense: 40 anos – do pioneirismo à consolidação**. (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

MUSEU DO TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. Brasília, 2023. Disponível em: <<https://portal.tcu.gov.br/centro-cultural-tcu/museu-do-tribunal-de-contas-da-uniao/tcu-a-evolucao-do-controle/personalidades.htm>>. Acesso em: 07 abr. 2023.

NASCIMENTO, José Mateus. História social da infância no Brasil: práticas escolares do Jardim de Infância Modelo de Natal–RN (1953–1965). **HOLOS**, v. 5, p. 93-104, 2016.

NAZARIO, Roseli; FERREIRA, Manuela. A infância em jornais catarinenses: o Abrigo de Menores de Santa Catarina (1930-1940). <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2022.e82558> , v. 24, p. 189-2016, 2022.

NUNES, Ana Lucia Siqueira de Oliveira. **Festas e Celebrações: um estudo sobre**

visualidades da escola. 2005. 96 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Sistemas Visuais, Educação e Visualidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

OLIVEIRA, Flavio Couto e Silva de. Educação estética e modernidade: aula de música nas escolas mineiras durante as primeiras décadas do século XX. In. **História da educação em Minas Gerais**. LOPES, Ana Amélia Borges de Magalhães et al (orgs). Belo Horizonte: FHC/FUMEC, 2002. p.161-172.

OLIVEIRA, Diego Martins dos Santos. **Brasília entre traços, regimes e o concreto: A segregação socioespacial como projeto de Capital (1958-2010)**. 2021.

OLIVEIRA, Josildete Pereira de., ANJOS, Francisco Antonio dos, LEITE, Fabiana Calçada de Lamare. O potencial da paisagem urbana como atratividade turística: um estudo sobre a paisagem de Brasília – DF. **Interações**, Campo Grande, v. 9, n. 2, p. 159-169, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/inter/a/Wx5nFGfSsmPSBTszDgzwrXH/?format=pdf&lang=p>>. Acesso em 05/07/2023.

OLIVEIRA, Marciana Roberta de. **Sentidos e significações das festas escolares: implicações na construção do conhecimento social e da noção de cidadania**. 99 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO MOURA LACERDA, Ribeirão Preto Biblioteca Depositária: Josefina de Souza Lacerda, 2010.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. **Movimento**, [S. l.], v. 18, n. 4, p. 155–174, 2012. DOI: 10.22456/1982-8918.32108. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/32108>. Acesso em: 22 mar. 2023.

OLIVEIRA, Vilma da Silva Mesquita. Os discursos sobre a educação e higienização das crianças nos jornais impressos do Piauí (1930-1960). **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 3, p. 93-110, 2015.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio; ANTONIO, Ricardo Carneiro. Exposições de arte infantil: bandeiras modernas pela construção do novo homem. **Acta Scientiarum. Education (online)**, v. 32, p. 269-285, 2010.

OZOUF, Mona. “A festa: sob a Revolução Francesa”. LE GOFF, J. & NORA, P. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, pp. 216-232, 1976.

PACHECO, Tatiana do Socorro Corrêa. **Infância, crianças e experiências educativas no Educandário Eunice Weaver em Belém do Pará (1942-1980)**. 2017. 250 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2017. Programa de Pós-Graduação em Educação.

PAULILO, André; GIL, Natália. Rendimento do ensino no Brasil: os problemas que os números configuram e os usos das estatísticas de educação (1910-1938). **Currículo sem Fronteiras**, v. 17, n. 1, p. 35-59, 2017.

PEREIRA, Eva Waisros. Formação do professor primário para a escola moderna: A experiência inovadora de Brasília. **In: V Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2008, Aracaju, SE. Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008.

PEREIRA, Eva Waisros. *et al.* (Org) **Nas asas de Brasília, memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília, Editora UnB, 2011.

PEREIRA, Eva Waisros *et al.* (Org). **Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal: História e Memória**. Brasília, Editora UnB, 2018.

PEREIRA, Eva Wairos; CARVALHO, Pedro Mesquita de. Fontes de pesquisa para a história da educação de Brasília. *In: PEREIRA et al* (org.). **Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal: história e memória**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018, p. 17-35.

PEREIRA, Eva Wairos; HENRIQUES, Cinira Maria Nóbrega. Escola Júlia Kubitschek - A primeira escola pública do Distrito Federal. *In: PEREIRA et al* (org.). **Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 145-159.

PEREIRA, Eva Wairos; ROCHA, Lúcia Maria da Franca. Escola Parque de Brasília: uma experiência de educação integral. *In: PEREIRA et al* (org.). **Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 161-178.

PERES, Eliane Teresinha Viagens e passeios familiares e escolares registrados em cadernos de alunos (1957-2015). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 2, n. 5, p. 290-309, 31 ago. 2017.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. Distrito Federal, encruzilhada e síntese do pós-abolição. **Jornal Folha de S. Paulo**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/12/distrito-federal-encruzilhada-e-sintese-do-pos-abolicao.shtml>>. Acesso em: 10/03/2023

PROST, Antonie. Fronteiras e espaços do privado. *In: Prost, A.; Vincent, G.* (Org). **História da vida privada**, 5: da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 13-153.

RAGAZZINI, Dario. **Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação**. Trad. Carlos Eduardo Vieira. *Educar Rev*, n.18. p.13-8, 2001.

RÊSES, Erlando da Silva; SOUZA, Antonio Carlos Andrade de. História da primeira Associação de Professores de Brasília (APPEMB) e contexto socioeconômico e educacional antes do golpe militar de 1964. *In: MANCEBO et al* (org.). **Associativismo e sindicalismo em educação e crises do capitalismo contemporâneo**. Jundiaí: Paco Editorial, 2022, p. 279-292.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

RIZZINI, Irene. **O século perdido – Raízes históricas das Políticas Públicas para a Infância no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A Arte de Governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, Adriana Alves de Lima. **Por uma história do currículo no/do colégio Maria Constança na década de 1960: cultura docente, práticas e materiais curriculares**. Dissertação (Mestrado em InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v. 24, n. 48, p. 135-156, jul./dez. 2018 Educação), Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: Campo Grande, 2007.

SANTIAGO, Flávio. Hierarquização e racialização das crianças negras na educação infantil. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 33, n. 64, p. 31-47, 2015.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de, DELGADO, Ana Cristina Coll, & MULLER, Fernanda. A participação das crianças nas festividades brasileiras. **Revista Educação Em Questão**, 29(15). Recuperado de <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4451>>, 2007.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?**. Edufba, 2011.

SILVA, Antonio Carlos Barbosa. SILVA, Marida Coimbra Casadei Barbosa da. As festas escolares no Brasil de 1890 até a contemporaneidade: sentidos e perspectivas. **Anais II CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2015.

SILVA, Celeida Maria Costa de Souza. **História das práticas pedagógicas e cultura escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa, Corumbá - MS (1972-1987)**. 2009. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2009.

SILVA, Degenal de Jesus da. A escola invade as ruas: passeatas cívicas dos grupos escolares sergipanos. Civismo e patriotismo no espaço urbano. **Revista de História e Historiografia da Educação**. V. 1, n. 1, 2017.

SILVA, João Batista Barbosa da. **As representações do dia do professor no jornal A União durante o Regime Civil Militar brasileiro (1964-1985)**. 106 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa Biblioteca Depositária: <<http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/>>.

SILVA, Vania Cristina da. As comemorações e a invenção de novas tradições durante o Estado Novo: um estudo das festas escolares na Paraíba. **Revista eletrônica de História Social da Cidade**. V. 2, n. 19, 2017.

SILVA, Vânia Cristina da. **"Ó Pátria amada, idolatrada, salve, salve!" Festas escolares e comemorações cívicas na Paraíba (1937-1945)**. 139 f. Mestrado em

HISTÓRIA Instituição de Ensino: Universidade Federal Da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa. Biblioteca Depositária: Biblioteca da UFPB/Biblioteca do CCHLA/UFPB, 2011.

SILVA, Samara Mendes Araújo; RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Parece que vivíamos em festa!: rotina e festas escolares no Colégio das Irmãs Piauienses. (1906-1973) **In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. INFÂNCIA, JUVENTUDE, E RELAÇÕES DE GÊNERO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, 8., 22 a 25 ago. 2010. São Luiz, (MA). Anais... São Luiz (MA), 2010.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. Tradução de José Oscar de A. Marques. São Paulo, Estação Liberdade, 2000.

SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. **Historiae**, Rio Grande, v.1, n.2. Rio Grande, 2010. Disponível em: <repositório.furg.br/xmlui/bitstream/handle/1/6718/A%20fotografia%20como%20fonte%20historica.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 abr. 2023.

SOUZA, Manoel Pereira. "**Nossa Pátria, nossa Bandeira, nosso chefe**": as comemorações cívicas nas escolas de Santos durante o Estado Noco (1037-1945). 187 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2013.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)**. São Paulo: Unesp, 1998.

SOUZA, Sauloéber Tarsio de. Historiografia educacional no Brasil: reflexões a partir das publicações da Revista História da Educação (ASPHE, 1997-2006) e dos Cadernos de História da Educação (UFU, 2002-2011). **Histela**. V. 2, 2019.

SOUZA, Yvone Costa de. **Crianças negras: deixei meu coração embaixo da carteira**. Porto Alegre: Mediação, 2002

SOSENSKI CORREA, Susana. “El niño consumidor: una construcción publicitaria de mediados de siglo XX”, en ACEVEDO, Ariadna, LÓPEZ CABALLERO Paula (coordinadores) Ciudadanos inesperados. Procesos de formación de la ciudadanía ayer y hoy, El Colegio de México / CINVESTAV, Departamento de Investigaciones Educativas, México, 2012, pp.191-222.

TATAGIBA, Ana Paula. Concepções de educação da infância na Revista Brasil Jovem (1966-1978). **Revista HISTEDBR On-line**, v. 30, p. 10-26, 2008.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar. 1961. p.195-199.

UNIVERSIDADE DO PARANÁ. 2ª Exposição de Arte Infanto-juvenil: arte para a amizade mundial. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 1962. (Catálogo de exposição).

VASCONCELOS, Maria Paula de Almeida. A utopia de Brasília: urbanidade cosmopolítica. *In: PEREIRA et al (org.). Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 121-141.

VAZ, Aline Choucair. **A escola em tempos de festa: poder, cultura e práticas educativas no Estado Novo (1937-1945)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais.

VEIGA, Cynthia Greive. GOUVEA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. **Educação E Pesquisa**, V. 26, n. 1, p. 135-160, 2000.

VICENTINI, Paula Perin. Celebração e visibilidade: o Dia do Professor e as diferentes imagens da profissão docente no Brasil (1933-1963). **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, v. 4, n. 8, p. 9-41, jul.- dez. 2004.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.

WIGGERS, Ingrid Dittrich. MARQUES, Isabela Ribeiro. FRAZZI, Mariana Ziloti. Escola Parque de Brasília: um olhar sobre a educação do corpo. *In: PEREIRA, Eva Waisros et al (orgd.). Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 253-275.